UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

ESTER SANCHES RIBEIRO

DESORDEM E RETROCESSO

Os discursos científicos e cientificistas acerca da Guerra de Canudos na imprensa

São Paulo

2015

ESTER SANCHES RIBEIRO

Desordem e retrocesso

Os discursos científicos e cientificistas acerca da Guerra de Canudos na imprensa

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração: Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Thomás Augusto Santoro Haddad

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Ribeiro, Ester Sanches
Desordem e retrocesso : os discursos científicos e cientificistas acerca da guerra de Canudos na imprensa / Ester Sanches Ribeiro ; orientador, Thomás Augusto Santoro Haddad. – São Paulo, 2015
350 f. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Revolta de Canudos. 2. Jornalismo - Brasil - 1896-1897 - Análise do discurso. 3. Ciência - Brasil. 4. Jornalismo científico - Brasil. 5. O Estado de S. Paulo (Jornal) - Análise do discurso - 1896-1897. I. Haddad, Thomás Augusto Santoro, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 981.05

Nome: Ribeiro, Ester Sanches

Título: Desordem e retrocesso: os discursos científicos e cientificistas acerca da Guerra de Canudos na imprensa.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração: Estudos Culturais

Aprovada em: _____/ _____/2015

Banca Examinadora

Prof. Dr. Thomás Augusto Santoro Haddad (Orientador)

Instituição: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo

---

Prof(a). Dr(a).

Instituição:

Prof(a). Dr(a).

Instituição:

Às crianças!

Que não deixemos

de amá-las e protegê-las!

Que não deixemos de

aprender e sonhar com elas!

Às mães, em especial à minha!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, por ter, desde sempre, lutado pelas minhas vitórias, tanto na academia como na vida. Também quero agradecê-la por ter me contado estórias fabulosas quando eu ainda era criança; isso me fez gostar de literatura e me fez seguir na carreira de Letras.

Ao meu pai, na memória, agradeço por ter me despertado, assim como minha mãe, o gosto pelos estudos. Ele me ensinou que podem me tirar tudo, menos o conhecimento adquirido.

Ao meu orientador, professor Thomás Haddad, que me acolheu como sua orientanda e confiou no meu trabalho sem ao menos me conhecer. Essa oportunidade foi muito importante para a realização desta dissertação e para a minha realização pessoal. Nessa jornada, eu sempre me senti acompanhada e pude perceber, em cada orientação, dica e auxílio, um profissional dedicado que soube respeitar meu ritmo e "criatividade". Por fim, agradeço por ter me apresentado a área de "História da Ciência", o que tornou meus estudos muito mais interessantes.

Ao programa de Estudos Culturais da EACH, por proporcionar uma oportunidade inigualável aos estudantes que, como eu, possuem um projeto de trabalho interdisciplinar, com questões políticas, sociais e culturais.

À Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e à Escola de Artes, Ciências e Humanidades, que me proporcionaram aprendizado e oportunidades únicas.

À CAPES, pela bolsa concedida, a qual me permitiu dedicação exclusiva a esta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora do meu exame de qualificação: Dra. Márcia Regina Barros da Silva, Dr. Jefferson Agostini Mello e Dra. Sandra Lucia Amaral de Assis Reimão, pelas valiosas contribuições que redirecionaram os caminhos desta dissertação.

À minha família, em especial à minha irmã Miriam e ao meu irmão Henrique, que me apoiaram e me apoiam em tudo. Também agradeço aos meus sobrinhos que, nos momentos de lazer, tornaram minha vida mais doce.

Ao Marcio Alberti, por ter tornado meus dias mais leves, ter acreditado em mim e sempre ter me apoiado. Especialmente, agradeço por ter me ajudado a entender os mecanismos tecnológicos da informática que facilitaram a formatação da minha dissertação.

Aos amigos da Faculdade de Letras, em especial a Angélica, por terem me dado dicas de bibliografia, de aulas e professores, por terem me apoiado e auxiliado em diversas etapas da minha vida e por terem compartilhado comigo o conhecimento desde o momento em que iniciei meus estudos na Universidade.

Aos amigos da USP, em geral, pelo apoio, torcida e bons momentos, na biblioteca ou em algum passeio por aí.

Aos amigos do CRUSP, que participaram da minha vida acadêmica e pessoal. Alguns se tornaram irmãos e irmãs: Ana Paula, Alexandre, Marcos e Robson (em ordem alfabética).

A todos que me apoiaram e acreditaram em mim, desde os professores da escola, da Faculdade de Letras e amigos das mais diversas origens. Muito obrigada, sempre e de coração.

Por fim, agradeço a Deus, por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas que são o motivo da minha vida e sucesso. Sem Ele, eu nada seria.

Disparada

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar.
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar,
e a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo,
estava fora do lugar, eu vivo pra conse rtar.

Na boiada já fui boi, mas um dia me montei,
não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu.

Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte,
muito gado, muita gente, pela vida segurei
seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei.
Mas o mundo foi rodando, nas patas do meu cavalo
e nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando,
as visões se clareando, até que um dia acordei.

Então não pude seguir valente em lugar tenente
e dono de gado e gente, **porque gado a gente marca**
tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente.
Se você não concordar, não posso me desculpar,
não canto pra enganar, vou pegar minha viola,
vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar...

Geraldo Vandré
Théo de Barros

RESUMO

RIBEIRO, E. S. **Desordem e retrocesso: os discursos científicos e cientificistas acerca da Guerra de Canudos na imprensa.** 2015. 350 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

A Guerra de Canudos ocorreu no sertão baiano, entre novembro de 1896 e outubro de 1897, figurando como um dos episódios mais sangrentos da história do Brasil. Ao mesmo tempo em que se desenrolava a tragédia, o País estava se urbanizando, industrializando-se, e, em certo sentido, modernizando-se. Interessava às elites que o Brasil adentrasse o quanto antes no que viam como a marcha do progresso e se configurasse como nação moderna, com uma identidade assentada em valores ocidentais. A comunidade de Canudos, percebida na contramão desses valores, significava uma ameaça ao poder local e ao poder republicano. Essa cidadela se organizava a partir de uma divisão social do trabalho que não se baseava na exploração. Também, esses sertanejos praticavam a religião cristã reinterpretada; concebiam Antônio Conselheiro como um salvador que lhes dava esperanças de uma vida melhor na terra e nos céus. O modo de vida canudense era apresentado, nos jornais da época, como uma "vergonha para a civilização" e uma ameaça â nação brasileira, amplificando boatos que acusavam Canudos de ser um reduto monarquista. A reação a o Conselheiro e a seus seguidores foi tanto material quanto discursiva: foram organizadas quatro campanhas que destruíram o arraial de Canudos, e circularam na imprensa e nos espaços públicos discursos que caluniavam os sertanejos e os tratavam como bandidos, incivilizados, atrasados e retrógrados. Nossa intenção, nesta dissertação, é apresentar os discursos que possuíam uma natureza *cientificista* que, a partir de conceitos evolucionistas e positivistas, contribuíram para a campanha que apresentava os conselheiristas como elementos de desordem e de retrocesso e representavam a instituição republicana como o fundamento da constituição do Brasil em uma nação moderna, promotora da ordem e do progresso e, sobretudo, *civilizada*. Para isso, analisamos textos que circularam no jornal *O Estado de S. Paulo*, apresentando os discursos científicos e cientificistas os quais visavam representar e interpretar a Guerra de Canudos. Há um destaque para os artigos de Euclides da Cunha, publicados sob o título de "Diario de uma expedição". Oferecemos, também, um breve estudo da imprensa de fins do século XIX, das principais fontes dos discursos cientificistas (positivismo e evolucionismos) e do papel da ciência no contexto de modernização do Brasil. A situação do sertão, onde houve secas devastadoras, mo vimentos messiânicos e resistência à ordem social e moral imposta pelas elites locais, também é apresentada. Os principais resultados deste trabalho identificam o uso de discursos científicos e cientificistas em notícias, reportagens e artigos publicados na imprensa, que contribuíram para a construção da opinião pública que se posicionou, de modo geral, em favor do governo republicano e contra os sertanejos.

Palavras-chave: Guerra de Canudos; Discursos científicos e cientificistas; Imprensa.

ABSTRACT

RIBEIRO, E. S. **Disorder and regress: scientific and scientistic discourses about the Canudos War on the periodical press.** 2015. 350 f. Dissertation (Master's in Cultural Studies) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The Canudos War that happened on the hinterlands of Bahia between november 1896 and october 1897 figures as one of the bloodiest episodes of Brazilian history. While the tragedy was unfolding, the country was going through processes of urbanization, industrialization, and, in a certain sense, modernization. Elites were interested in the earliest possible take up of what they saw as the march of progress, with Brazil refashioning itself as a modern nation, with an identity grounded upon Western values. The community of Canudos was perceived as being the exact opposite of these values, and represented a threat to local and republican powers. The citadel was organized according to a social division of labor that was not based on exploitation. Also, its dwellers (the *sertanejos*) practiced a reinterpreted form of Christianity; they conceived of Antonio Conselheiro as a savior that gave them hopes of a better life on this earth and in heaven. The way of life of Canudos was portrayed, in contemporary newspapers, as "shameful to civilization" and a threat to the Brazilian nation, amplifying rumors that pointed the village as a monarchist stronghold. The reaction against Conselheiro and his followers was at once material and discursive: four military campaigns annihilated the community, and the periodical press and public spaces were filled with discourses calumnious to the *sertanejos*, picturing them as bandits, uncivilized, backwards and archaic. Our aim, in this dissertation, is to present discourses that possessed a *scientistic* nature, and which, from evolutionist and positivist standpoints, contributed to a portrait of Conselheiro's followers as elements of disorder and regress, representing the republic as the cornerstone of Brazil as a modern nation, grounded on order and progress, and, above all, a *civilized* country. To this end, we analyze texts that circulated in the newspaper O Estado de S. Paulo, presenting the scientific and scientistic discourses that aimed at representing and interpreting the Canudos War. We highlight the pieces by Euclides da Cunha, published under the title "Journal of an Expedition". We also offer cursory reports on the periodical press in the late 19th century, on the main sources of scientistic discursiveness (positivism and evolutionisms) and on the role of science in the context of Brazilian modernization. The situation of the hinterlands, with devastating droughts, messianic movements and resistance to the social and moral orders imposed by local elites is discussed as well. The main results of this research identify the use of scientific and scientistic discourses in news and articles published by the periodical press, which contributed to the consolidation of a public opinion that was generally favorable to the government and against the *sertanejos*.

Key words: Canudos War; Scientific and scientistic discourses; Periodical press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Conselheiro e a República 19

Figura 2 – Quadro - "Civilização" e "Barbárie" 22

Figura 3 – Mapa da região de Canudos 33

Figura 4 – Prisioneiro e membros do Exército, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República) 44

Figura 5 – Vista parcial do arraial de Canudos ao Sul, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República) 44

Figura 6 – Ruínas e cadáveres, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República) 45

Figura 7 – Prisioneiros, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República) 45

Figura 8 – Ruínas da Igreja Nova, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República) 46

Figura 9 – Seção "Nossos telegramas" 110

Figura 10 – Seção "Tribunal do Jure" 110

Figura 11 – Seção "Congresso legislativo" 111

Figura 12 – Seção "Telegramas" 111

Figura 13 – Quadro – Publicações em *O Estado de S. Paulo* de conteúdo científico ou com referência às ciências, de 01 de novembro de 1896 a 08 de outubro de 1897 116

Figura 14 – Civilização dos "Chèrentes" 123

Figura 15 – Anatomia e inteligência 125

Figura 16 – Primeira Expedição 134

Tratamos como *figuras* quaisquer representações gráficas, tais como quadros, fotografias e mapas, utilizadas, neste trabalho, para complementar a argumentação ou para ilustrar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
0.1 Contexto histórico do Brasil no final do século XIX 16
0.2 Nossa proposta e organização da dissertação 21
CAPÍTULO 1
SERTÃO: SECA, FOME, RESISTÊNCIA E GUERRA 24
1.1 Nordeste, raça, seca e fome 26
1.2 A Guerra de Canudos 34
1.2.1 Primeira expedição 34
1.2.2 Segunda expedição 36
1.2.3 Terceira expedição ou Expedição Moreira César 38
1.2.4 Quarta expedição 40
CAPÍTULO 2
CIÊNCIAS E CIENTIFICISMO 47
2.1 Cientificismo 50
2.2 Espaços para a ciência no Brasil 53
2.2.1 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) 55
2.2.2 Museu Nacional e Museu Paulista 60
2.3 Teorias evolucionistas 66
2.4 O positivismo no Brasil 69
2.5 Modernização e repressão a movimentos sociais 76
2.6 Teorias científicas e cientificistas e a questão racial 79
CAPÍTULO 3
IMPRENSA E PODER 82
3.1 Esfera pública e Opinião pública no Brasil – sua gênese e atuação 84
3.2 Algumas características da imprensa da segunda metade do século XIX 91
3.3 A atuação da imprensa na Campanha de Canudos 99
CAPÍTULO 4
***O ESTADO DE S. PAULO* E A GUERRA DE CANUDOS** 106
4.1 Estrutura e organização do periódico *O Estado de S. Paulo* 109
4.1.1 Conteödo "científico" ou com referência âs ciências 115
4.1.2 Conteödo político ("questão republicana") 127
4.2 A Guerra de Canudos (diferentes tipos de notícias) 133
4.2.1 Conteúdo político 134

4.2.2 Conteúdo informativo 149
4.2.3 Conteödo "científico" ou com referência âs ciências 166
4.3 Análise do "Diario de uma expedição" 174
CONSIDERAÇÕES FINAIS 195
REFERÊNCIAS 202
APÊNDICE A 208
ANEXO A 346

INTRODUÇÃO

Santo Antônio Conselheiro
Era um velho indiabrado
Fez trincheira na Igreja
Sem ser visto nem notado.

Antônio Conselheiro
É home de opinião
Matou Moreira César
E venceu seu batalhão.

O trecho de cantiga citado pertence a uma das inúmeras composições anônimas que compõem a poética que circulou durante e depois da Guerra de Canudos, ocorrida em fins do sèculo XIX, no interior do sertão da Bahia. Faz parte, assim, do "*cancioneiro histórico*" de Canudos que o estudioso historiador, José Calasans, reuniu em documentário de estimável valor, a partir de peças colhidas da tradição oral e, também, de registros de outros pesquisadores da área. Nas palavras dele: "O ciclo poètico de Canudos avançou pelo tempo. O vulto histórico do Conselheiro passou para o domínio do folclore" (CALASANS, 1997, p. 150).

A Guerra de Canudos, ou Campanha de Canudos, foi e é, ainda hoje, popularmente conhecida no Brasil e também em diversos outros países, apesar de ter ocorrido há mais de cem anos. Especificamente, esse "capítulo trágico"[1] da nossa história, ocorrido no sertão baiano entre novembro de 1896 e outubro de 1897, diz respeito ao massacre, pelos soldados do Exército brasileiro, dos sertanejos que viviam na cidade de Belo Monte, a famosa Canudos, reunidos em torno da figura do beato Antônio Conselheiro.

Esse advento fez-se notório e popular durante a guerra, figurando durante o seu desenrolar nos principais jornais do País como um assunto de destaque e de preocupação nacional, principalmente após a terceira expedição ter sido derrotada; também ecoou ao longo da história do Brasil, tornando-se memorável no "imaginário" popular e em estudos e representações diversas.

Segundo nossa opinião, devido ao caráter sangrento da guerra e às circunstâncias sociais, políticas e culturais da sua época, esse acontecimento figura em diversos estudos de historiadores, sociólogos, literatos, jornalistas e outros estudiosos brasileiros, bem como de estrangeiros, como o grande escritor e literato peruano Mario Vargas Llosa, que fixou essa trágica história em um dos principais romances de sua carreira, a

[1] Expressão utilizada por Euclides da Cunha, na sua obra *Os sertões,* acerca da Guerra de Canudos.

obra *La guerra del fin del mundo*, publicado em 1981. Essa guerra também foi tema de diversas peças de teatro, filmes, documentários e uma minissérie da televisão brasileira. A título de exemplo, podemos citar os filmes *Os sete sacramentos de Canudos*, de 1996, produzido para a ZDF alemã por Peter Przygodda, e *A guerra de Canudos*, de 1997, dirigido por Sérgio Rezende.

Entendemos que esse interesse pelo estudo e pela representação da Guerra de Canudos se deve, principalmente, pelo fato de a violência cometida contra a população de Canudos ter sido extrema e ter chocado a população brasileira. De acordo com nossa pesquisa, percebemos que esse choque se deu, principalmente, com o fim da guerra, pois nos principais jornais chegaram notícias do grande número de mortos e dos crimes cometidos pelas tropas federais, como a degola desnecessária dos prisioneiros, estando entre eles diversas crianças, mulheres e idosos. Os próprios jornalistas, muitos deles, indignaram-se com tais práticas e saíram do campo de batalha com opiniões sobre o Exército e a campanha bem diferentes daquelas que tinham no início da guerra. Grande exemplo disso foi Euclides da Cunha que, posteriormente, denunciou em sua epopeia, *Os sertões*, os erros e covardias do Exército e a bravura do povo de Belo Monte. Sobre essas notícias da barbárie cometida em Canudos no fim da guerra, acompanhando o pesquisador Dawid D. Bartelt, entendemos que "Os sertanejos são *descriminalizados,* sendo absolvidos como 'vítimas' e 'brasileiros' ou 'irmãos', e voltam â comunidade da nação, da qual haviam sido afastados pelos discursos republicanos" (BARTELT, 2009, p. 212).

Nosso interesse em estudar esse episódio da sociedade brasileira reside na intenção de conhecer o Brasil do final do século XIX, nos aspectos sociais, políticos e culturais. Esse tipo de pesquisa, que visa o aprofundamento da cultura de uma sociedade buscando conhecê-la para, assim, melhor compreendê-la, compõe uma das particularidades dos Estudos Culturais, linha de estudos comprometida com pesquisas que levem em consideração as características da cultura de uma determinada sociedade, a fim de estudá-la (a cultura), compreendê-la e valorizá-la.

Assim, a Guerra de Canudos forneceu, para estudos reflexivos e críticos da história do Brasil, como esses propostos pelos Estudos Culturais, um "material" riquíssimo. Por meio dela voltamos nosso olhar para o sertão isolado da Bahia e para a forma de organização política e social, e percebemos as contradições dessa sociedade em que uns têm muito e procuram dominar tudo e a todos (os latifundiários, as elites) e

outros nada têm (os pobres), vivendo uma vida de penúria e semiescravidão[2]. Assim, o entendimento dessa guerra e das suas circunstâncias nos levou a compreender muitos dos seus porquês, importantes para refletirmos sobre os "problemas" da sociedade da atualidade como, por exemplo, as lutas populares pelo direito à terra, já que os "dominados" do sertão, os sertanejos de Canudos, por exemplo, resistem a essa dominação lutando por alguns dos seus direitos; e, também, sobre a influência que os meios de comunicação exercem sobre a opinião pública e como eles podem manipular informações de acordo com interesses próprios.

Como já citado, a Guerra de Canudos se estendeu de novembro de 1896 a outubro de 1897. Nesse período, houve quatro expedições militares contra a cidade de Canudos com o resultado de milhares de mortos, tanto de homens do Exército como dos sertanejos e sertanejas de Belo Monte, culminando com a destruição completa desse arraial. Outros resultados foram o exemplo de barbárie, da demonstração de força e impiedade dos poderosos latifundiários e políticos que ficou e amedrontou todos, principalmente os habitantes das cidades vizinhas a Canudos e das regiões do Nordeste brasileiro com quadros de populações inclinadas a uma cultura religiosa popular e a uma organização social rebelde ao que se impunha pela ordem vigente.

Então, antes de iniciarmos nossa abordagem e nossos principais resultados da pesquisa, entendemos que se faz necessário contextualizar a situação econômica, social, cultural e política do Brasil. Apresentamos, assim, o advento da proclamação da República e o ideal republicano da época.

0.1 Contexto histórico do Brasil no final do século XIX

O século XIX foi um período, em sua totalidade, de grandes mudanças e conquistas para a sociedade brasileira. Durante esse período, a imprensa foi instaurada no País e uma esfera pública e uma opinião pública foram se formando no seio da sociedade. Isso foi importante para o desenvolvimento e consolidação de movimentos sociais, principalmente nos grandes centros urbanos, que reivindicaram, entre outras

[2] A condição de semiescravidão que enfrentavam os moradores do sertão se deve ao fato de o Brasil ter utilizado o trabalho escravo por mais de três séculos, e isso entravou o trabalho livre no País; a escravidão deixou marcas tambèm como "o trabalho semiservil em vastas áreas do interior, particularmente no Nordeste" (FACÓ, 1980, p. 8).

exigências, a proclamação da independência, a libertação dos escravos e, no final do século XIX, a proclamação do regime republicano.

Nesse contexto, a instauração da República foi considerada um ato libertador que concederia ao País a configuração de uma nação moderna, igualitária, responsável pela ordem e pelo progresso.

Carvalho (1987, p. 15) salienta que "grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação".

É oportuno mencionar que essas transformações, iniciadas no período imperial, iniciaram a modernização do País, a partir de iniciativas de urbanização, industrialização, valorização da pesquisa científica, construção de universidades, centros de pesquisas, museus, entre outros. Vale também lembrar que a imprensa estava crescendo e sendo valorizada, significativamente, no período.

O regime republicano, embora tenha sido proclamado sem a iniciativa popular, despertou entre os excluídos do sistema anterior, pelos ideais positivistas que ancoravam a ideia de República, significativo entusiasmo, por conta da possibilidade de participação política e social. Havia "algo mais na política do que simplesmente um povo bestializado" (CARVALHO, 1987, p. 13).

A expressão "bestializado" foi utilizada por Aristides Lobo, propagandista republicano da época, que considerou o povo bestializado e inerte durante a proclamação da República, julgando que se tratava, possivelmente, de uma parada militar (CARVALHO, 1987).

De fato, a proclamação do regime republicano foi, na verdade, um golpe militar, orquestrado por um grupo de militares, insatisfeitos com o sistema monárquico. Porém, havia outros interesses, além do interesse desse grupo, o que fortaleceu o golpe. Os principais interesses eram a conquista de um sistema político moderno que representasse o avanço e fosse regido de acordo com os interesses das elites intelectuais e oligárquicas. Os excluídos e a classe média também se viram representados pelo novo sistema, pois o ideal republicano pregava uma nova era, em que a democracia, a liberdade, a ordem e o progresso beneficiariam os cidadãos brasileiros, sem exclusões.

Nesse contexto, é importante apresentar algumas das características do ideal republicano e descrever o ambiente em que esse ideal foi gestado. Esse imaginário e ideal republicano, propagado pelos militares e uma elite intelectual brasileira, foram os responsáveis por diversas configurações e medidas tomadas no período republicano,

entre elas estão os ideais de civilização, baseados em princípios raciais. Com base nessas ideias, os sertanejos de Canudos, entre outros excluídos, foram considerados perigosos, bandidos e retrógrados. Tais conceitos, assim como outros relevantes à nossa argumentação, serão desenvolvidos ao longo da dissertação.

Nesse momento nos interessa salientar que os militares, os quais derrubaram a monarquia, assim como uma elite intelectual que já estava se formando nas universidades e centros de pesquisa do País, orientavam-se por noções cientificistas (evolucionismo e positivismo), importadas da Europa, para explicar e interpretar a realidade do País. Em geral, as principais ideias que circularam entre esses intelectuais, cientistas e militares, consideravam que havia sociedades mais ou menos evoluídas. As sociedades mais evoluídas eram as ocidentais, e as menos evoluídas incluíam aborígenes, indígenas, negros, entre outras sociedades consideradas primitivas. O critério raça pode ser considerado como o principal fator para a questão da evolução. Basicamente, essas ideias se assentavam em conceitos de uma escola conhecida por "darwinismo social", em que a raça e o meio eram considerados fatores valorosos para a evolução ou a estagnação social. A personalidade e o caráter de um povo eram moldados pelo ambiente e determinados pela raça (SCHWARCZ, 1993).

Outro critério importante para determinar uma sociedade como evoluída era a questão do uso e do desenvolvimento da ciência. Sociedades que não utilizavam conhecimentos científicos a fim de se organizarem eram consideradas primitivas, bárbaras e incivilizadas. Essa noção foi a responsável pela valorização da prática científica no País, tornando os cientistas e intelectuais aptos a interpretar e explicar a realidade da Nação. A questão da nacionalidade e da identidade do brasileiro precisava ser definida, e assim, urgia uma identificação dos cidadãos com as sociedades modernas e evoluídas.

Nesse sentido, houve diversas iniciativas, como a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ainda no período imperial, que possuía a missão de narrar a história nacional e realizar pesquisas a respeito da cultura e da sociedade brasileiras.

Especificamente, os princípios positivistas foram difundidos na Escola Militar da Praia Vermelha, responsável pela formação de uma "mocidade militar", que idealizou a proclamação da República brasileira (CASTRO, 1995). Basicamente, os princípios positivistas, oriundos dos ensinamentos difundidos por Comte, concebiam o intelectual brasileiro como responsável e missionário pelo futuro do País. Cabia a ele

civilizar os bárbaros e lutar por uma nação justa, igualitária e evoluída. Essas metas só seriam alcançadas, segundo esses ideais, por meio do regime republicano. A Monarquia, nesse contexto, era identificada com o autoritarismo e o retrocesso, portanto, a proclamação da República salvaria o Brasil do atraso e o alçaria na marcha universal do progresso.

A comunidade de Canudos foi identificada, nesse contexto, como um movimento monarquista, e o Conselheiro e os seus seguidores eram considerados degenerados, retrógrados e incivilizados. Assim, a destruição dessa comunidade seria um ato de patriotismo e de proteção da ordem e do progresso do País.

Além desses sertanejos, houve muitas repressões e autoritarismo por parte dos republicanos a qualquer movimento que pudesse colocar em risco o regime vigente que estava se consolidando.

Figura 1 – O Conselheiro e a República.
Fonte: Revista Illustrada, Ângelo Agostini, 1897.

A figura 1 indica uma caricatura autoritária do Conselheiro, representante da Monarquia, rechaçando a República, idealizada na figura da mulher. As figuras masculina e feminina representavam na época, respectivamente, os regimes monárquico e republicano. A figura masculina representava o autoritarismo do monarca e a feminina representava a mulher, a humanidade, a revolução, enfim, representava a República. Essas ideias, por sua vez, faziam parte do simbolismo francês (CARVALHO, 1990).

Como podemos perceber, muitos dos princípios, ideias e noções que circularam no imaginário da intelectualidade do final do século XIX foram importados da Europa; essas ideias chegaram ao País e foram reinterpretadas a fim de explicar e orientar a sociedade brasileira na resolução de suas questões e busca dos seus ideais.

Assim, nesse contexto, a figura de Antônio Conselheiro surge como um empecilho para o progresso e a ordem do Brasil. Os inimigos da República eram colocados como os inimigos da Nação, pois, segundo esse ideário, somente sob o regime republicano o Brasil se constituiu, verdadeiramente, em uma nação.

Apesar dos ideais que vislumbravam a República como a salvadora do Brasil, esse regime, no período da Guerra de Canudos, custava a estabilizar-se como sistema político vigente no País, pois ainda havia sérios inimigos monarquistas que lutavam para derrubá-lo. Os chefes políticos dos Estados brasileiros, em sua grande parte ligados aos militares, lutavam para silenciar as guerrilhas e as revoltas do povo que estavam ocorrendo. Além disso, havia cisões no partido republicano, o que tornava instável a vida política do País.

Economicamente, o Brasil também não estava bem. No ano de 1896, a economia cafeeira teve a sua primeira crise, um problema de superprodução que afetou o sistema econômico de todo o País, já que seu alicerce se baseava na produção e exportação do café.

No que concerne ao Nordeste e, principalmente, às regiões interioranas, que é o caso de Canudos e dos seus arredores, a crise econômica era ainda pior. As secas cíclicas, capazes de causar fome, o êxodo da população rural para os estados vizinhos, além de revoltas e atos de rebeldia contra a ordem estabelecida contribuíram muito para a situação de miséria da região.

Ademais, essa crise política e econômica desse último quarto do século XIX acabou desestabilizando o Brasil no campo social. Focos de revolta, de banditismo e de "fanatismo" agitavam diversas cidades do Nordeste brasileiro, colocando temor nos

latifundiários e até mesmo na Igreja Católica, que vinha perdendo seu poder sobre muitos dos seus fiéis sertanejos.

Enfim, essas são algumas das características de fins do século XIX, no Brasil. Ao longo deste trabalho desenvolveremos as temáticas aqui apresentadas, de acordo com nossa proposta de trabalho.

0.2 Nossa proposta e organização da dissertação

Propomos estudar a Guerra de Canudos e, particularmente, os discursos que circularam na imprensa com a intenção de desmoralizar o movimento sertanejo e apoiar a sua destruição. Esses discursos, como verificamos em diversas publicações, criminalizavam os sertanejos, colocando-os como opositores ao regime republicano. Porém, havia argumentos que identificavam, basicamente, o movimento como um grupo de revoltosos que intencionavam deflagrar um golpe restaurador, e havia outros discursos que não os consideravam monarquistas, mas como um perigo ao desenvolvimento do País.

Nossa intenção é direcionar um olhar analítico aos discursos que se baseavam em princípios científicos e cientificistas, dando destaque para a questão da "civilização" que estava, nesse contexto, ligada aos republicanos.

Esses discursos consideravam a ideia de civilização como uma componente exclusiva dos cidadãos que residiam nos centros urbanos. Os incivilizados, ou seja, aquelas pessoas que viviam distantes dos centros urbanos e não possuíam as características e nem os modos de vida dos civilizados, necessitavam de civilização. Os republicanos, segundo esse imaginário, estavam aptos e possuíam a missão de civilizar os "selvagens" ou destruí-los, caso eles não fossem "domesticados".

Esses princípios foram os responsáveis pela dizimação de milhares de indígenas que não aceitaram a "civilização" dos portugueses, assim como pela destruição dos sertanejos de Canudos que se rebelaram contra a "civilização" imposta pelos republicanos.

Oferecemos um quadro que sintetiza os valores associados ou não à noção de civilização, segundo os ideais da época:

Civilização		Barbárie
Cidade		Sertão, interior, campo
Modernidade		Atraso
Ciência		Insciência
Missão Civilizadora		Necessidade de Civilização
Progresso		Retrocesso
Futuro		Passado
Ordem		Desordem

Figura 2 – Quadro - "Civilização" e "Barbárie".

Há, nesse quadro, alguns dos signos relacionados à noção de civilização e de barbárie ou selvageria. Baseamos nossa pesquisa na seleção de publicações que continham esses signos ou outros de valor semelhante, e analisamos essas publicações apontando, segundo nossa visão, os princípios cientificistas que regiam tais publicações. De modo geral, o uso do discurso científico nas publicações que se referiam à Guerra de Canudos não ocorreu com frequência na fonte pesquisada, porém encontramos a noção cientificista que considera o sertanejo um selvagem, incivilizado e inimigo da ordem e do progresso da Nação.

Por discurso científico e cientificista entendemos o uso de vocabulário, de conhecimentos e de princípios científicos, assim como a menção a cientistas. Também, levamos em conta o discurso que se baseia em noções cientificistas, mas não se utiliza, necessariamente, de identificação ou menção direta a princípios e vocabulários do mundo das ciências.

Nossa fonte de pesquisa foi o jornal *O Estado de S. Paulo*, por tratar-se de um periódico que, além de ter publicado os artigos de Euclides da Cunha, divulgou diversos artigos, cartas e telegramas oficiais (do governo ou do Exército) que continham informações e discursos de interesse para a nossa pesquisa.

Esse periódico, além das próprias publicações, fez referências a outros jornais, em geral do Rio de Janeiro e da Bahia. Por isso, encontramos em suas edições uma variedade de artigos e notícias, tais como as cartas do Manoel Benício, correspondente especial do *Jornal do Commercio*.

O período pesquisado corresponde ao dia 1º. do mês de novembro até o dia 8 do mês de outubro. Essa cronologia foi definida para contemplar o início e o final da campanha. Consideramos como o término da guerra a data em que foram publicadas

notícias oficiais da morte de Antônio Conselheiro, pois este homem foi um dos grandes motes da Campanha.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, introdução, conclusão, referências bibliográficas, Apêndice A e Anexo A.

Os capítulos visam contemplar os temas principais desta dissertação: A Guerra de Canudos, discursos científicos e cientificistas e a imprensa do final do século XIX. Apresentamos pesquisas históricas e teóricas que julgamos auxiliar em nossa argumentação e contextualizar o nosso objeto de estudo.

O Apêndice A compõe-se de uma varredura feita no jornal, em que selecionamos notícias e artigos relacionados ou não à Guerra de Canudos com conteúdos de cunho científico e cientificista. Essa pesquisa inicial foi a base utilizada para escrever o Capítulo 4, que trata da análise da fonte.

Esse material contém desde o dia 1º. de novembro de 1896 até o dia 8 de outubro de 1897, um registro das publicações que consideramos importantes e interessantes para o leitor que desejar conhecer mais detalhes das publicações que abordaram questões científicas, culturais e sociais do período. No Capítulo 4, há um quadro indicando os títulos dessas publicações e os temas relacionados a elas. Segundo o nosso entendimento, todas as publicações sintetizadas nesse quadro possuem discursos científicos e/ou cientificistas.

O Apêndice A contém todas as publicações sobre a Guerra de Canudos localizadas na fonte pesquisada. Essas publicações são as mais diversas possíveis, desde artigos, telegramas, cartas, entre outros. No capítulo de análise, selecionamos parte desse material e o utilizamos para construir a nossa argumentação, de acordo com a nossa proposta de trabalho.

É importante mencionar que, no Apêndice A, há resumos das publicações, seguidos de trechos originais da fonte. Em alguns casos, há somente o título da publicação e a sua localização no jornal. A leitura desse material torna-se interessante para oferecer, ao leitor, uma noção do número de publicações diárias sobre as operações em Canudos. Há algumas edições em que a primeira e a segunda páginas estão, praticamente, destinadas a essa questão.

O Anexo A possui a edição do dia 01/11/1896 de *O Estado de S. Paulo;* a partir da visualização desse anexo é possível observar as características visuais de um jornal da época.

CAPÍTULO 1

SERTÃO: SECA, FOME, RESISTÊNCIA E GUERRA

> *Alguns eram fuzilados quando não conseguiam mais acompanhar a marcha forçada. Uma mulher grávida, cujas dores do parto haviam começado, foi posta num barraco vazio à beira da estrada e abandonada. Os soldados matavam as crianças esmagando-lhes os crânios nas árvores [...] Os conselheiristas feridos eram arrastados e esquartejados, ou cortados em pedaços, membro por membro. As ossaturas, banhadas em querosene e queimadas (Robert Levine)*[3].

Como já mencionado, a Guerra de Canudos se estendeu de novembro de 1896 a outubro do ano seguinte, totalizando dez meses. Nesse período, houve quatro expedições militares contra a cidade conselheirista, com o resultado de milhares de mortos, tanto de homens do Exército como dos sertanejos e sertanejas de Belo Monte culminando, por fim, com a destruição completa desse arraial. Restaram o exemplo de barbárie, da demonstração de força e impiedade dos poderosos latifundiários e políticos, amedrontando muitas pessoas, principalmente os habitantes das cidades vizinhas a Canudos e outras regiões do Nordeste brasileiro, com quadros de populações inclinadas a uma cultura religiosa popular e a uma organização social rebelde ao que se impunha pela ordem vigente. O arraial de Canudos não foi o único exemplo de uma organização de pobres do campo que se insurgiu contra a ordem estabelecida pelos poderosos políticos e latifundiários; na verdade, houve vários focos de ajuntamentos semelhantes ao do povo de Belo Monte, antes e depois da campanha que o exterminou.

Antes da narrativa da guerra, no entanto, faz-se necessário contextualizar a situação econômica, social, cultural e política do Brasil, com destaque para o Nordeste do País e com maior ênfase ao sertão da Bahia.

A contextualização histórica aqui apresentada, assim como a narrativa dos acontecimentos da Campanha de Canudos, são resultados da leitura crítico-interpretativa de livros e ensaios de pesquisadores do tema em questão: Dawid D. Bartelt (2009), Edmundo Moniz (1978 e 2001), Mike Davis (2002), Rui Facó (1980) e Walnice N. Galvão (2001).

---

[3] Fonte: Davis (2002, p. 204).

1.1 Nordeste, raça, seca e fome

Especificamente a região nordestina como um todo, exceto a capital baiana, Salvador, afastava-se da nova configuração que o Brasil estava ganhando: sistema capitalista com mão de obra branca, importada da Europa, sistema de transporte ferroviário, surgimento do telégrafo, que facilitava a comunicação nos diferentes pontos desse país continental, e o crescimento acelerado da imprensa.

Afastados e isolados desses acontecimentos da vida moderna, os sertanejos do interior da Bahia viviam fugindo das secas que os castigavam, tentando ser aceitos nas fazendas dos grandes latifundiários da região que lhes ofereciam um sistema de trabalho semifeudal e semiescravista (FACÓ, 1980).

Esses sertanejos, apesar de afastados da modernidade das grandes cidades, estavam inseridos num "sistema moderno mundial", em que as grandes preocupações não eram com a seca, a fome e as mortes de camponeses pobres, mas giravam em torno dos lucros e oportunidades de um mercado capitalista cada vez mais ávido pelo crescimento e modernização de uma parcela seleta das sociedades. Isso quer dizer que havia interesses no Brasil de fins do século XIX, como, por exemplo, os negócios com a Inglaterra e a industrialização e modernização de São Paulo e do Rio de Janeiro, mais urgentes que resolver o problema da fome no Nordeste.

A respeito disso, Mike Davis (2002) localiza a seca e a fome do Nordeste brasileiro e suas consequências, em escala mundial, apresentando uma estimativa de 50 milhões de mortos em diversos países, vítimas de três grandes ondas de seca, fome e doenças, de 1876 a 1902; estimou-se cerca de dois milhões de mortos, somente no Brasil.

Entre os países vitimados estão Egito, Índia, China, Java, Filipinas, Nova Caledônia, Coreia, Brasil, África do Sul, Magreb, Rússia, Etiópia e Sudão. Como podemos perceber, há países de diferentes regiões do planeta e vítimas do mesmo mal: a fome.

Segundo Davis (2002), os leitores contemporâneos de *Nature* ou de outros periódicos científicos souberam, na época, que se tratava de um desastre de magnitude mundial, ainda que houvesse somente rudimentares estimativas de mortalidade na ocasião. O historiador citado tambèm observa que "ninguèm atè então suspeitara ser possível tal sincronia extrema [...] nem havia qualquer registro histórico de a fome atingir de modo simultãneo tantas terras distantes entre si" (DAVIS, 2002, p. 16).

Ao longo da sua obra, Mike Davis aponta que, de modo geral, as secas desses países vítimas da fome não podem ser encaradas como um fenômeno puramente natural; ele alerta para o fato de que há uma "maligna interação entre os processos climáticos e econômicos" (p. 22), em que países como a Inglaterra, nesse contexto, mantiveram relações econômicas com países do terceiro mundo, a partir de uma lógica colonial, contribuindo, assim, para a configuração da lógica da fome e da pobreza que matou milhares de pessoas no mundo todo.

> Os impérios europeus, juntamente com o Japão e os Estados Unidos, aproveitaram com ganância a oportunidade para criar novas colônias, desapropriar terras comunais e controlar novas fontes de plantação e mão-de-obra para minas. O que da perspectiva metropolitana pareceu a chama final da glória imperial do século XIX foi, do ponto de vista asiático ou africano, apenas a luz hedionda de uma gigantesca pira fúnebre (DAVIS, 2002, p. 17).

Em relação ao Brasil, Davis apresenta um interessante estudo que compara as secas do Nordeste com as secas indianas, por conta do fenômeno de aquecimento *El Niño*, no oceano Pacífico, algo que ocorre por causa da falta das chuvas de verão na Índia. Ele observa ainda que, no final da década de 70 (século XIX), a grande seca que matou cerca de quinhentos mil sertanejos ocorreu devido ao extremo desmatamento provocado pelo aumento do cultivo de algodão. Baseados nessa argumentação, podemos entender que, realmente, as secas do Nordeste não ocorreram apenas por fatores naturais; elas estavam ligadas a um desmatamento, fruto de negociações e interesses econômicos.

Quanto à relação da economia brasileira, mais especificamente nordestina, com a Europa, Davis esclarece:

> Primeiramente, embora independente em termos nominais, sua economia, sobretudo no Nordeste, era tão dominada por investidores e credores ingleses que se tornou o clássico exemplo de uma 'colônia informal' [...] Depois, o desenvolvimento econômico em escala nacional até uma interrupção durante a segunda metade do século XIX, sem nenhum aumento considerável na renda ou na produtividade *per capita* [...] Um fabuloso surto do café na região de São Paulo foi contrabalançado pelo igualmente espetacular retrocesso econômico do Nordeste [...] transformou-se o que antes era região central em uma periferia de fome (DAVIS, 2002, p. 392).

O historiador explica que a dependência de algumas regiões brasileiras era tão grande com relação aos investidores, que a expressão "colônia informal" não pode ser considerada inadequada. No caso da produção do café em São Paulo, Davis aponta que esse Estado era responsável pela metade do fornecimento mundial do produto. Assim, a economia brasileira da época pode ser considerada como uma monocultura, em que os maiores esforços republicanos giravam em torno de melhorias relacionadas ao comércio cafeeiro: "Quase todas as ambições de desenvolvimento da nova República [...] concentravam-se inteiramente na construção de vias férreas no dinâmico núcleo produtor de cafè" (DAVIS, 2002, p. 392).

Assim, podemos entender que a monocultura cafeeira paulista passou a dominar os maiores interesses do regime republicano no período, o que aumentou, ainda mais, o descaso com as populações nordestinas. O próprio presidente da República, Prudente de Morais, era da Região Sudeste; sabemos também que a República das Oligarquias determinou os rumos da política e da economia em fins do século XIX e início do século XX. Isso pode explicar a razão de as populações do Rio de Janeiro, capital do Brasil, e São Paulo se preocuparem significativamente com a "rebeldia" sertaneja, pois a insurgência deles não se restringia aos interesses locais, mas refletia nas consequências de uma política nacional voltada aos interesses da Região Sudeste.

Na análise da fonte, *O Estado de S. Paulo*, observamos a insatisfação de São Paulo e do Rio de Janeiro quando a terceira expedição contra Canudos foi debandada e seu líder, Moreira César, morto. Houve protestos populares nas principais ruas do centro da capital paulista e de outras importantes cidades, como Santos e Campinas. No Rio de Janeiro, também houve protestos e empastelamento de jornais monarquistas, gerando uma forte pressão dos periódicos da Região Sudeste para que a República fosse salva, visto que essa instituição zelava pelos interesses de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais[4].

Quando Euclides da Cunha chegou à capital baiana, ele observou: "Nesta cidade ha muito menos curiosidade sobre os negocios de Canudos do que ahi e no Rio de Janeiro" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de agosto de 1897, p. 1). O correspondente, ao usar o termo "ahi", estava se referindo â cidade de São Paulo.

Observamos, em outras publicações de *O Estado*, uma referência ao comércio exterior com Londres e com a Europa, em geral, relacionada à situação na Bahia. Há

[4] Mais informações e detalhes a esse respeito podem ser verificados no Apêndice A, no mês de março de 1897.

várias notícias que podem ser verificadas no Apêndice A, a partir do mês de março, que identificam a queda nos investimentos ou as crises econômicas com a situação instável no Brasil. Quando a guerra chegou ao fim, foi publicado um artigo em que o articulista prevê um futuro melhor, um futuro de prosperidade ao Brasil, pois as preocupações com Canudos e a situação de instabilidade iriam terminar com o fim da "Campanha".

Como exemplo desse interesse do Sudeste pela queda de Canudos e essa situação relacionada ao comércio exterior, citamos um trecho da fonte pesquisada; mais detalhes podem ser verificados no Apêndice A:

> O cambio, como sabem, deixou de descer, renasce na Europa a confiança no Brasil, espera-se que se realisem brevemente grandes operações, que possam servir de ponto de apoio para a nossa regeneração econômica e financeira e, para cumulo de felicidades (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 1897, p. 1).

Em continuação à relação da situação no Nordeste e a política modernizadora concentrada nos interesses da Região Sudeste, o pesquisador Mikes Davis observa que, quando a economia nordestina entrou em coma, as famílias nordestinas não migraram para trabalharem nas lavouras de café; elas permaneceram no sertão, morrendo de fome. Ele observa que esse fato se relaciona à política de eugenia adotada pelo governo para o branqueamento da população. Isso ocorreu no Nordeste também. Nas palavras dele, temos:

> *Não* aconteceu no último quarto do século XIX o que a teoria neoclássica teria previsto como um reflexo automático: a migração da mão-de-obra do norte para os pólos de crescimento do sudeste. Em vez disso, desde fins do Império, os governos nacional e local começaram a subsidiar intensamente a imigração em massa da Itália, Alemanha e Portugal. Mesmo as elites do Nordeste abraçaram de modo febril a 'europeização'. Um extraordinário exemplo foi a Bahia durante a terrível seca/fome dos 'Dois Oito', de 1888-89. Embora as autoridades do estado bloqueassem o ingresso de retirantes nas cidades e os internassem aos milhares em acampamentos, continuaram os esforços para atrair imigrantes europeus com caros subsídios (...) Os cafeicultores do sudeste, de sua parte, só queriam trabalhadores estrangeiros 'brancos' após a Abolição, e logo fizeram disso a política federal da nova República (DAVIS, 2002, p. 394-395).

Davis entende que se trata de uma política racial, ideia compartilhada por nós. Como apresentaremos no próximo capítulo, a questão da raça como elemento de identificação do brasileiro esteve presente nas pesquisas científicas por todo o século

XIX. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ainda no período imperial, foi construído com a missão de narrar a história brasileira; uma das questões recorrentes nas pesquisas desse Instituto era a questão da raça, elemento importante para a definição da nacionalidade e da identidade dos cidadãos brasileiros. Nesse contexto, a identificação buscada era a ocidental, assim o negro e o indígena, como também os mestiços, eram motivo de preocupação. Comentando as ideias de Nina Rodrigues, cientista brasileiro da época, Davis (2002) declara que esse pesquisador concebia a miscigenação como o fator responsável por todo o desvio social, banditismo, heresia religiosa e outros problemas.

Essas ideias contrárias à miscigenação, assim como outras que entendiam a mistura racial como positiva, conviviam nos centros de pesquisas do País, ou seja, nos museus, institutos, universidades, entre outros. Como veremos, as ideias evolucionistas e positivistas foram reinterpretadas e utilizadas de acordo com os interesses de grupos específicos de pesquisadores e cientistas.

Entendemos, desse modo, que a questão racial e as ideias de progresso e modernização, juntas contribuíram para a marginalização de cidadãos brasileiros, como os sertanejos de Canudos, que, no contexto, foram considerados empecilhos para o progresso e a ordem da Nação. Enfim, o descaso e a marginalização de nordestinos, nessa época, estavam intimamente ligados aos interesses da Região Sudeste, desde o abandono à destruição de famílias inteiras que, nesse imaginário, ameaçavam a República. Citamos mais um trecho de Davis:

> A Guerra de Canudos, como vimos, tornou-se uma macabra alegoria racial motivada pelo medo que as elites sentiam dos pobres nortistas, a quem denegriam como caboclos: uma casta racial fortemente marcada pela mistura de linhagem indígena com portuguesa e africana. Invocou-se muitas vezes a figura endemoninhada de Antônio Conselheiro para justificar a urgência da europeização (DAVIS, 2002, p. 396).

Portanto, diante da seca, da exploração e da desesperança que os assolavam, além do êxodo de populações sertanejas inteiras em busca de trabalho e de sobrevivência no litoral ou em outras regiões como o Amazonas, houve formas de protestos iniciadas em revoltas e rebeldias à ordem e à moral estabelecidas. Muitos desses sertanejos oprimidos começaram a criar seus próprios modos de vida na busca por trabalho, comida, abrigo e conforto espiritual. Também houve respostas pacíficas a

essa situação, como a formação da comunidade de Canudos, que se tornou "rebelde" após o primeiro ataque das forças do governo.

Nesse contexto, muitos pobres do sertão passaram a encontrar na religião, cada vez mais, um abrigo e uma esperança, configurando uma nova crença que se opunha às crenças das classes dominantes. Não negavam a religião cristã, mas se afastavam de alguns dos mandamentos da Igreja Católica, concebendo, então, figuras místicas que se encontravam fora do poderio dessa instituição, como é o caso da figura do beato Antônio Conselheiro.

Esse sertanejo, líder da comunidade de Belo Monte ou Canudos, passou muitos anos peregrinando e esmolando pelos sertões em busca de recursos para construir cemitèrios e igrejas. Tambèm, "arrastou" consigo famílias inteiras que buscavam, em suas pregações, uma esperança de vida melhor, mesmo que fosse uma vida espiritual.

Em nossa pesquisa na fonte e na literatura encontramos referências ao Conselheiro como um homem que procurava construir igrejas e cemitérios pelo sertão baiano, e percebemos que suas buscas estavam de acordo com as necessidades locais, muitas vezes ignoradas pelas autoridades políticas. Citamos um trecho de uma carta publicada em *O Estado* (mais detalhes da carta ver Apêndice A):

> 'Conheci esse infeliz homem, em 1877, em Chorrochó, termo de capim grosso, onde tive de admirar a sua perseverança na construcção da egreja daquelle arraial, em cujas obras gastou cinco longos anos [...] Andrajoso e repellente, errava esse infeliz de villa em villa, de arraial em arraial, de fazenda em fazenda, pedindo esmola pelo amor de Deus para construir egrejas e cemiterios. Eis ahi a narração fiel do que foi Antonio Conselheiro' (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de agosto de 1897, p. 1).

Nesse contexto, faz muito sentido que as preocupações de um homem que se entendia em uma missão social serem a construção de cemitérios, visto que havia muita mortandade por conta da fome e das doenças. Em fins do século XIX, houve no Brasil, além de outras doenças, epidemias de febre amarela, varíola e malária, e as populações do sertão e do interior, distantes dos recursos dos centros urbanos, foram muito assoladas.

Procurar auxílio religioso também fazia sentido, segundo o nosso entendimento, pois outras assistências, como trabalho, políticas de combate à fome ou construção de mecanismos para irrigar os solos eram praticamente inexistentes.

Como a história nos conta, em Canudos havia trabalho, religiosidade, uma organização de vida baseada em princípios de igualdade; trata-se, assim, de um lugar onde não havia pessoas abastadas nem outras que pudessem ser suas servas. A comunidade de Canudos, mais que um recurso à fome e à desesperança, tornou-se um modelo de comunidade que se opunha à lógica das sociedades modernas orientadas pelos princípios capitalistas. Assim, Canudos não foi somente uma resposta social à exploração no campo, por ter lutado pela terra. Esse arraial tornou-se um modo de oposição e de ameaça aos princípios que regiam a sociedade brasileira, baseada em princípios capitalistas de organização social e econômica e de respeito às instituições.

Não entendemos que Antônio Conselheiro e seus seguidores se posicionaram propositadamente contra a lógica social do Brasil, pretendendo derrubar a instituição republicana, tornarem-se um modelo de combate ao monopólio da terra ou serem compreendidos como uma contradição social. Tampouco entendemos que fossem ignorantes que desconheciam completamente as leis do País e a diferença entre República e Monarquia. Entendemos serem pessoas que se posicionaram contra algumas ordens estabelecidas e lutaram contra algumas instituições, entre elas a Igreja Católica e o Exército.

Diante disso, as classes dominantes não aceitaram a possibilidade de quebra do monopólio da terra e a possibilidade de uma revolta armada no campo. Assim, tanto as elites locais como as elites do Sudeste se organizaram para desestabilizar, desvirtuar e esmagar os que se insurgiram contra a ordem semifeudal estabelecida nos confins dos sertões, e a ordem republicana do País.

Além de medidas físicas contra os que se rebelaram, houve também medidas discursivas que serviram para depreciá-los e caluniá-los com a intenção de justificar o seu esmagamento. Entre esses discursos estão, principalmente, os que tratam os sertanejos como místicos, fanáticos, atrasados, bandidos e inimigos da Nação, da sua ordem e do seu progresso. A respeito disso, Rui Facó opina, energicamente, colocando-se contra esse tipo de pensamento difundido na época:

> Eram muito mais frutos do nosso atraso econômico do que eles próprios retardatários. Hoje, compreendemos e sentimos que eles eram uma componente natural do nosso processo evolutivo, a denúncia do nosso retardamento nacional, o processo contra uma ordem de coisas ultrapassadas e que deveria desaparecer (FACÓ, 1980, p. 8).

Facó entende que a comunidade canudense não se compõe de retardatários ou bandidos, mas é um fruto do atraso e retardamento nacional brasileiro, ou seja, os conselheiristas são um produto social de uma "ordem de coisas ultrapassadas". Entendemos que essa declaração de certo modo defende o sertanejo, mas revela a ideia de que o Brasil era atrasado e precisava evoluir e, nesse caso, os inimigos são outros: o descaso e o abandono dessas populações. Euclides da Cunha apresenta ideia semelhante em um dos seus artigos do "Diario de uma expedição": "Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam (...) dessa insciencia deploravel em que vivemos acerca das regiões do interior de todo desconhecidas" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 1897).

Essas são algumas questões para se refletir sobre a formação e a destruição da comunidade canudense. Apresentamos, então, como se deu a Campanha de Canudos.

A fim de facilitar a visualização da região onde ficava o arraial de Canudos e as cidades vizinhas, apresentamos, na Figura 3, um mapa da região. Destacamos as cidades de Uauá, Monte Santo (base de operações da quarta expedição), Queimadas e Juazeiro, que serão citadas diversas vezes no relato sobre as operações em Canudos.

Figura 3 – Mapa da região de Canudos.

1.2 A Guerra de Canudos

A campanha foi iniciada devido a um acontecimento banal que se configura, na verdade, como um mero estopim de uma forte repressão que seria deflagrada a qualquer momento. Esse estopim foi um desentendimento entre os canudenses com um comerciante da cidade de Juazeiro, vizinha a Canudos, por causa de uma compra de madeiras não entregue aos conselheiristas para a construção da "Igreja Nova". Isso causou estranheza, pois os homens do Conselheiro eram antigos fregueses desse comerciante e já haviam pagado pelo material. E assim, o estopim foi arranjado, demonstrando intenções anteriores a favor da destruição do Conselheiro e de seu arraial. O juiz de direito de Juazeiro, Arlindo Leoni, antigo inimigo da gente de Canudos, armou uma "emboscada" para vingar-se dos conselheiristas devido a um antigo atrito que tivera com eles em Bom Conselho[5]. Assim, influenciou o comerciante a descumprir o trato e não entregar a encomenda de madeiras na data prevista, com a justificativa de que não havia pessoal para fazer o carregamento do material. Então, Conselheiro mandou avisar que iria mandar seus homens buscarem pessoalmente sua mercadoria; esse recado não foi necessariamente colocado como uma ameaça, mas como uma negociação comercial, pois os sertanejos tinham pressa em ver a nova igreja pronta para receber melhor os fiéis que não paravam de crescer.

"As palavras de Antônio Conselheiro foram maldosamente interpretadas" (MONIZ, 2001, p. 62), não pelo negociante, mas pelos seus inimigos, com destaque para o juiz, acima citado, que não tardou em enviar um telegrama alarmante para o governador do Estado da Bahia, Luiz Viana, que prometeu socorro a Juazeiro que, segundo Leoni, fora gravemente ameaçada de ser invadida e, possivelmente, saqueada pelos "bandidos" do Conselheiro.

1.2.1 Primeira expedição

No início de novembro, o governador enviou cerca de cem praças a Juazeiro para depois seguirem a Canudos. Essa pequena expedição, comandada pelo tenente

[5] Conselheiro se interpôs a Arlindo Leoni em Bom Conselho por causa dos abusivos impostos cobrados pelo sistema republicano. Assim, o beato queimou os editais republicanos sobre os impostos em praça pública; depois disso "fugiram" para Canudos, onde a cidade foi, então, construída.

Manuel da Silva Pires Ferreira, chegou a Juazeiro no dia 7 de novembro e lá esperou por alguns dias o temido ataque dos "jagunços". Como isso não ocorreu, partiram, então, no dia 12 desse mesmo mês, para atacarem o arraial, localizado a mais de 200 quilômetros dali.

Esse ataque foi, realmente, desnecessário, já que os conselheiristas não invadiram a cidade protegida pelos soldados. Para nós, isso demonstra que houve um consenso entre o juiz, o tenente e o governador, representantes da ordem, para "darem cabo" do povo de Canudos: "De acordo com Arlindo Leone, já que o inimigo não aparecera, iria procurá-lo em sua toca. O comandante do Distrito Militar justificaria certamente a marcha sobre Canudos. A melhor defesa fora sempre o ataque". (MONIZ, 2001, p. 64)

Ataque que não aconteceu de fato; foram os canudenses que "atacaram", na madrugada do dia 21, enquanto os soldados dormiam em Uauá, um arraial que ficava a uns cem quilômetros de Canudos. Os sertanejos foram informados por pessoas do povoado de Uauá que simpatizavam com os canudenses e se incomodaram com a presença dos soldados.

Estes foram surpreendidos pelos conselheiristas que marchavam em procissão. Ainda se refazendo da penosa viagem que durou uma semana debaixo de um sol escaldante, esses homens da lei, assustados com os sertanejos que chegaram ao amanhecer do dia, sem demonstrarem estar ali para lutar, dispararam contra a multidão em que, além dos homens, havia velhos, mulheres e crianças. Como estava atenta uma guarda de segurança da procissão, houve um sangrento embate corpo a corpo, que durou cerca de cinco horas.

Nessa primeira expedição, os soldados já demonstraram seu despreparo acabando com toda a munição em disparos desencontrados, ferindo inclusive seus próprios companheiros. Ao final da peleja, os canudenses, com cerca de 150 mortos e muitos feridos, retornaram "derrotados" ao arraial, retomando a procissão: com a cruz e a bandeira do Divino hasteada.

Apesar das poucas baixas, dez homens e outros feridos, os soldados não perseguiram os sertanejos de tão exaustos e desnorteados que estavam. Cenas horríveis ali foram vistas, que fizeram a expedição bater em retirada de Uauá, temendo um novo ataque:

> [...] o comandante, com setenta homens válidos, renunciou prosseguir na empresa. Assombrara-o o assalto. Vira de perto o arrojo dos matutos. Apavorara-o a própria vitória, se tal nome cabe ao sucedido, pois as suas consequências o desanimavam. O médico da força enlouquecera... Desvairara-o o aspecto da peleja. Quedava-se inútil, ante os feridos, alguns graves (CUNHA, 2004, p. 262).

Em relação a essa dita vitória que Euclides da Cunha sutilmente desqualifica em seu discurso, há mesmo que se desconfiar, como o fez a pesquisadora Walnice N. Galvão que considera ter sido "[...] uma estranha vitória, porque as forças legais deixaram o inimigo ir embora, não o perseguiram e não atacaram Canudos" (GALVÃO, 2001, p. 72).

O que fizeram foi sair imediatamente do arraial de Uauá, quase como uma fuga, como opina Euclides da Cunha, em sua obra *Os sertões*, sem antes saqueá-lo e queimá-lo; atitude desonesta e vergonhosa para homens da lei, como eram, e na missão a que estavam incumbidos, ou seja, a de pegar "bandidos": "Desta forma è que os mantenedores da lei e da ordem foram combater os que chamavam de fanáticos e celerados" (MONIZ, 1978, p. 107).

Assim, foi iniciada a epopeia da Guerra de Canudos. Totalizando quatro expedições, em que foram mobilizados mais de onze mil homens de diversos estados do País, a campanha findou deixando milhares de mortos, cerca de vinte e cinco mil, em que cinco mil deles eram homens do Exército. Entre os mortos sertanejos, cerca de vinte mil, havia mulheres, idosos e crianças que combateram bravamente até o total esgotamento da cidade de Canudos.

Seguem, abaixo, algumas informações sobre as outras três expedições, com a intenção de informar e destacar alguns dos principais desdobramentos da campanha. A respeito das notícias sobre a primeira campanha no jornal *O Estado de S. Paulo* verificar o apêndice A, mês de novembro.

1.2.2 Segunda expedição

Para essa nova expedição foram convocados, ao final de algumas negociações, cerca de seiscentos homens, conseguidos à custa de desentendimentos e ordens desencontradas entre o general Frederico Solon e o governador da Bahia, que temia um novo insucesso. Aquele desejava a "vingança" para limpar a honra de seus homens, já

que “a derrota da expedição repercutiu intensamente no sertão com alguma ressonância no resto do país” (MONIZ, 2001, p. 65).

Os combatentes, sob o comando do major Febrônio de Brito, partiram para Monte Santo e lá ficaram até que em janeiro saíram rumo a Canudos bem armados com dois canhões Krupp 7,5 e duas metralhadoras Nordenfeldt. O uso dessa artilharia, moderna na época, já revelava a intenção e a necessidade de extermínio do Conselheiro e de seus seguidores.

No entanto, toda essa artilharia não fez os soldados terem vantagem sobre o inimigo que, esperto, já os esperava emboscados nas pedras do Cambaio. Os homens do Exército pouco preparados quase debandaram, mas a energia do major Febrônio os incentivou a combater por cinco horas até que os sertanejos estratégicos foram desaparecendo. Depois de mais um ataque dos sertanejos, o major percebeu que não tinham condições de seguirem a Canudos, pois estavam cansados, famintos, e não estavam combatendo adequadamente, pois diversas vezes o major perdeu o controle dos homens que agiam com desespero; o tipo singular de guerra os abalou.

Chegaram a Monte Santo estropiados e humilhados; novamente os insucessos dos soldados se tornariam notícia e, dessa vez, abalariam e surpreenderiam ainda mais os poderosos da região.

Para tentar reparar a honra do Exército que estava em jogo, a terceira expedição foi organizada sem demora; dessa vez o governo federal entraria na disputa, visto que “o problema era demasiado grave para encontrar solução dentro da esfera estadual de poderes” (GALVÃO, 2001, p. 75).

A essa altura, não somente a honra do Exército estava em jogo, mas toda a ordem social estabelecida naqueles sertões e também no País estava, de certo modo, abalada, já que o fracasso militar diante dos insurgentes poderia dar forças para outros grupos de rebeldes.

Podemos verificar, nas notícias de *O Estado* no Apêndice A e no Capítulo 4, que os jornais dos principais centros urbanos, como o Rio de Janeiro e São Paulo, publicavam notícias dos sertões, apelando para um caráter restaurador e ameaçador do movimento de Canudos.

1.2.3 Terceira expedição ou Expedição Moreira César

Os preparativos para a terceira expedição foram mais bem articulados para que, enfim, a guerra fosse vencida. Dessa vez teriam de exterminar os insurgentes de Canudos sem possibilidades de derrota. Portanto, fora nomeado como comandante das operações o ilustre coronel Antônio Moreira César, famoso por ter esmagado com crueza, anos antes, os "rebeldes" de Santa Catarina. Assim, ele esperava, então, derrotar facilmente os canudenses e sair-se como herói nacional.

Moreira César tinha certeza de sua vitória por conta da sua distinção militar, "sendo considerado teórica e praticamente um mestre na infantaria" (MONIZ, 1978, p. 137). No entanto, desde o início da sua participação na campanha, agiu de forma arrogante; e isso o fez cometer uma série de equívocos como, por exemplo, falta de estratégia de guerra e proferir sentenças que nunca viriam a se cumprir, como as palavras dos telegramas ao ministro da guerra e ao governador da Bahia, respectivamente: "Só temo que o fanático Antônio Conselheiro não nos espere" e "Só receio a fuga dos fanáticos". Assim pensava ele por causa de sua fama como militar cruel e enèrgico: "Moreira Cèsar demonstrava a convicção – segundo Aristides Milton – 'de terem o seu nome e sua fama o prestígio de fazer debandar os *jagunços* antes mesmo de enfrenta-los'" (MONIZ, 1978, p. 140).

Mais uma vez a gente do Conselheiro surpreenderia e, dessa vez, com grande repercussão nacional; a notícia estamparia os principais jornais das grandes metrópoles, com diversas informações caluniosas e distorcidas que acusavam Canudos de ser um foco monarquista, entre outras informações que envenenariam a opinião pública: Apresentamos, abaixo, um trecho de uma das diversas notícias acerca da derrota "Expedição Moreira Cesar", mais detalhes dessa notícia e de outras podem ser verificados no apêndice A:

> Nos sertões da Bahia, sob a capa de um *fanatico religioso*, que não tem base, está enrolado o pavilhão do império [...] Não nos illudamos: ataca-se a Republica [...] Para o governo da União, nesta hora de lucto, apella todo o povo brasileiro. Tracta-se de defender a Republica, tracta-se de sustentar pelas armas a Republica ferida em combate. O momento é de perigos e ameaças [...] A lucta é contra a Republica. O governo tem de defender a Republica, tem de suffocar o movimento monarchista ainda que seja preciso a violencia (*O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 8 de março de 1897).

Com base nesse trecho, entendemos que o interesse pelo extermínio de Canudos ficou bem explícito; houve manifestações populares e *meetings* em grandes centros urbanos para apoiarem e cobrarem providências do governo federal a respeito da ameaça que Canudos estava fazendo à ordem republicana de toda a Nação.

Quanto a detalhes dessa terceira expedição, merece atenção o fato de que, apesar de militar forte, Moreira César tinha a saúde frágil e foi acometido por ataques de epilepsia no início do trajeto de Monte Santo a Canudos. Na frente do comando de um Exército com quase mil e trezentos homens e seis canhões Krupp, o coronel não se deixou abater e, convicto da vitória, continuou sua marcha, em fins do mês de fevereiro, até o arraial.

Enquanto eles caminhavam em condições climáticas nada favoráveis, com fome e sede, os homens do Conselheiro estrategicamente preparavam emboscadas e uma tática de guerra que pretendia aniquilar seus inimigos e roubar-lhes as armas.

Foi o que ocorreu. Os sertanejos estavam na vantagem, pois conheciam há muito tempo os caminhos tortuosos e usaram a ambiente em favor deles. Foi uma batalha surpreendente em que, assombrosamente, os sertanejos apareciam e desapareciam entrincheirados. Os soldados que já haviam chegado exaustos da viagem não tiveram bom desempenho, mas Moreira César, apesar de já gravemente ferido, insistia em continuar lutando; não foi obedecido pelos seus companheiros que se retiraram da batalha para não serem totalmente aniquilados.

O coronel não compreendia a derrota, não conseguia perceber a originalidade da luta naquelas terras. Assim que pôde, reuniu as tropas para uma nova investida e, mesmo estando fraco e ferido, tinha certeza da vitória e da inferioridade dos seus inimigos: "– Vamos almoçar em Canudos", disse Moreira César.

Depois de alguns dias, chegaram a Canudos; o coronel ordenou que entrassem no arraial, pois acreditava que essa tática desencorajaria os combatentes inimigos. No entanto, "os soldados viam-se perdidos em becos estreitíssimos e atingidos pelas balas que partiam de pontos diferentes, pois as casas sem alinhamento dificultavam a busca dos inimigos" (MONIZ, 1978, p. 146).

Resumidamente, ocorreram muitas baixas por parte do Exército, que se retirou desordenadamente após a notícia da morte de Moreira César. Essa derrota e descompostura dos soldados que, desesperados, abandonaram o campo de batalha, indignou e envergonhou pessoas da sua classe, como Euclides da Cunha que desabafou por carta ao seu amigo João Luís: "O que me impressiona não são as *derrotas* – são as

derrotas sem combate – em que o chão fica vazio de mortos e o Exército se transforma num bando de fugidos!" (GALVÃO, 1997, p. 107).

Os sertanejos vitoriosos continuaram a batalha, dessa vez psicológica. Eles se encarregaram de alertar futuras expedições de seu poder ofensivo, colocando os corpos dos mortos, deixados para trás pelo Exército em debandada, em arbustos; reservaram, os "matutos", um lugar de destaque para a patente mais alta, o coronel Tamarindo.

As notícias não tardaram a chegar às grandes capitais e a opinião pública ficou alarmada:

> [...] Foi a derrota da Expedição Moreira César que acirrou os ânimos, apavorando a opinião pública, que desde então passou a ser habilmente orquestrada pelos jornais, sem, como se verá, dar-se conta dessa manipulação até após o término da guerra. O tom dessa informação, que de tão tendenciosa antes mereceria ser chamada de desinformação deliberada, era dado pelo mais exaltado jacobinismo predominante na época (GALVÃO, 2001, p. 78).

Assim, a quarta expedição foi preparada para garantir a vitória; com armamento moderno e um total de nove mil homens, o País se mobilizou para acompanhá-la e apoiá-la. Os grandes jornais levaram ao campo de batalha seus correspondentes a fim de manter a população bem informada. Os sertanejos também se mobilizaram e se modernizaram; prepararam armas e munições e se fortaleceram com o armamento roubado dos soldados.

1.2.4 Quarta expedição

Inicialmente foram convocados quatro mil e quinhentos homens que receberiam, a partir de julho, um reforço de mais homens, o que dobraria o número de soldados. Para esse grande feito, foram convocados três generais que comandariam as tropas, os senhores Artur Oscar, Cláudio Savaget e João da Silva Barbosa. Além deles, havia numerosas outras patentes de coronéis, majores, capitães e tenentes.

Foram mobilizados cerca de vinte batalhões que se formaram nos estados do Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e a Capital Federal. A partir dessa mobilização, podemos perceber

como a Campanha ganhou alcance nacional, tornando-se um problema do governo federal.

Dessa vez, haveria mais estratégia na organização das tropas e das ações, comparando-se às outras três campanhas. Assim, as tropas foram organizadas em duas colunas que partiriam para Canudos de dois pontos distintos, de Jeremoabo e Monte Santo, a leste e ao sul de Canudos, respectivamente, a fim de se encontrarem em frente do arraial a ser atacado.

As duas colunas sofreram muitas baixas nesse percurso, conseguindo só uma delas, a comandada por Savaget, chegar ao local combinado, mas esta teve de sair em socorro da outra coluna, comandada por Arthur Oscar, a pedido de um emissário que informara Savaget sobre os conselheiristas que, muito estrategicamente, os encurralaram na Favela, local cheio de trincheiras situado no caminho a Canudos.

As ofensivas dos sertanejos eram muitas; eles lutavam por meio de guerrilhas, utilizavam trincheiras naturais e construíam suas próprias trincheiras. Os soldados cercados iam ficando, a cada dia, sem munição e sem provisões, como água e alimentos. Nesse ponto da campanha, a coluna de Arthur Oscar estava somente na defensiva, esperando o socorro da segunda coluna comandada por Savaget:

> [...] Os oficiais e os soldados não continham o ódio, a fúria, a ira, a raiva, o rancor, despeito e o desespero contra os sertanejos invisíveis que os atingiam de todos os lados. Não havia local donde não partisse uma bala certeira. Os oficiais eram os mais visados e, vencidos pelo terror, arrancavam desesperadamente os galões e as insígnias dos braços e das golas. O medo generalizou-se, e com ele a indisciplina e o tumulto (MONIZ, 1978, p. 168).

A partir desse trecho, podemos perceber como os soldados não estavam preparados para o combate; despreparados, gastavam sua munição e se revoltavam com as ofensivas do inimigo. Verificamos também a organização estratégica dos canudenses que, bem treinados, tinham boa pontaria, mantinham a calma e aproveitavam o ambiente e o terreno do lugar para armar suas trincheiras e atacar os soldados quase como assombrações.

Com a chegada da segunda coluna, evitou-se uma derrota da primeira. Na verdade, a junção das duas evitou que ambas fracassassem. O maior número de soldados, cerca de cinco mil, desarmou a estratégia dos guerreiros de Canudos que

pretendiam derrotá-las separadamente. Ainda assim, as tropas do Exército não conseguiram avançar, ficando presas na Favela, uma "ratoeira" minada de trincheiras em que estavam entocados os seus inimigos. O correspondente do *Jornal do Commercio*, Manoel Benício, acompanhou essa batalha e narrou com pormenores as ações dos canudenses e do Exército, fazendo duras críticas ao general Arthur Oscar e sua falta de estratégia e de tática durante as operações. Essa narrativa, assim como outras, podem ser verificadas no apêndice A. A narrativa desse combate foi publicada no dia 8 de agosto de 1897 em *O Estado de S. Paulo*.

Após quatorze dias nessa situação, os soldados estavam em estado lastimável, completamente esfarrapados, famintos e desesperados. Esperavam em vão um comboio de provimentos; esse comboio prometido nem havia sido enviado para socorrer as tropas; fica evidente o estado de desorganização e dificuldades por que passavam as tropas dessa quarta campanha a Canudos. Os soldados, então, passaram a embrenhar-se pelas caatingas a fim de caçar e colher alimentos. Picados pelas cobras, furados pelos espinhos ou atingidos pela mira dos inimigos, eles sofriam para conseguir algo que servisse às suas necessidades. Na maioria das vezes nada conseguiam, aumentando ainda mais a fome, o cansaço e o desespero de todos, inclusive dos oficiais, tão vítimas como os soldados dessa guerra contra um inimigo ardiloso e também contra um lugar inóspito em seu clima, vegetação e relevo.

Configurava-se uma guerra muito diferente das batalhas conhecidas pelas tropas que marchavam sob o sol forte do sertão com vestimentas inadequadas, alimentos e água insuficientes, lutando contra um inimigo experiente naquelas paragens, que utilizava a natureza para conseguir munição e se valia dos acidentes do terreno e das plantações para se entocar e atacar sem ser visto. Realmente, um tipo de luta desigual para o Exército que só venceria os canudenses por causa de seu armamento militar bem superior às armas utilizadas pelos sertanejos e com a chegada de reforços de uma quinta expedição, como alguns estudiosos desse tema costumam considerar.[6] Uma expedição convocada devido à situação de quase derrota enfrentada pelos soldados perante a Canudos. Diante dessa situação, "muitos fugiram, outros passaram para o lado do Conselheiro, levando armas e munições" (MONIZ, 2001, p. 83).

---

[6] As forças do Exército receberam em um ponto crítico da guerra, reforços a partir do mês de julho. Alguns estudiosos da Guerra de Canudos consideram que esse reforço pode ser considerado como uma expedição; assim, haveria um total de cinco expedições contra Canudos, mas convencionou-se nos documentos oficiais considerar que só houve quatro expedições.

Os conselheiristas, além desses reforços por parte dos desertores, receberam mais auxílio da vizinhança que se disponibilizava a lutar e ajudar o Conselheiro a vencer a guerra: "de toda a parte chegavam sertanejos de clavinote no ombro, acompanhados das famílias, para defender a cidade santa" (MONIZ, 1978, p. 171).

De um lado, os canudenses acreditavam vencer a guerra por causa da fé, da virtude e da sabedoria. De outro, o Exército tinha certeza da vitória, pois se sentiam superiores àqueles sertanejos tidos como bandidos, fanáticos e atrasados, além de serem considerados monarquistas que pretendiam derrubar a República.

Porém, o que se impôs foi a vitória da força bruta das tropas do governo que bombardearam as igrejas e as casas de Canudos durantes dias seguidos; resistiram os sertanejos, mesmo após morrerem, respectivamente em julho, agosto e setembro, Pajeú e João Abade, grandes líderes guerreiros dos canudenses, e o mestre Conselheiro. Consta dizer que este morreu de morte natural, caiu fatalmente em seu santuário com uma forte pontada no peito; certamente sua saúde se agravou com as canseiras e as angústias da guerra.

Quando, finalmente, as tropas derrubaram as últimas trincheiras, os últimos combatentes, um velho, um rapaz e dois homens, viram-se diante de um Exército de cerca de cinco mil homens fortemente armados. Enfim, "fechemos este livro", como disse Euclides da Cunha no penúltimo capítulo de *Os sertões,* "Canudos não se rendeu".

Com a guerra terminada em 5 de outubro, o Exército derrubou todas as casas, cerca de cinco mil e duzentas, com bombardeios de dinamite, e procurou o cadáver de Conselheiro, o qual foi exumado e teve sua cabeça cortada e levada ao laboratório de Nina Rodrigues para se verificar sua loucura ou tendência para o crime, o que seria uma "justificativa científica", como opina Edmundo Moniz (2001), para a Guerra de Canudos. No entanto, nada disso foi provado:

> [...] Mas Nina Rodrigues, depois de um minucioso exame segundo os cânones da escola positiva, emitiu honestamente a sua opinião autorizada: 'O crãnio de Antônio Conselheiro não representa nenhuma anormalidade que demonstre traços de degenerescência... É um crânio normal' (MONIZ, 2001, p. 97-98).

A seguir, oferecemos algumas imagens com membros do Exército, canudenses e ruínas do arraial. As fotografias são de Flávio de Barros, fotógrafo que acompanhou a quarta expedição; essas fotografias não foram publicadas nos jornais, na época, devido à

falta de tecnologia para isso. Elas permaneceram muito tempo desconhecidas pela sociedade. No momento, encontram-se no Museu da República.

Figura 4 – Prisioneiro e membros do Exército, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República).

Figura 5 – Vista parcial do arraial de Canudos ao Sul, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República).

Figura 6 – Ruínas e cadáveres, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República).

Figura 7 – Prisioneiros, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República).

Figura 8 – Ruínas da Igreja Nova, 1897 (Flávio de Barros/ Museu da República).

CAPÍTULO 2

CIÊNCIAS E CIENTIFICISMO

"Canudos è apenas um acidente monstruoso das aluviões morais do sertão, truculência das lutas primitivas, a rudeza dos instintos agrestes, a crendice da discultura analfabeta (...) a escória promíscua do campo e da cidade" (Rui Barbosa).[7]

Os discursos que designam o sertanejo como "bárbaro", "retrógrado", "incivilizado", "retardatário", "ignorante", "primitivo" estão estruturados na ideia de que há "raças superiores e inferiores" e no entendimento de que essas raças estão destinadas a desaparecer, pois sucumbirão ao contato com as raças superiores.

Essa teoria, denominada "darwinismo social", pode ser dividida em duas escolas deterministas: a escola determinista geográfica e a escola determinista racial. Esta última defende existirem raças superiores e inferiores, e vê de modo pessimista a questão da miscigenação, entendida como uma forma de degeneração não somente biológica, mas também social. E a escola determinista geográfica propõe que o meio determina e condiciona todo o desenvolvimento social e cultural de um grupo de pessoas (SCHWARCZ, 1993).

O "darwinismo social" faz parte de doutrinas evolucionistas que podem ser entendidas como um conjunto eclètico de preceitos baseados na noção de "evolução" aplicada às sociedades humanas. Por sua vez, a noção de evolução foi gerada nos estudos típicos da história natural. Darwin, em sua obra *A origem das espécies*, de 1859, levantou argumentos de que as espécies existentes evoluíram de espécies anteriores. Sua obra introduziu a teoria da seleção natural, produzindo uma verdadeira revolução tanto nas ciências naturais como nas ciências humanas. A teoria darwinista foi aplicada no campo social, isto é, a noção de evolução passou a ser aplicada para a explicação das sociedades humanas. Assim, segundo o "darwinismo social", havia sociedades mais ou menos evoluídas.

Segundo Castro (1995, p. 71), na verdade, o "darwinismo social" parece que derivou mais da obra de Herbert Spencer que, a partir do "sistema de filosofia sintètica", lançou a teoria de que a evolução é processada do mais simples ao mais complexo, do mais homogêneo ao menos homogêneo e do mais desorganizado ao mais organizado.

No Brasil oitocentista, os cientistas, antropólogos e estudiosos em geral apropriaram-se desse tipo de teoria racial e determinista e as aplicaram à análise da

---

[7] Fonte: Galvão (1977, p. 97).

realidade do País, chegando a prever um futuro "melhor", já que as raças inferiores existentes aqui sucumbiriam "naturalmente", pois estavam fadadas a desaparecer. O fator do desaparecimento dessas "raças inferiores" está ligado, como já citado, ao contato com as "raças superiores", pois se acreditava que, no caso de ocorrer a miscigenação, iria prevalecer a raça branca após a terceira geração resultante do "cruzamento" dessas "raças". Daí resulta a crença de que haveria um futuro melhor para o País, um futuro branco e civilizado, a partir do "branqueamento" da população e do processo civilizatório; isso influenciou, além de outros fatores, a política de imigração europeia ao Brasil, no final do século XIX e início do século XX. De certo modo, percebemos a defesa da miscigenação nesse tipo de pensamento, mas como algo passageiro, algo que culminaria em uma "raça purificada".

Além dessa corrente de pensamento, há outras ideias evolucionistas que circularam no País nesse período histórico por nós estudado. Há teorias que defendem a miscigenação e há outras que a condenam. Assim como há correntes favoráveis e desfavoráveis ao darwinismo: "No caldeirão conhecido como 'darwinismo' confundiram-se as várias interpretações da ideia de evolução [...] no Brasil, a 'introdução e recepção' do darwinismo não foi diferente de tantos outros lugares – conviveram resistência e aceitação" (DOMINGUES; SÁ, 2003, p. 119).

Assim, a fim de esclarecer e compreender as teorias cientificistas que circularam na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX, traçamos um breve estudo sobre o lugar que a ciência ocupou nesse período.

Para isso, abordamos as principais práticas científicas nas últimas décadas do regime imperial e nas primeiras décadas do regime republicano, observando os espaços que as ciências e o cientificismo ocuparam nesse período. Apresentamos o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Museu Nacional e o Museu Paulista, destacando os principais pesquisadores e as pesquisas realizadas no interior dessas instituições. Também trabalhamos com algumas das principais teorias evolucionistas e com a importância dada ao positivismo no final do século XIX e início do século XX no País. Discutiremos, também, repressões a movimentos sociais, com enfoque na Revolta da Vacina, e o papel da ciência no projeto de modernização da sociedade brasileira. Para finalizar, apresentamos as teorias científicas e cientificistas e a questão racial no Brasil, demonstrando como essa questão esteve presente em pesquisas científicas e na legitimação de uma missão de domesticação ou civilização das ditas "raças inferiores" pelas "raças superiores".

Vale frisar que nessa abordagem não nos interessa explicar e apresentar o funcionamento das teorias evolucionistas e positivistas que circularam no País dentro desse contexto. Pretendemos, na verdade, compreender o espaço e o papel que essas teorias possuíram na configuração social de um Brasil que necessitava se modernizar, aceleradamente, visando superar o atraso social, político, econômico, científico e cultural que os intelectuais da época acreditavam reinar no País.

2.1 Cientificismo

A concepção de ciência como uma entidade suprema e capaz de explicar a realidade e solucionar os problemas da sociedade pode ser entendida como uma visão cientificista. O cientificismo ganhou um importante espaço entre os intelectuais e cientistas brasileiros no contexto histórico estudado neste trabalho.

A expressão cientificismo é concebida por Chrétien (1994) como um mito. Esse pesquisador afirma que, nas sociedades modernas, a ciência tem por pretensão romper com a religiosidade e ocupar o seu lugar, que pode ser entendido como o espaço do poder simbólico. Em suas palavras:

> Ora, se a ciência, herdeira da racionalidade dos filósofos gregos, pretende, como estes, romper com a religiosidade do sistema mítico, sua hegemonia nas sociedades modernas a deixa em condição de assumir as funções cujos titulares tradicionais ela expulsou (CHRÉTIEN, 1994, p. 13).

O estudioso Claude Chrétien entende que o progresso das ciências da natureza e o importante papel desempenhado por ela na Revolução Industrial criaram, nas últimas décadas do século XIX, uma "verdadeira mania de ciência" (p. 26). Como mencionado, ele assume que o papel dado a ela pode ser considerado como mítico apontando que, como todo mito, o cientificismo possui sacerdotes e profetas, citando Marcelin Berthelot, Ernest Renan e Jacques Monod como parte deles.

Esses sacerdotes ou profetas do cientificismo, segundo Chrétien, apresentavam a ciência de modo doutrinário e por vezes esotérico. O cientificismo concebido por eles estava assentado em duas bases: o quadro histórico do progresso do espírito do Homem, resumido por Auguste Comte, na lei dos três estados, em sua célebre obra *Curso de*

filosofia positiva e "a crença na universalidade e na onipotência do *método*" (CHRÉTIEN, 1994, p. 28).

O espírito humano é apresentado em duas fases: uma infantil e ingênua, outra adulta e madura. Na primeira fase, acredita em seres míticos criados pelo próprio humano, na busca de compreender o universo; já na fase adulta, amadurecida e evoluída por meio de processos naturais, raciocina e procura explicar todas as coisas baseadas em "princípios apriorísticos aos quais empresta, espontaneamente, um valor absoluto, como se ele detivesse em si, em suas intuições e em sua lógica própria, as chaves da natureza" (CHRÉTIEN, 1994, p. 27-28).

Essa base histórica do progresso do espírito humano, em que o cientificismo se assenta, propõe a ciência como o uso da razão; uma razão capaz de revelar a verdade e desvendar a natureza. Chrétien, baseado nessa visão, descreve a ciência como "[...] obra e expressão de um espírito que atingiu a maturidade, que tomou posse, definitivamente, de seus recursos, e produz uma forma acabada de conhecimento" (CHRÉTIEN, 1994, p. 28).

Desse modo, a ciência é concebida como o próprio conhecimento, e o método científico não pode ser questionado e, por isso, não se abala.

A outra base em que o cientificismo se assenta diz respeito à crença na universalidade e na onipotência do *método*, entendido por Berthelot como um modo de extrair o conhecimento por meio da observação e da experiência. Esse método torna-se "uma ascese e uma cultura geral do espírito, tanto no plano moral quanto intelectual" (CHRÉTIEN, 1994, p. 28).

Compreendemos que essa visão da ciência apresentada pelos cientificistas do século XIX, é, de certo modo, perigosa na medida em que vem concebida como verdade inquestionável, e detentora da verdade, sendo que ela é uma obra do homem, passível de erros e sujeita a aprimoramentos. Não negamos, no entanto, o valor da ciência e das suas realizações de grande proveito para as sociedades modernas. Compartilhamos, assim, o pensamento de Chrétien:

> A ciência é uma obra humana, demasiado humana: ao compreendermos esta verdade elementar e indispensável, travamos o mecanismo da idolatria e podemos avaliar melhor a dimensão da empreitada científica. Renunciando aos mitos, reconhecemos ao mesmo tempo seus limites e sua inimitável grandeza (CHRÉTIEN, 1994, p. 44).

Em continuação ao desenvolvimento do conceito de cientificismo, apresentamos as ideias da pesquisadora Susan Haack que, em diversos aspectos, se aproximam das ideias defendidas por Chrétien:

> O cientificismo é uma espécie de deferência exagerada em relação à ciência, uma disponibilidade excessiva de aceitar como autoridade qualquer alegação feita pelas ciências, e para descartar qualquer tipo de crítica da ciência ou seus praticantes como o preconceito anti-científico. Anticiência é um tipo exagerado de suspeita da ciência, uma disponibilidade excessiva de ver os interesses dos poderosos no trabalho em cada afirmação científica, e para aceitar todo o tipo de crítica da ciência ou dos seus praticantes como um modo de minar suas pretensões de nos dizer como o mundo é. O problema, claro, é para dizer quando a deferência, ou a suspeita, é "excessiva" (HAACK, 2003, p. 17-18)[8].

Nesse trecho, a autora entende como preocupante a questão da ciência não poder ser questionada ou, de certo modo, superada. Ela observa como sendo um problema o momento em que a deferência ou a suspeita que reina no mundo científico toma proporções exageradas. Assim como Chrétien, a pesquisadora concebe o cientificismo como uma disponibilidade excessiva e exagerada em aceitar como autoridade os feitos da ciência, levando os cientificistas a não aceitarem como legítimas quaisquer críticas ao método científico.

Na interpretação de Claude, essa visão da ciência como obra perfeita e acabada leva-a a um patamar religioso e mítico. Porém, como toda obra humana, a ciência é imperfeita e pode ser questionada e superada. Entendemos que esses pesquisadores se contrapõem a esse tipo de ideia cientificista, assim como nós. Nas palavras de Haack, temos:

> A ciência não é sagrada: como todos os empreendimentos humanos, ela é completamente falível, imperfeita, desigual em suas realizações, muitas vezes desastrada, às vezes corrupta, e, claro, incompleta. Nenhum deles, porém, é um truque de confiança: as ciências naturais, de qualquer forma, já estão, certamente, entre os mais exitosos dos empreendimentos humanos. O núcleo do que precisa ser resolvido diz respeito à natureza e às condições do conhecimento científico, provas e investigação; é epistemológico [...] O que precisamos é um entendimento da investigação nas ciências, que é, no sentido comum, não técnico da palavra, realista, nem superestimar nem subestimar o que as ciências podem fazer (HAACK, 2003, p. 19)[9].

---

[8] Tradução nossa.
[9] Tradução nossa.

Assim, segundo os autores citados, compreendemos a ciência como uma obra humana e, por isso, imperfeita e incompleta. Assim, acreditamos que suas descobertas e realizações são muito importantes para o desenvolvimento da sociedade, mas acreditamos que essas descobertas e realizações podem tanto beneficiar como prejudicar a humanidade. Como opina Haack, a ciência pode ser corrupta e, por isso, não é imparcial. Por isso, segue, muitas vezes, as lógicas do mercado e do lucro para realizar seus empreendimentos, e não trabalha sempre para a construção de uma sociedade mais justa, como muitos acreditam e pregam.

Nossa intenção não é, por isso, subestimar o valor da ciência na sociedade, visto que reconhecemos o valor de diversas pesquisas no campo da medicina, da biologia e da química, por exemplo, que foram capazes de salvar vidas. No entanto, não acreditamos que a tarefa de desenvolver técnicas e meios de contribuir para a construção de uma sociedade melhor para todos seja a sua única missão.

Trataremos mais desse assunto, o cientificismo, na seção a respeito do "positivismo", em que apresentaremos tanto aspectos negativos como positivos da visão cientificista no contexto histórico de fins do século XIX e início do XX, no Brasil.

2.2 Espaços para a ciência no Brasil

Sabemos que os estudos científicos e o lugar que as ciências ocuparam na sociedade brasileira possuíram uma importância e uma relevância bastante destacadas no século XIX, com ênfase para o seu final, em que a ciência figurou como chave para a resolução de diversos problemas sociais, culturais, políticos e econômicos.

No campo dos problemas sociais, culturais e políticos temos, destacadamente, as questões da definição da identidade/nacionalidade do povo, ou seja, a resposta para o questionamento acerca do que significava ser um brasileiro e do lugar que o País ocupava no mundo que, a essa altura, já estava na era da globalização, do capitalismo e do progresso. Já no campo dos problemas econômicos e políticos, a tecnologia, como sinônimo de ciência, surgiu como o meio que levaria o Brasil a tornar-se uma sociedade capitalista, evoluída e moderna.

A ciência participou dos assuntos da sociedade de modo soberano no período oitocentista, com ênfase para a segunda metade do século. Essa supremacia aconteceu, principalmente, pelo fato de ela desfrutar de um *status* de verdade, objetividade e imparcialidade nas suas investigações e descobertas; por isso, sua importância e influência cresceram muito nesse período.

Especificamente no Segundo Reinado, as ciências atuaram como instrumento de descoberta e exploração dos recursos naturais e da cultura dos povos nativos e, também, como ferramenta de "universalização" do País nos moldes europeus. Essa "universalização" viria para modernizá-lo e alçá-lo no contexto internacional como um país reconhecidamente civilizado, moderno e desenvolvido. Essa iniciativa é resultante da identificação da elite brasileira com a cultura ocidental; assim, a identidade do brasileiro deveria ser a europeia, pretensão bastante difícil para o período, já que o País estava "infestado"[10] de indígenas e negros.

Assim, a ciência foi utilizada como chave para a resolução dessa "questão nacional": tornar o Brasil reconhecidamente civilizado, moderno e desenvolvido; essa mesma ciência também foi utilizada para o fortalecimento do "Estado Nacional" enquanto "um Estado iluminado, esclarecido e civilizador" (GUIMARÃES, 1988, p. 10).

No Brasil do período republicano (República Velha), a ciência também atuou para fortalecer esse regime político, pois a mesma "questão nacional" ainda estava em voga e foi destinado às práticas científicas e às teorias cientificistas o mesmo papel explicador e norteador da sociedade quanto à sua identidade nacional e o seu desejo de identificação com os países europeus nos âmbitos cultural, social, político e econômico.

Nesse contexto, a urgência em tornar o Brasil civilizado e moderno foi maior, visto que o País fora considerado atrasado em todos os âmbitos citados acima. Isso se deu pelo fato de ainda se desconhecer o seu povo do ponto de vista geográfico, social e cultural. Esse atraso, também, pode ser entendido pelo fato de o Brasil não estar urbanizado; havia poucos centros urbanos na época, e não ter um sistema de transporte moderno e eficiente.

Entendemos que o papel desempenhado pela ciência tenha sido bastante semelhante nesses dois últimos períodos políticos; também são semelhantes as

[10] Essa expressão fazia sentido para a época em que se acreditava que o atraso do País era devido aos negros e indígenas aqui existentes, considerados inferiores sob o ponto de vista físico, cultural e intelectual.

iniciativas para a institucionalização das ciências no País, como a criação de instituições científicas, escolas politécnicas, entre outras.

Desse modo, é válido frisar que a prática científica e a valorização da ciência não surgiram no Brasil com a proclamação da República; neste período houve aceleramento de um processo que já estava sendo gestado na sociedade brasileira desde o período imperial.

Apresentamos, a seguir, o processo de institucionalização da ciência no Brasil.

2.2.1 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

O IHGB foi criado em 1838, um ano antes de ser implantado o II Reinado, e as iniciativas para que esse Instituto crescesse e ganhasse destaque no campo científico foram tomadas por D. Pedro II, um monarca bem participativo nos assuntos científicos do País, principalmente, a partir da segunda metade do sèculo XIX: "Havia instituições científicas no país, e uma das preocupações do governo imperial após 1870 foi de modernizá-las e colocá-las em padrões reconhecidos internacionalmente. Nestes anos, foram criados novos espaços de pesquisa científica" (DANTES, 1993, p. 383).

Como dito, D. Pedro acompanhou e incentivou a produção científica no Brasil, e esse incentivo foi realizado por meio de financiamento de pesquisas, contratação de pesquisadores, premiação a pesquisas, participação de sessões científicas, entre outras ações. Com o IHGB não foi diferente:

> [...] Cinco anos após a sua fundação, as verbas do Estado Imperial já representavam 75% do orçamento do IHGB, porcentagem que tendeu a se manter constante ao longo do século XIX. Tendo em vista que, para a realização de seus projetos especiais, tais como viagens exploratórias, pesquisas e coletas de material em arquivos estrangeiros, o IHGB se via obrigado a recorrer ao Estado com o pedido de verbas extras, pode-se avaliar como decisiva a ajuda do Estado para sua existência material (GUIMARÃES, 1988, p. 9).

A partir dessas informações podemos perceber, realmente, como foi decisiva a participação do governo para que a pesquisa fosse realizada no País; também percebemos como o conhecimento científico tornou-se decisivo para que o Brasil e o governo imperial se fortalecessem interna e externamente, pois a elite valorizava o saber e a ciência, mostrando uma imagem positiva do País no exterior.

O conhecimento aprofundado da geografia brasileira, por exemplo, favoreceria a delimitação de suas fronteiras e a conquista de mais terras para ocupar e produzir e o conhecimento da cultura e do povo brasileiro contribuiria para a escrita da história do Brasil.

A escrita da história do País se tratava de uma "questão nacional", pois revelaria e delimitaria a identidade do brasileiro. Uma identidade que nos parece um tanto forjada, visto que a intenção era a de que a identidade e a cultura brasileiras fossem colocadas nos padrões europeus. Assim, para a realização desse projeto nacional, o IHGB foi direcionado e responsabilizado. Desse modo, faz-se necessário uma breve apresentação das principais pesquisas e do perfil dos pesquisadores que estavam ligados ao IHGB durante o II Reinado.

Inicialmente, o IHGB priorizou a tarefa de coletar materiais e armazenar documentos a partir de viagens científicas que objetivavam desvendar o Brasil em sua geografia, sua cultura e seu povo. Após sua reinstalação material, em 15 de dezembro de 1849, no Paço Imperial, o Instituto passou a dar prioridade a trabalhos inéditos na área da história, da geografia e da etnologia e o parâmetro para a admissão de seus membros passou a ser a ligação do pesquisador a um desses campos de trabalho (GUIMARÃES, 1988).

As pesquisas também pretendiam desvendar o Brasil em sua geografia, história e etnografia, mas cada vez mais a exigência às adequações científicas internacionais e a preocupação com a questão nacional de configuração da identidade brasileira passaram a direcionar as pesquisas em sua forma e conteúdo.

Tanto no período imperial como no republicano, os pesquisadores que contribuíam com os trabalhos publicados na revista do IHGB faziam parte da elite letrada e intelectual do País. Isso não podia ser diferente, pois, para a realização da pesquisa e a escrita dos trabalhos baseados em critérios internacionais, exigia-se do pesquisador um alto grau de estudo. No caso da contribuição das pesquisas no período imperial, esses pesquisadores faziam parte da chamada elite imperial, que "[...] eram participantes do clero (cônegos, padres, freis), como também portadores de título de nobreza, como o Barão de Antonina, o Visconde de Porto Seguro e outros, além de militares membros da guarda nacional com título de general, major, tenente etc." (MOTA, 2006, p. 128).

Quanto ao principal tema dos trabalhos publicados na revista do IHGB, citamos a temática indígena. O interesse pelo tema vem ao encontro da questão nacional de

escrita da história e de definição da identidade brasileiras. Também há outros interesses políticos com relação a esse assunto: delimitar as fronteiras do País, conseguir mão de obra e fortalecer o Estado Nacional. E para isso seria necessário domesticar os indígenas, já que muitos grupos habitavam nas terras de interesse da Coroa e havia interesse em fazê-los trabalhar no lugar dos escravos que estavam prestes a serem libertos; enfim essas políticas de "inclusão" do indígena fortaleceram o poder do II Reinado pelos motivos acima elencados: o uso da mão de obra do indígena e o ganho de novas terras para ocupação e exploração da elite rural brasileira e delimitação do território nacional por meio do estabelecimento de fronteiras e ocupação e aproveitamento de terras nas áreas fronteiriças.

Esse fortalecimento do Império colocava-se em oposição ao "caos" das repúblicas vizinhas. A essa altura, os países da América Latina, vizinhos do Brasil, já tinham alcançado o regime republicano e interessava ao governo e à sua elite letrada, pertencente ao IHGB, mistificar a República em caos e atraso, e o Império brasileiro em ordem e progresso:

> [...] externamente define-se o 'outro' desta Nação a partir do critério político das diferenças quanto às formas de organização do Estado. Assim, os grandes inimigos externos do Brasil serão as repúblicas latino-americanas, corporificando a forma republicana de governo, ao mesmo tempo, a representação da barbárie (GUIMARÃES, 1988, p. 9).

Como podemos observar nesse trecho, as repúblicas vizinhas são consideradas o "outro", inimigo da Nação, mas quanto ao "outro" interno, o inimigo da civilização, da ordem e do progresso da Nação brasileira, está o indígena e o negro. Nesse momento, o índio ainda poderia ser incluído segundo os interesses da Coroa; as políticas indígenas na verdade eram políticas para os brancos. Diante disso, entendemos, então, que o Estado Nacional excluiu outras populações que não as brancas.

E, na legitimação dessa exclusão, está mais uma vez a ciência a serviço da elite "ilustrada" do Brasil:

> [...] A perspectiva de englobar na instituição estudos de natureza etnográfica, arqueológica e relativos às línguas dos indígenas brasileiros pode ser explicada a partir da própria concepção de escrita da história partilhada pelos intelectuais que a integravam. Presos ainda à concepção herdada do iluminismo, de tratar a história enquanto um

> processo linear e marcado pela noção de progresso, nossos historiadores do IHGB empenhavam-se na tarefa de explicitar para o caso brasileiro essa linha evolutiva, pressupondo certamente o momento que definiam como o coroamento do processo. Neste sentido, lançar mão dos conhecimentos arqueológicos, linguísticos e etnográficos seria a forma de se ter acesso a uma cultura estranha – a dos indígenas existentes no território –, cuja inferioridade em relação à "civilização branca" poderia ser, através de uma argumentação científica, como pretendiam, explicitada. Por outro lado, este mesmo instrumental capacitaria o investigador da história brasileira a recuperar a cadeia civilizadora, demonstrando a inevitabilidade da presença branca como forma de assegurar a plena civilização (GUIMARÃES, 1988, p. 11).

Optamos por apresentar, nas palavras do pesquisador Manoel Guimarães, em seu reconhecido estudo aqui citado, como se deu essa concepção do branco civilizador, empenhado em pesquisas que explicitassem a inferioridade do indígena e a necessidade da elite letrada e rural de civilizá-lo e domesticá-lo.

De modo resumido, apresentaremos os principais temas relacionados às populações indígenas. Para isso utilizaremos o estudo de Mota (2006).

Nos estudos sobre os indígenas podem ser encontradas cerca de 200 etnias. A importância de cada grupo e a intensidade das suas relações interculturais com as populações brancas influenciam o número de estudos relacionados aos grupos.

Os assuntos são diversos, mas giram, em geral, em torno das "relações interculturais estabelecidas entre os europeus e as populações indígenas do Brasil" (MOTA, 2006, p. 133).

Os principais assuntos são a "etnografia", que revela costumes de vida de grupos indígenas abordando aspectos das relações interpessoais existentes nesses grupos, nas formas de governo, nas leis, nas crenças, nas línguas, nos costumes, entre outros aspectos da cultura dos índios; a "catequese e civilização" è um assunto muito recorrente também:

> [...] São artigos que discutem o papel das missões jesuíticas na conversão e civilização dos indígenas e vêem na catequese a melhor forma de tratar as populações indígenas, pois ela, em contraposição à força, à guerra e à violência, seria o meio mais adequado para transformar os índios em brasileiros (MOTA, 2006, p. 135).

Além desses assuntos, há também as "relações interculturais", a "demografia", os "estudos linguísticos", os "mitos e lendas", as "biografias", os "estudos

comparativos", a "arqueologia" e as "interpretações historiográficas e etnográficas". São todos temas preocupados em conhecer os indígenas em sua organização social, sua cultura, e sua interação com os europeus que chegaram ao Brasil desde o período da colonização.

Havia opiniões que indicavam ser possível a integração do indígena ao povo brasileiro, pois eles podiam ser civilizados e catequizados. Havia, porém, controvérsias a essa opinião, visto que alguns grupos da elite acreditavam que os indígenas eram incapazes de sair do seu estado, considerado como primitivo e bárbaro; e também acreditavam que os indígenas desapareceriam do solo brasileiro, sucumbindo ao contato com os europeus, grupo civilizado e superior. Essa crença era baseada nas doutrinas evolucionistas introduzidas no País pregando existirem "raças superiores" e "raças inferiores", e na escala evolutiva estava o branco europeu no topo, deixando para trás todas e quaisquer outras "raças" (negros, indígenas e miscigenados).

Com a proclamação da República, o IHGB precisou se adaptar a uma nova época e a um novo sistema. Como opina Gomes (2010, p. 16), "o IHGB entendeu, com alguma rapidez, que precisava se adaptar a esse novo tempo, partindo para uma recomposição, tanto organizacional como acadêmica, de sua prática e de seu discurso". Basicamente, a questão em torno da "formação do povo brasileiro" se colocava como central, mas a legitimidade do novo regime não poderia ser questionada. Gomes (2010) considera uma tarefa bastante delicada para os intelectuais dessa instituição retomarem as glórias do passado colonial e imperial sem desmerecer o tempo presente. A autora afirma: "Nesse sentido, o desafio dos historiadores do IHGB era o de tornar palatável uma articulação entre Colônia, Império e República, sem obscurecer as tradições dos primeiros, mas sem ferir o desejo de legitimidade da segunda" (GOMES, 2010, p. 17).

Enfim, o IHGB continua com seu projeto de escrita da história nacional, mas agora se envolve com os lemas republicanos de modernização do País. De certo modo, essa preocupação já estava presente no período anterior mas, no contexto da República, a questão da modernização toma proporções bem maiores e tem por base novas conquistas: urbanização, industrialização, saneamento e investimento cada vez maior em ciência e tecnologia.

2.2.2 Museu Nacional e Museu Paulista

O Museu Nacional foi criado em 1818 por D. João VI e pode ser considerado como a primeira instituição científica do Brasil. Essa instituição foi criada para cumprir a missão traçada naquele contexto: desenvolvimento científico, social, cultural e progresso econômico. A partir de 1868, o Museu Nacional foi transferido do Ministério dos Negócios do Império para o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e a pesquisadora Regina Gualtieri (2001) entende que essa mudança de vínculo do museu relacionava-se com o que se esperava dele naquele contexto. Como o País estava prosperando no ramo da agricultura, sobretudo, devido à expansão da cultura cafeeira e, também, a economia estava se diversificando e atividades como a produção fabril e a produção artesanal tinham tomado impulso, o Museu Nacional poderia contribuir para o desenvolvimento dessas atividades, visto que até o momento sua função havia sido colecionar, inventariar e verificar as riquezas do Brasil quanto à sua fauna, flora, constituição geognóstica e a história dos primitivos que habitavam o País, além da sua função educacional.

Em 1876, o Museu Nacional fora reestruturado e suas funções educacionais e de pesquisa vinculadas a atividades econômicas foram reafirmadas; nesse contexto, por meio de um "Regulamento", foi decidida a publicação trimestral de uma revista científica que funcionasse como meio de divulgação dos trabalhos realizados no Museu; deu-se o nome a ela de "Archivos do Museu Nacional" (AMN).

A criação dessa revista estava em conformidade com as aspirações de progresso e desenvolvimento da época; os intelectuais, por meio de revistas e boletins, pretendiam divulgar, tanto no Brasil como no exterior, o fazer científico dos brasileiros, o que poderia, assim, colocar o País "ao nível do século".

Ficou conhecido como "idade de ouro" o "período mais fecundo" do Museu Nacional, em que a sua "reputação científica" cresceu mais, segundo Regina Gualtieri, de acordo com um escrito de 1905 do médico João Batista de Lacerda, por ela citado. Esse período data da administração de Ladislau Netto, entre os anos de 1875 e 1893, e foram publicados oito volumes da revista científica oficial da instituição (AMN) contendo 56 estudos nas seguintes áreas: zoologia, fisiologia, botânica, geologia/paleontologia, antropologia/arqueologia, entre outras.

Nesse período, nas diversas instituições científicas, tanto no Brasil, como em outros países, cada vez mais as pesquisas que envolviam "adaptação dos seres vivos"

foram valorizadas; esse tipo de pesquisa tinha relação com o trabalho de Darwin, que considerava a adaptação evolutiva dos seres um processo natural. Nas áreas de arqueologia e antropologia, também crescia o interesse pela origem dos diferentes povos, como o "homem americano".

No Brasil, especificamente, esse tipo de pesquisa viria para resolver um sério problema da identidade brasileira quanto à sua raça e sua cultura:

> [...] as especificidades da sociedade brasileira estimulavam as discussões que visavam a esclarecer a unidade ou não da origem dos diferentes povos, identificadas, respectivamente, pelas concepções monogenistas e poligenistas. Esses conhecimentos eram essenciais para delinear a evolução social e política de uma nação composta de um povo miscigenado e marcado, de acordo com as teorias da época, pela inferioridade racial (GUALTIERI, 2001, p. 34).

As produções do Museu Nacional podem ser apontadas como parte dos trabalhos pioneiros no Brasil das ideias evolutivas. Ladislau Netto e Fritz Müller foram importantes pesquisadores dessa instituição na época. Ladislau Netto publicou artigos sobre plantas trepadeiras levando em consideração pressupostos básicos da teoria evolucionista de Darwin. Ladislau defendia alguns pressupostos darwinistas e contestava outros em seus trabalhos, enfim, ele acreditava na luta pela sobrevivência em algumas plantas:

> [...] defendeu a tese de que tais plantas foram, no passado, arbustos vigorosos que, habitando florestas sombrias e compactas, distenderam-se, apoiando-se em outros vegetais mais altos, para alcançar a luz. Essa transformação da espécie, ao longo do tempo, constituía para o autor, 'prova da luta pela vida, entre as plantas' (AMN vol.1, 1876: 133) (GUALTIERI, 2001, p. 38).

Fritz Müller foi um naturalista viajante do museu, e seus trabalhos "constituíram um autêntico breviário das teses darwinistas" (GUALTIERI, 2001, p. 44). Esse pesquisador, diferentemente de Ladislau, acreditava que as mudanças ou as variações poderiam ocorrer por motivos desconhecidos, mostrando-se mais fiel aos pressupostos de Darwin.

Além desses dois importantes pesquisadores, houve outros que contribuíram para o desenvolvimento das ideias evolucionistas no Museu Nacional, como o médico

João Joaquim Pizzaro, diretor da seção de zoologia do Museu; o embriologista russo Alexander Kovalevsky; Nicolau J. Moreira; Hermann Von Ihering, entre outros.

As seções foram organizadas do seguinte modo: 1ª. Zoologia, Anatomia e Embriologia Comparada; 2ª. Botânica; 3ª. Mineralogia, Geologia e Paleontologia; 4ª. Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Segundo Lopes (1997), essa alteração refletia mudanças nas concepções do período em que áreas como a antropologia, paleontologia e embriologia ganhavam espaço no Museu, áreas que se relacionavam diretamente com o desenvolvimento das teorias evolucionistas.

De modo resumido, podemos apresentar as principais características do Museu Nacional: instrução pública, conferências públicas, modelo de museu metropolitano e universal e atividades experimentais, como a instalação de laboratórios (ligados a questões de interesse econômico).

Em relação às pesquisas científicas dessa instituição podemos, resumidamente, apresentar os seguintes dados baseados em Gualtieri (2001): as pesquisas em Ciências Naturais predominaram; a área da zoologia (fauna brasileira) teve mais pesquisas e estudos; o programa de pesquisa era similar aos de grandes museus europeus de História Natural. Lacerda defendia a mestiçagem e acreditava que ela não degradaria "as raças", e que seria responsável pelo branqueamento dos brasileiros no período equivalente a um século.

Além disso, houve pesquisas sobre a febre amarela na virada do século, o que foi muito importante, no contexto, já que epidemias como a febre amarela assolavam partes da população brasileira:

> [...] na virada do século, no Brasil, a pesquisa bacteriológica tornou-se especialmente significativa, pois os conhecimentos da área eram requeridos para fundamentar e implementar as propostas de modernização dos centros urbanos e orientar o combate às epidemias (GUALTIERI, 2001, p. 69).

Quanto ao Museu Paulista, observamos que ele foi idealizado e cumpriu funções muito semelhantes ao Museu Nacional quando da sua inauguração, em 1895, na capital do Estado de São Paulo.

> A criação do Museu Paulista, em 1894, conforme apontam diferentes estudos, resultou da confluência de vários fatores, dentre os quais destacam-se as tendências internacionais de expansão generalizada

> dos museus de todos os tipos, cujo apogeu situa-se na década de 1890; o ideário cientificista difundido no Brasil, que atribuía à ciência e à educação o papel de agentes da transformação e modernização da sociedade e a iniciativa pessoal de um pesquisador, Hermann von Ihering, ex-naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que procurou garantir um espaço institucional para realizar seu trabalho científico (GUALTIERI, 2001, p. 84).

As principais funções e características do Museu Paulista, com base em Gualtieri (2001), são a "Instrução pöblica", a "Contribuição ao progresso da ciência", a "Estruturação do Museu nos moldes dos museus especializados, com a intenção de realizar trabalhos completos", "...privilegiar a história natural e cultural do homem, exclusivamente do continente sul-americano", a "especialização do Museu: estudo da zoologia e antropologia sul-americana", "Seção de 'História Nacional' a fim de se preservar e colecionar documentos sobre a independência política do país", "Organização do museu em duas coleções: uma destinada ao pöblico e a outra ao estudo dos pesquisadores" (GUALTIERI, 2001, p. 89).

A primeira publicação da "Revista do Museu Paulista (RMP)", em 1895, tinha o propósito de divulgar no exterior os trabalhos do Museu. Essa iniciativa fazia parte de um esforço brasileiro de divulgação da pesquisa realizada no interior das instituições científicas, tanto em território nacional como estrangeiro.

Esses trabalhos, frutos das pesquisas realizadas no Museu Paulista, contemplavam uma série de assuntos que faziam parte das principais preocupações dessa instituição. Nas palavras de Regina Gualtieri:

> Os assuntos estudados, coerentemente com os objetivos do Museu, circunscreveram-se à natureza e ao homem da América do Sul, privilegiando assuntos relacionados à identificação e classificação de animais fósseis; origem de determinadas faunas e sua distribuição nos ambientes naturais; anatomia, identificação e classificação de animais vertebrados e invertebrados; cultura indígena e objetos pré-históricos. São temáticas caracteristicamente evolucionistas: o estudo da vida presente e passada, a busca de elo entre as duas pela distribuição dos seres vivos no tempo e no espaço. Quanto à classificação dos seres vivos, os trabalhos não só se preocuparam com a identificação dos organismos, mas também em estabelecer relações de parentesco (árvore genealógica), as origens filogenéticas e a distribuição geográfica (GUALTIERI, 2001, p. 98).

Enfim, os trabalhos procuravam apresentar uma ampla cobertura da fauna brasileira, especialmente a paulistana; também havia diversos trabalhos voltados à entomologia (insetos), permitindo que o Museu contribuísse com a área da agricultura; vinculação científica e econômica.

Quanto aos trabalhos de Hermann von Ihering, ele trabalhou com paleontologia, anatomia e zoogeografia de modo simultâneo, e em grande parte das vezes classificou e descreveu a distribuição geográfica, além de classificar e descrever, também, o modo de vida de grupos de animais como crustáceos, peixes, moluscos, aves e mamíferos da América Latina. Esses estudos permitiram que Ihering fosse conformando sua teoria acerca da origem dos continentes e dos mares, acreditando que a América do Sul já teve, em outros tempos, vínculos com outros continentes.

> [...] Ihering observava os critérios gerais de classificação definidos por Darwin e detalhados por Haeckel em suas obras. É importante relembrar que dentre as contribuições decisivas de Darwin à ciência sistemática, no século XIX, esteve o estabelecimento do princípio de que, para a classificação dos seres vivos, deveriam ser consideradas apenas as afinidades verdadeiras ou naturais, isto é, apenas as características definidas pelo parentesco [...] Darwin mostrou ainda que as classificações poderiam resultar incorretas caso fossem consideradas apenas as semelhanças entre os indivíduos, já que muitas delas eram analógicas. Era importante conhecer também a maneira pela qual as diversas formas se apresentavam em função das condições ambientais, sua distribuição geográfica, seus hábitos de vida, seu desenvolvimento embrionário, pois ajudariam na determinação do parentesco (GUALTIERI, 2001, p. 113 -114).

Esses princípios terminaram por influenciar na maneira com que as coleções eram expostas nos museus, zoológicos, jardins botânicos e herbários.

É importante também colocar a questão da influência darwinista quanto a um determinismo de cunho racial em Ihering:

> [...] influência de um determinismo de cunho racial que considerava as raças humanas essencialmente diversas e com potenciais diferentes. Em seus estudos sobre os índios, demonstrou sua contrariedade em relação à aculturação e à catequese indígenas [...] a aculturação promovia apenas a descaracterização das tradições indígenas, e não representava uma melhoria na condição da humanidade desses indivíduos (RPM, 1895:44). Além disso, na sua compreensão, a conversão dos índios não resultou satisfatória, porque, ao se unirem

> aos portugueses imigrados, deixaram uma influência maléfica nos hábitos da população rural... (GUALTIERI, 2001, p. 115).

Ele defendeu o extermínio de um grupo indígena, Os Caingang, por estarem "impedindo" o desenvolvimento/progresso da sociedade. Por isso, Ihering enfrentou oposição de alguns intelectuais positivistas. A partir das palavras de Regina Gualtieri, temos: "suas posições discriminatórias eram por ele consideradas científicas, porque estavam escudadas no modelo darwinista social de acordo com o qual as diferenças identificadas entre as raças humanas eram definitivas e, portanto, irreparáveis" (GUALTIERI, 2001, p. 117).

Hermman von Ihering aceitava a seleção natural como causa da diversificação e adaptação dos seres vivos. Ele acreditava que as variações não dependiam do ambiente externo, mas somente de algo intrínseco ao ser.

Essa posição de Hermman foi considerada pelo seu filho, Rodolpho von Ihering, como sendo neolamarquista; com filiações a Darwin e Haeckel, mas sem ser propriamente darwiniana.

Rodolpho von Ihering trabalhou no Museu de 1902 a 1916; suas publicações possuem um pioneirismo no estudo da piscicultura; estudos sobre insetos, anfíbios, répteis, além dos peixes; esses estudos versavam sobre a sistemática, a biologia e a distribuição geográfica dos seres vivos; preocupações, como o pai, sobre a gênese dos continentes; também não acreditava ser a seleção natural a causa do processo evolutivo; ele acreditava em um princípio teleológico orientando o processo evolutivo.

> A linha editorial da Revista, sem dúvidas, expressava uma compreensão teleológica do processo evolutivo. Ficou claro, no conjunto dos trabalhos examinados, que seus autores compreendiam a modificação dos organismos não como resposta às exigências de um meio cambiante, ou decorrência de variações casuais selecionadas em função da adaptação que propiciavam, mas devido à existência de forças internas aos seres vivos sem referência às demandas funcionais ou do ambiente, que poderiam constituir a revelação de um plano divino (GUALTIERI, 2001, p. 127).

Com o passar do tempo, houve uma transformação paulatina do Museu Paulista em museu histórico, e as coleções de história natural foram doadas, aos poucos, a várias instituições científicas.

2.3 Teorias evolucionistas

As teorias evolucionistas ganharam expressão no Brasil a partir da década de 70, no século XIX, época em que essas teorias também estavam em alta nos grandes centros de pesquisa do mundo, como agremiações, museus, institutos, jardins botânicos e universidades. Juntamente ao evolucionismo, outras ideias como o positivismo e o materialismo tomaram impulso no País.

Basicamente, as ideias evolucionistas que mobilizaram as atividades científicas e intelectuais da elite letrada brasileira giraram em torno do evolucionismo darwinista e de outros evolucionismos relacionados a ele, como o spencerismo e o haeckelismo, que serão tratados adiante.

Para o desenvolvimento dessas ideias utilizamos os trabalhos de Gualtieri (2000), Domingues e Sá (2003), entre outros, os quais citaremos ao longo da nossa exposição.

As pesquisadoras Domingues e Sá consideram o Brasil um país *sui generis* no que diz respeito à recepção das ideias evolucionistas, pois houve tanto aderência como resistência aos evolucionismos aqui difundidos. Também surgiram controvérsias em relação à ideia de evolução, concebida pelos darwinistas de modo diferente dos seus opositores. As teorias de Quatrefages, grande opositor de Darwin, ganharam força e diversos seguidores no Brasil, sendo um deles tratava-se do o próprio imperador, D. Pedro II, que se correspondeu por muitos anos com esse pesquisador acerca das suas teorias. Isso demonstra que não foram somente as teorias darwinistas que reinaram no Brasil em fins do século XIX.

A respeito do sucesso dessas ideias em torno da questão "evolução" e sua difusão no País, Gualtieri, a partir de sua pesquisa de doutoramento, observa:

> [...] várias correntes evolucionistas – o darwinismo, o haeckelismo e o spencerismo – deram argumentos para o debate social, político e econômico que estava ocorrendo no país e para a formação do espírito crítico [...] em cada uma dessas correntes, havia elementos que facilmente se converteram em instrumentos de explicação da realidade e, sobretudo, forneceram argumentos considerados científicos para o projeto de transformação política e social que estava sendo elaborado por uma parte de nossas elites [...] De fato, ideias como a seleção natural e a luta pela vida de Darwin, o recapitulacionismo de Haeckel e a lei da diferenciação progressista de Spencer eram muito atraentes no Brasil do final do século, que estava tentando se transformar, se modernizar (GUALTIERI, 2001 , p. 5).

Assim, as ideias evolucionistas, formuladas a partir de conceitos científicos, tomaram impulso na sociedade brasileira para contribuir com a resolução da "questão nacional", tratada anteriormente.

Como apresentamos, essa questão nacional, que girava em torno da identidade nacional e da construção da nossa história, poderia ser solucionada a partir da atuação da ciência que também tinha o papel missionário de modernizar, urbanizar e civilizar o País.

Segundo as concepções dos darwinistas, o processo evolutivo permitiu que os melhores adaptados "vencessem" os menos adaptados e, a partir de uma seleção natural, estes desapareceriam; isso caracteriza a luta pela vida, em inglês *struggle for life*. Aplicando à sociedade, essa luta pela vida e seleção natural poderiam permitir o combate de opositores "incompetentes" e "apáticos", "em nome de transformações pretendidas" (GUALTIERI, 2001, p. 6).

Em relação ao pensamento dos evolucionistas de matiz spenceriana, entendemos que os princípios responsáveis pela evolução dos seres vivos também poderiam dirigir o processo de evolução das sociedades, em uma escala de evolução das sociedades mais simples até as mais complexas. Desse modo, as sociedades mais simples, ou menos evoluídas, poderiam se tornar mais complexas se seguissem os passos das sociedades mais evoluídas (GUALTIERI, 2001).

Já no que diz respeito à vertente haeckeliana, temos a concepção de que, da mesma forma que um indivíduo poderia recapitular a história evolutiva do seu grupo, durante o seu processo evolutivo, o processo de civilização de uma sociedade poderia recapitular a história de sociedades civilizadas (GUALTIERI, 2001).

Percebemos, a partir dessas concepções dos evolucionismos difundidos no Brasil, a ideia de que havia povos mais civilizados que outros e a salvação dos menos civilizados e evoluídos seria uma aproximação social e cultural das sociedades menos evoluídas às mais evoluidas.

Essas correntes de pensamentos também entendiam que as sociedades complexas e evoluídas seriam aquelas que haviam conseguido dominar a natureza a seu favor, eram urbanizadas e tecnológicas. Ao pesquisarmos a fonte, *O Estado*, encontramos essa ideia sintetizada nas palavras do correspondente do *Jornal do Commercio*, o capitão Manoel Benício. Ele, ao comparar os "jagunços" com os homens

do Exército, apresenta a questão da civilização e da modernidade relacionada ao domínio da Natureza e ao uso da tecnologia:

> O homem primitivo temia a força dos elementos da natureza e, em vem de reagir contra elles, enfurnava-se nas cavernas, deixando na frase popular, *a natureza obrar*. A chuva, o fogo e o vento eram para elle phenomenos, que, não podendo explicar nem aproveitar como os homens modernos, acceitava-os na conta de factos, contra os quaes toda noção era inutil. Assim já não o comprehende o homem civilisado. Em parte dominou os elementos e delles se serve como machinas a seu bel prazer e em seu proveito, que o da humanidade (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 de agosto de 1897, p. 1).

Nesse contexto, os conselheiristas são considerados incivilizados e atrasados, pois não dominam a Natureza e se enfurnam em tocas. Já, os soldados são civilizados e modernos, pois utilizam uma artilharia moderna e não se escondem em trincheiras.

Quanto à situação brasileira no final do século XIX, de modo geral, ela poderia ser considerada atrasada, pois urgia sua modernização e sua evolução; o País precisava, finalmente, entrar na marcha do progresso. Porém, essas mesmas correntes de pensamento, as quais consideravam que a sociedade brasileira estava atrasada, entendiam que havia um meio de "salvar" o País. Sobre isso, Gualtieri observa:

> Tais convicções evolucionistas permitiam aos seus adeptos ter uma postura otimista quanto à possibilidade de o Brasil superar seu atraso econômico social e político. Bastava olhar as nações mais civilizadas para conhecer a direção a seguir. Espelhando-se na Europa, poderiam propor um programa de ação que levasse à queda da monarquia, à extinção do trabalho escravo, à introdução do trabalho livre, a privilegiar a livre concorrência e reexaminar a concepção do Estado (GUALTIERI, 2001, p. 6).

Assim, o caminho a ser percorrido pela Nação brasileira privilegiava o regime republicano, o trabalho livre e, também, a modernização e a valorização das ciências e do conhecimento. Temos, tanto os evolucionistas defendendo essas ideias, como os positivistas que pregavam a república, o cientificismo e o fim do trabalho escravo.

Na próxima seção abordaremos essa corrente teórica que, junto com os evolucionismos, tomaram impulso nesse contexto de fins do século XIX.

O desenvolvimento dessa seção se deu a partir da síntese dos trabalhos de Alonso (1996 e 2002), Bosi (2004) e Castro (1995) e Ferreira (2007).

2.4 O positivismo no Brasil

O positivismo é uma corrente filosófica e política com base em um sistema doutrinário e metodológico que, além de outras concepções, considera o conhecimento científico capaz de explicar a realidade e se apresenta como um projeto político-científico de civilização.

Durante o século XIX, o positivismo foi gerado na França por Auguste Comte e, devido a uma guinada teórica e doutrinária do autor, houve cisões entre seus seguidores. Alonso (1996, p. 110) entende que essa guinada se tratou do seguinte movimento: "O positivismo tinha deixado de ser uma filosofia social estrito senso para apresentar-se como um projeto político-científico de civilização". Assim, esse novo projeto estabelecia a política positiva como a religião da humanidade, em que, independentemente da vontade humana, o estado positivo haveria de efetivar-se. Comte passou a apresentar a democracia como uma ilusão metafísica que estaria fadada ao desaparecimento, e nesse contexto, "o regime político da humanidade futura deve ser uma ditadura positiva, comandada por uma 'classe de sábios'" (ALONSO, 1996, p. 110).

Em um trecho de Comte, no *Discours sur l'Esprit Positif*, de 1844, citado por Alonso (1996), o autor discorre acerca das diversas acepções da palavra "positivo":

> Considerada de início em sua acepção mais antiga e comum, a palavra positivo designa real, em oposição a quimérico. [...] Num segundo sentido, muito vizinho do precedente, embora distinto, esse termo fundamental indica o contraste entre útil e ocioso. [...] Segundo uma terceira significação usual, essa feliz expressão é frequentemente empregada para qualificar a oposição entre a certeza e a indecisão. [...] Uma quarta acepção ordinária, muitas vezes confundida com a precedente, consiste em opor o preciso ao vago. [...] É preciso, enfim, observar especialmente uma quinta aplicação, menos usada que as outras, embora igualmente universal, quando se emprega a palavra positivo como contrária a negativo (COMTE, 1990, p. 62. Apud. ALONSO, 1996, p. 109).

O positivismo pode ser entendido, assim, como o método que valoriza o real, o útil, a certeza e a precisão do conhecimento. Para Auguste Comte, a ciência somente triunfaria quando ocorresse a união espontânea e necessária da razão com a realidade (ALONSO, 1996).

Ao relacionarmos essa ideologia positivista com a realidade das sociedades da época, a segunda metade do século XIX, encontramos muitos seguidores de Comte na Inglaterra, mas, fora desse país, o impacto positivista foi relativamente pequeno no continente europeu e nos Estados Unidos, como aponta Alonso (1996). Já em relação à América do Sul, o impacto e a aceitação dessa doutrina foi maior:

> Estava-lhe reservado, porém, o entusiasmo da América Latina, onde vários países receberam a boa nova positivista, seduzidos, talvez, por seu universalismo, que prometia a inserção de todas as nações na grande marcha da civilização. Para países periféricos não era pouco; encontravam no positivismo uma teoria capaz de fornecer instrumentos para transformar suas histórias nacionais e vinculá-las à história universal (ALONSO, 1996, p. 111).

Interessa-nos abordar, nesse contexto latino americano, o Brasil e os espaços de recepção e interpretação criados aqui para o positivismo que, em parte, correspondem ao exposto no trecho anteriormente citado: o universalismo como ferramenta de inserção de todas as nações na marcha da civilização.

Porém, não devemos considerar, segundo Alonso (2002), essa inclinação dos intelectuais e agentes sociais brasileiros às concepções positivistas como uma aceitação acrítica e isenta de interpretação e destinação política e social desse ideário positivista. Assim, no Brasil, não apenas uma aceitação, mas uma identificação da realidade nacional com essas teorias que, além de explicar a sociedade, poderiam contribuir para a sua renovação.

Alonso (2002) se debruça sobre os estudos e a produção do movimento intelectual e político da "geração de 1870", e propõe uma reinterpretação das ideias e da visão dos estudiosos acerca desse movimento. Resumidamente, esse movimento adotou e aplicou â realidade nacional as diversas teorias cientificistas que circularam na època. Entre elas temos, alèm do positivismo, os evolucionismos e o liberalismo.

Ângela Alonso, a partir de uma análise sociológica do período, preocupa-se atentamente com o contexto social da formação das ideias dessa època. A autora pontua a importãncia da atuação de liberais, positivistas, evolucionistas, darwinistas sociais no campo político para a renovação da política brasileira, mostrando como as ideias defendidas por esses intelectuais contribuíram com o enfraquecimento do regime imperial. Assim, Alonso entende a "geração de 1870" não como um movimento tipicamente intelectual, mas acima de tudo social. Sobre essa visão defendida por ela,

apresentamos a interpretação de Ferreira (2007):

> Partindo da crítica ao diagnóstico da imitação, isto é, a afirmação de que, no Brasil, a manifestação das doutrinas filosóficas e/ou das teorias científicas do final do século XIX (dentre elas, é claro, o positivismo) não passou de um pobre simulacro dos modelos originais europeus, Ângela Alonso se propõe a reinterpretar o movimento intelectual brasileiro do final do século XIX atribuindo-lhe um significado eminentemente político, isto é, enfatizando o caráter de ação coletiva de contestação da ordem social imperial-escravocrata (FERREIRA, 2007, p. 5).

Em relação às abordagens que objetivam a interpretação do movimento intelectual da "geração de 1870", a autora entende que há a separação entre o campo intelectual e o político, ou seja, há autores classificados em um campo e outros no outro campo. Porèm, Alonso não considera essa separação legítima, pois não havia nesse período no País, segundo ela, um grupo que se ocupasse exclusivamente da produção intelectual. Em relação a isso, a autora se posiciona:

> Embora tenha se tornado uma convenção, a divisão da geração 1870 em um grupo de cientificistas pouco atentos às questões nacionais e outro de pensadores politicamente empenhados è um anacronismo. É resultado do árbitro dos intèrpretes, que selecionaram características intelectuais em detrimento das políticas. Os grupos tanto se identificavam por termos doutrinários quanto por posicionamentos políticos (ALONSO, 2002, p. 30).

Diante dessa visão de Alonso (2002), que apresenta o movimento de 1870 como um movimento político e social, entendemos que o positivismo não se resumiu apenas a uma Igreja que procurava doutrinar a sociedade brasileira a partir das concepções europeias relativas à universalização cultural e social de todas as nações a um modelo de civilização.

Como propõe Alonso (2002), não podemos separar o discurso dessa geração das suas ações. Desse modo, apresentaremos as principais tendências e lemas do movimento positivista que iam de encontro a um objetivo comum: a transformação social da realidade brasileira em uma nação civilizada e moderna.

Ferreira (2007) observa que essas características comuns aos positivistas de fins do século XIX e início do século XX compõem o que ele chama de "*ethos* positivista".

Esse *ethos* segue uma orientação "na definição da função social da ciência e, consequentemente, do papel social do cientista no Brasil" (FERREIRA, 2007, p. 6).

De modo breve, apresentaremos essas características comuns e depois comentaremos cada uma delas. São estas: cientificismo; senso de uma missão social; uso de um vocabulário específico; discurso que defendia a nacionalidade e, por fim, os positivistas eram republicanos.

O cientificismo, como já apresentamos, pode ser entendido como uma ideia que concebe a ciência como um método de investigação e de produção do conhecimento capaz de entender e explicar a realidade; concebe a ciência como o próprio conhecimento, assim ela não pode ser criticada ou superada. Nas palavras de Alonso, a respeito disso, temos:

> [...] os positivistas fazem parte do cientificismo, isto é, comungam a crença na capacidade da ciência em descobrir as leis que regem os fenômenos sociais e de fornecer instrumentos de explicação e de intervenção na realidade. A ciência é vista como a alavanca do progresso e da civilização, como meio de informar e conformar diagnósticos do atraso brasileiro e construir projetos civilizatórios. Daí se deriva como regra comum a subsunção da política à ciência e a proposição dos cientistas como uma espécie de vanguarda da civilização. Porém, ao contrário dos que aderem a Spencer, todos os positivistas mantêm fidelidade à teoria da ciência de Comte, como também ao seu relativismo e à unidade metodológica das ciências. No que diz respeito ao corpo teórico da obra de Comte, e das ilações daí derivadas, temos também concordância básica. Se é a ciência quem fornece as regras de inteligibilidade do real, é também uma das ciências, a Sociologia, quem explica e legisla sobre os fenômenos da vida em sociedade; logo, apenas ela poderá compreendê-los. Ou seja, seguindo Comte, os positivistas brasileiros vão tratar todas as questões políticas, econômicas e culturais como problemas sociais, que deveriam ser solucionados cientificamente pela *physique sociale*, a Sociologia (ALONSO, 2002, p. 124).

A partir do exposto por Alonso, percebemos que o cientificismo pode ser interpretado, nesse contexto, como uma corrente de pensamento que tomou formas diferentes entre os cientificistas brasileiros e não pode ser encarado como uma característica exclusiva dos positivistas. Assim, o que diferenciava o cientificismo defendido pela escola positiva era a crença na ciência como um instrumento social revelador e transformador da realidade. Nesse sentido, os positivistas se autodenominavam missionários que visavam o bem-estar coletivo, sempre utilizando o método científico como argumento de autoridade.

No trabalho de Bosi (2004), o autor classifica como "saldo positivo" a militãncia positivista em torno de questões sociais da realidade brasileira da época:

> Constam entre os efeitos salutares da militância ortodoxa algumas iniciativas que, em várias conjunturas, se opuseram ao pesado conformismo social de nossas oligarquias liberais desde o fim do Império até o ocaso da República Velha. Pertencem ao saldo positivo: o pensamento antropológico anti-racista; a precoce adesão à campanha abolicionista mais radical; a luta pelo Estado republicano leigo com a consequente instituição do casamento civil, do registro civil obrigatório e da laicização dos cemitérios; a exigência sempre reiterada da austeridade financeira no trato da coisa pública; enfim, o interesse pela humanização das condições de trabalho operário, que resultou, tanto na França da Terceira República como no Brasil, em propostas de leis trabalhistas, afinal implementadas quando políticos gaúchos de formação positivista ascenderam ao poder central em 1930 (BOSI, 2004, p. 22).

Ao longo do seu texto, Bosi discorre sobre cada um desses lemas que integravam a militância positivista, esclarecendo as particularidades que essas reivindicações tiveram nesse contexto específico, mas não é do nosso interesse o aprofundamento dessas questões nesse momento. Interessa-nos observar que esse "saldo positivo", mencionado pelo autor, apesar de conter alguns elementos que criticamos, como o fato de a ciência possuir a missão civilizadora de "salvar" a Nação brasileira do atraso, contém elementos críticos de transformação social que contribuíram para a época de modo significativo.

Sobre as características que compuseram o *ethos* dos positivistas, apontamos a existência de uma espècie de "língua positivista". Alonso (2002) observa o uso de "um vocabulário específico, composto por conceitos e preconceitos de Comte, incluindo aí termos que criou para designar períodos ou grupos sociais específicos e que se cristalizaram" (ALONSO, 2002, p. 124). Como exemplo, a autora cita, de acordo com Nachman (1972, p. 52), os termos "legismo" e "pedantocracia", que constituíram um tipo de código linguístico presente no discurso dos positivistas.

Outra característica desse *ethos* é o discurso em defesa da nacionalidade brasileira do ponto de vista da ciência, o que dá um caráter modernizador a essa visão. Citamos um trecho de Alonso que, de modo sintético e pertinente, aborda essa questão:

> [...] em consonância com as demais correntes cientificistas, o positivismo procura trazer o discurso legitimador da nacionalidade do campo da literatura romântica para o da ciência, postando-se do lado dos cientistas contra os bacharéis e literatos. No entanto, à diferença delas, se apresenta

> como uma ideologia modernizadora, moralmente orientada, que se opõe ao liberalismo. Esses vários níveis de disputa apontam para a vocação modernizadora do positivismo brasileiro, o que já o distingue do positivismo francês ou latino-americano; uma modernização monitorada por uma vanguarda em que são privilegiadas as transformações evolucionárias e graduais (ALONSO, 2002, p. 124).

E, por fim, mencionamos que os positivistas eram decididamente republicanos e militavam em favor desse ideal.

Faz-se necessário abordar essa questão acerca do positivismo defender os ideais republicanos, pois, no contexto brasileiro, será decisivo para que a República seja proclamada no Brasil.

Segundo Celso Castro (1995), os militares que orquestraram o golpe que derrubou a Monarquia, identificados com ideias positivistas, eram de uma "mocidade militar" desgostosa com o *status* baixo da classe militar, que se entendia diferenciada, comparados aos bacharéis de direito, por ter em seu currículo o estudo das ciências e da matemática.

Essa "mocidade militar", oriunda da Escola Militar da Praia Vermelha (Rio de Janeiro), não se identificava, somente, com os ideais positivistas; tratavam-se de jovens que se identificavam com os ideais cientificistas reinantes, no fim do século XIX, das teorias evolucionistas e do positivismo.

Nesse contexto foi criada, segundo Castro (1995), uma identidade social entre essa "mocidade militar", em que o estudo das ciências e da matemática era considerado como um "poderoso elemento simbólico" de diferenciação dessa classe. O autor alerta que o cientificismo não foi exclusivo dos jovens militares, pois ele foi desenvolvido, também, nas escolas de direito e de medicina. Porém, no caso desses jovens da Escola Militar da Praia Vermelha, tratou-se de um elemento, como já citado, definidor de sua identidade nacional e formador de uma mentalidade militar, predominando em seus discursos elementos do discurso "científico" (CASTRO, 1995, p. 56).

É interessante mencionar, quanto a essa identidade social e esse clima intelectual da Escola Militar, que havia os meios de comunicação dos jovens militares, nos quais eles publicavam seus textos, como a *Revista da Família Acadêmica*. O correspondente de *O Estado*, Euclides da Cunha, foi aluno da Escola Militar e, como já sabemos, tornou-se um republicano, positivista e intelectual que compreendia a ciência como um elemento explicador da realidade.

Assim como Euclides da Cunha, esses jovens militares, identificados com o ideal republicano de progresso e modernização, estavam convictos da missão social e civilizadora do ideal republicano; esses jovens desejavam, também, que a sua classe social progredisse e gozasse de *status* na sociedade – algo, nesse contexto, exclusivo dos bacharéis.

Esse ideal cientificista e republicano almejava colocar o País no "nível do sèculo" pois, segundo esses ideais cientificistas (positivistas e evolucionistas), os positivistas concebiam a identidade e a história nacional como parte de um processo universal. Segundo Castro:

> Aplicadas à realidade brasileira, essas diferentes interpretações cientificistas apontavam num único sentido: a história nacional era pensada como parte do movimento universal (...) Dada a identidade nacional e o universal, a situação específica do Brasil passava a ser vista como uma etapa de um percurso já realizado pelas nações 'mais adiantadas'. Para o cientificista, pois, cumpria apressar a marcha do progresso do país, de forma a que ele passasse a tomar parte, ativamente, da história universal (CASTRO, 1995, p. 56).

Assim, a partir de algumas tensões envolvendo os militares e a sua honra, que não abordaremos aqui, a República foi proclamada. A motivação principal não se tratou de "questões militares", mas de ideias comungadas por um grupo de militares que, por meio de conceitos positivistas e um ideal republicano, colocaram-se na missão de livrar o País do atraso e acelerar a marcha do progresso, garantido, também, com a sua postura militar, a ordem da sociedade.

Não nos interessa, nesse contexto, alongarmos a questão da proclamação do regime republicano que nos parece bem complexa; nossa intenção era contextualizar a formação de uma identidade social militar em conformidade com ideais republicanos. Vale ressaltar que essa identidade republicana não foi comungada por toda a classe militar, mas por um grupo, como apontou Celso Castro, de uma juventude afinada com os ideais cientificistas da época.

Também é importante frisar que esses ideais cientificistas (positivistas e evolucionistas) não eram exclusividade dos jovens militares; eles estavam sendo gestados em diversos setores da sociedade, como institutos de pesquisa, museus, universidades, escolas militares e escola politécnica, escolas de medicina, clubes e associações sociais diversas e na "grande imprensa".

Como exemplo disso, podemos citar que o bacharel Rui Barbosa, figura ilustre da época, utilizou em um de seus discursos, a respeito de Canudos, ideias cientificistas de modo bastante orgânico. Seu discurso, com uma breve análise, será apresentado no próximo capítulo.

2.5 Modernização e repressão a movimentos sociais

No contexto da Revolta da Vacina, que data de 1904, urgia à sociedade brasileira universalizar-se aos moldes dos países europeus: construir uma identidade nacional branca, civilizada, moderna e capitalizada. Essa identidade buscada diz respeito à integração do Brasil com os "países centrais", a dita "ocidentalização". Isso faz o País identificar-se com as teorias e os modos de pensar europeus: "A questão crucial passava a ser, então, colocar o país ao 'nível do sèculo'" (DANTES, 1993, p. 379).

Entendemos que os estudos científicos e o lugar que a ciência ocupou no Brasil, nesse contexto, possuíram importância e relevância bastante destacadas, em que a ciência figurou como chave para a resolução dessa "questão nacional" posta acima de outros problemas.

No campo dos problemas sociais, culturais e políticos temos, destacadamente, as questões da definição da identidade/nacionalidade do povo, ou seja, a resposta para o questionamento do que significava ser um brasileiro, e do lugar que o País ocupava no mundo que, a essa altura, já estava na era da globalização, do capitalismo e do progresso. Já no campo dos problemas econômicos e políticos, a tecnologia, como sinônimo de ciência, surge como o meio que levaria o Brasil a tornar-se uma sociedade capitalista, evoluída e moderna, ou seja, que se utiliza da tecnologia para melhorar a produção de alimentos e para seu transporte, por exemplo. Também para a produção de produtos destinados ao consumo dos brasileiros, o que iria gerar muitos lucros. Enfim, para a "universalização" do País aos moldes europeus, a ciência teria um importantíssimo papel.

Consequentemente, a "universalização" do Brasil viria para modernizá-lo e alçá-lo no contexto internacional como uma Nação reconhecidamente civilizada, moderna e desenvolvida. Essa iniciativa é resultante da identificação, por parte da elite intelectual, do Brasil com a Europa e sua cultura; assim, a identidade do brasileiro deveria ser a

europeia, pretensão bastante difícil para o período, já que o País era composto em sua maioria por populações negras e mestiças.

Assim, a ciência foi utilizada como chave para a resolução dessa "questão nacional": tornar o Brasil reconhecidamente civilizado, moderno e desenvolvido; e tambèm foi utilizada para o fortalecimento do "Estado Nacional", como "um Estado iluminado, esclarecido e civilizador" (GUIMARÃES, 1988, p. 10).

No Brasil, do período imperial e do período republicano (República Velha), a ciência atuará no sentido de fortalecer esses regimes políticos, pois para a resolução dessa "questão nacional" em voga, as práticas científicas e as teorias cientificistas possuem um papel explicador, norteador da sociedade (elites) quanto à sua identidade nacional e o seu desejo de identificação do País com os países europeus, nos âmbitos cultural, social, político e econômico.

No caso do regime imperial, as iniciativas para a modernização do Brasil não serão suficientes para manter esse sistema político no poder, assim a República será proclamada com o projeto de modernização acelerada, no sentido de atingir e garantir, o mais rápido possível, a ordem e o progresso do País.

A questão da ordem e do progresso são importantes para o período, pois ainda havia temores de rebeliões separatistas, ou seja, a unidade territorial e política do Brasil ainda estava sob ameaça, por conta do clima de inconstância e de interesses divergentes entre as regiões, estados e, até mesmo, entre as camadas sociais de determinadas cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Nesses centros urbanos, havia interesses distintos entre os cidadãos de classe alta, média e baixa.

Outro problema dizia respeito ao estado de saúde da população, que tinha altos índices de epidemias mortais, entre elas a febre amarela e a varíola.

Focando nossa atenção ao Rio de Janeiro, podemos dizer que, na época de fins do século XIX e início do século XX, essa cidade era o polo mais urbanizado e industrializado do País. No entanto, estava aquém do que se esperava da capital federal, pois necessitava com urgência de uma revitalização dos espaços e da população. Essa revitalização ficou conhecida como a "regeneração". De acordo com Alves (2001, p. 186): "Essa designação, amplamente utilizada na època, era bem significativa do desejo de modernização e progresso que presidia essas mudanças, cujo modelo originava-se em países europeus".

A Revolta da Vacina está ligada a es sa "regeneração", mais especificamente aos esforços da época para se conseguir o saneamento da capital do País. Nesse contexto,

foi lançada a campanha da vacinação compulsória da população do Rio de Janeiro contra a varíola. Como a população já havia passado pela campanha de vacinação contra a febre amarela, os métodos de aplicação e as forças policiais que acompanhavam os vacinadores deixaram o povo assustado.

Desconheciam-se os efeitos da vacina e os métodos que seriam utilizados para essa nova campanha, então, tanto as classes populares como parte da imprensa e de políticos se opuseram â obrigatoriedade da "humana lei"[11]:

> [...] mesmo um elemento conservador, culto e bem informado como Rui Barbosa, político de grande envergadura, respeitado pelo público e por seus pares, denotava enorme insegurança quanto às peculiaridades, à qualidade e aos métodos de aplicação da vacina antivariólica prevista pela lei: 'Não tem nome, na categoria dos crimes do poder, a temeridade, a violência, a tirania a que ele se aventura, expondo-se, voluntariamente, obstinadamente, a me envenenar, com a introdução no meu sangue, de um vírus sobre cuja influência existem os mais bem fundados receios de que seja condutor da moléstia ou da morte' (SEVCENKO, 2001, p. 46).

Como já citado, uma parcela da imprensa, a não governista, se opôs a esse projeto, assim como a população e muitos políticos, principalmente os que se contrapunham ao governo vigente do presidente Rodrigues Alves. Incendiados pelos discursos da imprensa e dos opositores do governo, e também pelo próprio medo e ignorância em que se encontravam, as classes populares passaram a combater e a se opor cada vez mais â "humana lei".

Para piorar essa situação, o governo lançou um plano de três dimensões que visava sanear e modernizar o Rio de Janeiro. Esse plano incluía a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana. Então, além de as classes populares enfrentarem o medo e a repulsa da vacina, precisavam enfrentar a demolição de suas casas para a revitalização da cidade.

Em relação a esse processo de urbanização e saneamento da cidade do Rio de Janeiro, o governo autorizou "batalhões de visitadores" que, junto com policiais, invadiam as casas para vacinar e vistoriar as residências. Caso houvesse focos de doenças, falta de saneamento, ou seja, condições inumanas de moradia, as casas seriam

---

[11] Esse foi o nome dado à lei da vacinação compulsória contra a varíola.

demolidas e seus moradores teriam de procurar outros lugares para morar, sem quaisquer indenizações.

A grande imprensa, ligada ao poder vigente, saudou com simpatia esse movimento, denominando-o "Regeneração", como observa Sevcenko (1998). Assim, num surto, a grande massa se revoltou contra os batalhões e os policiais; o povo se dirigiu ao centro e se entrincheirou nas obras de renovação da cidade para combater essa "Regeneração" compulsória e, de certo modo, desumana.

Para combater essa revolta, os policiais tiveram dificuldades, mas ao final silenciaram mais essa manifestação popular, truculentamente, deixando incontáveis mortos, feridos e detidos. Esse massacre foi uma das inúmeras tentativas do governo de civilizar, urbanizar e sanear o Brasil. Desse modo, a fim de modernizar o território nacional, foram cometidas diversas atrocidades com a pretensa missão de salvar e civilizar. Assim, a destruição da população de Canudos não foi uma exceção; nesse caso, o escândalo foi maior devido, certamente, às proporções do massacre.

A República Velha pode ser caracterizada, por sua grande repressão social, como um regime autoritário e violento. Citamos os principais movimentos e revoltas sociais reprimidos nesse período: Guerra do Contestado, Cangaço e "fanatismo" em todo o Nordeste, Revolta da Chibata, Greves operárias, além dos já comentados Canudos e Revolta da Vacina.

2.6 Teorias científicas e cientificistas e a questão racial

Explorando mais a temática sobre teorias de raças no Brasil, em meados do século XIX, percebemos que, além dos sertanejos de Canudos, outras populações mestiças, em geral ex-escravos e indígenas eram tratadas como inferiores e ligadas a atributos negativos que rebaixavam sua moral, sua compleição física e sua intelectualidade.

Essas populações foram consideradas, em alguns casos, como inimigos da Nação, por atrapalharem ou impedirem o desenvolvimento da civilização. Tal pensamento estava vinculado às doutrinas raciais que "pregavam a inerente inferioridade dos índios, a impossibilidade dos mesmos de atingirem um estado de civilização e, por fim, a inevitabilidade do seu desaparecimento da face da terra" (MONTEIRO, 1996, p. 17).

O trecho mencionado diz respeito ao texto de John M. Monteiro, “As raças indígenas no pensamento brasileiro do impèrio”, que faz parte de uma coletãnea reunida em forma de livro: *Raça, Ciência e Sociedade.*

Essa obra reúne pesquisas importantes acerca do estudo de raças presente na cultura brasileira. Além de Monteiro, há na maior parte dos textos desse livro alguma contribuição sobre os discursos científicos que propunham a raça e o meio (ambiente, vegetação, clima, solo etc.) como fatores determinantes do desenvolvimento social de uma sociedade (ou fracasso, estagnação social).

Como exemplo do meio atuando na estagnação dos sujeitos temos o texto de Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira repöblica”, que no próprio título manifesta a questão da raça como um fator que pode condenar uma nação e a “ciência” como um modo de absolver, salvar e livrar do atraso.

Nesse texto, sobre o movimento sanitarista, os autores exploram a forma como o meio interfere no estado de civilização, saúde e desenvolvimento das populações dos sertões brasileiros e a necessidade de civilizá-las e salvá-las. Euclides da Cunha, em sua obra mestra, *Os sertões*, publicada depois do episódio de Canudos, revela como havia populações brasileiras abandonadas, fazendo-se entender que estavam doentes e à “margem da civilização” por causa desse abandono:

> Nessa obra de Euclides sobressaem elementos de força e de fragilidade – o sertanejo é um forte, mas também rude e carente de civilização. Uma das versões mais recorrentes sobre a sociedade brasileira – aquela que acentua o descompasso entre as áreas urbanas e rurais – tem em Euclides da Cunha um expressivo porta-voz” (LIMA e HOCHMAN, 1996, p. 28).

Também entendemos como importante, a citação de mais um texto da coletânea citada: “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”, de Giralda Seyferth. Esse trabalho problematiza o fato de o trabalhador negro e mestiço ser desqualificado para o trabalho livre pelas teorias raciais que tratavam a mestiçagem como uma decadência e também propunham a hierarquia das raças, em que a raça superior era a do branco descendente de “europeu”.

Nesse contexto, a imigração europeia, além de trazer trabalhadores, também trazia a esperança de uma nova fisionomia; a própria face da civilização. Portanto a

ciência, como legitimadora dessas teorias em voga, atuou como um "discurso de autoridade" aprovado pelas esferas de poder: "O respaldo científico dado às doutrinas raciais vigentes na passagem para o século XX remete à sua importância como ideologia para fins políticos" (SEYFERTH, 1996, p. 43).

Essas são algumas das contribuições para pensarmos a problemática das teorias de raças no Brasil, e cremos ser um importante subsídio para este estudo, já que pretendemos analisar o discurso científico e cientificista a respeito de fatores determinantes da "inferioridade" do sertanejo, como a sua raça e o meio em que vivia, e assim perceber o quanto esse tipo de teoria circulou no Brasil de fins do século XIX a início do século XX.

De modo geral, neste capítulo, interessou-nos apresentar os espaços e os modos que a ciência circulou no Brasil. Entendemos que, além das teorias científicas e cientificistas abordadas, foi importante perceber como havia uma relação entre diversos setores da sociedade, onde se entrecruzavam interesses. Nos museus, por exemplo, havia pesquisas voltadas às Ciências Naturais, à Indústria, à Agricultura, entre outras.

CAPÍTULO 3

IMPRENSA E PODER

> *Quando se pensa, então, que o jornal era o mais eficiente veículo de comunicação de massa no Brasil do final do século, que é o período em que se concentra este trabalho, percebe-se o relevo extraordinário que o jornal pôde ter nesse contexto (Walnice N. Galvão)* [12]

De acordo com o objetivo principal desta dissertação, que é a análise da presença de referências às ciências e a conhecimentos científicos nas publicações a respeito de Canudos no periódico *O Estado de S. Paulo*, torna-se necessário o estudo da imprensa inserida no contexto histórico de fins do século XIX.

Esse estudo é importante, pois, além de figurar como uma fonte documental neste trabalho, a imprensa se tornou elemento significativo para o período histórico aqui estudado, passando a ser também o objeto de estudo.

Assim, pretendemos apresentar as características e as relações sociais da imprensa no contexto da segunda metade do século XIX, com ênfase para o seu período final, procurando compreender a importância desse meio de comunicação no contexto histórico da Guerra de Canudos.

A partir dessa pesquisa histórica, observamos que a imprensa, ao longo do século XIX, participou como instrumento de divulgação de ideias e formação de opinião em diversas etapas importantes da história da sociedade brasileira, como, por exemplo, a abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da República, em 1889. Essa imprensa se tornou cada vez mais influente ao longo do século XIX, passando a ser uma das instituições de maior prestígio e influência na sociedade brasileira. Isso nos leva a crer que o estudo dessa instituição nos auxiliará na compreensão da história dessa sociedade e dos seus cidadãos.

Seguindo essa linha de pensamento, Mariani propõe o estudo e a análise do discurso dos jornais por ser importante para a construção e o entendimento da história de uma sociedade. "O discurso jornalístico integra uma sociedade, sua história. Mas ele tambèm è história, ou melhor, ele está entranhado de historicidade" (MARIANI, 2003, p. 33).

Particularmente neste capítulo, apresentamos a noção de esfera pública e de opinião pública, as tensões sociais com as quais a imprensa estava ligada na segunda

---

[12] Fonte: (Galvão, 1977, p. 15).

metade do século XIX e, por fim, apresentamos a atuação da imprensa, de modo geral, no episódio da Guerra de Canudos.

3.1 Esfera pública e Opinião pública no Brasil – sua gênese e atuação

O conceito de esfera pöblica contempla "as personagens" envolvidas no contexto da trama que estamos pesquisando, no sentido de que são os próprios cidadãos que podem exercer uma opinião pública, criticando, assim, as ações do Estado, ou seja, a participação dos cidadãos, atores privados, de assuntos públicos que devem ser discutidos e pensados pela esfera do poder político.

O filósofo Jüger Habermas, em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública*, fez um estudo sobre a noção de esfera pública ligada à ascensão da burguesia ao poder e seu consequente domínio sobre as esferas de poder presentes na sociedade. Esse conceito está igualmente ligado aos espaços em que essa classe se reunia, publicamente, a fim de expressar sua opinião a respeito de questões publicamente relevantes. Eram, basicamente, salões e cafés os locais onde havia discussões, de modo permanente, entre as pessoas consideradas como público privado: a classe burguesa (HABERMAS, 2003).

Inicialmente, essa esfera pública, estudada por Habermas, constituída por pessoas privadas que se relacionam com o público, não possui configuração política, segundo o autor, pois se trata de um campo de manobras de um raciocínio público que ainda gira em torno de si mesmo (HABERMAS, 2003).

A elucidação desse conceito é importante, pois se trata de um termo mencionado em algumas das obras por nós utilizadas neste capítulo, e por se tratar de uma noção importante para o entendimento do papel operado pela imprensa em questões relevantes para a sociedade brasileira no período por nós estudado.

No que diz respeito ao nosso trabalho, especificamente, entendemos que a noção de esfera pública, desenvolvida por Habermas, contribui com os estudos do discurso cientificista a respeito de Canudos, uma vez que os cidadãos podem exercer sua opinião; eles podem se posicionar diante desses "discursos circulantes" na sociedade. Como constituintes dessa mesma esfera pública também estão os que veiculam os discursos nos jornais, isto é, os jornalistas. Eles falam de uma esfera pública para ela mesma, dada a posição de autoridade que ocupam por representarem um meio de poder (a imprensa)

que tem seus discursos legitimados e aceitos como verdadeiros dentro dessa esfera pública.

Habermas desenvolveu sua reflexão a respeito de uma esfera pública emergente na Europa, mais especificamente na Alemanha; no entanto, seu estudo pode ser relacionado, a nosso ver, à formação de uma esfera pública brasileira, pois há algumas similaridades à esfera pública que Habermas se refere em sua obra.

No Brasil, durante o século XIX, há uma classe privilegiada do ponto de vista econômico e social que se reúne nos cafés, salões e outros espaços privilegiados para discutir questões relativas â sociedade. Essa classe representa a "intelectualidade" brasileira e pode ser compreendida, segundo nosso entendimento, pelos jornalistas, homens de letras, bacharéis, estudantes universitários e cientistas de modo geral.

Assim, entendemos que a esfera pública de uma sociedade está composta por pessoas e espaços sociais. Como comentamos acima, essas pessoas representam a classe intelectual e com acesso ao conhecimento e os espaços sociais de encontro podem ser os espaços de lazer (cafés, salões), espaços de científicos (faculdades, institutos, museus) e clubes, agremiações e sociedades específicas, como, por exemplo, o "Clube Militar", localizado no Rio de Janeiro, nesse contexto histórico.

A importância da formação de uma esfera pública em uma sociedade reside no fato de que será nos espaços públicos de socialização que se constituirá a opinião pública dos cidadãos. É possível, assim, a constituição de uma opinião pública na sociedade quando há espaços públicos para a discussão de ideias e reflexões sobre questões e problemas de interesse dessa sociedade.

A imprensa, nesse contexto de formação de uma esfera pública e, consequentemente, de uma opinião pública na sociedade brasileira, possui um valor significativo. A publicação, nos jornais, de ideias e críticas ao poder vigente estimula os cidadãos a questionarem e exercerem suas opiniões a respeito dos acontecimentos e tensões presentes na sociedade. A imprensa brasileira, em constante crescimento ao longo do século XIX, possui grande influência social, fazendo com que a opinião pública passe a existir e a ser exercida no País, principalmente por meio dela mesma.

Sobre isso, Morel e Barros (2003, p. 17) propõem que "[...] è na criação de um espaço público de crítica, quando as opiniões políticas publicizadas destacavam-se dos governos, que começa a instaurar-se a chamada *opinião pública*".

A respeito da expressão "opinião pöblica", Morel e Barros (2003) observam que se trata de um termo polissêmico e, também, polêmico, em que muitas pessoas o

concebem como “coisa”, sujeito ou entidade, detentor de vontades e movimentos próprios. Esses autores, a partir de pesquisas do tema, afirmam o seguinte:

> Considera-se, em geral, que opinião pública remete a uma expressão que desempenhou papel de destaque na constituição dos espaços públicos e de uma nova legitimidade nas sociedades ocidentais a partir de meados do século XVIII. Essa visão percebia no nascimento da opinião um processo pelo qual se desenvolvia uma consciência política no âmbito da esfera pública. Diante do poder absolutista, havia um público letrado que, fazendo uso público da Razão, construía leis morais, abstratas e gerais, que se tornavam uma fonte de crítica ao poder e de consolidação de uma nova legitimidade política. Ou seja, a opinião com peso para influir nos negócios públicos, ultrapassando os limites do julgamento privado (MOREL; BARROS, 2003, p. 22).

Assim, a opinião pública de uma sociedade pode ser considerada como um recurso que influencia na configuração social; essa opinião legitima ou condena as ações do governo e se coloca, portanto, como um instrumento de luta a favor ou contra as situações e as questões que queira legitimar ou deslegitimar.

Ao refletirmos a respeito da constituição da opinião pública e a atuação da esfera pública de uma sociedade, constatamos que ambas dependem de um órgão de expressão das tomadas de decisão que ocorrem no interior da esfera pública. Esse órgão deve organizar, de modo claro e muitas vezes atrativo, as exigências e reivindicações da opinião pública que atua no seio da esfera pública, demonstrando seus pontos de vista e inquietudes. Assim, temos a imprensa que opera nesse meio, tomando para si a responsabilidade de informar, dialogar e apresentar ao leitor a representação do mundo da forma mais adequada possível. Sobre isso, Lippmann propõe:

> Universalmente é admitido que a imprensa é o principal meio de contato com o ambiente invisível. E praticamente em todos os lugares se supõe que a imprensa deveria fazer espontaneamente por nós o que a democracia primitiva imaginava que cada um de nós faria espontaneamente para si próprio, e que cada dia e duas vezes ao dia apresentaria a nós uma imagem verdadeira do mundo exterior no qual estamos interessados (LIPPMANN, 2008, p. 275).

Ao colocar-se como instrumento de luta e diálogo, de representação do mundo de maneira justa e adequada, a imprensa torna-se o meio principal para divulgar ideias e estabelecer o diálogo na sociedade. Os jornais, desse modo, passam, na sociedade

brasileira ao longo do sèculo XIX, “a polemizar as discussões pöblicas, sobretudo, em novos espaços de sociabilidades, como os cafés, academias, livrarias e sociedade secretas como a maçonaria” (BARBOSA, 2010, p. 50).

No contexto brasileiro, especificamente ao longo do século XIX, as inquietações e agitações em torno de demandas sociais e interesses por algumas causas, como a luta pela independência, a abolição dos escravos e a luta pela queda da monarquia são marcadas por uma opinião pública militante e a proliferação de jornais.

Com relação a isso, Sodré (1999) e Barbosa (2010) observam que, durante as lutas sociais, há uma proliferação de jornais e, à medida que as conquistas desejadas são alcançadas, esses jornais tendem a desaparecer. Barbosa (2010) explica que são periódicos de passagem, dada a sua vida efêmera, mas possuem importância política para o período em que estiveram atuando, pois participam da vida política da sociedade e exercem influência por meio da sua ação discursiva. Essa pesquisadora observa que, por exemplo, as décadas de 1830 e 1840 são marcadas por esse tipo de proliferação dos periódicos que, segundo ela, realizam um teatro performático juntamente aos periódicos duradouros:

> Presentes na arena política, esses periódicos efêmeros ou duradouros encenam suas batalhas verbais numa espécie de palco, no qual personagens situados em campos opostos se movimentam. O jornalismo se transforma num teatro performático, no qual os temas da atualidade são discutidos e debatidos entre os periódicos. Dessa forma, os responsáveis pelas publicações alcançam a notoriedade que o domínio das artimanhas letradas produz (BARBOSA, 2010, p. 49).

A partir desse trecho de Marialva Barbosa, podemos compreender que, nos períodos de lutas sociais, personagens de campos opostos se movimentam em torno de uma causa comum, ou seja, as classes privilegiadas se unem às classes populares, pois é necessária essa união para alcançarem o objetivo pretendido; porém, após a conquista, essas classes se dissociam.

Os jornais, nessa trama social, exercem um papel fundamental e, de certo modo, conciliador, em que unem as diferentes classes sociais em torno de um objetivo comum. A imprensa atua, assim, nesses contextos, com um papel de destaque e importância, e os responsáveis pelas publicações ganham notoriedade social. Barbosa, a respeito desse contexto histórico, opina que há a criação de um simbolismo para a palavra impressa que perpetua as discussões e, portanto, há um lugar privilegiado para ela:

> Observamos, portanto, que as letras impressas passam a ser vistas como possibilidade de difusão de ideias, usadas particularmente com sentido político. Elaborados por indivíduos letrados, esses periódicos, folhetos e panfletos amplificam os debates e polêmicas políticas. Há, portanto, uma cultura no nascedouro e começa-se a visualizar a imprensa como *lócus* privilegiado do espaço público [...] Essas ideias, entretanto, ao sair do mundo da oralidade para o mundo do letramento, via publicação nos jornais, folhetos e panfletos, ganham novo sentido: tornam as discussões mais perenes, agrupam pessoas que têm pensamentos similares, constituem grupos de discussão, e, sobretudo, dão notoriedade – transformando-os em personagens de relevo políticos – àqueles que são responsáveis por sua publicação. Portanto há nesse momento a criação de um simbolismo para a palavra impressa que vai sendo disseminado de forma intensiva e extensiva pela sociedade ao longo do século XIX (BARBOSA, 2010, p. 51).

Esse simbolismo criado em torno da letra impressa se relaciona, também, ao fato de a linguagem estar no centro de toda a atividade humana (SEVCENKO, 2003). A linguagem torna possível a comunicação e uma rede de relações entre os humanos. Segundo esse autor, temos: "Sabe hoje que, sendo ela produzida pelo complexo jogo de relações que os homens estabelecem entre si e com a realidade, ela passou também a ser, a partir do próprio momento da sua constituição, um elemento modelador desse conjunto de relações" (SEVCENKO, 2003, p.27).

Assim, os discursos produzidos em uma sociedade refletem suas intenções e opiniões e as remodelam, constantemente. Trata-se de um jogo dialético, em que, por exemplo, a esfera pública de uma sociedade por meio da linguagem manifesta sua opinião que é discutida e redefinida. Essa esfera pública possui opinião e constitui novas opiniões nesse jogo de relações sociais.

Com relação à esfera pública que se formou no País, Lavina Ribeiro observa que, já nas primeiras décadas do século XIX, essa esfera ainda em formação se apoia na imprensa como a sua principal instituição, e possui feição caracteristicamente política. Essa pesquisadora explica que as razões para o surgimento dessa esfera pública política "derivam das ameaças concretas que sombrearam as conquistas políticas e econômicas já adquiridas pelo país" (RIBEIRO, 2004, p. 64). Entre essas ameaças estão propostas que consideravam o retorno do Brasil ao regime de monopólio e à condição de colônia de Portugal.

Assim, percebemos que a esfera pública brasileira foi se formando na primeira metade do século XIX, porém nos interessa, neste trabalho, apresentar sua participação em algumas das lutas sociais do fim do século, como a abolição da escravatura e a constituição do regime republicano. Nesses períodos de lutas e reivindicações sociais, como já vimos, aparecem diversos novos jornais que irão atuar na sociedade como instrumentos de estímulo ao diálogo e à crítica ao governo.

Sodré (1999), a partir de sua obra que investiga a história da imprensa brasileira, apresenta o surgimento de diversos periódicos nos períodos de crise política e buscas sociais por reformas. Ele afirma que, nesses contextos, as inquietudes, no seio da sociedade, permitem que a imprensa retome o fio da sua história.

Esse pesquisador apresenta uma imprensa política esmorecida, no fim da primeira metade do século XIX, com a queda do liberalismo e a repressão que objetivava consolidar os grandes latifúndios. No entanto, essa quietude da imprensa terminará com o fim da Guerra do Paraguai, na segunda metade da década de 60, que traz inquietudes quanto a velhas contradições reinantes na sociedade brasileira do período. Entre as principais inquietações dessa época estavam o escravismo, a falta de mão de obra nas lavouras e a convocação obrigatória para a guerra do Paraguai (Sodré, 1999).

Nesse contexto, interessa-nos o crescimento da ideia de república que emerge pela necessidade de um desenvolvimento político que acompanhe o crescimento do País. Sodré (1999) observa que de 1870 a 1872 surgiram, no Brasil, mais de vinte jornais republicanos. A título de exemplo, podemos citar *O Futuro* (Pará), *O amigo do povo* (Piauí), *A República* (Alagoas), *O Horizonte* (Bahia), *O Correio Paulistano* (de posição republicana nesse período), *O Paulista*, e muitos outros por todo o País.

Werneck Sodré também destaca que, nesse contexto, há uma adesão dos acadêmicos à ideia republicana e a outras causas, como a libertação dos escravos. Nas palavras do autor destacamos que:

> A idéia republicana, assim, retomada de suas fontes históricas, ampliava-se progressivamente. Na terceira e na quarta décadas da segunda metade do século XIX, ganhava a consciência da camada culta do país, estudantes, intelectuais, militares e padres (SODRÉ, 1999, p. 213).

Muitos dos periódicos e folhas da imprensa estão ligados aos estudantes e aos literatos. Há, na imprensa, um espaço significativo à literatura e aos homens de letras. Antes, havia espaço para a literatura apenas em revistas especializadas e de vida curta, não havendo essa consolidação.

Nessa nova fase da imprensa, os homens das letras faziam os jornais e, também, o teatro. Exemplos de alguns homens das letras dessa época são os românticos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvarez de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar e Machado de Assis. São nomes da literatura brasileira do século XIX que publicavam seus escritos nos jornais e contribuíam também com escritos de teatro; alguns deles eram bem influentes na época, como Machado de Assis e José de Alencar (SODRÉ, 1999).

Nesse mesmo período, podemos perceber que uma esfera pública política, social e literária já se formara e estava se estruturando à medida que o século chegava ao fim. Essa esfera pública composta por estudantes de Direito, no caso de São Paulo, de literatos e de jornalistas, reunia-se nos cafés e confeitarias para discutir seus assuntos prediletos: literatura, política, as reformas, entre outros. E esses homens de letras, como já observado, estavam envolvidos com a imprensa, isto é, eles faziam a imprensa.

Sobre a participação dessa esfera pública, representada pela imprensa, em relação às inquietações e reivindicações populares, Machado de Assis publica no *Espelho*, em outubro de 1859: "Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. [...] E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *status quo* de todos os falsos princípios dominantes" (SODRÉ, 1999, p. 233).

Nesse contexto, a expressão artística cresceu com vigor, e a *Revista Ilustrada* tornou-se um exemplo de prestígio e primor pela criação artística.

A nova fase do País é acompanhada pela imprensa que, como opina Sodré, tem a sua segunda grande fase.

As agitações promovem reformas e surgem mais questões, dentre elas, a questão eleitoral, religiosa, federativa, militar, servil, enfim, a questão do próprio regime vigente, como já explicitado anteriormente. Essa fase, segundo Sodré (1999), influencia a imprensa, e esta também amplia a sua influência, ganhando progresso técnico e espelhando a realidade apresentada pelo País.

Apresentamos, assim, algumas das características dessa imprensa da segunda metade do século XIX que participou das grandes decisões do País.

3.2 Algumas características da imprensa da segunda metade do século XIX

É importante frisar que a imprensa, na segunda metade do século XIX, ainda estava muito ligada à literatura, que, como dito, estará muito presente em toda a imprensa do século XIX e em boa parte do próximo século, principalmente em sua primeira metade. Publicam-se muitos folhetins nas páginas dos jornais, além da poesia, de contos e de informações sobre cultura em geral. Além das redações dos grandes jornais estarem repletas de romancistas, poetas e estudantes dos cursos de Direito, em São Paulo, eram responsáveis por inúmeras revistas literárias que apareciam e reapareciam periodicamente. E, apesar desse espaço grande para a literatura na imprensa, muitos jornais apresentavam bem o quadro do País. Exemplo disso é a *Gazeta de Notícias*, jornal popular surgido em 1874, colocado como um acontecimento jornalístico por Sodré (1999). Tratava-se de um jornal feito por jornalistas e não por homens das letras, mostrando características definitivas da imprensa do Brasil.

Na capital paulista, o jornal *Diário de São Paulo*, de 1865, inaugurava em 1874 a primeira máquina de jornal em grande formato. Antes desse período, os jornais ainda tinham apenas quatro páginas (SODRÉ, 1999).

Os periódicos, até meados de 1875, viviam de anúncios e das assinaturas; em São Paulo, no ano de 1876, iniciou-se uma prática depois concebida como a "mercantilização da imprensa": O jornal *A Província de São Paulo* passou a ser vendido pelas ruas ao som de uma buzina, o que chocou muito a população da época. No entanto, outros jornais adotaram tal prática, com inovações que permitiram o surgimento dos jornaleiros, de bancas e pontos (SODRÉ, 1999).

O *Diário Popular* surgiu em 1884 como um dos muitos surgidos nessa época em que os ideais republicanos ganharam cada vez mais espaço, além das agitações em torno de reformas diversas, como já comentado.

Em 1888, o movimento abolicionista venceu sua batalha, sendo contemplado com a abolição da escravatura no Brasil; nesse contexto, o movimento republicano se firmou ainda mais e, em 1889, ocorreu a proclamação da República no Brasil. Como explicitamos ao longo desta parte da dissertação, a imprensa participou ativamente das mudanças que ocorreram nessa etapa de lutas sociais, influenciando a opinião pública e compondo uma parte importante da esfera pública da sociedade brasileira.

Com a mudança do regime monárquico para o republicano, não houve de imediato grandes alterações ou avanços na imprensa brasileira.

Como nas outras fases, os pequenos jornais, surgidos nos momentos de agitações, desapareceram e os mais antigos permaneceram.

Alguns homens das letras e jornalistas de fama começaram a ocupar cargos políticos como, por exemplo, o grande nome do "periodismo republicano", o jornalista Quintino Bocaiuva, que foi "chamado ao ministèrio que o governo provisório organizaria, sob a chefia de Deodoro" (SODRÉ, 1999, p. 251).

Seguem os jornais republicanos com mais força e prestígio, e os monarquistas mais combativos.

Em relação aos opositores do regime republicano, houve perseguições para mostrar a força e também legitimar o novo sistema político. Para exemplificar esse quadro, podemos citar *A Tribuna*, que teve a sua redação depredada e, no confronto, houve a morte de um revisor, porque o jornalista Eduardo Prado havia publicado diversas críticas à pessoa de Deodoro e à associação de classe dos oficiais. Sobre o ataque a esse jornal, houve protestos por parte da imprensa e explicações por parte das autoridades, mas, de qualquer modo, o novo regime estava disposto a defender-se a "qualquer custo".

Continuam as lutas políticas a partir de interesses divergentes: uns desejavam o retorno da monarquia; outros, os republicanos, estavam divididos em um grupo que desejava uma República de fachada, os latifundiários, e outro grupo, a classe média, ansioso por reformas em toda a estrutura política do País.

Em novembro de 1891, devido às pressões, Deodoro da Fonseca renunciou ao seu cargo e o seu vice, Floriano Peixoto, assumiu o poder. Em torno desse novo presidente reuniram-se parte dos republicanos, aqueles que desejavam as reformas na sociedade.

Em manobra política, Floriano Peixoto precisou deixar o cargo, pois foi eleito como novo presidente, em 1893, Prudente de Morais. Iniciou-se, assim, a República das oligarquias nesse novo governo e esse regime político se firmou no governo de Campos Sales.

Nessa nova fase do País, a imprensa artesanal estava sendo praticamente substituída pela imprensa industrial, com características de empresa, aproximando-se cada vez mais dos padrões da sociedade burguesa, ainda em ascensão.

A literatura ainda gozava de grande prestígio e ocupava lugar de destaque nos jornais da época que estão, com suas redações, repletas de homens das letras. De modo que a ideia da "Academia Brasileira de Letras" surgiu na redação de um periódico e foi

fundada em 1896, com Machado de Assis, um romancista e também jornalista, que foi aclamado seu primeiro presidente.

Assim chegou ao fim o século XIX, com o regime republicano fortalecido e a imprensa com mais influência ainda sobre a opinião pública; essa imprensa já estava dominada, nesse contexto, pela instituição do poder vigente.

Ela está com suas características praticamente definidas, em que se torna empresa e vende mercadoria. Essa mercadoria, a informação, é um produto de prestígio na sociedade moderna que deseja estar informada sobre tudo: política, guerras, diversão, inovações científicas e tecnológicas, entre tantas outras informações dignas de publicação.

Quanto à transformação da imprensa de tipografia artesanal para a industrial, Barbosa (2010) faz uma importante observação: não é possível classificar a imprensa brasileira como industrial antes da segunda metade do século XIX, pois, na verdade, a industrialização só acontecerá, ainda que de forma embrionária, no final desse século. Marialva Barbosa adverte: "Não se pode falar em indöstria antes de uma sèrie de processos históricos que só serão instaurados paulatinamente a partir de 1850" (BARBOSA, 2010, p. 61).

Com relação às características técnicas do periodismo, nessa fase apresentada, o pesquisador Juarez Bahia propõe:

> A segunda fase da imprensa brasileira começa em 1880, 72 anos passados da instalação do pesado material de impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro*. É um tempo de aventura industrial – mais investimentos, renovação do parque gráfico, maior consumo de papel – que abre ao jornal a dimensão de empresa (BAHIA, 2009, p. 111).

Nesse contexto, a imprensa brasileira já estará preparada para um novo estágio; trata-se do estágio empresarial em que essa imprensa estará, como Sodré observa, vendendo um produto de prestígio: a informação.

Bahia (2009) observa que entre 1890 e 1910 há uma ampliação do parque gráfico no jornalismo brasileiro, sobretudo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde são aposentados, pelos jornais, "processos grosseiros e rudimentares" de composição do jornal. Esses antigos processos são substituídos por equipamentos modernos que permitem uma impressão perfeita e mais rápida.

Juarez Bahia também observa que, quanto ao conteúdo, esses jornais se modernizam e passa a haver uma consciência dominante que entendia a imprensa como um órgão que trabalhava de acordo com o interesse público. Essa imprensa também estava atrelada ao progresso. Nas palavras do autor:

> No final do século XIX, editorialistas dos jornais de prestígio saúdam na imprensa o 'estalão do progresso' e no jornalismo 'o evangelho da democracia, em contraposição ao livro, que deverá conservar 'as tradições da nobreza'. A legenda preferida è 'tudo pelo povo', em lugar de epígrafes latinas ou camonianas (BAHIA, 2009, p. 115).

Segundo Marialva Barbosa (2010, p. 117), essa imprensa de fins do século XIX "vive a febre da modernização" e, alèm das melhorias das oficinas, há uma modernização e melhoria no sistema de transportes, a regularização dos Correios, o desenvolvimento de linhas férreas e o desenvolvimento do telégrafo. Todas essas mudanças e buscas por uma sociedade moderna afetavam diretamente a imprensa que, devido a essas melhorias, acima colocadas, poderá publicar notícias de forma mais rápida; e a entrega das assinaturas, principal modo de distribuição dos jornais, será mais regular.

Desse modo, "a leitura passa a ser hábito nas cidades" (BARBOSA, 2010, p. 117). Nos espaços públicos e privados havia atividade de leitura; esses espaços podem ser as ruas, as estações, os cafés, os espaços do trabalho, as salas de visitas das casas, as agremiações, os clubes, entre tantos outros espaços das esferas pública e privada.

Esse hábito de leitura gera outro: "Cria-se o hábito de fixar os exemplares nas portas das redações. Em torno das publicações, o público comenta em voz alta as últimas notícias" (BARBOSA, 2010, p. 118).

Acrescentamos a essa informação que, de acordo com a fonte pesquisada, *O Estado de S. Paulo*, observamos que além de fixar os exemplares nas portas das redações, também eram fixados avisos, telegramas e cartas com notícias que chegavam às redações depois da impressão das edições do dia. Em nossa pesquisa, encontramos menções a essa atividade de atualizar o público com notícias, consideradas do seu interesse, por meio de fixação de avisos e telegramas informativos. Citamos como exemplos, os avisos ao público afixados nas portas de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo que noticiaram a derrota da Expedição Moreira Cesar e a vitória da Quarta expedição, respectivamente, no início dos meses de março e outubro. Essas

informações, com mais detalhes, podem ser conferidas no Apêndice A e no capítulo 4 desta dissertação.

Entendemos assim que havia um público que participava dos assuntos de interesse da sociedade. Esse público era composto por uma classe letrada e também por uma classe popular que nem sabia ler. Porém, esses populares tomavam contato com as notícias nesses espaços públicos de socialização, onde alguns liam em voz alta e outros ficavam informados a partir dessa leitura.

Na pesquisa do periódico *O Estado de S. Paulo*, percebemos que havia uma prática comum nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, de encontros para a discussão de questões de importância para o público. Esses encontros, como vimos na fonte analisada, eram chamados de *meetings*, e havia neles políticos, homens letrados e também trabalhadores do povo. Citamos como exemplo as seguintes notícias, a respeito da derrota da Expedição Moreira Cesar, que causou comoção e revolta popular (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> As noticias que hontem affixámos á porta do nosso escriptorio causaram uma dolorissima impressão no espírito publico. Destro de alguns minutos tornara-se enorme a agglomeração de pessôas do povo não so em frente á redacção desta folha como em toda extensão da rua 15 de Novembro. A triste noticia [...] espalhou-se rapidamente fazendo vibrar de nobre indignação a alma do povo, que em estrepitosas acclamações á Republica, movido pelo ardor dos seus sentimentos, espontaneamente se dirigiu para o palacio do governo formando uma imponente procissão cívica. O jardim do palacio, num momento, ficou repleto com a grande massa popular. De todas as bocas irrompiam enthusiasticos vivas á Republica, ao governo e á memoria do bravo coronel Moreira Cesar. O dr. Campos Salles, acclamado pelo povo, chegou a uma das janelas do palacio, sendo-lhe então dirigido por dois cidadãos um vehemente e patriótico apello em nome da mocidade brasileira oferecendo o auxilio dos moços republicanos para vingar a morte do coronel Moreira Cesar e defender a Republica contra os ataques dos monarchistas [...] Diversas pessôas do povo proferiram discursos concitando a mocidade a cumprir com o seu dever de defender á Republica.

Esses trechos foram publicados em *O Estado*, referindo-se às manifestações populares de revolta por conta da derrota da Terceira expedição a Canudos, em que os manifestantes mostraram seu apoio ao governo vigente e repudiaram qualquer possibilidade de restauração do regime monárquico. Outra publicação, no mesmo jornal,

noticia as manifestações que ocorreram, na ocasião, no Rio de Janeiro (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 0 de março de 1897, p. 1):

> Hoje a tarde foram empastelladas as typographias dos jornaes *Gazeta da Tarde, Liberdade e Apostolo* . Os escriptorios destes jornaes foram completamente escangalahdos. O povo reunido em frente ás redacções dos jornaes republicanos faz manifestações.

Observamos, nesse trecho a reunião do povo em frente aos jornais republicanos que divulgaram a grave notícia da "derrota republicana" nos sertões baianos. Em outras notícias publicadas no início do mês de março, como pode ser verificado no Apêndice A, há menções a *meetings* com ampla participação popular para a discussão da "questão republicana", e para demonstração do patriotismo e apoio ao governo vigente.

Nessas duas publicações, podemos perceber como o jornal estava envolvido e era afetado pelas decisões públicas. Nesse caso específico, jornais monarquistas foram empastelados em São Paulo e no Rio de Janeiro; já em frente aos jornais republicanos, que representavam a posição política dos manifestantes, foram ouvidos vivas à República e discursos em torno da causa comum em questão: a defesa do sistema republicano e o combate aos restauradores.

No nosso entendimento, nessas duas publicações citadas, bem como em outras da fonte pesquisada, é possível perceber um entrecruzamento da comunicação oral e da escrita, pois há, nas portas dos jornais, impressos afixados e, também, há a voz do povo que lê e debate sobre as publicações.

A respeito desse entrelaçamento da comunicação oral com a escrita, Marialva Barbosa, acompanhando o estudo de Robert Darnton, no livro *Os dentes falsos de George Washington,* citado por ela, observa o seguinte:

> [...] talvez não faça sentido separar a forma impressa dos modos de comunicação oral e manuscrita nesse mundo do início da impressão. Esse público, seja o assinante habitual da *Gazeta*, seja o que toma conhecimento das notícias que ali se publicam também por ouvir dizer, está entrelaçado num sistema de múltiplos meios nos quais o mundo oral, o mundo dos manuscritos e o mundo dos impressos são intercambiáveis. O que importa é a amplificação das mensagens, não interessando muito a forma como alcançam o público (BARBOSA, 2010, p. 34).

As palavras da autora se referem ao início da impressão no País, no início do século XIX, porém as tomamos como referência para pensarmos a respeito das publicações citadas e da questão do leitor do final desse século, pois a cultura do letramento permeou todo o século XIX, ainda que o número de pessoas analfabetas fosse bem significativo, no período. Essas pessoas, como coloca Barbosa, tomavam conhecimento das questões e dos problemas de interesse público por meio de leituras em voz alta realizadas por pessoas letradas e, também, por meio de comentários, nos espaços públicos, a respeito das notícias publicadas na imprensa. Enfim, Barbosa (2010, p. 60) conclui:

> Pensar no Brasil do século XIX é colocar em evidência diversas redes de sociabilidade que estão em formação num espaço cuja aspiração máxima era se constituir como nação. Grupos políticos, baseados em vínculos diferenciados, formam-se nesse território, e na conformação dessas identidades a imprensa tem papel decisivo [...] A circulação das falas se amplifica nas formas manuscritas e se transmuta em letras impressas, voltando, num circuito infinito, de novo ao mundo manuscrito e oral. Os letrados e os não letrados são afetados diretamente pelos modos de comunicação do século XIX.

A respeito desse trecho, destacamos a questão da formação de "redes de sociabilidades" em um contexto de busca de identidade nacional; essas redes de sociabilidades interligam as diferentes camadas da sociedade brasileira em um momento histórico de configuração da sociedade e do cidadão como nação moderna, capitalista e industrial. Nesse meio, a imprensa atuou com *status* de autoridade, pois, a respeito da sociedade e das suas aspirações, os jornalistas, componentes da elite letrada, eram considerados como detentores de conhecimentos, provindos de modo geral da academia; esses letrados, por conta disso, possuíam autoridade para escrever nos jornais e apresentar a situação do País de modo confiável.

No final do século XIX, quando a questão do progresso e da modernidade (como apresentamos no Capítulo 2) tratava-se da maior ansiedade e aspiração da classe burguesa e intelectual da sociedade, há na imprensa um espaço privilegiado para a divulgação desse ideário de nação.

Nas publicações, a esse respeito, havia espaço para artigos e notícias que discutiam a industrialização, a necessidade de modernidade, a ciência como instrumento

de interpretação da realidade, entre outros (há, no capítulo 4, um quadro com a síntese das publicações encontradas por nós, na fonte pesquisada, a respeito desse assunto).

Com relação às publicações presentes nos jornais, sobre essa questão, Barbosa nos oferece valiosa contribuição:

> A valoração da ciência levada ao extremo; a missão de condutor dos pensamentos e da ação da população, que deve se submeter às novas normas de conduta, alcançando naturalmente a civilização e o progresso; a idealização de uma nação, identificando-se suas diferenças, para, a partir daí, restabelecer a unidade são, em resumo, o pensamento corrente nesses periódicos e que reflete os sistemas de pensamento da academia, da qual esses dirigentes são produto. Os jornais apresentam a nação como moderna, industriosa, civilizada e científica e, divulgando o ideário evolutivo-positivista de Darwin, Spencer e Comte, associam conceitos como ciência e modernidade (BARBOSA, 2010, p. 150).

Refletindo sobre essa afirmação, opinamos que a união da imprensa e da ciência ocorreu de modo a beneficiar ambas. Por um lado, nos jornais eram divulgados conhecimentos científicos, e a ciência em geral era valorizada, havendo assim uma vulgarização científica de descobertas e ideias que, sem o alcance dos jornais, ficariam encerradas na academia e nos institutos. Por outro lado, os jornais adquiriam *status* devido à autoridade da ciência e dos bacharéis que, nas suas páginas, procuravam expressar suas ideias quanto à configuração política, econômica, social e cultural da sociedade.

Exemplos da ciência, de conhecimentos científicos e de discursos cientificistas sendo vulgarizados nos meios de comunicação poderão ser encontrados no apêndice A; como já comentamos acima há um quadro, no capítulo 4, que sintetiza essa temática. Citamos a "Revista Brasileira", pertencente â esfera da elite brasileira, como fonte de divulgação (e vulgarização) do que é científico, seja em forma de ensaios, de relatos de viagens, de relatórios, entre outros (VERGARA, 2004).

Enfim, essas são algumas das características e do percurso histórico da imprensa do século XIX, com ênfase para o seu final.

3.3 A atuação da imprensa na Campanha de Canudos

Com relação à participação da imprensa brasileira na Guerra de Canudos, vale frisar que há diversos estudos. A título de exemplo, já que não objetivamos fazer, neste texto, um levantamento bibliográfico, citamos Dawid D. Bartelt e Walnice N. Galvão, pois algumas das contribuições desses pesquisadores sintetizam conhecimentos fundamentais relacionados ao estudo dos discursos construídos pela imprensa sobre o objeto de análise deste trabalho.

Galvão problematiza o súbito interesse da imprensa nacional por uma guerra nos confins do sertão baiano, indicando que poucos assuntos já obtiveram da imprensa brasileira tal unanimidade de opinião e exploração.

A autora propõe uma íntima ligação da imprensa com correntes políticas "a quem interessava criar o pânico e concentrar as opiniões em torno de um só inimigo" (GALVÃO, 1981, p. 71-72), fazendo circular discursos em que os sertanejos de Canudos figuravam como inimigos da República, como inferiores, incivilizados, desqualificados e passíveis de extermínio.

O interesse da imprensa pela guerra pode ser observado na quantidade de material publicado[13] a respeito desse assunto e no procedimento de envio de correspondentes especiais à Bahia por parte dos jornais. As principais cidades que esses correspondentes atuaram foram Salvador, Cansanção, Queimadas, Monte Santo e Canudos.

Esse procedimento foi tomado para manter a população informada acerca do desenrolar da guerra. Representando *O Estado de S. Paulo,* Euclides da Cunha e outros jornalistas enviavam cartas e telegramas, quase que diariamente, para as redações dos jornais que representavam. Assim, todos os dias havia artigos, notícias, ou algum comentário a respeito do conflito em Canudos.

Esses correspondentes foram enviados à Bahia no decorrer da Quarta expedição, pois, após a derrota da Expedição Moreira Cesar, houve interesse e preocupação em âmbito nacional; essa preocupação girava basicamente em torno do argumento de que os sertanejos de Canudos eram restauradores e pretendiam derrubar, aliados a monarquistas localizados no Brasil e em Portugal, o regime republicano.

---

[13] O Apêndice A possui uma síntese de todas as publicações da fonte pesquisada a respeito da Guerra de Canudos; a verificação desse material é importante para termos ideia da quantidade e do tipo de informação que era publicada sobre as operações no sertão e sobre a repercussão disso nos centros urbanos.

Nessa mesma linha, Bartelt (2009) propõe a Guerra de Canudos e as notícias a seu respeito como um "evento discursivo" que leva em consideração os interesses do poder político local e também nacional.

Bartelt entende que, aproveitando-se da fragilidade do regime republicano recém-instaurado, um "mito" em torno do arraial foi criado e publicado nos principais jornais do País. Assim como Walnice Galvão, que vê nisso uma form a de espalhar-se o pânico para manipular a opinião pública, Bartelt entende essas notícias como forma de manipulação e controle da sociedade por meio de uma campanha publicística de "construção do medo".

Os "poderosos" que engendraram tal campanha discursiva tinham o interesse em legitimar o extermínio do arraial de Canudos; e tal ação por sua vez representaria a força do poder local e nacional que defende os ideais republicanos e a ordem da Nação.

De acordo com a nossa pesquisa em *O Estado de S. Paulo*, contendo publicações exclusivas desse jornal e, também, de outros como *O Paiz, Jornal do Commercio* e *República*, do Rio de Janeiro, entendemos que a associação do movimento de Canudos ao medo da queda do regime republicano foi real. De fato, havia grande tensão e repressão a qualquer possível ameaça à República. Assim, não concordamos, plenamente, com as colocações de Bartelt. Foi, de fato, criado um "mito" em torno do arraial de Canudos, mas não entendemos que esse mito tenha sido construído por causa da fragilidade do regime republicano, no sentido de legitimar um ataque a Canudos.

Esse mito foi construído, segundo nossa opinião, pois havia grande desconhecimento do que realmente Canudos representava para a nação brasileira. Algumas evidências surgiram a respeito da aversão de Antonio Conselheiro e seus seguidores pelo regime republicano, como o fato de a moeda republicana, por exemplo, não circular em Canudos, e então os republicanos se aliaram em torno de uma causa comum da época: defender o regime vigente e, com ele, a ordem e o progresso.

Além da repressão a Canudos, como a história nos conta, o regime republicano combateu quaisquer manifestações sociais que pudessem pôr em risco a sua existência e consolidação. Assim, entendemos que o período da primeira república se destaca como um dos períodos mais violentos e repressivos da história nacional.

Em continuação à questão da atuação da imprensa na Guerra de Canudos, apresentamos algumas contribuições de Walnice N. Galvão (1977).

Essa pesquisadora encontrou um discurso vivo e variado a respeito de Canudos nas publicações de diversos jornais. Ela reuniu, juntamente com uma equipe, todos os

jornais encontrados do ano de 1897 e classificou as publicações que se referiam à Campanha de Canudos em cinco categorias:

- representação galhofeira;
- representação sensacionalista;
- representação ponderada;
- reportagens.

A "representação galhofeira" trata-se, segundo Galvão, de "pretexto para sátira política", e pode ser considerada reveladora de "algumas tendências de manipulação da opinião" (GALVÃO, 1977, p. 33).

Como exemplo dessa representação satírica, citamos um trecho de Galvão (1977, p. 34):

> O recrutamento forçado para a nova e grande expedição que se prepara torna-se notícia corrente, na medida dos abusos que pratica contra a liberdade individual; o tom satírico que aparece na matéria publicada pelo *República*, do Rio, na edição de 18 de julho de 1897, já é dado por seu título construído em paradoxo: *Presos para voluntários*. Versos zombeteiros surgem, como estes que vêm à luz na *Folha da Tarde*, do Rio, a 17 de julho de 1897, na primeira página, assinados por *Arco-Íris*:
>
> 'Eu ando desconfiado,
> Olhar baixo, lábios mudos,
> Com medo de ser pegado
> Para o açougue de Canudos!'

Quanto â "representação sensacionalista", a autora observa que è difícil para o leitor atual aquilatar o tamanho do estardalhaço que a imprensa fez quanto â "Campanha de Canudos". Ela entende que o leitor, ao tomar contato com os exemplares dos jornais, se espanta com a saturação de informação existente, e como há sensacionalismo nelas (GALVÃO, 1977, p. 54).

Acreditamos que no Apêndice A deste trabalho seja possível tomar conta to com a quantidade de informação e de sensacionalismo que havia nas publicações dos jornais a respeito de Canudos. A título de exemplo, citamos, do nosso material, a coluna "Pela Republica" que foi publicada no mês de março, na primeira página de *O Estado*.

Essa pesquisadora salienta que "em meio ao sensacionalismo, â galhofa, ao bombardeio de informações tendenciosas, à histeria geral, aparecem às vezes nos jornais algumas vozes falando em nome do bom senso" (GALVÃO, 1977, p. 76).

Essas vozes citadas pela autora fazem parte da "representação ponderada" que, segundo ela, foi rara no contexto em questão.

Os exemplos oferecidos por ela desse tipo de representação datam dos últimos momentos da guerra ou do seu fim, quando a agitação ficara no passado; então os sertanejos, tratados como *jagunços* durante toda a campanha, "começaram a ser chamados de brasileiros" e há, tambèm, aqueles que protestam e pedem que sejam "incorporados â nacionalidade" (GALVÃO, 1977, p. 107-108).

Apresentamos duas dessas publicações que fazem parte da "representação ponderada"; a nosso ver, não podem ser consideradas ponderadas, pois são utilizadas expressões e termos extremamente pejorativos e degenerativos em relação aos sertanejos de Canudos. Citamos, abaixo, trechos do manifesto dos acadêmicos baianos; esse manifesto foi publicado na *Gazeta de Notícias,* do Rio de Janeiro, na edição de 1º de abril de 1897, com o título de "Pela Repöblica":

> 'Muito antes da proclamação da Repöblica, quando ainda ninguèm poderia prever que a árvore exótica da Monarquia havia de ruir tão cedo por não poder aprofundar raízes no seio das livres terras americanas, um homem, um degenerado, – produto natural da hereditariedade psíquica, abalava o rude espírito das populações incultas ao nordeste da Bahia [...] Clima rigoroso, selvas extensas de cardos e de espinhos, ausência completa de todo elemento civilizador, religião grosseira – quase-fetichismo – eis os reais auxiliares daquele funesto evangelizador [...] os conselheiristas não cogitam decerto em restaurar a instituição decaída. Nutrem, sim, a insana pretensão de se conservarem independentes, livres de toda a ação governamental; mas, no egoísmo característico daquela ignorância invencível, nunca pensaram em destruir a República [...] Outros fossem os intuitos da horda brutal, tivessem eles realmente os auxílios e os chefes que andam denunciando falsos boatos sem fundamento – e teriam sabido (di-lo o raciocínio mais elementar) colher as vantagens da vitória ultimamente conseguida, em vez de, com inépcia notabilíssima, conservarem-se ali obstinadamente [...] O fanatismo rebelado em Canudos é uma nódoa, uma vergonha que cumpre extinguir de pronto e por completo' (GALVÃO, 1977, págs. 95 e 96).

Nesse manifesto dos acadêmicos, é possível perceber um cientificismo de bases culturais e racistas em diversos termos e expressões utilizados com a intenção de tornar negativa a imagem dos sertanejos. Entre eles estão as expressões "degenerado",

“produto natural”, “populações incultas”, “elemento civilizador” e “ignorância invencível”. Esses signos constituem parte do discurso que afirmava serem os canudenses incivilizados e, por isso, degenerados. Essa falta de civilização, nesse discurso, è percebida pela “ignorãncia” que “essas populações” incultas possuem. Nesse caso, há a falta do missionário civilizador, que poderia salvar essas populações da insciência e rudeza dos sertões. A ideia, como já comentado, faz parte da noção positivista e evolucionista de que as populações mais evoluídas possuem a missão de civilizar e de salvar os selvagens, ou seja, os menos evoluídos. Também podemos perceber o uso do determinismo do meio para explicar o comportamento do Conselheiro; o meio, segundo o manifesto, pode ser considerado um auxiliar desse “funesto evangelizador”.

Citamos também trechos de outra publicação considerada por Galvão como uma “representação ponderada”; no nosso entendimento, essa publicação è ainda menos ponderada que o manifesto anteriormente colocado. Trata-se de uma conferência de Rui Barbosa, publicada em *O Comércio de São Paulo*:

> Os poucos estadistas do Império fiéis na República à tradição imperial, os que a não sacrificaram ao industrialismo de certas conversões, ou não entraram lealmente na colaboração republicana, eram incapazes dessa idiotia. Por muito severos que queiramos ser com o seu erro, consequência dolorosa, mas natural, de uma ferida incurável, não nos é lícito desconhecer-lhes o patriotismo, a dignidade, o senso comum, inconciliáveis com a hipótese de uma restauração assente na vitória de uma horda de mentecaptos e galés sobre a razão nacional. São nossos compatriotas e nossos semelhantes: têm direito, ao menos, a esse rudimento de justiça (GALVÃO, 1977, p. 96-97).

Assim como os acadêmicos da Bahia, o ilustre Rui Barbosa não acreditava na ligação dos conselheiristas com os monarquistas. Estes, mesmo que defendessem a ordem imperial, possiam dignidade, patriotismo e senso comum, características, segundo esse discurso, que os sertanejos de Canudos não possuem, por se tratarem de mentecaptos e galés. Essas duas palavras podem ser entendidas, respectivamente, como “condenados” e “loucos”. O substantivo mentecapto, nesse contexto, pode ser compreendido tanto como “louco”, ou seja, aquela pessoa privada da razão e da sanidade, como pode significar “ignorãncia”, isto è, pessoa destituída de inteligência e entendimento.

Rui Barbosa reconhece os monarquistas como semelhantes, pois são pessoas com bom senso e, além disso, possuem instrução; não são ignorantes. Por esse motivo, merecem justiça; já os conselheiristas estão condenados. Eles não podem, nesse discurso, ser considerados compatriotas ou semelhantes aos homens civilizados das cidades. Assim, sua destruição não tem como objetivo defender o regime republicano, nesse discurso, mas eliminar os excluídos, aqueles que não se assemelham aos cidadãos instruídos e civilizados.

Citamos mais um trecho em que Rui Barbosa apresenta, de modo bastante orgânico, a comunidade canudense:

> Canudos é apenas um acidente monstruoso das aluviões morais do sertão, truculência das lutas primitivas, a rudeza dos instintos agrestes, a crendice da discultura analfabeta, o banditismo predatório do crime, a pugnacidade implacável dos ódios locais, a escória promíscua do campo e da cidade, as fezes do ócio, da miséria, da tarimba e da penitenciária. [...] Essa formação anômala e ameaçadora, tolerada, graças à sua primitiva aparência de inocente monomania religiosa, pela indulgência brasileira, durante mais, talvez, de um vicênio, sob dois regimes sucessivos, devia naturalmente resultar em um fenômeno desusado e fatal (GALVÃO, 1977, p. 97).

Nesses trechos, a nosso ver, há uma forte intolerância para com os canudenses. Segundo Barbosa, Canudos, organicamente, foi formada pela pior espécie de gente. Há menções à discultura, ao crime, a primitividade, à moral e à selvageria como sendo bases dessa formação. Enfim, tratam-se de homens e mulheres temíveis por conta da sua moral degenerada e criminosa; eles são ameaçadores, não por causa de intenções restauradoras, mas por terem sido sedimentados, no sertão baiano, por toda a negatividade humana.

Assim, consideramos essas duas publicações como um forte apelo à desmoralização de Canudos, em que a ponderação não existe. Elas são tendenciosas e pregam o ódio e a destruição dessa comunidade.

Por fim, há as publicações em formato de “reportagens”, originárias das contribuições dos correspondentes. Essas pessoas enviadas â Bahia, “como iam em missão de guerra, os enviados, além de especiais, eram de certo modo especializados”, isto é, se tratavam de tenentes, coronéis e capitães, por exemplo (GALVÃO, 1977, p. 109-110).

As contribuições dos correspondentes especiais podem ser conferidas no Apêndice A desta dissertação. Entre elas, destacamos as cartas do correspondente do

Jornal do Commercio, o capitão Manoel Benício, e os artigos de Euclides da Cunha, correspondente de *O Estado*, periódico por nós analisado. As contribuições de Euclides, em formato de artigo, foram analisadas na seção "Diario de uma expedição", porèm è interessante verificar suas contribuições no Apêndice A, pois, além dos artigos, há diversos telegramas que ele enviou da Bahia à redação do jornal.

Enfim, encontramos no trabalho de Galvão (1977), intitulado *No calor da hora*, uma importante contribuição para refletirmos acerca da atuação da imprensa no episódio da Guerra de Canudos, pois, além da análise da pesquisadora, há diversos textos originais publicados nos jornais de 1897 que, segundo nosso entendimento, podem ser considerados reveladores da realidade representada nas publicações, no calor da hora.

Enfim, podemos entender que o século XIX, com ênfase para o seu final, representou desenvolvimento para vários setores, no Brasil; e a imprensa fez parte disso. Na imprensa podemos encontrar a voz de uma elite letrada que se interessava por uma Nação identificada com um modelo internacional; essa elite era composta por estudantes, bacharéis, literatos, cientistas, entre outros. Também, podemos encontrar a voz do povo que procurava participar dos assuntos públicos e mostrar seu apoio às causas que julgava pertinente.

Quanto ao episódio de Canudos, entendemos que as publicações nos jornais do Rio de Janeiro foram decisivas para influenciar a opinião pública brasileira por ser a cidade do Rio um polo de decisões.

Assim, observamos a imprensa, principalmente dos centros urbanos, como importante para a formação de uma sociedade participativa nos assuntos públicos e influente nas decisões e opiniões dessa sociedade.

CAPÍTULO 4

O ESTADO DE S. PAULO E A GUERRA DE CANUDOS

> *Antonio Conselheiro não é um nullo, é ainda menos, tem um valor negativo que augmenta segundo o valor absoluto da sua insania formidavel. Chamei-lhe por isto (...) grande homem pelo avesso (...) Dominando ha tanto tempo, irresistivelmente, as massas que cégamente lhe obedecem, a sua influencia extranha avolumou-se, cresceu sempre numa continuidade perfeita e veio bater de encontro á civilisação (Euclides da Cunha)*[14].

A fonte pesquisada, como já explicitado, trata-se do jornal paulista *O Estado de S. Paulo*. A escolha desse periódico foi pautada na importância que ele teve no contexto da Guerra de Canudos por conta do envio de Euclides da Cunha como correspondente especial. Pilagallo (2012) observa que o envio desse correspondente teve influência nas vendas e na projeção desse jornal, no período.

Fundado em São Paulo, em janeiro de 1875, por um grupo de republicanos, esse jornal se chamou, inicialmente, *A Provincia de São Paulo*; nome que foi conservado até o final de 1889.

No contexto de fins do século XIX, esse periódico era dirigido por Júlio Mesquita e Rangel Pestana. Com a proclamação do regime republicano, Pestana passou a exercer um cargo público e afastou-se de *O Estado*. Júlio Mesquita, também, se envolveu em assuntos políticos, ocupando cargos de deputado federal e estadual, entre 1891 e 1892. Porém, Mesquita conciliou e ampliou, com seus cargos públicos, a sua participação no jornal. Ele foi um dos principais mentores do sucesso e crescimento, na passagem do século XIX ao XX, de *O Estado de S. Paulo* que pode ser considerado como o maior jornal da época.

> Embora a imprensa refletisse o estágio mais atrasado do desenvolvimento da cidade, sobretudo em relação ao Rio de Janeiro, paulatinamente os jornais locais se aprimoravam em termos técnicos e editoriais. *O Estado de S. Paulo*, que emergia como o melhor órgão paulistano, ainda não podia competir em pé de igualdade com as publicações da capital da República, que serviam como caixa de ressonância dos conflitos da política nacional. No entanto, em breve o jornal ganharia proeminência (Pilagallo, 2012, p. 50).

Como dito, o envio de Euclides, como correspondente especial, ao sertão da Bahia, contribuiu com as vendas e com a ampliação do jornal. Essa decisão foi de Júlio

---

[14] Fonte: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 de setembro de 1897.

Mesquita que gostou de dois artigos do autor, intitulados de “A Nossa Vendêa”, escritos após a derrota da terceira expedição e durante a quarta expedição a Canudos.

Segundo Pilagallo (2012), mais de doze jornais enviaram correspondentes para o teatro dos acontecimentos no sertão. Euclides não foi o correspondente mais crítico e nem tampouco podemos destacar suas contribuições como o material mais revelador a respeito da guerra, porém ele se tornou o repórter mais famoso, nesse contexto, por ter aproveitado seus artigos, publicados sob o título de “Diario de uma expedição”, para escrever sua obra *Os sertões*.

Este capítulo está destinado, exclusivamente, à análise da fonte pesquisada de 1º. de novembro de 1896 a 8 de outubro de 1897, período que abrange o desenrolar da Guerra de Canudos.

A primeira publicação que se refere à comunidade de Canudos, nesse periódico, data de 7 de novembro de 1896, noticiando o envio de 100 praças a Juazeiro para manter a ordem pública do lugar que havia sido ameaçada por Antonio Conselheiro (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 de novembro de 1896, p. 1).

Nossa consulta à fonte foi iniciada desde o dia primeiro do mês de novembro, pois intencionávamos localizar possíveis notícias a respeito do Conselheiro e dos seus seguidores. Notícias ou informações diretamente ligadas a eles não foram encontradas nesse período, porèm localizamos no dia 4 de novembro de 1896, na seção “Revista dos Estados”, uma publicação que noticiava, na Bahia, o assalto por parte de jagunços a diversos logradouros; isso deixou a população alarmada (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 de novembro de 1897, p. 2).

Nosso objetivo, ao analisar a fonte pesquisada desde o dia 1º. de novembro de 1896, também foi o de iniciar o trabalho de pesquisa de notícias e artigos que remetessem às ciências (naturais, médicas, entre outras), ou que discorressem a respeito de temáticas de cunho científico ou cientificista e localizar, também, publicações que estivessem abordando a situação política do País, já que o tema central dessa dissertação trata da Guerra de Canudos e das questões políticas e científicas que permearam as publicações a respeito desse evento na época.

Enfim, pretendemos verificar a organização e a estrutura do jornal quanto às seções fixas, ao número de páginas e ao tipo de publicação mais recorrente.

Apresentamos, então, no decorrer deste capítulo, a estrutura e a organização do periódico *O Estado de S. Paulo*, a Guerra de Canudos, com diferentes tipos de notícias,

e uma análise das publicações do "Diario de uma expedição", do correspondente especial Euclides da Cunha.

4.1 Estrutura e organização do periódico *O Estado de S. Paulo*

O periódico *O Estado de S. Paulo*, no período por nós analisado, estava composto, de modo geral, por quatro páginas. O jornal estava estruturado em oito colunas e, na maioria das edições analisadas, continha, no final das duas primeiras páginas, um espaço (em sentido horizontal) exclusivo para a publicação de folhetins ou artigos de temas variados. O primeiro artigo do correspondente especial desse periódico, Euclides da Cunha, intitulado "A Nossa vendêa", por exemplo, foi publicado nesse espaço (cf. Anexo B).

Nas duas primeiras páginas eram publicados conteúdos informativos, opinativos e artigos relativos às diversas áreas do conhecimento como artes, literatura, ciência, tecnologia, política, economia, entre outros. Já as duas últimas páginas eram destinadas, geralmente, aos classificados e propagandas.[15]

Essas quatro páginas do jornal eram, sempre, em preto e branco e não continham fotos; somente nas duas últimas páginas, destinadas aos classificados e propagandas, havia algumas ilustrações, como pode ser verificado no Anexo A.

Em cada coluna estavam distribuídos os conteúdos, assim os títulos das seções e dos conteúdos eram bastante curtos e gerais, possuindo uma palavra ou duas. Somente havia títulos grandes, com mais de duas linhas, nos casos de o documento ou o artigo ter já seu título definido pelo autor antes da publicação.

Citamos alguns exemplos de títulos de seções recorrentes nesse jornal no período analisado. Havia outras seções publicadas em algumas edições; essas que apresentamos como exemplos estavam presentes todos os dias, em *O* Estado, salvo algumas exceções. Apresentamos essas seções a partir de figuras retiradas do jornal em que podemos visualizar alguns detalhes e características do periódico em questão, como a variação no tamanho e no estilo das fontes ou o uso de caixa alta ou baixa. Observamos que, no período por nós analisado, o jornal segue sempre o mesmo estilo, tamanho e tipo de letra para cada uma das seções e as dispõe, com frequência, nas

[15] Verificar o Anexo A. Trata-se de uma ilustração de uma edição de *O Estado de S. Paulo*, a saber: dia 1º. de novembro de 1896.

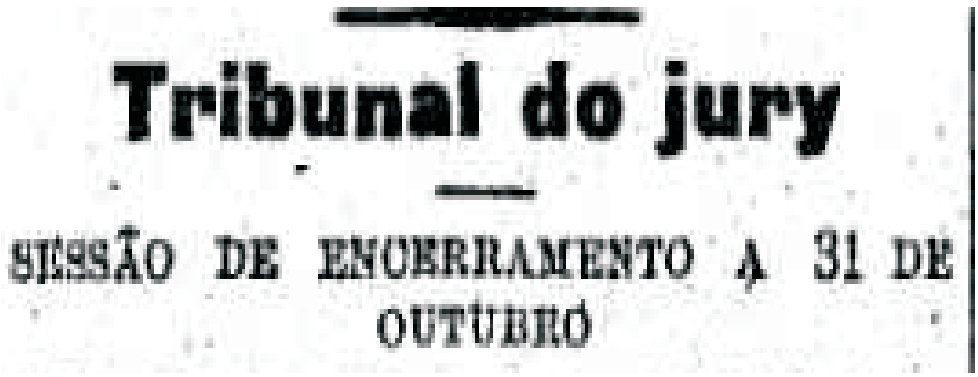
mesmas colunas (físicas) em suas edições; acreditamos que o objetivo era criar uma memória visual que facilitasse ao leitor encontrar a seção desejada.

Exemplos de seções:[16]

NOSSOS TELEGRAMMAS

A crise chilena

Figura 9 – Seção "Nossos telegramas".


Tribunal do jury

SESSÃO DE ENCERRAMENTO A 31 DE OUTUBRO

Figura 10 – Seção "Tribunal do Juri".

[16] Fonte: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º. de novembro de 1896, p. 1 e 2.

CONGRESSO LEGISLATIVO

CAMARA DOS DEPUTADOS

SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE OUTUBRO DE 1896

Figura 11 – Seção "Congresso legislativo".

TELEGRAMMAS

Serviço especial do "O Estado de S. Paulo"

JUNDIAHY, 1 (recebido ás 6 e meia horas da noite).

Na estação da Companhia Paulista, desta cidade, entraram hoje, com destino á Santos, 7.114 saccas com café.

(*Do nosso correspondente*).

SANTOS, 1 (recebido ás 10 horas da noite).

A policia desta cidade acaba de prender 14 individuos, alguns dos quaes de nacionalidade extrangeira, por terem levantado na rua Senador Feijó vivas á monarchia.

(*Do nosso correspondente*).

Figura 12 – Seção "Telegramas".

Como podemos verificar nesses exemplos, há uma diversidade de seções e o projeto gráfico delas variam, como dissemos, em diversos aspectos (caixa alta e baixa, fonte, estilo e tamanho da letra). Nas figuras 9, 10 e 11, é possível notar que há um título específico do assunto tratado logo após o nome da seção; em alguns casos há somente um título específico, ou seja, há somente um texto na seção; já em outros casos, a mesma seção possui vários títulos específicos, ou seja, a seção possui vários textos diferentes.

Na figura 12, verificamos que se trata de um serviço especial do jornal analisado, em que os correspondentes enviavam telegramas de diversas cidades do Brasil e do mundo. Nesse exemplo, há dois telegramas enviados de Jundiaí e de Santos, interior e litoral do Estado de São Paulo, respectivamente; podemos visualizar neles a cidade, o dia, o horário em que esses telegramas foram enviados. É importante observarmos esse fato, pois diariamente muitos telegramas eram enviados, inclusive, do mesmo local e com horários diferentes. Como o telégrafo era o sistema mais rápido para o envio de informações, essas eram enviadas à medida que os correspondentes tinham acesso a elas.

No Apêndice A, em que são apresentadas, resumidamente, todas as notícias e artigos do interesse deste trabalho encontrados em *O Estado de S. Paulo* no período analisado, podemos verificar que diversos telegramas do Rio, por exemplo, chegavam no mesmo dia, contendo informações repetidas ou diferentes; quando isso ocorreu, optamos em juntar, de modo resumido, as informações enviadas de um mesmo dia e local e mencionar que se tratava de diversos telegramas. Citamos um exemplo[17] extraído do Apêndice A:

ξ **Telegrammas:**

RIO, 2: Vários telegramas expedidos, informando que ainda não há notícias oficiais acerca dos acontecimentos em Canudos, e que, assim que houver novidades, será comunicado â imprensa: "Nada consta sobre detalhes do combate de Canudos atè o momento. Apenas ha uma vaga noticia de estarem as forças legaes de posse do arraial, por telegramma particular publicado no *Diario de Noticias"* (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 de julho de 1897, p. 2).

[17] Outros exemplos podem ser verificados ao longo do Apêndice A.

Citamos, também, alguns exemplos de títulos de notícias ou artigos, publicados no jornal durante o período por nós analisado, com a grafia atualizada:

- ξ "Assassinato";[18]
- ξ "Tentativa de homicídio";[19]
- ξ "Uma tragèdia";[20]
- ξ "Mau filho";[21]
- ξ "A Febre Amarela";[22]
- ξ "O bandido Dioguinho";[23]
- ξ "O soro Caldas";[24]
- ξ "Estelionato";[25]
- ξ "O crime de Uberaba";[26]
- ξ "Canudos";[27]
- ξ "Facada";[28]
- ξ "Responsabilidades".[29]

Esse tipo de título era bastante recorrente para noticiar acontecimentos diferentes, mas que poderiam se encaixar dentro de um determinado tema, como "roubo", "afogamento", "incêndio"; são exemplos de títulos gerais. No caso de alguns dos títulos citados acima, "O bandido Dioguinho", "O soro Caldas", "O crime de Uberaba" e "Canudos", eles são referentes a acontecimentos específicos, considerados importantes, por isso possuem um substantivo próprio (Dioguinho, Caldas, Canudos, Uberaba) para, de certa forma, chamar a atenção dos leitores e/ou para serem facilmente encontrados. Esse tipo de título, em geral, torna-se mais recorrente durante o desenrolar do acontecimento a que ele se refere ou durante a apuração de mais notícias relacionadas ao acontecimento em questão.

---

[18] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º. de novembro de 1896, p. 1.
[19] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º. de novembro de 1896, p. 1.
[20] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de janeiro de 1897, p. 1.
[21] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de janeiro de 1897, p. 2.
[22] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de março de 1897, p. 1.
[23] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 de abril de 1897, p. 2.
[24] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1897, p. 1.
[25] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 de junho de 1897, p. 1.
[26] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1897, p. 2.
[27] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de agosto de 1897, p. 1.
[28] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de agosto de 1897, p. 1.
[29] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de setembro de 1897, p. 1.

Percebemos que as notícias ou os artigos, presentes nas diversas edições as quais analisamos, estavam distribuídos dentro de seções pertinentes aos temas em que eles se encaixavam, sendo um pouco raro encontrar um título específico que se referisse a um conteödo ou notícia, como o caso do título "Canudos" ou "O soro Caldas", por exemplo.

Quanto ao tipo de conteúdo, encontramos no jornal *O Estado de S. Paulo*, no período analisado, uma relativa variedade de temáticas e de conteúdo. Foram encontrados artigos, notícias e notas referentes a crimes e tragédias diversas – como roubos, assaltos, prisões e afogamentos – à economia, à política, à tecnologia, à indústria, à agricultura, à imigração, a descobertas e estudos científicos, entre outros.

De modo geral, percebemos que havia, nesse periódico, uma grande preocupação em noticiar eventos internacionais em artigos, telegramas e notícias. Nas seções "Nossos telegramas" e "Telegramas", verificamos que havia correspondentes de *O Estado* em diversas partes do País e do mundo que enviavam, periodicamente, telegramas com notícias diversas das cidades onde se encontravam, como Buenos Aires, Montevidéu, Santiago, Londres, Sucre, Havana, entre outras.

Também percebemos que constantemente havia referências a outros jornais e revistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros. As referências aos diversos jornais e revistas, do Brasil ou de outros países, variavam de acordo com as notícias que, de certo modo, tivessem relevância ou fossem do interesse do jornal analisado publicar. Quando, por exemplo, a Guerra de Canudos passou a ser entendida como um evento de interesse nacional, as referências a diversos jornais da Bahia e estados próximos ao conflito, como Pernambuco ou Sergipe, tornaram-se bem mais frequentes.

Quanto aos jornais do Rio, capital do Brasil no período por nós estudado, havia uma coluna intitulada "Jornais do Rio", que visava apresentar, diariamente, notícias e artigos relativos a temáticas diversas publicados nos jornais *Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, País* e *República*.

Em relação aos diversos tipos de conteúdo publicados em *O Estado*, separamos dois deles que se relacionam à nossa pesquisa. O primeiro tipo trata de conteúdos científicos ou que façam referência às ciências (naturais, médicas, entre outras), à tecnologia, a instituições científicas e a personalidades de diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, físicos, médicos ou naturalistas. Já o segundo diz respeito a conteödos políticos com ênfase na "questão republicana", ou seja, que façam menção ao regime republicano como um regime que está se consolidando no País e que

possui, ainda, ameaças de golpe por parte, especialmente, dos monarquistas de dentro e/ou de fora do Brasil.

Na figura 12 temos um exemplo da "questão republicana", pois foi noticiada, no telegrama enviado de Santos, a prisão de 14 pessoas pelo "crime" de darem vivas à monarquia. Percebemos, a partir dessa notícia e de outras, como o sistema republicano estava sendo implacável com qualquer suposta ameaça ao seu poder e à sua integridade.

4.1.1 Conteödo "científico" ou com referência âs ciências

A referência às ciências e a publicação de artigos e notícias com conteúdo científico eram bem frequentes no periódico analisado. Encontramos alguns artigos com textos analíticos e opinativos acerca de teorias, descobertas e análises científicas, assim como notícias de instituições científicas, de personalidades do mundo das ciências e o estudo científico e o investimento em ciência e tecnologia como chaves para o desenvolvimento e engrandecimento da sociedade brasileira. Também há artigos e notícias que não se referem às ciências diretamente, mas, de modo indireto, encontramos a noção de civilização moderna e desenvolvimento atrelada a temáticas como raça, urbanização, modernização, conhecimento científico e tecnologia.

Como encontramos diversas notícias e artigos, selecionamos apenas alguns para comentarmos, mas outros exemplos foram colocados no Apêndice A.

No final desta seção, apresentamos um quadro com as informações sistematizadas acerca de todas as publicações encontradas que, como já dito, podem ser verificadas com maiores detalhes, como comentários e citação de trechos, no Apêndice A.

Podemos confirmar nesse quadro uma variedade de assuntos a respeito do tema em questão: agricultura, tecnologia, indústria, imigração, raça, cultura de outros países, estudos históricos e geográficos, descobertas e estudos científicos em diversas áreas, entre outras temáticas.

Nossa intenção, ao sistematizarmos essas informações nesse quadro, é demonstrar como, realmente, estudos científicos e menções às ciências estavam presentes no periódico analisado; também pretendemos facilitar o uso do Apêndice A, a fim de proporcionarmos mais informações e conhecimentos a respeito desse assunto.

Figura 13 – Quadro – Publicações em *O Estado de S. Paulo* de conteúdo científico ou com referência às ciências, de 01 de novembro de 1896 a 08 de outubro de 1897:

Título	Seção	Temática	Fonte	Apêndice A (Páginas)
"Os cyclones"	"Um pouco de Sciencia"	Conhecimentos científicos; ciências da natureza.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de novembro de 1896, p. 1.	211
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de dezembro de 1896, p. 1.	214
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de dezembro de 1896, p. 1.	215
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de dezembro de 1896, p. 1.	215
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de dezembro de 1896, p. 1.	216
"A febre amarella"	------	Saúde; medicina; pesquisa científica; saneamento básico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de dezembro de 1896, p. 1.	216
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 de dezembro de 1896, p. 1.	216
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de dezembro de 1896, p. 1.	216
"Sociedade de Medicina e Cirurgia"	------	Medicina; instituição científica; encontro científico e institucional.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de dezembro de 1896, p. 1.	216
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 de dezembro de 1896, p. 1.	217
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de dezembro de 1896, p. 1.	217
"Os indios chrèntes"	------	Civilizações primitivas; sociedade moderna na missão de civilizar; raças; costumes; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de dezembro de 1896, p. 1.	218
"Ultimos progressos na illuminação..."	"Um pouco de Sciencia"	Tecnologia; eletricidade; física; desenvolvimento e progresso científico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 de janeiro de 1897, p. 1.	218
"Febre Amarella"	------	Saúde; medicina; pesquisas e descobertas científicas; saneamento básico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de janeiro de 1897, p. 1.	219
"A hygiene athletica"	"Um pouco de Sciencia"	Saúde; medicina; higiene.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de janeiro de 1897, p. 1.	220
"A dansa e a musica no mundo dos pássaros"	"Um pouco de Sciencia"	Ciências da natureza; pesquisa e estudo científico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de janeiro de 1897, p. 1.	220

Título	Seção	Temática	Fonte	Apêndice A (Páginas)
"A expedição do Dr. Nansen ao polo do Norte"	"Variedades"	Ciências da natureza; viagem científica; pesquisa científica; geografia; cultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de janeiro de 1897, p. 1.	221
"Agricultura"	------	Natureza; técnicas de plantio e de colheita; conhecimentos científicos de agricultura.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de janeiro de 1990, p. 2.	221
"A peste bubonica"	"Um pouco de Sciencia"	Saúde; Medicina; epidemias em âmbito internacional.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de janeiro de 1896, p. 1.	223
"As machinas na agricultura"	------	Natureza; técnicas e tecnologia de plantio e de colheita; avanço tecnológico e científico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 de fevereiro de 1897, p. 1.	224
"A peste bubonica"	"Um pouco de Sciencia"	Saúde; Medicina; epidêmicas em âmbito internacional; pesquisa histórica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de fevereiro de 1897, p. 1 e 2.	226
"Instituto histórico"	------	Reunião científica e administrativa; história.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de fevereiro de 1897, p. 1.	226
"A cultura do limão"	------	Conhecimentos medicinais; técnicas de plantio e colheita; clima; técnicas de preparação do suco.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de fevereiro de 1897, p. 1.	227
"Algumas raças de galinhas"	"Avicultura"	Conhecimentos científicos das diversas raças; cultura; hábitos.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de fevereiro de 1897, p. 1.	227
"Arboricultura"	------	Técnicas e benefícios dessa prática.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de fevereiro de 1897, p. 1.	228
"Arborisação da capital"	------	Modernização da cidade; crítica à técnica empregada em SP.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de fevereiro de 1897, p. 1.	229
"A bananeira"	------	Conhecimentos científicos; técnicas de plantio e colheita; agronegócio.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de fevereiro de 1897, p. 1.	230
"Horto botãnico"	------	Organização científica agrícola; arborização; modernidade.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 de março de 1897, p. 1.	232
"Os Boschismanos"	"Um pouco de Sciencia"	Civilização primitiva; processo de civilização domesticação raça.estrangeiras; cultura;	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de março de 1897, p. 1.	233
"Pathogenia, transmissibilidade, tratamento racional"	"Febre Amarela no Estado de São Paulo"	Saúde; Medicina; tratamento; conhecimentos e descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de março de 1897, p.1 e 2.	234
"Animaes do Amazonas"	------	Museu do Estado; animais empalhados; estudo científico.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 2.	237
"O nascer da viticultura franco-americana"	"Um pouco de Sciencia"	Viticultura; estudos e conhecimentos científicos; ténicas de cuidado com a natureza.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de março de 1897, p. 2.	239
"A febre amarella no Estado de São Paulo"	------	Saúde; Medicina; tratamento; epidemia.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de março de 1897, p. 1.	239
"A agricultura na França"	------	Agricultura; natureza; sociedade moderna; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de março de 1897, p. 1.	242
"Pathogenia, transmissibilidade, tratamento racional"	"Febre Amarela no Estado de São Paulo"	Saúde; Medicina; tratamento; ciência.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de março de 1897, p. 1.	243
"A educação scientifica da mocidade..."	"Secção Livre"	Educação cristã como educação cientifica; religião.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de março de 1897, p. 2.	243

Título	Seção	Temática	Fonte	Apêndice A (Páginas)
“A proposito da febre amarella: condições physicas da observação”	------	Saúde; Medicina; tratamento; conhecimentos e estudos científicos.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 de março de 1897, p. 2.	243
“A proposito da febre amarella”	------	Saúde; Medicina; transmissão; tratamento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de março de 1897, p. 2.	246
“A Africa colonial”	“Os nossos telegramas”	Colonização inglesa e portuguesa; civilizações primitivas; Crítica: ataque; sugestão; domesticação dócil.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de abril de 1897, p. 1.	252/253
“America do Sul”	“Os nossos telegramas”	Crítica: aliança latina; desenvolvimento; economia; investimento; sociedades modernas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de abril de 1897, p. 1.	253
“Na Guinè”	“Os nossos telegramas”	Colonização; civilizações primitivas; domesticação.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de abril de 1897, p. 1.	254
“Saude publica”	------	Saúde; saneamento; febre amarela.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de abril de 1897, p. 1.	254
“Saneamento”	------	Polícia sanitária; benefícios.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de abril de 1897, p. 1.	254
“Ainda a proposito da peste bubonica: a historia da descoberta do sérum anti-pestoso”	“Um pouco de Sciencia”	Descoberta científica; estudo científico e histórico; Saúde; Medicina.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de abril de 1897, p. 2 e 3.	258
“O ensino de agricultura”	“Agricultura”	Natureza; estudos científicos.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de abril de 1897, p. 1.	262
“Estudo de hygiene”	------	Saneamento do RJ; Saúde; Natureza (lençóis freáticos).	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de maio de 1897, p. 1.	263
“A ilha de Creta”	“Um pouco de Sciencia”	Estudo: cultura, história e natureza.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de maio de 1897, p.1 e 2.	263
“A tuberculose”	------	Saúde; Medicina; tratamento; descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de maio de 1897, p. 3.	264
“Cura da febre aphtosa em animais”	------	Saúde; Veterinária; tratamento; descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de maio de 1897, p. 3.	264
“O ensino agrícola da California”	------	Estudo científico; progresso; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de maio de 1897, p. 3.	264
“Febre Amarela”	------	Saúde; Medicina; Novo tratamento; crítica ao “sèrum Caldas”.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de maio de 1897, p. 3.	265
“A febre aphtosa em animais”	------	Saúde; Veterinária; tratamento; descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 de maio de 1897, p. 1.	265
“O sero anti-amarillico”	------	Saúde; Medicina; descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de maio de 1897, p. 1.	265
“Estudos de hygiene II”	------	Saneamento do RJ; Saúde; Natureza (lençóis freáticos).	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de maio de 1897, p. 1.	266
“Instituto agronomico de S. Paulo”	------	Agricultura; cultura do café; química agrícola.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 de maio de 1897, p. 1.	266
“O serum Caldas”	------	Saúde; Medicina; febre amarela; críticas ao sérum Caldas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de maio de 1897, p. 2.	266
“O sôro Caldas”	------	Febre amarela; descoberta científica; tratamento; polêmica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1897, p. 1.	267
“A vaccina contra a peste”	------	Saúde; Medicina; tratamento em Bombaim.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1897, p. 2.	267
“Serum Caldas”	“Secção Livre”	Saúde; Medicina; tratamento da febre amarela; Conferência: descoberta científica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1897, p. 2 e 3.	267

Título	Seção	Temática	Fonte	Apêndice A (Páginas)
“Febre amarella”	------	Crítica à conferência e ao sérum do Dr. Caldas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1897, p. 3.	267/268
“O sôro Caldas”	------	Crítica do Dr. Adolpho Lutz; investigação não científica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de maio de 1897, p. 1.	268
“A febre amarella: serum Caldas”	“Secção Livre”	Crítica do Instituto bacteriológico de S. Paulo; polêmica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de maio de 1897, p. 2.	268
“Secretaria da agricultura”	------	Agricultura; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de maio de 1897, p. 1.	269
“Industrias”	------	Investimento industrial; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 de maio de 1897, p. 1.	269
“A capacidade intelectual da mulher”	“Um pouco de Sciencia”	Anatomia; comparação do cérebro da mulher ao do homem quanto ao peso; compara civilizações desenvolvidas a civilizações primitivas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de maio de 1897, p. 2.	270
“A agricultura brasileira”	------	Agricultura; necessidade de investimento em estudo para o seu desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de maio de 1897, p. 2.	270
“O sal na agricultura”	------	Agricultura; técnica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de maio de 1897, p. 2.	272
“Horto botanico ou Jardim de experiencias"	------	Cultura do solo, florestal e agrícola.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 de junho de 1897, p. 2.	273
“A febre amarella”	------	Descobertas científicas; Dr. Sanarelli; conferência.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de junho de 1897, p. 1.	274
“A febre amarella”	------	Descobertas científicas; Dr. Sanarelli; Instituto Sanarelli; conferência.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de junho de 1897, p. 1.	275
“A febre amarella e o Dr. Sanarelli”	------	Descobertas científicas; Dr. Sanarelli; conferências.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de junho de 1897, p. 1.	276
“A febre amarella e o Dr. Sanarelli”	------	Descobertas científicas; Dr. Sanarelli; conferências.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de junho de 1897, p. 1.	276
“A febre amarella e a conferencia do professor Freire”	------	Descobertas do Dr. Sanarelli; conferência no RJ.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 de junho de 1897, p. 1.	277
“O Monismo e a conversão de Haeckel”	------	Ciência e religião; Monismo; Haeckel.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de junho de 1897, p. 2.	278
“Bahia”	“Revista dos Estados”	Estado sanitário; saúde; mortes por moléstias como a varíola, a febre amarela, entre outras.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de julho de 1897, p. 2.	282
“14 de julho”	------	França: intelectualidade; modernidade, ciência.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de julho de 1897, p. 1.	287
“Febre amarella”	------	Conferência no RJ sobre os trabalhos do Dr. Sanarelli; descobertas científicas.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de julho de 1897, p. 1.	292
“Saude publica”	------	Saúde; saneamento; melhorias.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de agosto de 1897, p. 1.	304
“O professor Souza Martins”	------	Morte desse homem científico; apresentação de detalhes da sua vida acadêmica e científica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 de agosto de 1897, p. 1.	314
“Credito agrícola”	------	Agricultura; investimento em SP; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de agosto de 1897, p. 3.	321
“Credito agrícola”	“Secção Livre”	Agricultura; investimento em SP; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 1897, p. 2.	323

Título	Seção	Temática	Fonte	Apêndice A (Páginas)
“Lamarck, Cuvier e Darwin”	------	Discorre sobre a obra dos três autores, com destaque para a obra de Lamarck.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de agosto de 1897, p. 1.	323
“Relatório apresentado ao Sr. Presidente da Republica pelo ministro da Insdustria, Viação e Obras pöblica...”	------	Questão agrícola, industrial e econômica; desenvolvimento ligado à uma vida mais próspera e feliz.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de agosto de 1897, p. 1.	325
“Credito agrícola”	“Secção Livre”	Agricultura; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de agosto de 1897, p. 2.	326
“Relatório apresentado ao Sr. Presidente da Republica pelo ministro da Insdustria, Viação e Obras pöblica...”	------	Questão agrícola, industrial e econômica; Questão da imigração; etnia ligada à atributos morais.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de agosto de 1897, p. 1.	327
“Industria nacional: impostos de aniagem”	------	Indústria; economia; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de agosto de 1897, p. 2.	328
“Relatório apresentado ao Sr. Presidente da Republica pelo ministro da Insdustria, Viação e Obras pöblica...”	------	Questão agrícola, industrial e econômica.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 de setembro de 1897, p. 1.	328
“Relatório apresentado ao Sr. Presidente da Republica pelo ministro da Insdustria, Viação e Obras pöblica...”	------	Questão agrícola, industrial e econômica; desenvolvimento do país; conclusão.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 de setembro de 1897, p. 1.	328
“Industrias”	------	Questão industrial, política e econômica do país.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de setembro de 1897, p. 1.	330
“Industria pastoril”	------	Agricultura; campos artificiais; tecnologia.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de setembro de 1897, p. 1.	331
“Applicação dos electro-imans á oftalmologia; uma nova polvora sem fumo; o projectil necessario; a electricidade e o ferro”	“Pelas Revistas”	Tecnologia; Medicina; eletricidade; estudos e descobertas científicas; desenvolvimento e progresso.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de setembro de 1897, p. 1.	334
“Aplicação de enxofre na cirurgia; as condições actuaes da California”	“Pelas Revistas”		*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de setembro de 1897, p. 1.	340
“Agricultura: a poda das árvores fructiferas”	------	Agricultura; técnica; conhecimentos científicos.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de setembro de 1897, p. 1.	341
“O feminismo”	------	Sociedades modernas; estudo; natureza feminina e masculina.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de outubro de 1897, p. 1.	343
“Industria pecuária”	------	Pecuária; indústria; tecnologia.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de outubro de 1897, p. 1.	343
“Agricultura: efeitos da capinação”	------	Agricultura; técnica; desenvolvimento.	*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de outubro de 1897, p. 2.	344

Ao observarmos esse quadro, percebemos que havia uma seção intitulada "Um pouco de ciência", que publicava diversos assuntos a respeito do mundo das ciências; tambèm podemos observar a presença de institutos científicos: "Sociedade de Medicina e Cirurgia", "Instituto Histórico", "Horto Botãnico" e "Instituto Agronômico de S. Paulo"; informações acerca dessas instituições eram publicadas com frequência; sobre a "Sociedade de Medicina e Cirurgia", por exemplo, eram publicados, mensalmente, relatórios a respeito das atividades desenvolvidas por essa sociedade.

A partir disso, percebemos que instituições, como institutos históricos, museus e jardins botânicos possuíam importância e tinham, de certo modo, espaço na imprensa. Essas instituições possuíam, também, seu próprio espaço de publicação e divulgação, como podemos verificar no Capítulo 2, mas a publicação de informações relativas a essas instituições na grande imprensa reflete, ou um interesse popular pelo desenvolvimento dessas instituições científicas, ou pode refletir a estratégia de se criar esse interesse no público, de popularizar as ciências e os espaços científicos.

Observamos que muitas das publicações possuíam um caráter informativo, em que se noticiavam assuntos de interesse público, como o estado de saúde da população, ou as descobertas e polêmicas científicas a respeito de novos medicamentos para a cura de doenças que estavam assolando a população; já outras delas possuíam um caráter de vulgarização de conhecimentos e descobertas científicas, como os artigos a respeito de "Lamarck, Cuvier e Darwin"; esse tipo de publicação aproximava um cidadão não cientista de descobertas científicas, de opiniões a respeito de etnia, cultura e outros assuntos que as ciências se ocupam.

Acreditamos que esse tipo de publicação seja interessante e, algumas das vezes, curiosa para o cidadão da época, pois o aproxima, de certo modo, de um mundo fantástico de descobertas e da chave para um futuro próspero, como se acreditava na época.

Quanto aos assuntos mais frequentes, destacamos a questão da saúde pública, em que a "febre amarela" esteve em evidência. Isso ocorreu por conta do período histórico de fins do século XIX em que epidemias assolavam as populações e tornavam-se problema de saúde pública.

Desenvolvendo mais essa questão, observamos que ela está relacionada ao saneamento básico precário de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro e também ao estado de abandono em que muitas populações se encontravam. No Capítulo 2 temos um exemplo disso: "A revolta da vacina", em que o estado sanitário do Rio de Janeiro

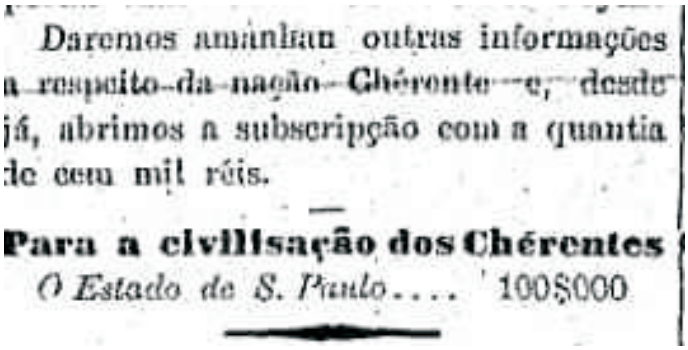
estava precário e o governo desejava "restaurar" a sociedade, numa tentativa desesperada e desesperadora de modernização da principal cidade do País na época. Nas notícias a respeito da Guerra de Canudos verificamos, também, a menção ao estado sanitário precário das cidades do sertão por onde as tropas passavam, culminando, principalmente com a propagação da varíola, e a morte de diversas pessoas, tanto sertanejos como pessoas ligadas às expedições contra Canudos.

Apresentamos, por fim, algumas das publicações, citadas no quadro que correspondem a uma temática que interessa, particularmente, ao desenvolvimento desse trabalho. Trata-se de um assunto trabalhado no Capítulo 2 acerca de ideais que entendiam existir civilizações mais avançadas e outras menos avançadas; que a raça poderia ser entendida como um determinador social do caráter ou da inteligência de uma pessoa ou de uma sociedade inteira. Também aparece a missão civilizadora das sociedades mais avançadas para com as menos avançadas, como era entendido nessa época, fins do século XIX.

Apresentamos, a seguir, algumas dessas publicações com comentários e citação:

ξ **"Os indios chèrentes"** – Trata-se de um apelo em favor da tribo dos "Indios Chèrentes" que necessitavam de civilização, segundo o artigo.

> Os Chérentes que em 1851 foram catechisados [...] vivem carecidos de todas as vantagens que a civilisação deve proporcionar a nossos irmãos selvícolas. Não têm mestres de instrucção primaria, não têm instrumentos para lavrar suas terras e faltam-lhes officiaes [...] das artes mais necessarias á vida civilisada [...] Nós, paulistas, descendentes dos bandeirantes, que tantas incursões fizeram nos antigos indios goyazes e em seus irmãos; nós, que nos aproveitamos dos resultados do trabalho penoso desses indios feitos escravos, – devemos hoje pagar a seus descendentes os beneficios que os seus antepassados nos fizeram, devemos amparal-os em suas necessidades, devemos ajudal-os a civilisar-se para prestarem a nós o concurso efficaz de seus esforços bem dirigidos (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de dezembro de 1896, p. 1).


Daremos amanhan outras informações a respeito da nação Chérente e, desde já, abrimos a subscripção com a quantia de cem mil réis.

Para a civilisação dos Chérentes

O Estado de S. Paulo.... 100$000

Figura 14 – Civilização dos "Chèrentes".

Observamos, nesse trecho, que o articulista entende existir uma dívida a ser paga aos índios da tribo em questão, pois os antepassados dos paulistas, os bandeirantes, foram beneficiados pelo trabalho de tribos indígenas. Ele espera também uma retribuição que podemos perceber na öltima frase: "devemos ajudal-os a civilisar-se para prestarem a nós o concurso efficaz de seus esforços bem dirigidos".

Enfim, para nós interessa abordar a questão de tornar a "civilização" desses índios uma missão para os paulistas, considerados "modernos" e "civilizados"; interessa-nos frisar que era corrente, na època, essa opinião de que os "selvícolas", os "sertanejos" e outras populações que viviam na selva, nos sertões ou no campo estavam privados da civilização por viverem fora das cidades, fora do conforto e privilégios que as cidades podiam oferecer. Esse elemento "selvagem", como já apresentamos no Capítulo 2, precisa ser domesticado e civilizado, ou destruído, pois poderá ameaçar a paz da civilização, poderá ameaçar o progresso e a prosperidade das sociedades modernas com o seu atraso intelectual e, consequentemente, com a sua moral e o seu comportamento selvagem.

Apresentamos, abaixo, outra publicação:

ξ **"Um pouco de Sciencia"**

"A capacidade intelectual da mulher" – Esse artigo apresenta o interesse por parte de diversos pesquisadores da área de anatomia pela questão da inteligência humana estar relacionada ao tamanho e peso do cérebro. Foram citados alguns estudos e opiniões de anatomistas e estudiosos famosos como o Dr. Bischoff, que entende ser o cérebro de um

homem mais desenvolvido do que o cérebro da mulher, por conta do peso e do tamanho de ambos. O cérebro do homem, segundo os estudos desse pesquisador, é mais pesado que o cérebro da mulher, por isso esse anatomista acredita que o homem seja mais inteligente que a mulher; seus estudos revelam, também, que os homens em todas as partes sempre se destacaram em relação à mulher no quesito intelecto e inteligência. Já um anatomista russo, Darkchewitch, revelou novas descobertas acerca desse assunto, pois muitas controvérsias ao modelo de Bischoff e de outros estudiosos de igual opinião surgiram, já que um urso ou baleia possuía o peso do cérebro bem maior que o do ser humano e nem por isso eram considerados mais inteligentes que os humanos. Então, o pesquisador Darkchewitch relacionou o peso do cérebro ao peso da medula óssea. A partir desse estudo, as controvérsias foram explicadas e o ser humano apareceu no topo de todas as comparações, ou seja, foi comprovada a superioridade intelectual humana que, aliás, não estava sendo contestada; os métodos de medição dessa inteligência é que estavam sendo contestados. Ao realizar a comparação entre homem e mulher, o resultado foi o mesmo, ou seja, a capacidade intelectual da mulher não pode ser considerada inferior à do homem. Citamos alguns trechos:

> O celebre anatomista Bischoff, em seu tractado *O peso do cerebro do homem*, diz textualmente 'Não se póde negar que o homem sempre e em toda parte se haja distinguido por maior intelligencia e maior capacidade intellectual que a mulhe, como aliás, o cérebro do homem sempre e em toda parte teve um peso mais elevado [...] que o cerebro da mulher'. Outro anatomista verifica uma grande diferença entre o cérebro do homem e o da mulher; nota, porém, que quanto mais é a raça civilisada, mais essa diferença acentúa-se [...] O dr. Darkchewitch apresenta uma nova medida do desenvolvimento intellectual do individuo, que parece-lhe estar na relação entre o peso do cerebro e o peso da medulla [...] A relação entre o peso do cerebro e da medulla no homem e na mulher é idêntico. Por consequencia, não existe nenhuma razão scientifica para sustentar que a mulher seja, pela sua organisação, de uma capacidade intellectual inferior á do homem (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de maio de 1897, p. 1).

Eis o quadro da relação do peso do cerebro com o peso da medulla:

A tartaruga	1,0
O gallo	1,5
O pombo	2,5
A ovelha	2,5
O boi	2,5
O cavallo	2,5
O lynce	3,0
O gato	3,0
O cachorro	5,0
A phoca	5,0
A toupeira	6,5
O ouriço	7,0
A baleia	Desconhecido
O chipanzé	Desconhecido
O homem	49,0

Figura 15 – Anatomia e inteligência.

Interessa-nos abordar, nessa publicação, que os avanços e estudos científicos extrapolavam a academia e os institutos de pesquisa, e tornavam-se assuntos de interesse do público ao serem publicados na grande imprensa. Nesse trecho observamos algumas temáticas já abordadas como a noção de que haviam civilizações mais ou menos avançadas e que a inteligência humana poderia ser medida pelo tamanho e peso do crânio. Esse tipo de estudo acabava influenciando as sociedades, ditas evoluídas, que se colocavam na missão de civilizar e instruir as menos evoluídas. Acreditava-se, também, que a natureza do homem era diferente da natureza da mulher, isto é, havia tarefas, segundo essa lógica, próprias a cada um, de acordo com a sua organização mental e corpórea. De fato, há tarefas como "carregar objetos pesados e volumosos" que são difíceis para a mulher, por conta da sua constituição física, mas, acima de tudo, era a cultura que determinava os lugares que cada indivíduo deveria ocupar na sociedade da época, seja ele homem, mulher, negro, índio ou branco.

Na publicação do dia 4 de novembro de 1897, intitulada "O feminismo", podemos verificar mais argumentos em favor da distinção que deveria existir entre homens e mulheres, de acordo com a natureza de cada um, determinando os lugares sociais que estes deveriam ocupar; essa publicação pode ser verificada no Apêndice A com mais detalhes, ou no próprio periódico.

Por último, apresentamos uma publicação que trata, entre outros aspectos, da questão da imigração e das características morais que os indivíduos podem ter, segundo

a sua cultura, a sua nacionalidade e a sua constituição genética; também, a questão do "progresso a qualquer custo" è discutida:

- **"RELATORIO: Apresentado ao Sr. Presidente da Republica pelo ministro da Industria, Viação e Obras Publicas Dr. Joaquim Murtinho"** – Há informações e uma discussão sobre a questão agrícola, industrial e econômica do País; nessa parte do relatório, o Dr. Joaquim trata, mais especificamente, da questão da imigração e de alguns prejuízos à União que essa prática trouxe na época. Ele acredita que por causa da não assimilação do elemento estrangeiro à nossa nacionalidade, os imigrantes destinam suas economias aos seus países de origem e emigram ao Brasil para conseguir recursos financeiros, não para fazer parte da Nação. Este defende a imigração espontânea no lugar de uma imigração precipitada e exagerada, e também defende que o progresso a qualquer custo não é o melhor caminho para o Brasil.

> Debaixo do ponto de vista politico, esse sistema derramava em nosso territorio grandes massas de homens que, em virtude da fraqueza do nosso poder assimilador, permaneciam por muito tempo como corpos extranhos no nosso organismo social. Por essa fórma, em vez de receberem o cunho da nossa nacionalidade, introduzindo nella alguns aperfeiçoamentos, iam a pouco e pouco dominando pela sua massa a nossa evolução social e atirando para segundo plano os attributos que possuiamos como nação. A grandeza e a felicidade de um povo não estão simplesmente na sua grandeza numerica, nem nas suas riquezas materiaes. Os attributos moraes da raça, a indole pacifica, o amor ás instituições politicas livres, a tolerancia religiosa e outras qualidades deste genero são para mim muito mais importantes [...] precisamos de elemento extrageiro, para povoar o nosso paiz, para fecundar as nossas riquezas naturaes, melhorando as condições de nossa vida material, mesmo para ceder-nos algumas qualidades moraes que não possuiamos em quantidade sufficiente; mas devemos ter sempre em mente que o nosso poder assimilador é fraco e que, se nosso esforço pelo progresso material não fôr reflectido e moderado, a nossa nacionalidade soffrerá golpes profundos e irreparaveis. Em alguns pontos do Brasil esse phenomeno já começa a revelar-se de um modo inquietador e basta o apparecimento, entre nós, embóra confuso ainda, do socialismo, essa volta da sociedade á escravidão primitiva, para nos fazer ver o perigo que póde trazer-nos um desenvolvimento precipitado e imprudente (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de agosto de 1897, p. 1).

Nesse trecho do relatório do Dr. Joaquim Murtinho, percebemos que a situação econômica do Brasil não estava estável, e esse funcionário público acreditava que o progresso acelerado que a sociedade brasileira almejava acabou gerando diversos problemas, e um deles foi a imigração em massa de indivíduos que não se interessavam pelo Brasil como Nação, mas pretendiam, apenas, escoar os recursos aqui obtidos aos

seus países de origem. Também observamos, nesses trechos apresentados, a noção de que a raça poderia determinar os atributos morais de uma sociedade, e podemos notar que o interesse em trazer os imigrantes europeus ao Brasil não era apenas para o "trabalho", mas esses europeus poderiam oferecer â sociedade brasileira atributos morais que, aqui, não havia em "quantidade suficiente".

Nosso interesse em apresentar essa publicação está relacionado ao fato de esse relatório representar um documento de interesse da sociedade quanto ao progresso econômico, político e social que o País estava tentando alcançar nesse período. Esse assunto foi de suma importância para a sociedade da época que ansiava modernizar, civilizar e universalizar o Brasil. Como já abordamos esse assunto no Capítulo 2, nossa intenção, nesse momento, é mostrar como essas temáticas relacionadas ao progresso, à civilização, à modernização, entre outras, apareciam nas páginas do jornal, em específico em *O Estado*.

Na próxima seção abordaremos outro assunto de extrema importância para a sociedade brasileira de fins do século XIX e para o desenvolvimento desta dissertação; trata-se da "questão republicana", que entendemos ser o temor, por parte dos republicanos, da restauração do antigo regime, a monarquia. Assim, permeia essa questão, as ações e repressões de quaisquer ameaças ou suposições de ameaças ao regime republicano, como veremos a seguir.

4.1.2 Conteödo político ("questão republicana")

A "questão republicana", expressão utilizada na època, tratava de um assunto de extrema importância para o período, pois o regime republicano estava, ainda, consolidando-se e, segundo os republicanos desse período, corria riscos de golpes, especialmente por parte dos monarquistas que aqui residiam ou que, da Europa, poderiam tramar a "restauração".

Essa questão era bem recorrente em fins do século XIX, e foi o principal argumento para a justificativa da destruição de Canudos. Ela também se relaciona com a questão científica, pois a república, como símbolo de modernidade, era o único caminho, na concepção dos republicanos, que o Brasil deveria seguir para vencer o atraso e proporcionar aos seus cidadãos acesso ao conhecimento, ao trabalho, à saúde, ou seja, a república estava relacionada à conquista de um futuro próspero, já a

monarquia era entendida como um sistema ultrapassado que aniquilaria o país e o impediria de tornar-se uma grande potência, como os Estados Unidos, a Inglaterra ou a França, como desejavam os cidadãos brasileiros. Nesse sentido, o regime político republicano valorizava e se ancorava nas ciências, investindo, assim, em centros e institutos científicos, bem como em universidade e museus.

Então, nas próximas linhas, apresentaremos o aparecimento dessa questão no jornal estudado de modo panorâmico e citaremos alguns artigos e notícias que consideramos importantes e expressivos para esta dissertação.

As publicações que comentaremos a seguir estão relacionadas ao fechamento de um centro monarquista em São Paulo e as repercussões que esse caso teve no jornal analisado. Tambèm a "questão republicana" aparece relacionada a outros acontecimentos, como a prisão de manifestantes em Santos (cf. Figura 12) e com o aniversário do regime republicano. Nossa intenção não é abordar de modo aprofundado essas publicações, já que não se trata do objetivo principal desta dissertação, mas apresentamos a "questão republicana" relacionada a outros eventos que não Canudos, para demonstramos tratar-se de uma preocupação corrente na época.

Algumas notícias intituladas "O governo e os monarchistas" e "*Habeas corpus* monarchista" foram publicadas entre os meses de novembro de 1896 e janeiro de 1897 acerca do fechamento de um centro monarquista em São Paulo e dos pedidos de *habeas corpus* dos integrantes desse centro. Nas diversas notícias sobre o caso, percebemos que a concepção desse centro era uma afronta ao poder republicano, era uma forma de perturbar a paz e a tranquilidade que a nação brasileira desejava. Assim, as medidas tomadas pelo governo contra os monarquistas aqui existentes deveriam ser as mais duras possíveis. Abaixo apresentamos algumas das publicações referentes ao caso do "centro monarquista", e tambèm citaremos alguns dos artigos de opinião sobre a questão em voga: republica *versus* monarquia.

01-11-1896

- ξ **"O governo e os monarchistas"** – versa sobre uma reunião, em São Paulo, de diversos monarquistas e a atuação policial para a dissolução dessa reunião (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º. de novembro de 1896, p. 1).

02-11-1896

- ξ **"O governo e os monarchistas"** – são diversos telegramas de felicitações ao presidente do Estado de São Paulo, o senhor Prudente de Morais, pelo fechamento do *Centro monarchista.* As cartas são de pessoas públicas de diversos municípios, como políticos, e em geral contém afirmações e expressões, como "agitadores", "perturbadores da ordem pöblica", "perturbação da ordem e do progresso do País" e terminam com "vivas â Repöblica" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 de novembro de 1896, p. 1).

Nessas duas notícias ficou estabelecido, para nós, que o regime republicano estava em um momento de consolidação e, por conta disso, havia uma insegurança geral por parte dos republicanos de um golpe restaurador do antigo regime, a monarquia. Desse modo, qualquer ameaça, por mais simples que fosse, era repreendida com veemência, como foi, por exemplo, o caso de Santos, que pode ser verificado na Figura 12 pois, por causa de vivas à monarquia, 14 pessoas foram presas.

Especificamente em relação ao caso desse centro monarquista, houve uma repercussão considerável na imprensa que publicou todo o desenrolar do processo de pedido e negação de *habeas corpus*. Também, como podemos observar na publicação de 02-11-1896, foram noticiados, em dias seguidos, cartas e telegramas de felicitações ao governador do Estado por conta da sua atitude, considerada a mais adequada para a situação em questão.

Observamos que as expressões utilizadas nessas cartas de felicitações, como "agitadores", "perturbadores da ordem pöblica" e "perturbação da ordem e do progresso do País" faziam parte de um discurso corrente, propagado pelos republicanos, que qualquer manifestação contrária a esse regime era realizada por "agitadores" e "perturbadores" da ordem pöblica que almejavam o aniquilamento do País, desejavam interferir na ordem e no progresso, estampados na bandeira nacional, e garantidos pelo regime republicano. Esse discurso pertence à noção de que a República representava a modernidade, com todas as suas vantagens, e a salvação do Brasil do atraso que o regime anterior o havia condenado: atraso econômico, político, social, cultural, científico, moral, enfim, esse discurso polarizava esses dois regimes e, com eles, os seguidores e seus defensores, em que os republicanos representavam a modernidade, o patriotismo e a esperança de um futuro melhor ao País; já os monarquistas

representavam o atraso, o passado e o aniquilamento de qualquer progresso e ordem que a sociedade brasileira pudesse desejar.

Apresentamos mais publicações a respeito desse assunto:

05-11-1896

ξ **"Notas politicas" –** Trata-se de um "artigo de opinião" em que o autor sustenta a posição de combate do regime republicano aos monarquistas como necessária e digna de aplausos. Ele concebe a República como um regime forte e entende como natural o comportamento repressivo praticado pelo governo contra os monarquistas: "Em politica, como em tudo mais, a ordem natural das coisas é que haja vencedores e vencidos e que os vencedores procurem manter-se, a todo o custo, na posição que conquistaram" **(***O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de novembro de 1896, p. 1).

15-11-1986

ξ **"Notas e informações" –** Esta seção foi iniciada com um comentarista abordando a "questão republicana". Ele comenta o fato de haver sobressaltos e medos em todo aniversário desse regime, devido à perseguição dos monarquistas, mas que, apesar disso, a República seguirá firme. Citamos, abaixo, um trecho **(***O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de novembro de 1896, p. 1):

> Quando terminará este terrivel duello entre o novo regimen e o espirito máu que o odeia e contraria? Ninguem o pôde dizer. Pode affirmar, porém, que, seja qual fôr a duração da lucta, a Republica não cahirá [...] Já agóra, não é isso uma simples questão de partido: é uma altissima exigência do nosso patriotismo, porque só sob o regimen republicano o Brasil pôde ser um pais unido, forte, em que verdadeiramente haja ordem e progresso.

23-01-1897

ξ **"Notas politicas" –** Versa sobre a real possibilidade de negação do pedido de *habeas corpus* monarchista. Há uma defesa dessa negação em nome da ordem da nação brasileira. A matéria segue abordando o desejo desse centro monarquista e desse pedido de *habeas corpus* serem medidas contra a paz social

e pode ser entendido como uma conspiração para conseguir a simpatia dos que ainda não se inclinam a nenhum dos regimes políticos (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 de novembro de 1896, p. 1):

> Cumpre-nos, a nós, jornalistas sem paixões, pôr as coisas nos seus logares. Esta gente que amanhan vae desfazer-se em descomposturas contra a republica e contra as autoridades republicanas, não é digna da solidariedade dos patriotas, que ainda não têm preferencias partidarias e que, por emquanto, apenas desejam que a ordem se firme definitivamente.

Nessas três publicações podemos perceber o discurso polarizador já discutido e o lema pregado, na època, de defesa da Repöblica a "qualquer custo". Particularmente temos, na segunda e na terceira publicação, o uso das expressões "patriotismo" e "patriotas" que, no discurso republicano, estavam no polo em que se encontravam os republicanos. Nesse discurso, ser patriota significava amar o País e, por conta disso, desejar a sua ordem e o seu progresso; nesse discurso, somente o regime republicano poderia oferecer ao Brasil "ordem e progresso"; então, defender esse regime não se tratava de uma questão partidária, mas de "patriotismo", ou seja, de amor â pátria, como podemos observar na segunda publicação.

É interessante, também, observar que na terceira publicação o jornalista chama a atenção para a sua classe, dando-lhe a missão de "sem paixões, pôr as coisas nos seus logares". Nessa declaração entendemos, claramente, uma estratègia que a imprensa da época utilizava para legitimar seus discursos e ideias: declarar-se isenta de paixões ou interesses particulares; apresentar-se objetiva e dotada de interesses públicos, de interesses que condiziam com o melhor para a nação e o povo.

Apresentamos, por fim, uma última publicação acerca dessa temática da "questão republicana", na qual encontramos uma menção à Guerra de Canudos, que estava iniciando e não merecia, ainda, muita atenção desse jornal e da imprensa em geral. Trata-se de um artigo a respeito do regime republicano, em que o assunto principal é a República, que comemora a "promulgação da lei fundamental" do novo regime. O caso de Canudos, nesse contexto, aparece como uma conspiração contra a nação e, assim, "cada patriota" deverá se levantar contra esse arraial que, nos confins do sertão, tantas ameaças causarão ao regime republicano e à nação brasileira.

24-01-1897

ξ **24 de Fevereiro** – Trata-se do aniversário de 6 anos da promulgação da lei fundamental do novo regime; a "questão republicana" è discutida e a ameaça sertaneja é problematizada. Observamos que esse artigo apresenta o discurso republicano da época, em que combater qualquer ameaça ao regime vigente era considerado um ato de patriotismo, pois defender a Republica, nesse discurso, significava amar a Pátria e garantir a ordem e o progresso (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de janeiro de 1896, p. 1):

> Era a legislação da Republica proclamada a 15 de novembro de 1889 e, por todo o povo brasileiro, abraçada com enthusiasmo [...] Hoje, seis annos decorridos desse dia de alegria, desse dia em que tantas aspirações se haviam convertido em brilhante realidade, o povo brasileiro, commemorando a promulgação do codigo fundamental da Republica deve sentir-se orgulhoso de ter abolido o imperio. A obra presente é de difficuldades financeiras e annuncia-se de dificuldades politicas. No emtanto está a Republica Federativa com todos os estados prosperos; no emtanto, desta instituição contra a qual, no sertão da Bahia e nos escuros conciliabulos da conspiração monarchica, se levantam os que, sem coragem e sem amor ao imperio não o souberam defender, - desta instituição, em cada patriota, encontrareis um soldado [...] A Republica apoiada na nação inteira, que só se sentiu viver, que só se sentiu povo depois que o imperio foi derrubado; a Republica ha de vencer os embaraços que o despeito e a vaidade – o despeito das posições perdidas e a vaidade ferida – lhes levantaram. Ha de vence-los, ha de resistir aos abalos aqui causados pelas agitações disfarçadas.

Nesse trecho, observamos o discurso corrente na época divulgado pelos republicanos, em que a República era reconhecida como a salvação do País; todos os cidadãos receberam esse novo regime com entusiasmo e apoio, pois a nação brasileira se constituiu, realmente, quando a monarquia foi derrubada: "A Republica apoiada na nação inteira, que só se sentiu viver, que só se sentiu povo depois que o imperio foi derrubado". Esse discurso, tambèm, propaga como obra da vaidade, do despeito e da falta de patriotismo qualquer tentativa de restauração do antigo regime, fazendo crer que essas possíveis tentativas não poderiam ser legítimas. Porém, a defesa da República, custe o que custar, é declarada como legítima nesse discurso.

Belo Monte, mais conhecida como Canudos, tratava-se uma cidadela afastada da civilização, como muitos entendiam na época. Esse arraial, como podemos observar nos trechos citados, foi considerado um perigo e uma ameaça ao poder vigente. Sem

quaisquer provas de que, realmente, os canudenses eram restauradores, uma guerra foi levantada contra eles. No discurso que observamos, nos trechos anteriores, há, de certo modo, uma convocação aos patriotas para que defendam a Nação; há a certeza de que cada um desses patriotas será um soldado em defesa da Pátria.

Quando as primeiras notícias foram publicadas no jornal analisado a respeito de Canudos, o motivo da primeira expedição foi o de conter atos de rebeldia de um homem, o Conselheiro; após a derrota dessa expedição e das duas seguintes, o caso de Canudos tornou-se uma questão nacional, uma "questão republicana", uma questão de salvação da nação brasileira da restauração de um regime ultrapassado por agitadores que se encontravam em Canudos, em diversas cidades do Brasil e na Europa. Essas notícias passaram a ser publicadas na imprensa do País, sem provas ou evidências, e o povo foi convocado a mostrar seu devotamento pela Pátria, pois a ordem, o progresso e a esperança do futuro glorioso do País estavam sendo ameaçados.

Nas próximas seções apresentaremos a Guerra de Canudos no jornal *O Estado de S. Paulo*, de novembro de 1896 a outubro de 1897, observando e comentando os diversos tipos de notícias e de conteúdos encontrados nas publicações a respeito do arraial de Canudos, da guerra, do Conselheiro e dos seus seguidores.

4.2 A Guerra de Canudos (diferentes tipos de notícias)

A primeira notícia sobre a Campanha de Canudos, publicada no *Estado*, data de 7 de novembro de 1896. Essa notícia foi publicada na seção "Notas e informações", onde eram publicadas diversas notícias em formato de notas. Nessa seção, as notas não possuíam títulos e nenhum destaque, ou seja, não se dava relevância às notícias publicadas, se as compararmos âs notícias com títulos. Em "notas e informações", as notícias eram bem curtas e objetivas, isto é, não havia muitos detalhes a respeito do assunto tratado. Na figura 21, abaixo, podemos verificar a notícia da primeira expedição contra Canudos:

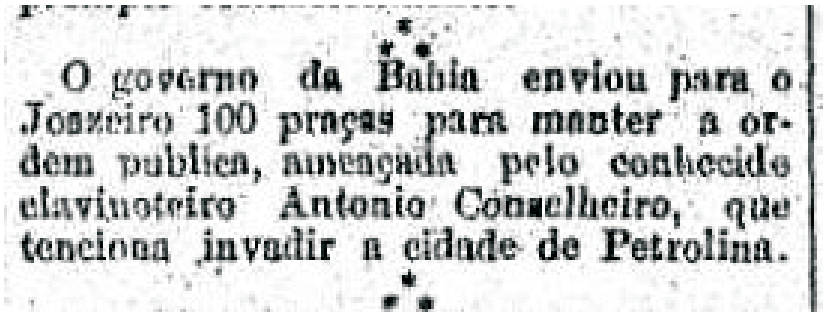

O governo da Bahia enviou para o Joazeiro 100 praças para manter a ordem publica, ameaçada pelo conhecido clavinoteiro Antonio Conselheiro, que tenciona invadir a cidade de Petrolina.

Figura 16 – Primeira expedição contra Canudos.

Nesse trecho, observamos que a primeira expedição foi noticiada de modo impessoal e o alvo não era Canudos ainda, mas o próprio Conselheiro, líder dos sertanejos. Também não se fala de restauração, de destruição do arraial e nada sobre Canudos; na verdade, essa cidadela e os seus habitantes eram desconhecidos nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, porém, ao longo dos próximos 11 meses, essas pessoas e essa cidadela serão conhecidas como os principais inimigos do Brasil a serem combatidos. As notícias de Canudos serão muito diversas e possuirão detalhes das tropas, da artilharia utilizada, dos combates travados, das derrotas dos soldados e dos canudenses, dos sertanejos, dos sertões, das intenções políticas dos republicanos e dos restauradores, entre outros detalhes.

Abordaremos, a seguir, três tipos de conteúdo que encontramos nas notícias sobre a Guerra de Canudos. Há outros tipos, a respeito de diversos detalhes da campanha, mas selecionamos para análise somente aqueles que sintetizam as principais notícias publicadas que interessam para a nossa pesquisa. São eles: os conteúdos político, informativo e "científico" ou com referência às ciências.

4.2.1 Conteúdo político

Selecionamos artigos de opinião e notícias que discutiram aspectos da Guerra de Canudos quanto ao contexto político do País, ou seja, que discutiram e criticaram as estratégias do governo na campanha contra Canudos e que argumentaram a favor do

caráter restaurador do movimento nos sertões e a necessidade de destruição do Conselheiro e dos seus seguidores em defesa do regime republicano.

Esses artigos e notícias são oriundos de diversos jornais do País, porém todos foram encontrados na nossa fonte de pesquisa, *O Estado de São Paulo*. Assim, citaremos as fontes originais, quando for o caso, e, também, o jornal por nós pesquisado.

Apresentaremos em ordem temporal crescente as publicações selecionadas, porém cada uma delas está no Apêndice A, onde poderão ser conferidos todos os artigos, notícias e reportagens selecionados. Tanto os textos como os títulos dessas publicações serão mantidos com a ortografia da época.

31-01-1897

ξ **"Antonio Conselheiro"** – Essa notícia apresenta a gravidade da situação nos sertões da Bahia, onde o movimento de Canudos está ganhando vitalidade e, segundo a opinião do articulista, pode ser caracterizado, sem dúvida, como um movimento restaurador. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 de janeiro de 1897, p. 1).

> Redobra de gravidade a situação no interior do estado da Bahia [...] Pessoas residentes nas localidades proximas de Canudos, dizem que as forças de Conselheiro são compostas de criminosos dos estados vizinhos que fogem para o sertão da Bahia, de fanaticos convencidos da santidade de conselheiro, de sertanejos iludidos pelas idéas communistas pregadas por Conselheiro e de soldados de linha e de policia desertores [...] Os homens de confiança de Conselheiro são: José Vennancio, criminoso de tres mortes; João Ab bade e o conhecido faccinora Matheus José, de Vila Nova [...] Entre as forças conselheiristas só circula a moéda-papel que traz a effigie de d. Pedro II, a da Republica é queimada. Cada vez se accentúa mais a tendencia monarchista do movimento [...] Não ha duvida que o movimento do sertão da Bahia, é apenas um pequeno impecilio na marcha da Republica, que de modo algum pode prejudicar a sua estabilidade.

Podemos verificar, nos trechos citados, a "questão republicana", pois o movimento no interior da Bahia é descrito como restaurador, e para comprovar isso são dadas provas como o uso da moeda no arraial, onde somente circula a "moeda-papel" com a esfinge do imperador D. Pedro II. Também há a intenção, nessa publicação, de

apresentar os seguidores do Conselheiro como fanáticos, bandidos, desertores do Exército e da polícia, entre outros indivíduos que representam perigo à Nação. Porém, esse perigo não é apresentado como algo muito grave, já que o movimento de Canudos è colocado apenas como um "pequeno empecilho" â marcha do regime republicano, pois não pode abalar a sua estabilidade.

Essa opinião se inverterá com a surpreendente notícia da derrota da "Expedição Moreira Cesar" e do desastre completo da expedição que fugiu, desordenadamente, deixando artilharia e munição aos conselheiristas.

Em *O Estado* será publicada, durante vários dias seguidos,[30] uma coluna especificamente destinada a argumentar em favor da vingança e do massacre dos sertanejos. Nos artigos publicados nessa seção, o Conselheiro e a sua "horda" são apontados, sem quaisquer dúvidas, como restauradores, e apresentam real ameaça à estabilidade do País. Seguem alguns trechos, comentados, de alguns dos artigos publicados nessa coluna, presentes no jornal no mês de março de 1897.

08-03-1897

ξ **"Pela Republica" (publicação de destaque – Artigo de aproximadamente 3 colunas do jornal):** Trata-se da primeira notícia que se refere à derrota da Expedição Moreira Cesar. O tom da notícia é de espanto e de alarde e expressões como "derrota da Repöblica", "ataque â Repöblica", "Luto da Repöblica", percorrem esse artigo do início ao fim. Seguem alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> Juncado de cadaveres ficou o campo dos soldados que a Republica enviou para os sertões da Bahia para a sua defesa [...] A lucta, ferida entre republicanos e monarchistas, foi um desastre para a Republica [...] a Republica soffreu, nos sertões da Bahia, um dos maiores desastres por que ella podia passar [...] a Republica não teve vencedores, foi, sim, vencida, - para que negar a verdade que salta aos olhos? – mas vencida por sua propria culpa.

Nesses trechos está explícita a surpresa e o tom de fatalismo com que o articulista escreve; ele demonstra sua opinião, claramente, acerca do caráter do

[30] Cf. Apêndice A.

movimento canudense ser de ordem restauradora do antigo regime e culpa a própria República pela derrota sofrida nos sertões. O colunista explica por que pensa isso: ele atribui essa derrota ao "fatal otimismo" com que foram governadas as operações no sertão e do desconhecimento que se tinha dos conselheiristas, do apoio, do número de seguidores, entre outros detalhes desconhecidos pelas forças do governo. Citamos mais alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> De ha muito se dizia que os monarchistas do interior, assim como os da Europa remettiam armas para os *fanaticos* de Antonio Conselheiro [...] O resultado da confiante espectativa do governo ahi está: é o desastre da expedição Moreira Cesar, é a morte deste coronel, do coronel Tamarindo e de muitos dos seus commandados. A República está de lucto; perdeu, pela bôa-fé innacreditável dos seus servidores, alguns dos mais valorosos dos seus sustentáculos [...] O desastre é tremendo, é uma derrota da Republica [...] Nos sertões da Bahia, sob a capa de um *fanatico religioso*, que não tem base, está enrolado o pavilhão do império [...] Não nos illudamos: ataca-se a Republica [...] Para o governo da União, nesta hora de lucto, apella todo o povo brasileiro. Tracta-se de defender a Republica, tracta-se de sustentar pelas armas a Republica ferida em combate. O momento é de perigos e ameaças [...] A lucta é contra a Republica. O governo tem de defender a Republica, tem de suffocar o movimento monarchista ainda que seja precisa a violencia. O presidente da Republica ou acóde ao apello do povo e envia uma expedição tão forte quanto seja preciso para derrotar a gente de Antonio Conselheiro ou terá de abandonar o poder, se prevalecer essa infeliz convicção de que nenhum movimento faz periclitar a Republica. Chame-se ás armas o povo, formem-se batalhões de voluntarios [...] É preciso que a nação inteira saiba que a derrota das forças do coronel Moreira Cesar foi devida a uma surpreza, e que essa surpreza, por sua vez, é derivada da infeliz facilidade com que se acreditou que a agitação do sertão bahiano não tinha importancia alguma [...] Em grande parte do Brasil trama-se contra a Republica e o movimento da Bahia é exclusivamente uma manifestação desse trabalho [...] Essa medida extrema teria o nosso apoio, como o de todos os republicanos, porque é indispensavel pôr a Republica a salvo de quaisquer manejos quer francamente revolucionarios, quer disfarçados sob o pretexto do exercício de liberdades constitucionaes. O presidente da Republica, depositario da confiança da nação, pode contar com o povo para a defesa das instituições. Nenhum republicano se recusará a pegar em armas pela Republica, nenhum republicano negará o seu apoio ao chefe do Estado nessa obra que é o seu dever. Mas, qualquer hesitação, qualquer mal entendido escrúpulo póde levantar esse mesmo povo contra o governo.

O artigo apresentado possui um tom incendiário e apelativo, em que o povo e o governo federal são chamados para a luta; uma luta, como está no texto, inevitável e necessária à defesa da instituição republicana. Os conselheiristas, como já comentamos,

são colocados como ferramenta dos monarquistas de dentro e de fora do País. Assim, o atual contexto, segundo o articulista, representa perigos e ameaças; em um dado momento do artigo (não está citado nesse trecho) ele alerta o governo e acredita que o Brasil deveria ser colocado em estado de sítio.

Há um claro apelo pelo sufocamento e derrota da gente do Conselheiro, mesmo que seja por meio da violência. Também, no último trecho, percebemos uma clara ameaça ao governo, em que o povo é incitado a se levantar contra ele, caso haja "qualquer hesitação", "qualquer mal-entendido escröpulo".

Essa coluna será publicada diariamente no mês de março, como pode ser verificado no Apêndice A. Todos os artigos possuem o tom encontrado nesses trechos citados acima.

Seguem mais quatro publicações da coluna "Pela Republica", citando apenas pequenos trechos para exemplificar e demonstrar o estado de alerta e o tom incendiário e apelativo dessas publicações. Entendemos que haja esse tom porque o povo e o governo são intimados, todo o tempo, a resolverem essa situação de perigos e ameaças, a demonstrarem seu patriotismo e pegar nas armas para "salvar a Repöblica".

10-03-1897

ξ **"Pela Republica"** (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 de março de 1897, p. 1).

> O fanatismo da gente de Antonio Conselheiro já não encobre coisa alguma; sob o tenuissimo veu dessa mentira inhabil está a revolução restauradora [...] Vae para Canudos a terceira expedição de forças republicana [...] A terceira expedição representa mais do que as duas primeiras: agóra é a Republica que vae dar batalha a monarchia, é o Brasil que vai luctar contra os que se armarem para lhe dar o descredito, a ruina, talvez a desagregação territorial. A derrota, amanhan, não seria só da expedição, seria da Republica.

13-03-1897

ξ **"Pela Republica"** (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 de março de 1897, p. 1).

> [...] é preciso que insistamos que o perigo não está só na Bahia, está em toda a Republica, onde quer que existam monarchistas sinceros [...] É indispensavel, portanto, que o governo federal não faça consistir a sua acção exclusivamente em esmagar os conselheiristas em Canudos.

15-03-1897

ξ **"Pela Republica"** – "Pois è admissivel que de tantos pontos diversos partam esses fanaticos armados para a horda do milagroso Conselheiro? Pois é crivel que num paiz civilisado se estabeleça esta romaria?" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de março de 1897, p. 1).

17-03-1897

ξ **"Pela Republica"** – "O trabalho dos republicanos neste momento tem que consistir em destruir o perigo presente e evitar que, amanhan, novos perigos surjam e novas agitações venham depauperar a nação" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de março de 1897, p. 1).

Como já explicitado anteriormente, entendemos que essa coluna foi publicada, exclusivamente, para apelar ao governo e à Nação a necessidade de o povo de Canudos e quaisquer movimentos que coloquem a Nação em perigo seja esmagado sem escrúpulos ou hesitações. É interessante observar que na publicação do dia 15 de março, o articulista apela para o absurdo de existir em um país civilizado "semelhante romaria", ou seja, ele entende que seja inadmissível existir um movimento religioso, entendido como movimento de "fanáticos", em uma nação moderna e civilizada como a nação brasileira.

Nas próximas publicações há, de certo modo, um tom semelhante no que diz respeito à necessidade de sufocar o movimento de Canudos e há, também, ataques e críticas ao governo e ao Exército por causa de divergências internas no partido

republicano. Canudos surge como uma ferramenta de ataque, como um pretexto, para a troca de críticas entre o governo vigente e o Exército.

23-03-1897

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 22: Noticia a publicação de um manifesto dos estudantes baianos em relação aos boatos e opiniões publicados na imprensa do País; essas publicações apontam o Estado da Bahia como um perigo para a Nação, porque se trata do lugar onde os restauradores estão se armando a fim de tentar derrubar o regime republicano. Esses estudantes, também, entendem como caluniosas essas publicações e declaram que não estão se alistando para o combate, pois não acreditam que a instituição republicana esteja em perigo, mas que o Exército pode dominar Canudos sem precisar que os jovens estudantes se alistem. Em suma, estão completamente de acordo com a destruição de Canudos: "O fanatismo rebellado em Canudos è uma nodoa, uma vergonha que cumpre, que cumpre extinguir de prompto e por completo" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de março de 1897, p. 2).

Essa declaração dos estudantes em favor do Estado da Bahia foi publicada no contexto nacional em que Canudos era considerado uma ameaça real ao regime republicano e os jornais publicavam com bastante frequência artigos de opinião, argumentando serem o Conselheiro e seus seguidores uma arma dos restauradores com a intenção de desmoralizar a República. O Estado da Bahia e seus governantes eram alvo de diversas críticas e o presidente da República, o senhor Prudente de Moraes, era, publicamente, intimado por diversos jornalistas a agir com severidade e vingar a derrota que a "Expedição Moreira Cesar" sofreu. Podemos observar que esses estudantes não acreditavam na ideia do movimento canudense ser restaurador, o que pode demonstrar que esse conceito não era compartilhado nem defendido por toda a Nação. Porém, não ha a defesa dos sertanejos por esses jovens; eles acreditam que devem ser extintos rápida e completamente, porque representam uma nódoa ao País, envergonhando-o. A partir dessa declaração, entendemos que, independentemente da "questão republicana", a cidade de Canudos passou a ser um alvo de destruição porque representava o atraso de um povo selvagem e fanático.

06-05-1897

ξ **"Successos da Bahia"** – Trata-se de um artigo que procura sintetizar os acontecimentos no sertão da Bahia e o temor que causaram e ainda causavam; também procura levantar argumentos em favor da exterminação do arraial, sendo a mais relevante a questão da restauração e a necessidade de salvar a República. Esse tipo de matéria não soou como novidade nesse contexto, porém a diferença desse texto para os demais acerca de Canudos, publicados no jornal analisado, são as alusões às questões de civilização. Nesse artigo, o banditismo e a ignorância dos sertanejos, segundo a opinião do redator do texto, estão em confronto com a legalidade e civilização dos republicanos. Observamos, também, a noção de superioridade do Exército em relação aos conselheiristas, pois o redator acredita que a derrota da terceira expedição não ocorreu por conta da superioridade numérica e outras qualidades que os sertanejos tinham, como o conhecimento do terreno, a coragem e o heroísmo; ele acredita que as forças do governo não obtiveram vitória exclusivamente pela morte do coronel Moreira Cesar, pois esse acontecimento desestabilizou as tropas. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 de maio de 1897, p. 1):

> [...] o desastre de Canudos tornou-se notavel pela sensação aggravada pela supposição de que os revoltosos do sertão da Bahia não são simplesmente impulsionados pelo fanatismo religioso, mas também instrumentos dos que ainda sonham com a restauração da monarchia [...] A alma nacional, assim ferida, vibra forte, e de toda a parte foram enviadas ao governo innumeras manifestações, affirmando a solidariedade patriotica na defeza da Republica [...] já em collectividades, já isoladamente, os cidadãos se offereciam pressurosamente, para ir combater os revoltosos [...] O exame reflectido dos factos produz a crença de que o insuccesso de Canudos se deu, não porque os revoltosos dispuzessem de elementos capazes de resistir e repellir o ataque, mas porque as forças legaes, quando já se achavam dentro da povoação, que seria tomada e vencida, tiveram a infelicidade de perder o valente chefe [...] O desastre augmentou a força moral dos revoltosos e os reccursos materiaes para a lucta. Não obstante, a causa da legalidade e da civilisação em breve vencerá a ignorancia e o banditismo [...] Dentro em pouco a divisão do exercito ao mando do general Arthur Oscar, destroçará os que alli estão envergonhando a nossa civilisação.

Observamos nesses trechos uma clara argumentação em favor da destruição de Canudos; esses argumentos se apoiam, principalmente, na "questão republicana" que,

como já apresentamos, trata-se do temor da restauração do antigo regime; também eles se apoiam nas manifestações de solidariedade do povo realizadas por meio de protestos, participação em *meetings*, organização de batalhões de voluntários para combaterem contra Canudos em defesa da República. Essas manifestações de apoio ao governo republicano se concentraram no mês de março de 1897 por causa da derrota da terceira expedição, comandada por Moreira Cesar. Esse acontecimento, de acordo com nossa análise da fonte pesquisada, causou forte sensação e furor nos habitantes dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, que empastelaram jornais monarquistas e fizeram passeatas pelas principais ruas dessas cidades; essas manifestações podem ser verificadas no Apêndice A, nas diversas notícias publicadas no mês de março.

Nesses trechos há, além desses argumentos contra os conselheiristas, a ideia de que os sertões estavam afastados da civilização, pois a causa da república, ou seja, a causa da "civilização" e da "legalidade" estava combatendo-os. É interessante observar que, como os estudantes baianos, o autor do texto apresentado opina contra os sertanejos de Canudos que são considerados, por ambos, uma vergonha para o País; eles são vistos como uma vergonha para a "nossa civilização". Nesse discurso, a Repöblica representa a civilização e a legalidade, e os sertanejos representam a ignorância (falta de ciência) e o banditismo, estando, portanto, em polos opostos.

08-07-1897

- ξ **"Cartas do Rio"** – Essa coluna publica as cartas de um jornalista, de nome Orlando, quase todos os dias e tratam, em geral, da situação política da sociedade brasileira da época. Essa carta, especificamente, aborda um tema que estava em voga no período e, em geral, gira em torno da oposição feita ao presidente da República, o senhor Prudente de Moraes. O articulista procura criticar esse movimento de oposição ao governo com diversos argumentos em suas cartas e, nessa carta como em muitas outras, a questão de Canudos é abordada como uma arma que a oposição ao presidente da República está utilizando a fim de desestabilizar o seu governo. Nesse caso, essa oposição não é composta pelos monarquistas, mas sim por políticos da câmara que pertencem à ala da oposição, encabeçada pelo senhor Francisco Glicério. Essa questão abordada na carta é bem mais complexa do que estamos apresentando, mas

nosso objetivo é focar na temática de Canudos e observar como ela está sendo discutida nesse texto. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de julho de 1897, p. 1):

> Hoje, a ordem do dia, *durante a acta*, foi a questão de Canudos. A ausencia de noticias certas acerca das circumstancias em que se acham as forças legaes, os boatos de derrotas e de fugas, muito de industria propalados para diminuirem o prestigio do governo, não podiam deixar de provocar o fervoroso zelo dos srs. representantes da nação [...] Não ha noticias, nem particulares, nem officiaes; ha apenas boatos cuja origem ninguem é capaz de saber; mas para a opposição desde que os boatos são desegradaveis não só ao governo, mas a todo o paiz, que deseja ver terminado de um modo honroso para o exercito o caso de Canudos, elles são um excellente pretexto para os seus desabafos políticos [...] Os jagunços são hoje uma das grandes difficuldades para o governo da União, e como o grupo do sr. Glycerio não se organisou senão para combater o governo da União, bem idiota seria elle senão aproveitasse o elemento de desordem que lhes estão fornecendo os fanaticos do Vaza-Barris.

Como podemos observar nos trechos citados, o movimento canudense está sendo visto pelo autor como uma arma, como um pretexto para a oposição ao presidente proferir críticas e desmerecer seu governo. Nesse texto, a propagação de boatos desagradáveis à campanha contra Canudos é problematizada. De fato, na nossa análise da fonte pesquisada, há diversas publicações de boatos que depois são desmentidos; esses tipos de publicações podem ser verificados com mais detalhes no Apêndice A.

11-07-1987

ξ **"Jornaes do Rio"**

"Republica": A respeito da oposição que se fazia ao governo do presidente Prudente de Moraes, foi publicada a seguinte declaração (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 de julho de 1897, p. 1):

> A injuria ao exercito toma assim a forma de uma provocação inqualificavel, que só o despeito ou o odio pódem ditar. O governo sabe bem que a resignação do exercito só se mede pela sua dedicação á Republica; e o sacrificio dos que são aqui immolados ao odio dos

> sobrinhos, que governam sobre a constituição, não é maior do que o daquelles que em Canudos se batem com um heroismo sobrehumano, luctando a um tempo com os jagunços e com a traição, sem outra preoccupação entretanto, uns e outros, senão servirem á Republica, posta muito acima que toda a mesquinhez de pequeninos governantes. Quanto a nós já uma vez o dissemos: não ha de ser á nossa custa que este governo perdido e desesperado se ha de salvar...

17-07-1897

ξ **"Jornaes do Rio"**

"Republica": *A Sphinge* é o nome do artigo publicado nesse jornal, em que Canudos é considerado um "holocausto" misterioso, para onde os soldados vão e morrem em sacrifícios, e pesa a agonia de não se saber de fato o que lá se passa. Há uma forte crítica ao governo. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de julho de 1897, p. 1):

> Peza sobre o coração e o espirito dos que acompanham esta lucta extranha, mais ainda talvez que a dôr de ver que, um a um vão lá tombando os nossos heroicos soldados, com a resignação e o valor de que dão exemplo fecundo, a agonia de não sabermos o que lá se passa, a tortura de não apprehendermos aquelle mysterio [...] O governo precisa de pesar maduramente a responsabilidade que lhe cabe [...] A Republica precisa de decifrar o enigma da Sphinge de Canudos [...] É preciso agir intelligente e energicamente. O que se está fazendo é o sacrificio cruento e inutil: o governo não tem feito senão pôr o exercito, em parcellas, entre o bacamarte de Antonio Conselheiro e a indifferença do sr. Luiz Vianna. Se o que quer é aniquilal-o continúe (p.1).

Há, nessas duas publicações da *Republica*, uma forte crítica ao governo vigente, pela oposição liderada pelo senhor Francisco Glicério. Nesse jornal, como no *Paiz*, eram publicados quase todos os dias, artigos de crítica à política do governo, tanto em relação ao acontecimento de Canudos como em relação a outros acontecimentos da época. Esses jornais defendiam o Exército que, segundo a opinião deles, resignava-se pelo patriotismo e devotamento à causa republicana.

Na publicação de 11 de julho de 1897, há uma defesa calorosa do Exército frente às críticas que o Exército e o general Arthur Oscar, comandante da quarta expedição, estavam recebendo por conta de indisciplina, erros de estratégia militar e, enfim, por conta da demora em tomar Canudos. Essa demora, além de sacrificar a vida dos soldados expostos à fome, às doenças e ao desgaste da guerra, trazia altos custos à União, que precisava levantar cada vez mais fundos para enviar mais munição, artilharia, remédios, médicos, mantimentos e outras necessidades. Desse modo, havia uma forte pressão por parte do governo ao Exército e, principalmente, aos oficiais de alta patente. Em contrapartida, os políticos militares exigiam do governo vigente explicações e providências para que a campanha contra Canudos fosse articulada com mais inteligência e energia.

Na publicação do dia 17 de julho de 1897 há uma forte pressão ao governo, por parte da oposição, para que o mistério de Canudos seja desvendado, já que tantos soldados foram enviados aos sertões e morreram ou voltaram feridos e doentes, fracassando em sua missão.

08-08-1897

ξ **"Cartas do Rio" –** Trata-se de mais uma carta do articulista Orlando; como na outra carta apresentada, há um posicionamento de apoio ao governo vigente e uma forte crítica à oposição do partido jacobino. Nesse texto, ele comenta sobre o fato de Canudos estar sendo, exaustivamente, explorado pela oposição. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de agosto de 1897, p. 1):

> Hão de ter notado a furia com que a opposição se atirou ao caso de Canudos. Ha mais de quinze dias que não temos outro assumpto, que não se fére outra tecla, que não se ouve outra nota. Canudos! Canudos! Canudos! [...] Hontem, o bravo e infeliz Moreira Cesar partia numa acclamação de enthusiasmo delirante. Hoje, os batalhões passam do sul e insinúa-se-lhes que Canudos é uma traição do governo para exterminal-os.

Nesses trechos podemos observar um combate à crítica exacerbada da oposição ao governo federal, culpando-o pela demora em exterminar Canudos. Na opinião do

articulista, o governo não pode ser considerado culpado, pois não negou a ajuda pedida; ele acredita unicamente na culpa de Artur Oscar, o general que estava no comando da expedição.

ξ **"Jornaes do Rio"**

"Gazeta de Noticias": Entrevista do correspondente desse jornal concedida pelo governador da Bahia, Luiz Vianna, que faz declarações a respeito dos conselheiristas. Abaixo, apresentamos a transcrição de alguns trechos que consideramos mais importantes (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de agosto de 1897, p. 1):

> 'A ignorãncia delles è tal, que não posso acreditar que se preocupem com uma questão de formula de governo. Não duvido que se digam monarchistas como meio de fazer opposição e se opporem ás auctoridades locaes. Se recebem, como dizem, auxilio de monarchistas, do que ainda não estou convencido, é devido á necessidade que têm de recursos, e estes aceitariam de quem quer que fôsse. Canudos actualmente está sendo uma exploração contra o governo da União e do Estado, e muitos que se dizem bons republicanos, conheço eu, desejariam ardentemente que os fanaticos levassem a melhor [...] Eu que tive a coragem de assumir a responsabilidade de tamanha difficuldade, mandando expedições para chamal-os á obediencia da autoridade, sou tido como protector de Antonio Conselheiro e inimigo da Republica; os que deixaram-n'o em paz por muito tempo, consentindo que sua horda crescesse, *estes* são considerados os amigos das instituições e adversarios de Antonio Conselheiro!!' (p.1).

Nessa entrevista, o governador da Bahia se defende das críticas ao seu governo por conta do episódio de Canudos. Ele declara acreditar que, no arraial dos sertanejos, não haja um foco monarquista, mas haja uma oposição às autoridades locais.

É interessante observar que quando foi declarada a guerra à Canudos, não encontramos esse tipo de opinião, na fonte pesquisada, o que pode ser verificado no Apêndice A. Os discursos legitimadores da campanha se colocavam contra Canudos, principalmente, porque se apoiavam na ideia de tratar-se de um movimento restaurador. É interessante notar como os conselheiristas são vistos como ignorantes que não entendem e não se preocupam com uma questão de fórmula de governo. Nessa declaração, podemos observar mais uma vez que os sertanejos de Canudos eram vistos

como incivilizados, selvagens, ou seja, tratavam-se de um atraso à nação brasileira que se considerava na marcha do progresso e da modernidade.

13-08-1897

ξ **"Jornaes do Rio"**

"Paiz": Esse jornal, em um artigo intitulado *Nosso militarismo*, articula sua opinião em torno do argumento de que não existe militarismo no Brasil, julgando que a oposição ataca a República de militarista. Citamos alguns trechos que se relacionam diretamente com a questão de Canudos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 de agosto de 1897, p. 1):

> Nunca existiu o militarismo no Brasil, e não seria a Republica quem havia de creal-o. Os militares, se têm tomado parte na conquista das nossas mais gloriosas liberdades, na realisação dos nossos mais avançados idéaes democráticos; nunca exerceram senão esta missão historica, devolvendo immediatamente aos civis os postos e vantagens que lhes haviam sido confiados nos dias de lucta e de perigo [...] qual é o militarismo cujas ameaças despertaram os zelos e os temores da guarda pretoriana? É o desses leaes e bons brasileiros que, chamados a partir para o reducto insondavel e monstruoso levantado pelo fanatismo e pelo monarchismo, despedem-se serenos do lar, da patria e até da vida, deixando naquellas medonhas paragens, sem terem sequer o piedoso agasalho de uma sepultura ou a ultima lagrima de um epitaphio, o vigor das grandes dedicações á causa do dever e da honra, e os santos afectos da familia e da Republica.

Esse texto objetiva desmentir, segundo a opinião do articulista que o escreveu, a falsa ilusão de que já houve militarismo no Brasil. O artigo argumenta em favor dos militares que são apontados como parte da conquista da liberdade e da democracia do País. Esses militares, segundo o autor do texto, não podem representar temores, pois foram eles no passado que lutaram pelos ideais da nação brasileira e, agora, no presente, lutam pela República, morrendo em Canudos.

27-08-1897

ξ **"Cartas do Rio" –** Nessa carta, como nas outras, o colunista Orlando trata das questões políticas em debate, posicionando-se em defesa do governo vigente e

criticando a oposição a ele. Citamos alguns trechos considerados, por nós, mais importantes para a nossa pesquisa (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 1897, p. 1):

> O cambio, como sabem, deixou de descer, renasce na Europa a confiança no Brasil, espera-se que se realisem brevemente grandes operações, que possam servir de ponto de apoio para a nossa regeneração econômica e financeira e, para cumulo de felicidades, o *Paiz* e a *Republica* já a esta hora devem estar fartos de saber quanto é perigosa a tal politica de intriga com o *elemento estranho* que aquellas duas folhas, em desespero de causa, andavam diariamente explorando, com enorme escândalo [...] Em vão nos dois jornaes se escreveram artigos coruscantes e se inventaram no mesmo dia correspondências de Canudos. Falhou toda esta combinação, que toda a gente percebeu. Sem combinação, sem preparo de especie alguma, fallaram o coronel Carlos Telles por um jornal da Bahia e o general Savaget pelas columnas da secção livre da *Gazeta de Noticias* de hoje, e a voz sincera destes dois bravos abafou num instante a grita damnada dos despeitados. O primeiro acto da comedia glycerista produziu tédio. É quasi certo que, com medo á pateada, não se represente o segundo.

Mais uma vez podemos perceber uma forte crítica aos opositores do governo vigente, representados, principalmente, pelos dois jornais citados nesse artigo. Observamos, no texto, que as notícias acerca de Canudos e as críticas exacerbadas ao presidente da República causaram impacto internacional desfavorável ao Brasil. Porém, com a retomada da confiança no governo e a esperança do término da guerra, em breve, há a esperança, também, de uma regeneração econômica. Notamos nesse artigo, como em outros publicados em *O Estado*, que o término da guerra estava sendo muito aguardado não somente por causa do extermínio de Canudos, considerado uma vergonha para a civilização brasileira, mas por conta dos esforços financeiros que o governo estava empregando na campanha. Enfim, uma situação de guerra desestabiliza um país, por conta de vários fatores, e o econômico é um deles.

Como podemos verificar nas publicações anteriormente citadas e comentadas, o conteúdo político em relação à campanha de Canudos foi amplamente publicado e discutido no jornal pesquisado. Há diversos tipos de abordagens, desde críticas ao governo, como críticas aos militares, até a própria voz dos envolvidos, como os políticos e os militares. No Apêndice A podem ser verificadas mais publicações com esse tipo de conteúdo.

Nas próximas linhas nos ocuparemos do conteúdo informativo publicado em *O Estado de S. Paulo* a respeito de diversos aspectos da guerra, do Exército, dos sertanejos, enfim, sobre os diversos detalhes sobre Canudos e a campanha do governo que o destruiu.

4.2.2 Conteúdo informativo

Apresentamos algumas das diversas publicações que ofereciam informações e notícias acerca dos acontecimentos em Canudos. Citaremos essas publicações em ordem temporal crescente com alguns comentários que julgamos interessantes e contributivos para essa dissertação; também informaremos as expedições a que elas se referem.

As publicações apresentadas são apenas exemplos de notícias e informações sobre a Campanha de Canudos; mais notícias podem ser verificadas no Apêndice A.

21-11-1896 (Primeira expedição)

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 20: Notícias da primeira expedição contra Canudos. Citamos a notícia completa: "O governo do Estado recebeu um telegramma annunciando quasi completa a pacificação nos sertões. A força procura o celebre Antonio Conselheiro" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 de novembro de 1896, p. 2).

25-11-1896 (Primeira expedição)

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 24: Dois telegramas noticiando a derrotada da primeira expedição e os preparativos para a segunda expedição contra Canudos. Citamos esses dois telegramas na íntegra (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 de novembro de 1896, p. 3):

> Um telegramma de Queimadas diz que a força de linha, que fôra no encalço do Antonio Conselheiro estacionada em ? (apagado), foi atacada por um numeroso grupo, havendo 9 soldados mortos e 112

> dos homens de Conselheiro. Os officiaes deliberaram fazer retirada afim de pedir socorro.
>
> Seguem amanhã, em trem especial, 100 praças de policia e 70 de linha com um canhão Krupp, sob o commando do major Febronio Brito, em auxílio da força que se bateu com o bando de Conselheiro. O general Solon telegrafou declarando que embarcasse com urgencia toda a força disponível do Estado do Sergipe. Telegramma do Joazeiro para o general Solon communica a derrota completa de Antonio Conselheiro e dos seus bandidos, morrendo 9 praças e ficando feridas 12.

05-12-1896 (Primeira expedição)

ξ **"Antonio Conselheiro"** – Notícia sobre a chegada, na capital da Bahia, dos soldados que voltaram de Canudos, tendo combatido no dia 21 de novembro. Informa que eram cerca de 3 mil "fanáticos" armados. Há alguns pormenores acerca dos sertanejos e do combate. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 de dezembro de 1896, p. 1):

> Os fanaticos têm praticado os maiores horrores nos logares onde passam. Um preto velho, que diz abandonar Conselheiro, foi assassinado com toda a familia. [...] O tenente Pires Ferreira, interrogado, narrou o seguinte sobre o combate: Que na occasião do ataque foi impossivel o emprego da tatica militar, em vista da fúria desordenada dos atacantes [...] Que, apezar da grande mortandade dos fanaticos, Conselheiro continúa a reunir adeptos e facinoras de todas as paragens, garantindo que no prazo de 15 a 60 dias resuscitarão os fanaticos mortos na acção; Que o Conselheiro batalha contra a instituição republicana garantindo ir ao Rio de Janeiro [...] Há a maior anciedade na Bahia pelas noticias do sertão.

11-01-1897 (Segunda expedição)

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 5: Notícias sobre a segunda expedição contra Canudos, com pormenores acerca do nömero de soldados, oficiais, armas. Citamos alguns trechos: "As operações contra Antonio Conselheiro entraram em periodo definitivo [...] São aqui anciosamente esperadas noticias do começo das operações, constando que as forças marcham para próximo de Canudos" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 de janeiro de 1896, p. 2).

Essas notícias apresentam detalhes e informações sobre a primeira e a segunda expedições. Quanto às duas primeiras notícias, podemos observar que não há destaques ou títulos que as definam; também podemos perceber que elas estão publicadas na terceira página do jornal analisado. As notícias estão desencontradas, pois há informações sobre a retirada das forças do governo para pedir socorro, e há a notícia da pacificação completa dos sertões e da derrota completa do Conselheiro.

Na terceira notícia, há detalhes do combate e da situação nos sertões; trata-se de uma notícia oficial, pois o próprio comandante da expedição, o tenente Pires Ferreira, traz as informações. É importante observar que essa notícia tem destaque, pois possui um título com o nome do "Antonio Conselheiro" e está localizada na primeira página do jornal.

A notícia sobre a terceira expedição, citada abaixo, também não possui destaque, por causa da ausência de título e a página em que se encontra não é a primeira. Nessa publicação, como nas publicações sobre a segunda expedição, de modo geral, há notícias sobre os acontecimentos nos sertões, porém, ainda, não há muito destaque o alarde.

De modo resumido, podemos perceber, nas notícias apresentadas nesse capítulo, bem como naquelas apresentadas no Apêndice A, que a primeira e a segunda expedições não mereceram destaque nos jornais, pois, naquele momento, não havia notícias ou informações suficientes para caracterizar ou temer os conselheiristas e destacá-los nas publicações da imprensa.

Podemos perceber que Canudos já era identificado pelas autoridades como um movimento que pretendia derrubar o regime republicano; esse movimento foi identificado como rebelde e repleto de "facínoras" e "fanáticos", isto è, Canudos ainda não era visto como uma ameaça real à nação brasileira, mas era considerado como um levante que precisava ser aniquilado com urgência.

16-02-1897 (Terceira expedição)

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 15: O telegrama informa que seguiram para Monte Santo tropas comandadas por Moreira Cesar, o comandante chefe da terceira expedição. Citamos um trecho:

“Consta que atè o dia 28 do corrente será tomada a povoação de Canudos” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 de fevereiro de 1897, p. 2).

19-02-1897 (Terceira expedição)

- **“TELEGRAMMAS”**

RIO, 18: Telegrama do comandante Moreira Cesar ao ministro da guerra, relatando que as tropas chegaram a Monte Santo. Citamos um trecho: “A força está anciosa por se bater com a gente de Conselheiro. Os fanáticos, receiosos, occultaram-se atraz das trincheiras” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 de fevereiro de 1897, p. 2).

08-03-1897 (Terceira expedição)

- **O combate de Canudos** – trata-se de telegramas do correspondente de *O Estado* na Bahia. Apresentamos esses telegramas, citando alguns trechos:

BAHIA, 7: O correspondente informa que no dia 3 do mês corrente o coronel Moreira Cesar iniciou a batalha com tiros de canhão: “[...] fez avançar a força e tomar Canudos, collocando-se com o seu estado-maior num alto, de onde se descortinava o campo de acção, podendo facilmente ser attingido pelas balas” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1).

Ele continua o relato apresentando pormenores da invasão de Canudos: “[...] dahi começou o fogo com ardor. Os fanaticos dentro das casas e das duas igrejas, opuzzeram tenaz resistencia. Nesse interim uma bala dos fanaticos attingiu Moreira Cesar, lançando-o por terra e vindo a fallecer á noite” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1).

O autor desse telegrama narra que a morte do coronel não foi prontamente divulgada aos soldados, e somente pela manhã, depois de muita batalha, esse fato foi anunciado, o que fez as tropas desanimarem completamente e iniciarem uma fuga desesperada. Citamos mais alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> O major Cunha Mattos foi encarregado de deter os fugitivos e atravessou-se de revólver em punho, no caminho, e com o auxilio de alguns officiaes procurou conte-los mas, foi levado pela massa dos fugitivos [...] A população desta capital está contristada com esse facto inesperado, e lamenta a morte de tantos servidores da Patria. Aguarda-se a maxima brevidade nas providências do governo federal a quem o governador communicou todo o ocorrido.

BAHIA, 7: Telegrama com notícias oficiais sobre o combate ocorrido em Canudos. Citamos um trecho: "O coronel Moreira Cesar colocou-se valentemente proximo do inimigo que estava escondido por detrás das montanhas que circundam Canudos" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1).

ξ **Noticias do Rio:** Conferência entre o ministro da guerra e pessoal do Exército; como se sabia na cidade que se tratava dos sucessos de Canudos, houve grande interesse do público. Então foi publicada uma nota afirmando que ainda não havia notícias oficiais, mas estavam aguardando essas notícias. Nesse momento já iniciaram a preparação de batalhões de infantaria, artilharia e cavalaria "vindos do Sul e do Norte da Republica". Há alguns telegramas oriundos do Rio de Janeiro tratando dos acontecimentos em Canudos e o interesse e preocupação das autoridades públicas e militares dessa capital e também dos cidadãos. Citamos um desses telegramas (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> Hoje a tarde foram empastelladas as typographias dos jornaes *Gazeta da Tarde, Liberdade e Apostolo* . Os escriptorios destes jornaes foram completamente escangalahdos. O povo reunido em frente ás redacções dos jornaes republicanos faz manifestações.

ξ **Em São Paulo:** A situação em São Paulo, após a notícia da morte de Moreira Cesar e da derrota da terceira expedição, é apresentada. Como no Rio, houve manifestações populares e empastelamento de jornais monarquistas. O povo, ao sair dos jardins do palácio, onde se reuniu para prestar seu apoio ao governo, foi seguindo pelas ruas e dando "vivas" â repöblica e "morras" â monarquia. Em frente à redação do *Commercio de S. Paulo*, mesmo com a cavalaria de proteção, invadiram o escritório e o depredaram, atirando os móveis à rua; a destruição foi total, desde as prateleiras até os canos de água. A agitação foi até tarde da noite

pelas principais ruas do centro de São Paulo. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de março de 1897, p. 1):

> As noticias que hontem affixámos á porta do nosso escriptorio causaram uma dolorissima impressão no espírito publico. Destro de alguns minutos tornara-se enorme a agglomeração de pessôas do povo não so em frente á redacção desta folha como em toda extensão da rua 15 de Novembro. A triste noticia [...] espalhou-se rapidamente fazendo vibrar de nobre indignação a alma do povo, que em estrepitosas acclamações á Republica, movido pelo ardor dos seus sentimentos, espontaneamente se dirigiu para o palacio do governo formando uma imponente procissão cívica. O jardim do palacio, num momento, ficou repleto com a grande massa popular. De todas as bocas irrompiam enthusiasticos vivas á Republica, ao governo e á memoria do bravo coronel Moreira Cesar. O dr. Campos Salles, acclamado pelo povo, chegou a uma das janelas do palacio, sendo-lhe então dirigido por dois cidadãos um vehemente e patriótico apello em nome da mocidade brasileira oferecendo o auxilio dos moços republicanos para vingar a morte do coronel Moreira Cesar e defender a Republica contra os ataques dos monarchistas [...] Diversas pessôas do povo proferiram discursos concitando a mocidade a cumprir com o seu dever de defender á Republica.

Como podemos verificar nas publicações do dia 8 de março, a agitação pública foi grande em centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo por conta das notícias da derrota do Exército. Houve ampla participação popular que demonstrou seu apoio à República, declarando guerra ao movimento de Canudos e aos monarquistas brasileiros; houve também depredações de jornais por conta da orientação política deles. Quanto às notícias na imprensa, verificamos que o jornal pesquisado, após a notícia da derrota da "Expedição Moreira Cesar", destinou sua primeira página, quase completamente, a publicar artigos e notícias sobre a situação no sertão e das providências para a realização de uma quarta expedição durante vários dias seguidos. Isso pode ser verificado no Apêndice A.

Nas duas primeiras publicações, anteriores ao combate entre os canudenses e a terceira expedição, são mencionadas notícias a respeito da partida das tropas e, também, há uma mensagem do coronel Moreira Cesar que, como os cidadãos brasileiros interessados nessa batalha, esperava facilmente uma vitória republicana. Essa expectativa positiva se deu, principalmente, pelo desconhecimento acerca do real número de sertanejos em combate e das suas estratégias de guerra; a Nação também acreditava que o famoso e querido coronel Moreira Cesar, pacificador da "Revolta

Federalista", tinha todos os mèritos e condições de derrotar, facilmente, os "fanáticos e ignorantes" conselheiristas.

Como a história nos conta, a Nação se enganou e se surpreendeu com a tenaz resistência dos "insurgentes" de Canudos. Então a "vingança", como podemos ver nas publicações, foi armada com amplo apoio popular.

Nesse contexto, Canudos foi considerado um inimigo da nação brasileira que deveria ser esmagado o mais rápido possível, pois esse temível inimigo, desconhecido ainda, era capaz de colocar o regime republicano em perigo.

Apresentamos algumas publicações da quarta expedição, como exemplos de notícias; todas as publicações em *O Estado* que abordaram essa expedição podem ser conferidas no Apêndice A.

23-04-1897 (Terceira expedição)

ξ **OS FACTOS DA BAHIA:** carta do correspondente especial do *Jornal do Commercio* a este jornal: Queimadas, 12 de abril.

Manoel Benício apresentou em sua carta uma entrevista concedida por um homem chamado Manoel Pequeno em que o correspondente fez perguntas a respeito dos últimos acontecimentos em Canudos, do combate e da morte de Moreira Cesar. Essa carta está organizada em forma de narrativa e há uma riqueza de detalhes. Diferentemente das outras publicações que observamos em *O Estado*, nela há a visão de um sertanejo que dá voz aos conselheiristas e aos soldados, apresentando a situação da guerra do ponto de vista do sertão. Esse sertanejo não é um conselheirista, porém vive nos sertões baianos e conheceu, pessoalmente, muitos dos seguidores de Antônio Conselheiro, vivenciando, também, a situação de guerra, como poderemos observar em sua narrativa. Citamos alguns trechos em que Manoel Pequeno narra sua experiência com os soldados vindos do sertão, depois da derrota da terceira expedição; também há um contato desse narrador com os conselheiristas que estavam no encalço dos soldados fugidos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de abril de 1897, p. 1-2):

> [...] – Para que lado é este Bello Monte, indaguei-lhe. – Bello Monte é o nome que o conselheiro e sua gente dão a Canudos [...] Os homens vinham mesmo cansados e com fome. Pediram de comer e o pouco que havia dei-lhes. Sube então que o coronel tinha morrido e o mais

> [...] Todo o resto da noite chegou gente. Quando raiou o dia tudo se foi e vieram novos [...] – Elles são então homens mais ou menos limpos, de bôa presença? – Qual, meu senhor. Tudo é uma cabroeira desconforme. Daquillo não se aproveita nada. Ha cada pedaço de negrão que vae longe. Cada um que anda mais debaixo do cangaço (cheio de armas).

Nesse trecho, notamos que o correspondente Manoel Benício indaga esse sertanejo a respeito das características dos conselheiristas e ele, de pronto, responde que não possuem boa aparência; é interessante observar a preocupação do homem civilizado, oriundo de um grande centro urbano, com as características e a aparência dos canudenses. É também interessante observar que o sertanejo entrevistado acredita que deles "não se aproveita nada", observando que "há cada pedaço de negrão que vae longe". Dessas afirmações, consideramos que esse sertanejo relaciona má aparência com a cor e a raça dos sertanejos, e que a cor negra não é considerada de boa aparência. Nessa conversação, não há uma discussão sobre a questão de raças, porém é possível observar que o assunto subentendido aparece, e o negro é considerado não "aproveitável"; ele não è considerado de "boa aparência".

Manoel Pequeno narra que os "jagunços" chegaram a sua venda procurando pelos soldados e, a partir dessa parte da narrativa, de certo modo, é dada voz aos conselheiristas. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de abril de 1897, p. 2):

> [...] – Então ha o que se beba?
> –Ha.
> – As imundicies (soldados) então não beberam tudo? [...]
> – Tu então vendes aos immundicies, me perguntou o tal Gangorra, ainda? [...] virei-me p'ra elles e disse: Homem vendi aos soldados como estou vendendo a v. v. Se eu não quizesse vender elles me tiravam à força, como podem v. v. também fazer. Eles chegaram em porção. São forças do governo.
> – Força não, fraqueza, atalhou-me o Gangorra [...]
> – O homem está fallando verdadeiro, ouvi eu dizer na roda, não se deve fazer mal a elle. Mas aonde estão estes *fardados*? [...] Os cabras ficaram ainda mais quatro dias em Cumbe [...]
> – Quantos eram os que appareceram em Cumbe, seu Manoel Pequeno?
> – Trinta e seis.
> – E os soldados que passaram lá?
> – Hi! Isto passáram ás centenas [...]
> – Antes do mais, me explique como é o typo que atirou em Moreira Cesar e como se chama?

> [...] O feitio delle é de um sujeito assim do tópe de v. s. e menos gordo. É de casta do *Sararas* (aças). Elle contou que estava preso na cadeia de Monte Santos e mais três, quando o coronel lá chegou. Foi levado á presença do *corta-pescoço*, como se appellidava ao coronel.

Nesses trechos entendemos que há, de certo modo, a voz do homem dos sertões e, mais especificamente, a voz dos conselheiristas, pois trata-se de um sertanejo narrando suas peripécias com os soldados e os canudenses. Essa narrativa é organizada e produzida de acordo com os conhecimentos e costumes desse comerciante, Manoel Pequeno. Observamos em suas palavras expressões tipicamente populares, como as palavras "cabroeira" e "cabra", por exemplo.

Quanto aos conselheiristas, algumas das suas concepções e modos de entender a guerra e os soldados são encontrados nas expressões que eles utilizam como "fardados", "corta-pescoço", "imundícies", "fraqueza" (do governo).

Nos próximos trechos a voz dos conselheristas aparece ainda mais, pois Manoel Pequeno narra, a partir das palavras de "Pajehö", como se deu a morte de Moreira Cesar que negociou com o próprio "Pajehö", que estava na cadeia, uma visita dele a Canudos em troca da sua liberdade. O coronel Moreira Cesar indagou-lhe se ele era conselheirista, e este afirmou que não, e o coronel, ingenuamente, acreditou e financiou a viagem de "Pajehö" a Canudos. Ele chegou ao arraial e informou aos sertanejos sobre a chegada da terceira expedição, explicando-lhes como as tropas se organizavam, como eram os tipos de fardas e ficou incumbido de matar o coronel. Assim, os conselheiristas se organizaram, estrategicamente, para essa nova batalha. Citamos o trecho em que o "homem que matou Moreira Cesar" tramita a morte desse coronel, possivelmente, com o Conselheiro (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de abril de 1897, p. 2):

> [...] depois perguntou-me se eu conhecia o *corta-pescoço*. Respondi que sim. Vae o nosso pae e então me diz: você fica encarregado de arrumar uma carga de bacamarte no amaldiçoado. Não se importe com os outros. Tome conta delle e vare-o de meio a meio. Recommende a todos que apontem sómente nos graudos da tropa que trazem riscos na manga [...] O homem ficou mesmo de peito para nós como uma pomba verdadeira. Tirou uns oculos grandes (binoculo) e segurando-o com as duas mãos, largando a redea no pescoço do cavallo, olhou...olhou...Eu vi tudo por um buraco da cerca. Pajehú também olhava. Ageitei a espingarda e papoquei fogo. O homem torceu-se, deixando cahir os óculos e Pajehú *estralou* fogo no cavallo que virou logo do outro lado.

Entendemos que essa carta de Manoel Benício, assim como as outras que ele publicou no *Jornal do Commercio* republicadas em *O Estado*, possui narrativas interessantes e importantes que apresentam detalhes da guerra, críticas às estratégias do Exército, narra alguns episódios de degola, enfim, são cartas que merecem análise e interesse.

Apresentamos nessa parte do trabalho apenas essa carta a qual analisamos sucintamente, porém, no Apêndice A, há as outras cartas de Manoel Benício que foram republicadas em *O Estado*.

Quanto a essas correspondências, percebemos que causaram grande sensação e incômodo, pois havia nelas ricos detalhes dos combates e, também, o senso crítico dele em relação aos erros de estratégia e tática do Exército, e principalmente do general Arthur Oscar, comandante chefe da quarta expedição.

No Apêndice A, podemos verificar que Manoel Benício, de acordo com suas cartas, combateu lado a lado com os soldados e narrou de modo emocionado detalhes que nenhum outro correspondente apresentou, já que no campo de batalha, durante a invasão de Canudos, somente havia ele como correspondente; os outros jornalistas, de diversos jornais, estavam em Monte Santo, Cansanção, Queimadas e Salvador, e enviavam cartas aos jornais de acordo com o relato dos soldados que chegavam de Canudos.

Nos relatos de Manoel Benício, encontramos algumas referências à questão das degolas (verificar publicação do dia 07-08-1897, no Apêndice A). Também podemos encontrar uma denúncia de censura por parte do Exército. Benício informa que cartas e correspondências estavam sendo vistoriadas por um oficial, em Canudos, antes de seguirem a Monte Santo e as suas correspondências foram rejeitadas, ou seja, ele denuncia a censura que sofreu por ter feito críticas ao Exército e, em especial, ao comandante em chefe da expedição, o general Arthur Oscar (verificar publicação do dia 11-08-1897 no Apêndice A).

Por fim, destacamos, nas publicações desse correspondente do *Jornal*, uma carta em que ele faz considerações sobre a perseverança e inteligência do homem civilizado que domina a natureza a seu favor; diferentemente do homem civilizado, segundo Manoel Benício, o homem primitivo temia a força da natureza não agindo sobre ela. Citamos um trecho (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 de agosto de 1897, p. 1):

> [...] temia a força dos elementos da natureza e, em vez de reagir contra elles, enfurnava-se nas cavernas, deixando na frase popular, *a natureza obrar*. A chuva, o fogo e o vento eram para elle phenomenos, que, não podendo explicar nem aproveitar como os homens modernos, acceitava-os na conta de factos, contra os quaes toda noção era inútil.

18-05-1897 (Quarta expedição)

- ξ **TELEGRAMMAS**

RIO, 17: O general Argollo foi exonerado do cargo de ministro da guerra, substituído pelo marechal Carlos Machado Bittencourt (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 de maio de 1897, p. 2).

BAHIA, 17: chegada de Arthur Oscar em Monte Santo; as operações contra Canudos devem começar em breve (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 de maio de 1897, p. 2).

04-07-1897 (Quarta expedição)

- ξ **TELEGRAMMAS**

RIO, 3: Apresentamos notícias de dois telegramas do Rio. O primeiro telegrama informa que as forças do governo conseguiram ocupar posições vantajosas, bombardeando Canudos desde o dia 27. O segundo informa que nada ainda foi pronunciado sobre Canudos, mas que o governo tem notícias e, possivelmente, o ministro da guerra esteja redigindo seu pronunciamento sobre o assunto (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 de julho de 1897, p. 1-2).

05-07-1897 (Quarta expedição)

- ξ **CANUDOS:** O jornal informa que ainda não recebeu notícias do seu correspondente e, portanto, essa seção trata de um resumo das notícias publicados nos jornais do Rio. Apresentamos uma síntese delas, citando alguns trechos.

Paiz: Bahia, 3: Oficialmente não há notícias, segundo esse jornal. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 de julho de 1897, p. 1):

> Á falta de informações positivas, formigam os boatos, desencontrados, apavorantes alguns e que por isso mesmo não nos merece fé, attento ao conhecimento que temos da organisação das forças em operações. Segundo o jornal, a única fonte que se pode dar crédito é o *Jornal de Noticias* que afirma estarem vencidos e "desbaratos" os fanáticos em posição avançada e, assim, encontram-se em frente ao arraial bombardeando-o as forças do governo. Este jornal acrescenta: "Acuados no seu antro, defendendo as suas posições com todos os recursos do desespero, produziram nas fileiras republicanas baixas em numero superior a 1.000 homens entre mortos e feridos.

Gazeta de Noticias: Bahia, 2: Apresenta a situação de apreensão pública por conta da falta de notícias oficiais sobre os acontecimentos nos sertões da Bahia. Citamos um trecho: "A opinião pöblica está entre afflicta e apprehensiva por falta de noticias oficiaes sobre a victoria das forças contra Canudos e mostra-se receiosa de que não sejam exactas as noticias conhecidas da vitória completa das forças legaes" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 de julho de 1897, p. 1).

09-07-1897 (Quarta expedição)

ξ **TELEGRAMMAS**

SANTOS, 8: Trata-se de uma notícia da vitória republicana em Canudos, em que já há comemorações. Citamos um trecho: "Hoje, por motivo da victoria das forças legaes sobre Canudos, as repartições publicas estiveram embandeiradas" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 de julho de 1897, p. 2).

RIO, 8: Vários telegramas em que o correspondente de *O Estado*, no Rio, apresenta as publicações de jornais cariocas. Citamos algumas delas:

Republica: Monte Santo, 8: telegrama do general Barbosa afirmando que foram poucas as perdas no combate e a vitória é certa (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 de julho de 1897, p. 2).

Noticia: Informações acerca do combate em Canudos, onde os sertanejos estão lutando ferozmente. É interessante observar o uso de expressões ligadas a um estado selvagem que, segundo os discursos da época, os sertanejos se encontravam. Citamos trechos: "As forças legaes, com o denodo heroico dos soldados brasileiros, têm-se batido com os fanaticos, que luctam como feras na defesa do seu antro" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 de julho de 1897, p. 2).

Podemos observar nessas publicações apresentadas, que a quarta expedição foi organizada logo após as notícias da derrota da "Expedição Moreira Cesar", e permaneceu em Monte Santo por um período, com o objetivo de preparar-se para marchar até Canudos.

O ataque ao arraial de Canudos ocorreu em fins de junho e as notícias oficiais foram enviadas à imprensa após alguns dias de espera e ansiedade por parte da sociedade. Como podemos verificar nessas citações, enquanto não havia notícias oficiais, muitos boatos eram disseminados e publicados na imprensa. Um deles causou a comemoração precipitada na cidade de Santos, onde foi comemorada a vitória republicana muito antes de ter acontecido de fato. De modo resumido, há nessas notícias a ansiedade pela vitória sobre Canudos e há sempre um forte apelo aos sacrifícios sofridos pelo Exército e ao fanatismo dos conselheiristas.

23-07-1897 (Quarta expedição)

ξ **TELEGRAMMAS**

RIO, 22: Diversos telegramas (aproximadamente três colunas do jornal) confirmando o ataque a Canudos e apresentando pormenores do combate. Esses telegramas são oficiais e afirmam que Antônio Conselheiro foi ferido em uma das mãos, e pediu para que as mulheres pudessem se entregar e, assim, ele se entregaria também. Há um telegrama que se refere a boatos de que a tomada de Canudos não aconteceu realmente do modo como estão nos telegramas oficiais; acredita-se que os soldados tiveram de recuar. Também há informações a respeito do envio urgente de reforços e de mantimentos e munições a Canudos. Os termos usados para se referirem aos canudenses são "fanáticos" e "jagunços". Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de julho de 1897, p. 2):

> As casas estão tomadas, faltando para completo triunpho a tomada da egreja nova, onde o combate é terrível [...] Antonio Conselheiro pede para que as mulheres possam entregar-se, fazendo elle o mesmo depois. O mesmo Antonio Conselheiro está ferido numa das mãos [...] ha telegrammas dizendo que os valentes soldados, depois de terem feito grandes baixas nas fileiras dos jagunços, se retiraram por não poderem conservar posições.

30-07-1897 (Quarta expedição)

ξ **TELEGRAMMAS –** Há diversos telegramas sobre a campanha de Canudos que tomam aproximadamente quatro colunas do jornal. Apresentamos somente os telegramas internacionais (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 de julho de 1897, p. 2).

BUENOS AYRES, 29: "*La Prensa* comentando os ultimos telegrammas que tem recebido do Rio, noticiando a resolução do governo sobre mandar mais tropas para Canudos, diz que isso demonstra que a situação dos sertões da Bahia é mais grave do que geralmente se supunha".

MONTEVIDEO, 29: "Tem causado geral sensação as noticias de Canudos. Nos centros brasileiros, e na imprensa, commenta-se a nova phase tomada pela lucta contra os fanaticos. É geral o desejo de que se dê brevemente o triumpho da causa republicana".

Nessas notícias, podemos perceber como a opinião pública estava ansiosa pelo término da guerra nos sertões. É interessante notar que essa ansiedade corre dentro e fora do País, e foi agravada pela demora do término da quarta expedição.

Nesse contexto, uma parte de Canudos já havia sido tomada, mas os conselheiristas ainda resistiram por mais alguns meses. Diariamente, aconteceram combates e ataques âs casas e â "Igreja Nova", onde se concentrava a maior parte dos combatentes sertanejos. Essa etapa da guerra, mais uma vez, surpreendeu e demonstrou que, realmente, muito pouco se sabia nas grandes cidades sobre os canudenses, isto é, muito pouco se sabia de sua força e tenacidade.

15-08-1897 (Quarta expedição)

- ξ **CANUDOS:** Do correspondente especial na Bahia, Euclides da Cunha, temos os seguintes telegramas: Bahia, 14: Informa que as últimas providências estão sendo tomadas pelo ministro da guerra e que, em breve, ele partirá para o sertão, juntamente com uma comitiva, na qual Euclides faz parte. Ele apresenta outras informações cotidianas, como o deslocamento de pessoal, entre outras (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de agosto de 1897, p. 1).

20-08-1897 (Quarta expedição)

- ξ **TELEGRAMAS**

RIO, 19: Esse telegrama discorre acerca de uma carta enviada da Bahia por "pessôa muito a par do movimento politico daquelle estado". A carta contèm informações a respeito de fatos e detalhes do surgimento da "conflagração dos sertões da Bahia", ainda não publicados na imprensa. Foram extraídas algumas informações e narradas nesse telegrama; citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 de agosto de 1897, p. 2):

> Da carta, que talvez appareça amanhan num importante orgam, pude colher os seguintes curiosos dados sobre a questão que originou o primeiro embate das forças estadoaes com a força do Conselheiro e as subsequentes expedições: Antonio Conselheiro comprára no Joazeiro ao commissario de policia, madeiras na importancia de um conto e duzentos mil réis, destinadas á construção da egreja nova. Da compra possuia recibo, mas nunca conseguiu receber madeiras. Depois de muitas reclamações mandou dizer para Joazeiro que iria áquella localidade para buscar ou madeiras ou importancia. Immediatamente o commissario de policia, que bem podia conhecer a fama do Conselheiro, alarmou-se e combinando com o juiz de direito, escreveu ao dr. Luiz Vianna, presidente do Estado, dizendo que os jagunços ameaçavam atacar Joazeiro. O presidente do Estado respondeu que não podia empenhar as forças por um simples boato ou indicação vaga. Que quando houvesse indicio certo avisasse, que elle tomaria providencias. Effectivamente, dias depois, um novo telegramma annunciava ao presidente que os jagunços estavam a dois dias de marcha do Joazeiro, pedindo providencias. Foi então organisada uma força, a primeira enviada contra os jagunços, uns cento e tantos homens commandados pelo tenente Pires Ferreira. Esta força, como é sabido, foi destroçada em Uauá. Eis a origem de tudo: uma questão de um conto e duzentos mil rèis" (p.2). Há outros telegramas com

> notícias cotidianas acerca da chegada de feridos e deslocamento de pessoal.

Essas notícias referem-se às últimas informações a respeito dos procedimentos para a tomada completa de Canudos; muitos reforços de soldados, de mantimentos, munições, artilharia, entre outros, foram enviados, e o fim da guerra contra os sertanejos estava se aproximando. Na publicação do dia 20 de agosto, encontramos informações a respeito do início dessa guerra, que já havia feito diversas vítimas e ainda faria outras mais até o seu término.

É importante observar que as motivações iniciais para o início de uma guerra de tal proporção somente foram publicadas depois de quatro expedições terem sido preparadas e enviadas aos sertões. Realmente, quando se iniciou a campanha de Canudos e o governo federal assumiu a responsabilidade da destruição de Canudos, não havia evidências e provas concretas acerca do perigo que essa população sertaneja poderia representar à sociedade. Assim, entendemos que foi decretado um massacre por conta do medo que os republicanos tinham da restauração.

07-10-1897 (Quarta expedição)

- **CANUDOS:** Em mais de duas colunas do jornal foram publicados os telegramas oficias de Canudos, comunicando o término da luta e a completa vitória das forças do governo sobre os jagunços. Primeiramente, foi publicado um artigo breve (não está comunicada a autoria) discorrendo a respeito do fim da luta em Canudos e das incertezas no Brasil, sendo anunciada uma nova era, de paz e riqueza no País. Em seguida, foram publicados, na íntegra, os telegramas oficiais sobre a tomada completa de Canudos. Esses telegramas informavam que o arraial havia sido tomado, mas ainda não se sabia o paradeiro do Conselheiro; acreditavam que ele estaria morto ou entrincheirado, com outros sertanejos, na Várzea da Ema. As comemorações foram anunciadas e o dia foi decretado feriado. Também há alguns telegramas, retardatários, no *Paiz*, apresentando pormenores dos últimos combates. Citamos alguns trechos do artigo (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 de outubro de 1897, p. 1):

> A tomada do arraial de Canudos põe termo á espectativa receiosa em que toda a nação tem vivido, desde o dia em que, para vingar o desastre tremendo da expedição Moreira Cesar, o governo e o povo confiaram á bravura do exercito a defesa da Republica ameaçada pela agitação do sertão bahiano [...] O exercito [...] soube, á custa de sacrificios, que mal avaliamos, restituir ao Brasil a tranquilidade, de que tanto precisa para a solução das difficuldades que dia a dia vinham augmentando [...] Com a victoria do exercito em Canudos, encerra-se esse periodo de incertezas e de angustia em que temos vivido e abre-se, clara, serena e cheia de esperanças a éra de paz e de trabalho, que tornará real a riqueza do Brasil" (p.1).

08-10-1897 (Quarta expedição)

ξ **CANUDOS** (três primeiras colunas do jornal): Noticia as comemorações diversas que aconteceram em São Paulo por conta da vitória do Exército em Canudos. Houve amplas manifestações populares que saudaram o presidente do Estado e discursos de políticos. Foram publicados vários telegramas, do dia 7, oficiais e não oficiais, dos correspondentes dos jornais do Rio, com a notícia da morte do Conselheiro, alguns afirmando que ele estava morto havia quinze dias, e outros, oito dias. Nos telegramas oficiais as notícias afirmavam que a morte do líder dos "jagunços" havia ocorrido há mais de quinze dias. O general Arthur Oscar confirmou que um cadáver exumado pertencia ao Conselheiro e fotografou-o. Há mais detalhes acerca do término da guerra e há telegramas oferecendo detalhes da tomada de Canudos. Citamos um dos telegramas, do ministro da guerra ao presidente da República (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 de outubro de 1897, p. 1):

> Parabens a v. exa. e á Republica. Recebi agóra um officio do general Arthur Oscar participando que hontem foi reconhecida a identidade da pessôa do Conselheiro no cadaver encontrado no sanctuario, o qual demonstra ter o Conselheiro fallecido ha 15 dias. De tudo se lavrará um termo em Canudos, sendo o cadaver photographado.

No dia 7 de outubro, foram publicadas em *O Estado* e em diversos jornais do Brasil e, provavelmente, do mundo as notícias da tomada completa de Canudos, o que conferiu ao Exército o seu tão esperado galardão.

Como podemos observar nessas notícias, houve ampla comemoração popular nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciando, mais uma

vez, o interesse do povo pela aniquilação da cidadela de Belo Monte, nos confins do sertão baiano. Esses cidadãos acreditavam, incendiados pelas notícias e informações publicadas na imprensa, que os conselheiristas representavam o atraso do Brasil, pois não eram considerados civilizados, mas fanáticos e selvagens, e que para conseguirem seu intento de restauração poderiam deflagrar uma revolta generalizada no País.

O artigo de 7 de outubro relata a comemoração pelo término da guerra nos sertões e pelo consequente término das incertezas no País. Assim, uma nova era foi anunciada; era de tranquilidade, ordem e progresso.

Esse término da Guerra de Canudos foi divulgado após o completo domínio do arraial e sua consequente destruição. E o coroamento final dessa batalha foi a certeza da morte do "cèlere" Conselheiro, que teve a sua cabeça cortada para que seu cèrebro fosse estudado a fim de diagnosticar a causa de todo o mal. O médico Nina Rodrigues, após estudá-lo, constatou que não havia nenhum indício de doenças mentais; tratava-se de um cérebro saudável.

Na próxima seção, apresentamos algumas publicações que fazem referência direta às ciências e a conhecimentos científicos; nas publicações apresentadas e comentadas até o momento, foi dada a noção de que o povo "ignorante" de Canudos representava um atraso e uma vergonha ao País; representava um perigo à paz devido ao seu fanatismo, porém, não há artigos que tratam desse assunto se referindo diretamente às ciências e a conhecimentos científicos.

4.2.3 Conteödo "científico" ou com referência âs ciências

Destacamos nessa seção, como dito acima, os artigos ou notícias que possuem referências diretas às ciências ou a conhecimentos científicos acerca de aspectos dos sertões ou do povo sertanejo. Analisaremos, brevemente, três publicações: na primeira, intitulada "Antonio Conselheiro", não há referências ao autor do texto; já as duas últimas são de autoria de Euclides da Cunha, antes de tornar-se correspondente especial de *O Estado de S. Paulo* e partir para o sertão baiano em busca de notícias e informações a respeito da terra, do homem e da guerra.

Além desses dois artigos de Euclides da Cunha, há muitos outros que fazem referência às ciências ou a conhecimentos científicos, porém analisaremos esses textos

na seção específica destinada à análise dos textos publicados sob o título de "Diario de uma Expedição".

As publicações, apresentadas a seguir, tratam de uma temática recorrente na época a respeito de heranças biológicas ligadas ao caráter ou ao comportamento social de um determinado indivíduo; são heranças biológicas que podem determinar o comportamento social de pessoas e de comunidades inteiras. Aliado a essa determinação genética, há o meio ambiente, que também influencia na formação da personalidade e do caráter das pessoas. Assim, um ambiente rude pode determinar como rude o caráter dos indivíduos que ali cresceram e se formaram.

No capítulo 2, apresentamos algumas teorias evolucionistas e deterministas que circularam pela intelectualidade brasileira, principalmente, em fins do século XIX. Sintetizaremos, nessa parte da dissertação, algumas dessas teorias com base no estudo de Santana (1995) sobre os trabalhos de Euclides da Cunha e de Nina Rodrigues. Segundo Santana (1995, p. 61-62) Euclides, em comunhão com os estudos do médico Nina Rodrigues, considera a miscigenação das raças como um "elemento negativo", já que, em síntese, ele quase sempre se torna um "desequilibrado". Citamos um trecho do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que aborda teorias evolucionistas raciais e deterministas afirmando que os traços morais de um indivíduo podem ser definidos de acordo com a sua herança genética. Nesse trecho a seguir, o autor trata dos problemas resultantes da mestiçagem, considerando-a prejudicial, ou seja, ela é tida como um problema e, assim, deveria ser evitada (CUNHA, 1985, p. 174):

> [...] a mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem estremada é um retrocesso [...] de sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual, em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado.

Nessas declarações de Euclides, com base em seus estudos de teorias evolucionistas, podemos entender que o mestiço, por conta da sua formação genética híbrida, è "quase sempre, um desequilibrado".

Essa questão é bastante complexa, porém não é o nosso interesse esmiuçá-la nesta parte do trabalho, pois já apresentamos, no Capítulo 2, as teorias e práticas científicas a respeito.

Essa questão teórica acerca da determinação genética e do meio nos indivíduos, além de aparecer nos artigos publicados em *O Estado* que apresentaremos a seguir, também é recorrente na seção "Diario de uma Expedição", escrita por Euclides da Cunha.

A publicação do dia 30 de novembro de 1896, citada a seguir, trata da questão de uma alteração genética que degenerou socialmente um indivíduo, o Conselheiro; essa degeneração mental, atribuída ao personagem, é fruto da herança genética de sua família. O pai de Conselheiro sofria de uma "afeição mental", segundo essa publicação. Assim, Antônio Conselheiro foi automaticamente considerado como um "doente mental", o que explicaria o seu comportamento social de "fanático" e "degenerado". Citamos, então, essa publicação (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 de novembro de 1896, p. 1):

> A imprensa da Bahia tem se occupado largamente dum personagem deste nome, que nos sertões daquelle Estado faz o papel de fakir, arrastando após si a população rude [...] Conselheiro é maior de 60 annos, de familia que soffria de affecção mental, propria para produzir os phenomenos que se observam nelle [...] Era victima de demencia intermittente (está falando do pai do Conselheiro[31]) [...] O filho tem herança do pae, está nas mesmas condições pathologicas e poderá ser estudado como *specimen* entre doentes mentaes [...] Na sua fé de estar no desempenho de uma *missão* divina é um *fanatico*, com que a autoridade se deve haver com extrema prudencia [...] As palavras que estão acima são resumo de um artigo de uma folha nortista sobre o extranho personagem, que, julgando-se propheta, conseguiu organizar uma verdadeira quadrilha que o accompanha fanaticamente (p. 2).

Essas informações foram publicadas sob o título "Antonio Conselheiro", apresentado com letras grandes, comparadas às letras de outros títulos de notícias publicadas em *O Estado* na mesma data.

Percebemos, nesses trechos, que a suposta doença mental do Conselheiro pode ser utilizada como a explicação para o seu comportamento social, que o levou a se considerar um profeta e a arrastar consigo multidões que o acompanhavam e o serviam, cumprindo cegamente os seus ensinamentos.

---

[31] Comentário nosso.

Nas palavras do texto citado, há uma referência a conhecimentos científicos da área mèdica, pois existe uma explicação do "fanatismo" de Conselheiro indicando uma patologia de herança familiar.

Entendemos que o uso da autoridade das ciências, nesse caso, cumpre o papel de conferir veracidade ao que se escreve, ao que se analisa. Assim, entendemos que, nesse caso, a ciência foi utilizada como ferramenta explicadora e legitimadora dos discursos sobre o "fanatismo" de Antônio Conselheiro ser algo perigoso e destrutivo. Esses discursos terminam por legitimar a destruição desses "fanáticos" representantes da desordem e da degeneração social nos sertões baianos.

Com essas declarações, não estamos afirmando que a ciência, em si, legitimou a destruição dos sertanejos de Canudos, considerados "fanáticos". Observamos que os conhecimentos científicos funcionaram, nesse contexto, como um argumento de autoridade, no sentido de legitimar os discursos que estavam denegrindo a imagem do Conselheiro e de seus seguidores.

Nas próximas linhas, analisaremos, de modo sucinto, dois artigos de Euclides da Cunha para o jornal *O Estado de S. Paulo*, antes mesmo de ser enviado como correspondente. Trata-se de dois textos, com o mesmo título: "A Nossa Vendêa", publicados em 14 de março e em 17 de julho de 1897. Atualmente esses textos possuem os seguintes títulos: "A Nossa Vendèia I" e "A Nossa Vendèia II", com grafia atualizada e uma divisão esquemática para facilitar a citação de cada um. Preferimos utilizar, como em toda a dissertação, a grafia original dos títulos e dos trechos citados diretamente da fonte pesquisada: *O Estado de S. Paulo*.

Nesses artigos, o autor faz um consórcio de ciência e arte, em que este mergulha num cientificismo sobre a determinação da "raça" e do "meio" como definidores das ações humanas: "Tratava-se de trabalhar num campo intelectual engordado pelo cientificismo enciclopédico, de base enraizada no positivismo comteano, com tinturas deterministas e evolucionistas" (FACIOLI, 1998, p. 53).

14-03-1897

ξ **"A Nossa Vêndea"** – Citamos, a seguir, alguns trechos desse artigo de Euclides da Cunha em que ele, ao descrever a natureza dos sertões baianos, a considera

como um inimigo dos soldados, por conta das adversidades que lhes estava causando (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 de março de 1897, p. 1):

> Pertencente ao systema huroniano [...] erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquelle systema e o laurenciano, pela occurrencia simultanea de quartzitos [...] o solo daquellas paragens, arenoso e esteril, revestido, sobretudo, nas epocas de secca, de vegetação escassa e deprimida é, talvez mais do que a horda dos fanatisados sequazes de Antonio Conselheiro, o mais serio inimigo das forças republicanas.

Euclides faz alusão ao "solo" como o "mais serio inimigo das forças republicanas" e, seguindo nessa mesma linha, apresenta com detalhes minuciosos a geografia do lugar como o tipo de solo, o clima, a vegetação, em suma, apresenta os aspectos da natureza, valendo-se de signos típicos de uma linguagem científica para adjetivá-la e descrevê-la.

O autor também se refere ao mundo das ciências por meio de nomes de autoridades, como "Humboldt", "Saint-Hilaire", "Caminhoá" e "Levingstone", para legitimar-se como conhecedor dessa área. Em continuação à descrição do espaço físico, Euclides demonstra como aquele mesmo espaço hostil se transforma com as chuvas compondo, segundo o autor, um espetáculo que ocorre "bruscamente" e "âs vezes"; a natureza apresenta-se a partir de dois polos extremos, em que o aspecto terrível, a seca, prevalece.

Então, Euclides traça o perfil do homem que vive nesses sertões à imagem da natureza; como esta foi apresentada em seus aspectos degradantes, aquele termina por adquirir esses aspectos.

Essa ideia evidencia, como se acreditava nesse contexto, que o meio, "naturalmente", determinava a raça e o caráter de um indivíduo. Nas próprias palavras de Euclides da Cunha, podemos observar essa questão da determinação racial e geográfica (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 de março de 1897, p. 1):

> Identificados á propria aspereza do sólo em que nasceram, educados numa rude escola de difficuldades e perigos, esses nossos patricios do sertão, de typo ethnologicamente indeffinido ainda, reflectem naturalmente toda a inconstancia e toda a rudeza do meio em que se agitam.

Dessa forma, o sertanejo é rude e inconstante, como a natureza que o cerca. Isso confere a ele um aspecto selvagem e indomável, o que o faz ainda mais temível. Com essas palavras, observamos que Euclides utiliza as teorias evolucionistas deterministas raciais e geográficas, já apresentadas anteriormente, como explicadoras e definidoras do caráter e das características dos sertanejos.

17-07-1897

ξ **"A Nossa Vêndea"** – Nesse segundo artigo, há mais referências à natureza como determinante do caráter do sertanejo. Comentamos, a seguir, brevemente, sobre esse texto:

Nesse artigo, o engenheiro Euclides descreverá novamente a região e, agora, ainda mais minuciosamente. A estratégia do uso do conhecimento científico, relacionado ao ambiente, será utilizada para justificar os insucessos do Exército frente às derrotas sofridas nas três expedições passadas e às graves baixas da quarta expedição.

Essa justificativa aos insucessos do Exército será dada com base em dois inimigos bastante poderosos: a terra e o homem dos sertões e a ligação que eles têm um com o outro. A partir dessas justificativas, as ações do Exército, com seus erros de estratégias, serão absolvidas de culpa.

Quando discorre sobre o meio, o autor, como no outro artigo, revela conhecimentos científicos e específicos sobre a vegetação, o clima, o relevo, a geologia do lugar por meio de termos técnicos e de descrição apurada da região. Ele relaciona todos esses aspectos aos desastres sofridos pelos soldados a caminho de Canudos. Citamos abaixo um trecho sobre isso (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de julho de 1897, p. 1):

> Prolongando-se para o Norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso Exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte e subsequentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó. A marcha do Exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas. Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.

Em relação ao sertanejo, o autor relaciona-o novamente ao ambiente que pode ser considerado como o fator determinante do seu comportamento e do seu modo de vida, principalmente do seu modo de lutar (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de julho de 1897, p. 1):

> [...] affeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço* traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam siquer a vestimenta rustica, vingando celere como um acrobata as mais altas arvores, destramando, dextro, o emaranhado dos cipoaes. Não há perseguil-o no seio de uma natureza que o créou á sua imagem – barbaro, impetuoso, abrupto (...) O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indifferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroismo morbido e inconsciente de hypnotisado e impulsivo.

Percebemos, nesses trechos, que esse homem do sertão é abrupto e intempestivo por causa do meio em que sobrevive; ele não teme a morte e, então, consegue se arriscar diante dos maiores perigos, o que o faz investir mais severamente sobre as forças republicanas. O autor apresenta esse heroísmo sertanejo, que o faz lutar bravamente, como mórbido, pois encontramos nele um desprendimento pela vida, uma impetuosidade inconsciente, garantindo-lhe vantagem sobre soldados do Exército.

Essa vantagem dos canudenses é explicada pelo seu desprendimento pela vida e sua comunhão com a natureza, que "o criou â sua imagem". Essa mesma natureza, ainda, oferece vantajosamente ao sertanejo a munição necessária às suas armas consideradas inferiores. Nas palavras de Euclides da Cunha, temos "as proprias armas inferiores que usam, na maioria, constitúem um recurso extraordinario: não lhes falta nunca a munição para os bacamartes grosseiros ou para as rudes espingardas de pederneira" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 de julho de 1897, p. 1).

Nas palavras de Euclides, a nosso ver, ficou evidente que os sertanejos, comparados aos soldados, são considerados inferiores por causa do meio em que vivem e das armas grosseiras e rudes que utilizam. Esse sertanejo não é civilizado e nem utiliza a artilharia moderna que as forças republicanas utilizam, porém ao seu favor está a natureza que o criou e o auxilia. O pesquisador Santana (2001, p. 91) observa que Euclides, nesse artigo, apresenta a natureza como protetora do homem dos sertões, pois ela está configurada em seu solo e sua vegetação como um elemento que acolhe o sertanejo e afugenta o elemento estranho.

Como já afirmamos, Euclides escreveu esses dois artigos analisados, intitulados "A Nossa Vendêa", antes da sua partida aos sert ões, portanto seus conhecimentos a respeito do meio e do homem dos sertões foi baseado em seus estudos e pesquisas. Citamos abaixo, um trecho do estudo de Santana (2001, p. 91) sobre as fontes e autores utilizados por Euclides para a composição desses artigos acima analisados:

> Escritos antes da passagem do escritor pelos sertões baianos, os artigos "A Nossa Vendèia" tiveram como base suas leituras sobre a região. O autor faz referência aos trabalhos de José Carlos de Carvalho, Joaquim Monteiro Caminhoá, Martius e Saint-Hilaire. Destes autores, Euclides da Cunha utiliza especialmente as informações sobre a botânica e o clima dos sertões contidas no livro de Joaquim Caminhoá, *Botância Geral Médica*, fascículo XIII, de 1884, que contèm um capítulo dedicado â "Geografia Botânica do Brasil", cujos trechos são transcritos no primeiro dos artigos. Sobre o clima e a botânica dos sertões José Carlos de Carvalho limita-se a transcrever Caminhoá, ao passo que o trecho atribuído a Saint-Hilaire corresponde exatamente ao que está presente no livro citado, que também se apóia em Martius para as classificações botânicas.

Santana (2001, p. 92-93) observa que, além desses autores citados por Euclides nos artigos "A Nossa Vendêa", houve significativa influência nas suas le ituras científicas os estudos do pesquisador Teodoro Sampaio que percorreu os sertões baianos, como engenheiro, desde 1879. Euclides, segundo Santana (2001), conferenciou com Teodoro Sampaio e teve acesso a um mapa, ainda inédito, da região de Canudos, e obteve também informações das pesquisas desse engenheiro.

Podemos concluir, portanto, que Euclides partiu aos sertões como correspondente de *O Estado de S. Paulo* a fim de aprimorar seus conhecimentos da região e apresentar aos leitores do jornal algo que os correspondentes dos outros jornais não estavam habilitados, como ele, a apresentar: conhecimentos científicos da terra e do homem dos sertões.

Euclides possuía, assim, pelo seu discurso e conhecimentos científicos, uma habilidade e competência para descrever o que se passava em Canudos com a autoridade das ciências. Essa autoridade científica conferia aos escritos de Euclides um poder explicador e norteador da realidade, e assim o discurso desse escritor pode ser considerado privilegiado.

Apresentamos, a seguir, as contribuições de Euclides a *O Estado* com a seção "Diario de uma expedição", onde foram publicados os artigos desse autor sobre diversos

aspectos dos sertões baianos. Além de um minucioso estudo da terra e do homem dos sertões, Euclides apresenta suas impressões e estudos sobre a capital baiana, os soldados e a campanha contra Canudos.

Nossa leitura do "Diario de uma expedição" focará as referências às ciências e a conhecimentos científicos, como elementos de análise da terra, do homem e da luta nos sertões da Bahia.

4.3 Análise do "Diario de uma expedição"

30-07-1897

ξ **CANUDOS**

Nesta seção, destinada às notícias da campanha nos sertões, além de outras informações da guerra, foi publicada a primeira notícia da partida de Euclides da Cunha como correspondente de *O Estado de S. Paulo*. Segue um trecho que informa a parceria entre Euclides e esse jornal (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 de julho de 1897, p. 1):

> Devia ter sido hontem nomeado para o estado-maior de s. exa. o ministro da guerra o engenheiro militar dr. Euclydes da Cunha. O illustre moço, que é um dos nossos mais distinctos collaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão. Por contracto firmado com esta empreza, o dr. Euclydes da Cunha nos enviará correspondencias do theatro das operações e, alem disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de folego sobre Canudos e Antonio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume. O dr. Euclydes da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escriptor brilhante e perfeitamente versado nos assumptos que vae desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a historia nacional.

Como podemos observar, o escritor Euclides da Cunha já estava partindo aos sertões baianos com a intenção de escrever, posteriormente, um trabalho de fôlego que, segundo O *Estado*, seria interessante e valioso para a história do Brasil.

Nesse trecho, podemos notar que Euclides já era considerado um escritor competente e versado nos assuntos que desenvolveria nessa viagem. Sabemos que os assuntos tratados por Euclides são suas descrições da terra, do homem e da Guerra de

Canudos a partir do uso do elemento científico das ciências naturais como instrumento de análise. Assim, podemos entender que, desde o princípio, Euclides partiu para Canudos com a intenção de desvendar o sertão e os sertanejos e não nos cabe compará-lo aos demais correspondentes que seguiram para o campo de batalha, argumentando que ele enxergou mais e melhor que os demais. Euclides partiu com a missão de, além de fornecer informações da guerra, colher material para o seu trabalho sobre a história brasileira; trabalho este que se tornou uma epopeia de valor inquestionável para a história e a cultura do País.

Euclides da Cunha escreveu ao *O Estado*, de agosto a outubro de 1897, 31 artigos e 64 telegramas. Esse material enviado pelo correspondente especial foi publicado na seção intitulada "Canudos", criada antes mesmo de Euclides iniciar com as suas contribuições.

Essa seção, como já comentamos, era destinada às notícias e artigos diversos sobre a campanha; nela foram publicados os telegramas e cartas do correspondente especial de *O Estado*, e também contribuições dos correspondentes de outros jornais, como por exemplo Manoel Benício e Lellis Piedade (as publicações desses correspondentes e de outros podem ser verificadas no Apêndice A).

Euclides intitulou todos os seus artigos como "Diario de uma expedição", e os telegramas não possuíam título, apenas constava a cidade, a data e a hora do envio.

Nosso objetivo é apresentar somente os artigos publicados durante a Guerra de Canudos, pois o objetivo é verificar e refletir sobre o que foi publicado durante o período de guerra, em que ainda havia pessoas e um arraial a ser destruído. Nossa intenção é observar o tipo de argumento utilizado pelo autor para refletir sobre a guerra, o sertão, o Conselheiro e seus seguidores, enquanto ainda havia inimigos a serem combatidos.

Durante a guerra foram publicados 17 artigos sob o título de "Diario de uma expedição", e a ordem com que foram escritos não condiz, muitas das vezes, com a ordem de publicação devido a problemas dos Correios no envio dessas correspondências. Na seção "Notas e informações", o próprio jornal explica, várias vezes, que as correspondências estavam chegando com atrasos por causa da ineficiência dos Correios.

Como há um volume grande de material para ser analisado, focaremos nossa análise nos trechos que discutem questões de raça, de civilização e de modernidade, em

que o autor faz referência às ciências e a conhecimentos científicos ou, simplesmente, analisa situações a partir de suas ideias e seus ideais científicos e cientificistas.

18-08-1897

- ξ **CANUDOS:**

"Diario de uma expedição": Trata-se de um longo artigo de aproximadamente duas colunas do jornal. Nele, o correspondente apresenta a situação da capital baiana com a chegada dos batalhões, que devem partir brevemente ao sertão, e com a chegada dos feridos vindos de Canudos. Ele enaltece esses dois grupos que estão circulando pelas ruas da capital da Bahia. Além disso, discorre sobre uma questão polêmica: a falha da primeira coluna, comandada por Arthur Oscar, que avançou sobre Canudos e deixou para trás munição e alimentos tomados pelos "jagunços". Essa falha deixou as tropas em desvantagem, e foi necessária a ajuda da terceira coluna, comandada por Savaget, que precisou recuar a fim de salvar a primeira coluna. Euclides também fornece informações sobre as estradas dos sertões que já estão seguras, sem perigos de assaltos dos sertanejos de Canudos. O correspondente finaliza seu artigo assim: "Está prestes a findar a dolorosissima campanha. Bahia, 10 – 07 – 97. Euclydes da Cunha" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 de agosto de 1897, p. 1).

Para nossa análise, vale frisar que esse artigo trata de questões do cotidiano da capital baiana, com chegadas e partidas de pessoal para os sertões; Euclides enaltece esses patriotas que chegam e partem do campo de batalha pela salvação da República e da nação brasileira.

22-08-1897

- ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Neste artigo, o correspondente especial observa, na capital baiana, o encontro de diferentes tipos de brasileiros envolvidos na campanha de Canudos. Esses "patrícios", oriundos de diversas partes do País, formam, segundo Euclides, uma massa homogênea, unificada pelo mesmo propósito: defender a Nação.

Nesse artigo, o autor discorre sobre questões de civilização, ciência e modernidade. Apresentamos abaixo alguns trechos com comentários (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 1897, p. 1):

> Vêm, successivamente, promanando de todos os pontos da nossa terra, convergindo todos para seio da antiga metropole, reunindo-se precisamente no sólo onde pela primeira vez apparecemos na historia – o paulista emprehendedor e altivo, o rio-grandense impetuoso e bravo e o filho do norte robusto e resistente [...] Indoles diversas, homens nascidos em climas distinctos por muitos gráos de latitude, contrastando nos habitos e tendencias ethinicas, variando nas apparencias; frontes de todas as cores – do mestiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco – chegam aqui e se unificam sob o influxo de uma aspiração unica [...] Não se tracta de defender o solo da patria do inimigo extrangeiro; a lucta tem uma significação mais alta e terá resultados mais duradouros. Observo-a de perto, sinto de perto a commoção extraordinaria que abala, aqui, todos os nossos patricios; e interpretando com segurança essa uniformidade extraordinaria de vistas que identifica na mesma causa elementos tão heterogêneos – creio que a organisação superior da nossa nacionalidade, em virtude da energia civilisadora accrescima, repelle, pela primeira vez, espontaneamente, velhos vicios organicos e hereditarios tolerados pela politica expectante do imperio. Porque, realmente, este incidente de Canudos é apenas symptomatico; erramos se o considerarmos resumido numa aldeia perdida nos sertões.

Euclides da Cunha observa que, apesar de congregar aspectos, índoles e tendências étnicas heterogêneas, o brasileiro se unifica em torno de uma causa comum, valendo-se da organização superior da sua nacionalidade e de uma energia civilizadora, em busca da repulsão de "velhos vícios orgãnicos e hereditários". Canudos, segundo o correspondente, é um exemplo disso, é um sintoma da tolerância desses vícios.

Para nós, fatos interessantes dessa passagem, além do que já comentamos acima, são os usos de termos, expressões e ideias que ligam a "hereditariedade" e a "etnia" a hábitos, tendências e vícios orgânicos. Como já comentamos anteriormente, esse tipo de entendimento está afinado com as teorias evolucionistas e raciais recorrentes na época, que relacionavam hábitos e características comportamentais dos indivíduos à sua gênese.

Nesse contexto, a comunidade canudense carrega os vícios orgânicos de uma sociedade atrasada que a tolerava, a sociedade monárquica. Cumpre, então, nessa campanha, aos civilizados e civilizadores, repelir esses vícios e livrar a Nação do atraso em que ainda se encontrava. Canudos não é, segundo Euclides, um acontecimento

isolado desse tipo de comunidade atrasada, não civilizada, que congrega elementos viciosos. Esse arraial é um dos muitos exemplos desse atraso que, ainda, insiste em envergonhar a civilização brasileira. Assim, a destruição desse mal, Canudos, seria um exemplo de uma missão de "valor alto" e "duradouro" que cumpre aos patriotas realizar.

Abaixo apresentamos alguns trechos em que Euclides discorre sobre Antônio Conselheiro, líder do arraial de Canudos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 1897, p. 1):

> Antonio Conselheiro, especie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de synthetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de reducção do nosso povo. Vem de longe – repellido aqui, convencendo mais adiante, num rude peregrinar por estradas asperrimas – e não mente quando diz que é um ressucitado porque é um notavel exemplo de retroactividade atavica e no seu mysticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos os erros e superstições dos que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado [...] Dahi a significação superior de uma lucta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte. Porque – consideremos o facto sob o seu aspecto real – o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: – é a nossa apathia enervante, a nossa indifferença morbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinivel difundidas em superstições extranhas, a nossa comprehenção estreita da patria, mal esboçada na inconsistencia de uma população espalhada em paiz vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatarios tendo como capital a cidade de taipa dos *jagunços* [...] Alem disto recebemos uma lição proveitosa e inolvidável. Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado de insciencia deploravel em que vivemos acerca das regiões do interior de todo desconhecidas muitas e, de outro, o abatimento intellectual em que jazem os que as habitam. Sobretudo este ultimo é um inimigo permanente [...] Bahia, 15-8-97. EUCLYDES DA CUNHA.

Euclides se refere ao Conselheiro e, também, aos seus seguidores e antecessores como praticantes de uma superstição e de um misticismo considerados como elementos negativos e de redução do nosso povo. O autor, numa visão extremista, entende que o Conselheiro sintetiza, de modo admirável, todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do povo brasileiro que, segundo nosso entendimento, são o misticismo e a superstição, elementos que significam atraso, desconhecimento e, de certo modo, doença e fanatismo.

Esse desconhecimento, essa falta de ciência, essa apatia e indiferença pelo futuro não são exclusivos do "arraial sinistro de Canudos". Segundo Euclides, essas

características pertencem ao povo brasileiro. Então, a destruição do arraial significa uma luta contra os canudenses, que representam restos de uma sociedade velha e retardatária e, também, de características negativas do brasileiro que ainda está preso a uma religiosidade mal definida, a valores supersticiosos, a uma indiferença pelo futuro e a um desconhecimento e inconsciência a respeito da pátria.

Assim, segundo o autor, essa luta é muito maior e superior do que a mera destruição de um arraial; ela significa o início da destruição de um Brasil atrasado, selvagem, inconsciente e insciente pelos elementos que possuem essa consciência: os homens civilizados e modernos. Nas palavras do autor: "Dahi a significação superior de uma lucta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte" (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 1897, p. 1).

Por fim, Euclides entende que esse movimento nos sertões poderá conscientizar os governantes dos "inconvenientes graves" de não se conhecer regiões interioranas do País, em que seus habitantes permanecem, ou melhor, "jazem" em um abatimento intelectual que, segundo Euclides, é um inimigo permanente da sociedade brasileira da época.

Esse artigo de Euclides da Cunha sintetiza, ao nosso ver, diversas concepções do autor e de muitos dos intelectuais da época a respeito, tanto do arraial de Canudos e seus habitantes, como da nação brasileira. Nele fica explícita a necessidade que os intelectuais, como Euclides, viam na modernização, na difusão da ciência e na civilização dos brasileiros. A ciência, segundo a nossa percepção das ideias do autor, é a chave para resgatar, tanto as populações interioranas do "abatimento intelectual" em que jaziam, como para desvendar o Brasil aos brasileiros.

23-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Trata-se de um longo artigo em que o correspondente especial de *O Estado* descreve a cidade da Bahia do ponto de vista do navio em que está. Ele escreveu um artigo poético e com bastante sentimento, observando os momentos de saudade e de tristeza que, às vezes, abatia a tripulação, porém, pela causa republicana, essa tripulação se anima por salvar a Pátria. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 de agosto de 1897, p. 1):

> É a admiração perenne e intensa pela nossa natureza olympica e fulgurante, prefigurando na extranha magestade a grandeza da nossa nacionalidade futura [...] Em breve pisaremos o solo onde a Republica vae dar com segurança o ultimo embate aos que a perturbam [...] A Republica é immortal! Bordo do Espirito Santo, 7 de agosto de 1897. EUCLYDES DA CUNHA.

24-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Neste artigo, Euclides pinta, como num quadro, o estado dos doentes que chegam à capital baiana. Ele descreve com sentimentos, causando ao leitor uma mistura de compaixão, tristeza e agradecimento pelo sacrifício à Pátria feito pelos soldados mortos e feridos em combate nos sertões. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de agosto de 1897, p. 1):

> [...] começam a sair – golpeados, mutilados, baleados – arrastando-se vagarosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes victimas obscuras do dever. O fremito de uma emoção extraordinaria vibra longamente em todos os peitos, quasi todas as frontes empalidecem e é sob um silencio profundo que a multidão se scinde, espontaneamente, abrindo alas á passagem do heroismo infeliz [...] Alguns trazem á cabeça um pauperrimo trophéo – o chapéu de couro dos jagunços [...] Que maior abnegação se póde exigir desses que, apezar de tudo isto, ainda a esta hora lá estão firmes, inabalaveis, hombro a hombro quasi com o adversário traiçoeiro, sob as tendas de combate erguidas dentro daquella povoação maldicta? Bahia, 12-7-97. EUCLYDES DA CUNHA.

25-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Euclides, neste artigo, discorre a respeito do soldado herói. O autor trata, mais especificamente, dos oficiais Carlos Telles e Savaget. Euclides da Cunha exalta o heroísmo, a humildade, entre outras características desses oficiais e dos soldados em geral. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 de agosto de 1897, p. 1):

> Eu conhecia de ha muito, irradiando da historia, definida em paginas notaveis, essa modestia característica dos valentes e dos fortes. Vi-a de perto, agóra, ao visitar o general Savaget e o coronel Carlos Telles [...] Comprehende-se a majestade do triunpho dos heróes que chegam, longamente esperados, entrando nas cidades ornamentadas, sob arcos triumphaes artisticamente constituidos, emergindo aureolados do seio de um povo que veiu á praça publica com o proposito, a intenção pre-estabelecida de saldal-os ardentemente. Bahia, 13-8-97. EUCLYDES DA CUNHA.

26-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Há, nesse artigo, uma série de dúvidas sobre o que realmente estava ocorrendo em Canudos, sobre o porquê dos sertanejos permanecerem no arraial e se seria possível estarem aguardando reforços. Há dúvidas se o número deles, realmente, estava reduzido, pois alguns soldados e oficiais que voltavam de Canudos afirmavam que sim, e outros que não. Euclides observa que o arraial é tratava-se de um mistério. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 de agosto de 1897, p. 1):

> Por que razão os *jagunços*, desmoralisados, em numero reduzido, tendo ainda franca a fuga para o sertão indefinido e impervio onde não ha descobril-os, no seio, no seio de uma natureza que é a sua melhor arma de guerra – esperam que lhes fechem a unica estrada para a salvação, aguardam que se complete o sitio do qual resultarão a rendição e todas as suas funestas consequencias? [...] Do mesmo modo que as nossas tropas anceiam por novos reforços que chegam, não esperaram elles, acaso, dos sertões desconhecidos que se desdobram ao norte e noroeste de Canudos, fortes contingentes que ponham a nossa gente entre dois fogos? [...] Bahia, 16-8-97. EUCLYDES DA CUNHA.

"Um episodio de lucta": Euclides narra o famoso episódio em que um grupo de jovens sertanejos se lançou sobre um canhão, chamado por eles de "matadeira", e tentou destruí-lo com as próprias mãos. Neste artigo, há também uma descrição detalhada do ambiente. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 de agosto de 1897, p. 1):

> [...] Atravessaram o Vaza-Barris secco e fraccionado em cacimbas, investiram contra a primeira encosta á margem direita, embrenharam-

> se, num deslisar macio e silencioso de cobras, pelas catingas proximas [...] Os fanaticos audazes aprumam-se á borda da clareira e arrojam-se impavidos sobre a peça odiada [...] Bahia, 18-7-97.

Apresentamos quatro artigos do correspondente especial de *O Estado de S. Paulo*, publicados do dia 23 ao dia 26 de agosto de 1897. Neles, o autor expressa sua emoção e admiração pelos soldados e pelos acontecimentos nos sertões. Nos artigos publicados nos dias 23, 24 e 25, há as primeiras impressões e os primeiros contatos de Euclides com a situação da Guerra de Canudos, em que ele se depara com sentimentos de saudades, de abnegação, de heroísmo e de humildade dos oficiais e soldados. Assim, diante disso, o autor engrandece a causa republicana e o heroísmo dos que lutam por ela, dignos de piedade e de exaltação. Euclides, também, demonstra sua surpresa e, de certo modo, admiração pelos sertanejos que têm demonstrado atos de coragem e têm agido de modo impávido, como os garotos que se lançaram contra um dos canhões, com a intenção de inutilizá-lo.

Esses "jagunços" agem de modo surpreendente, causando estranhamento no correspondente, pois ao invés de fugirem, embrenhando-se nos matos, onde a natureza é a sua aliada e è a sua "melhor arma de guerra", continuam no arraial defendendo-o, mesmo em número reduzido. Euclides estranha esse comportamento, supondo que, talvez, esses canudenses estivessem esperando aliados. É interessante observar que os sertanejos, assim como os soldados, também, se abnegavam da vida pelos seus ideais e pela sua terra, por isso continuavam firmes na batalha.

Na publicação do dia 26, Euclides, ao narrar o episódio da "matadeira", faz uma comparação do deslocamento dos sertanejos adolescentes com o "deslizar macio e silencioso de cobras". É importante observar nessa descrição de Euclides, em que há comparações dos movimentos e do comportamento dos canudenses com os elementos da natureza selvagem, a ideia de que esses sertanejos foram criados à imagem da natureza e recebem dela características que são percebidas em seus movimentos e em suas atitudes.

Essa ideia já foi explorada em outras análises nossas, acerca dos escritos de Euclides. Também observamos essa ideia de comunhão do sertanejo com a natureza e comunhão desta com ele em algumas das cartas do correspondente do *Jornal do Commercio*, o capitão Manoel Benício. Esses autores apresentam a natureza como uma personagem que se alia ao sertanejo, agindo, assim, contra as forças republicanas. Esse

sertanejo, por sua vez, comporta-se como um bárbaro e selvagem, agindo impetuosa, inesperada e impavidamente. Como exemplo disso, nos artigos de Manoel Benício, citamos a publicação do dia 10 de julho de 1897 (verificar Apêndice A), em que ele, por exemplo, descreve o modo de guerrear dos sertanejos, comparando, muitas vezes, suas habilidades com as habilidades de animais.

27-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Entrevista de Euclides com um "jagunço" adolescente, levado pelo coronel Carlos Telles à capital baiana. Na entrevista, o rapaz faz diversas declarações sobre a organização do arraial e dos costumes e práticas comuns dali; ele descreve, com detalhes, diversos homens de Canudos, entre eles o Conselheiro e seus parceiros, Pajeú e Macambira. Além disso, Euclides o questiona a respeito da fé dos sertanejos e por que seguem o Conselheiro. Ao final, o correspondente declara que acredita nas informações dadas pelo adolescente, pois entende ser ingênua a "alma" dos "rudes filhos do sertão" naquela idade. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 1897, p. 1):

> Chama-se Agostinho – 14 annos, côr exactissima do bronze; fragillimo e agil; olhos pardos, sem brilho; cabeça chata e fronte deprimida [...] Responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas [...] O braço direito do rude evangelista – já o sabíamos – é João Abbade, mameluco quasi negro – impetuoso, bravo e forte [...] É o executor supremo das ordens do chefe. Castiga a palmatoadas na praça em frente ás egrejas, aos que roubam ou vergasta as mulheres que procedem mal [...] *Pajehú*, hoje morto, caboclo alto e reforçado, figura desempenada de athleta [...] *Pedrão*, mestiço de porte gigantesco; atrevido e forte [...] *Macambira*, velho rebarbativo e feio; intelligentissimo e ardiloso [...] é o espírito infernal da guerra sempre fertil no imaginar emboscadas subitas inesperadas [...] Quanto a Antonio Conselheiro, ao envez da sordidez imaginada dá o exemplo de notavel asseio nas vestes e no corpo. Ao envez de um rosto esqualido aggravado no aspecto repugnante de uma cabelleira mal tractada onde fervilham vermes – emolduram-lhe a face magra e macerada, longa barba branca, longos cabellos caidos sobre os hombros, corredios e cuidados [...] O seu dominio é de facto absoluto; não penetra em Canudos um só viajante sem que elle o saiba ou permitta. As ordens dadas, cumpridas religiosamente. Algumas são crudelissimas e patenteiam a feição barbara do maníaco constructor de cemiterios e egrejas.

Nesses trechos citados, há as declarações feitas pelo adolescente prisioneiro de guerra e há as impressões e declarações de Euclides a respeito de sua entrevista com esse rapaz. É importante observar a preocupação do correspondente Euclides em caracterizar e descrever os sertanejos, principalmente, por meio de sua aparência. Ele descreve Agostinho e os seguidores do Conselheiro, preocupando-se com a aparência e, principalmente, com as características externas, como a cor, a altura e a compleição física. Ao tratar do Conselheiro, Euclides se surpreende com as características positivas que esse senhor possuía: asseio com as vestes, o corpo e os cabelos. O correspondente deixa transparecer o preconceito que tinha em relação à aparência do líder do arraial de Canudos, esperando dele sordidez, esqualidez e repugnância.

Após essas informações, o correspondente Euclides expõe perguntas diretas e as respostas a elas (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de agosto de 1897, p. 1):

> – De onde provém todo o armamento dos *jagunços*? A resposta foi prompta. Antes da primeira expedição consistia em espingardas communs, bacamartes e béstas, destindas, estas ultimas, em cujo maneio são incomparaveis, não perdendo uma setta, á caçada *mocós* velozes e esquivos. Seis ou sete espingardas mais pesadas mais pesadas, de bala – carabinas Comblain, talvez. Depois do encontro de Uauá e das expedições que o succederam é que appareceram novas armas, em grande numero, no arraial [...] Terminamos o longo interrogatorio inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que elle fazia milagres. E ao replicar um dos circumstantes que aquelle declarava que o *jagunço* morto em combate ressuscitaria – negou ainda. – Mas o que promette afinal elle aos que morrem? A resposta foi absolutamente inesperada. – Salvar a alma [...] Bahia – 19 – 7 – 97. EUCLYDES DA CUNHA.

Nas últimas revelações de Agostinho, tem-se a resposta para a grande polêmica que havia, na época, a respeito da origem das armas modernas que os canudenses utilizavam. Como já havia sido declarado pelo correspondente Manoel Benício e por outros oficiais do Exército, essas armas foram conseguidas das três últimas expedições. É importante observar que a quarta expedição também forneceu armas e munição aos "jagunços", fato polêmico denunciado em diversas cartas do correspondente do *Jornal do Commercio*, Manoel Benício.

Por fim, outra "curiosidade" è sanada; trata-se dos famosos milagres do Conselheiro que nunca foram vistos nem prometidos por ele no arraial. Os sertanejos o seguiam e lutavam por Canudos, acreditando na salvação de suas almas; acreditando que os cèus e o "Bom Jesus" os salvariam, já que, na terra, não havia salvação para eles que estavam condenados, fossem monarquistas ou não, ao esmagamento pela civilização, pela indiferença da sociedade e pela exploração dos grandes senhores de terra da região.

29-08-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Neste texto, Euclides apresenta suas impressões ao passear pela cidade de Salvador. Ele observa as características da cidade e a organização das tropas e dos batalhões que devem partir em breve ao sertão. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 de agosto de 1897, p. 1):

> Calculo com approximação razoavel em dez mil homens no mínimo, a tropa que irá combater a rebeldia no sertão. E deante dessa multidão armada, assombara-me mais do que os perigos naturaes da guerra, a somma incalculável de esforços para alimental-a atravez de regiões quasi impraticaveis pelos desnivellamentos bruscos das estradas que se aprumam nas serras e se estreitam em desfiladeiros extensos [...] E que aquella natureza selvagem, mas interessante, aquelle recanto barbaro da nossa terra, sob a attracção persistente de seu aspecto ainda desconhecido, torne ligeiras e rapidas estas horas de saudade que não posso definir. Bahia – 20 – 8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA.

Interessa-nos, nesses trechos, abordar a questão da fome passada nos sertões. Muitos soldados e oficiais sofriam desse mal que os fazia desertar em massa e, também, obrigava-os a se embrenharem nos matos em busca de alimentos, isso os levava à morte por causa das emboscadas dos conselheiristas.

Euclides aponta os esforços para alimentar essas tropas que seguirão por caminhos impraticáveis, onde a "natureza selvagem e bárbara" não as alimentará. É interessante observar o uso da expressão "natureza selvagem" e "recanto bárbaro", por Euclides da Cunha, para se referir aos sertões baianos. Ao usar essas expressões, entendemos que ele está, de certo modo, tocando mais uma vez na questão da ciência ou insciência que se têm dos sertões. Essa "natureza selvagem", ou seja, ainda não

desvendada pelos homens civilizados, torna-se um "recanto bárbaro", onde estes homens, estranhos a ela, sofrerão sua repulsa.

01-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Apresenta trechos de uma carta publicada em um jornal local, há pouco mais de três anos. Esse documento, em poder do correspondente Euclides da Cunha, faz referências aos sertanejos que estão em Canudos e há declarações sobre treinamentos de batalhão de cerca de 200 homens que vigiam os arredores de Canudos. Citamos alguns trechos do artigo de Euclides com trechos dessa carta (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º. de setembro de 1897, p. 1):

> O artigo é longo; a redacção refere-se a uma carta recebida de um negociante filho de Monte Santo. Transcrevo os trechos principaes: 'Pessôas vindas dos Canudos, hoje *imperio do Bello Monte*, garantiram a este nosso amigo que têm chegado grupos de assassinos e malfeitores do Mundo Novo a fim de fazerem parte do 'exercito garantidor das instituições imperiais'. As coisas não vão bôas, e nós não escaparemos em caso de ataque. Já o Conselheiro, afóra a canalha fanatisada e assassina tem um batalhão de duzentos e tantos homens os quaes fazem exercicio de fogo todos os dias e vigiam os arredores [...] É forçoso reconhecer, seja como fôr, que o governo pagará bem caro esta sua inacção e que todo o sertão ficará sob o mais desolador e pungente definhamento'[...] Bahia – 21–8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA.

O correspondente cita mais trechos da carta e, ao final, prefere não comentá-los, mas observa que "ha tres annos que da penna inexperta de um sertanejo intelligente surgia a primeira pagina desta campanha crudelíssima" (*O Estado de São Paulo, São Paulo*, 1º. de setembro de 1897, p. 1).

Nessa carta, como podemos perceber, a comunidade de Canudos já era observada e repudiada pelos que não faziam parte da camada popular dos sertões. O Conselheiro e os seus seguidores eram apontados como fanáticos e assassinos. Também observamos, por meio desse relato, que os conselheiristas já se armavam para um possível combate.

03-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Euclides cita alguns trechos de um livro, escrito há quinze anos, por um oficial de polícia chamado Durval Vieira de Aguiar, em que, nele, há menções ao Conselheiro. Esse livro surgiu a partir de uma pesquisa feita por esse oficial acerca das ocorrências policias no estado da Bahia. Citamos alguns trechos utilizados por Euclides em seu artigo e algumas de suas observações com relação a esse livro (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 de setembro de 1897, p. 1):

> 'Este sujeito è mais um fanatico do que um anachoreta e a sua occupação consiste em prégar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer predicas banaes [...] O povo costuma affluir em *massa* aos actos religiosos do *Conselheiro*, a cujo aceno cégamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal' Á medida que nos avantajamos no passado apparecem de um modo altamente expressivo as diversas phases da existencia desse homem extraordinário – phases diversas, mas crescente e sempre numa successão harmonica, logicas nas suas mais bizarras manifestações, como periodos successivos da evolução espantosa de um monstro [...] Antonio Conselheiro não é um nullo, é ainda menos, tem um valor negativo que augmenta segundo o valor absoluto da sua insania formidavel. Chamei-lhe por isto, em artigo anterior, – grande homem pelo avesso [...] Dominando ha tanto tempo, irresistivelmente, as massas que cégamente lhe obedecem, a sua influencia extranha avolumou-se, cresceu sempre numa continuidade perfeita e veio bater de encontro á civilisação [...] Bahia – 23 – 8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA.

Nos trechos citados, há mais descrições de Antônio Conselheiro e de suas "andanças" pelos sertões, onde ele era visto como um fanático arrastador de multidões. Euclides, ao opinar sobre esse livro, considera o Conselheiro de fato como um indivíduo de alto poder negativo, por conta da sua insanidade e da sua irresistível influência sobre as massas. É interessante, nesses trechos, observar a última frase de Euclides que mais uma vez aponta o choque entre esses "bárbaros" com a civilização.

09-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Trata-se de um artigo, de 1º. de setembro, em Queimadas, sobre esse arraial, uma das bases de operações do Exército, onde Euclides ficou por

poucos dias até sua partida a Monte Santo. Ele faz diversas observações sobre o solo, a vegetação, o clima e o povo desse arraial e do sertão, de modo geral. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 de setembro de 1897, p. 1):

> É pequeno e atrazado, vivendo em funcção da estação da estrada de ferro, este arraial obscuro – ultimo elo que nos liga hoje, ás terras civilisadas [...] Na rapida travessia que acabo de fazer avaliei bem as difficuldades da lucta em tal meio [...] É uma flora agressiva [...] Agressiva para os que a desconhecem – ella é providencial para o sertanejo [...] Sob uma attracção irresistivel famílias inteiras mudaram-se para Canudos que cresceu bruscamente em poucos mezes (....) O facto é assombroso mas accordam, expondo-o, todos os informantes. Não é de espantar a ninguém a resistencia espantosa desdobrada. Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistencia prodiglosa e uma organisação potente que impressiona. Não o vi ainda exhausto pela lucta, conheço-o já porém, agora, em plena exuberancia da vida. Difficilmente se encontra um specimen egual de robustez soberana e energia indomita [...] Considerando-o penso que a nossa victoria, amanhan, não deve ter exclusivamente, um caracter destruidor. Depois da nossa victoria, inevitavel e proxima, resta-nos o dever de incorporar á civilisação estes rudes patricios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade. EUCLYDES DA CUNHA" (p.1).

Nesse artigo, Euclides da Cunha descreve Queimadas como um arraial pequeno e atrasado, em que não há as comodidades da vida moderna dos grandes centros urbanos, porém ainda é considerado civilizado; trata-se do último elo entre Euclides e a comitiva do ministro da guerra, da qual ele faz parte, com as terras civilizadas. Então, segundo o autor, a partir desse arraial não há mais civilização na direção que segue a sua comitiva: Canudos.

Ao tratar da natureza, o correspondente repara que se trata de uma flora ao mesmo tempo agressiva e providencial, dependendo do elemento em questão. Tratando-se do elemento desconhecido, ela pode ser considerada agressiva, mas se adentrar pelas matas o sertanejo, "bárbaro" e "selvagem", ela o protegerá e providenciará suas necessidades.

Em relação aos sertanejos, há nesse artigo de Euclides muitas observações que poderíamos tomar como elogiosas: ele reconhece que são resistentes, organizados, robustos e enérgicos. Euclides prevê que o fim da luta está próximo, mas pondera sobre o fato de que o caráter dessa vitória republicana não deve ser de destruição; ele acredita que esse "rude" sertanejo deve ser incorporado â civilização, pois, segundo seu entendimento, está nesses sertanejos o cerne da nacionalidade brasileira.

É importante observar que esse é o primeiro artigo publicado de Euclides em que ele expõe, claramente, a ideia de que o sertanejo, com segurança, constitui o cerne da nacionalidade brasileira e, por isso, deve ser, ao invés de destruído, incorporado à civilização. Não acreditamos que haja, nessas palavras, uma mudança de opinião de Euclides ao ter tido contato direto com os homens do sertão. Percebemos, na verdade, em seus outros artigos, a ideia de que os interiores do Brasil, com pessoas distantes da intelectualidade e da ciência, deveriam ser desvendados. Porém, em relação aos conselheiristas, essas são as primeiras palavras que reconhecem suas características positivas, acima elencadas, e consideram que eles possam se civilizar ao contato com os povos civilizados.

Essa ideia de civilização percorre a obra de Euclides, assim como outros estudos de intelectuais da época, como já comentamos ao longo desta dissertação. Nessa ideia entendemos que pessoas sem acesso ao conhecimento científico ou ao conhecimento valorizado nas cidades modernas e, também, sem a configuração social dessas cidades modernas, são consideradas afastadas da civilização. Essa configuração social dos grandes centros urbanos basicamente seria o acesso ao conhecimento, aos bens industrias, às comodidades e confortos da indústria e da urbanização, o acesso aos hospitais, entre outras características típicas das cidades.

As pessoas ditas não civilizadas carregam um estigma de selvagens, ignorantes e atrasadas. Assim, entendemos que a posição de Euclides da Cunha é a defesa da civilização e ele, segundo o nosso entendimento, acredita que os homens civilizados têm a missão de incorporar à civilização aqueles que não a possuem. Essa missão civilizadora è importante para livrar tais pessoas do atraso e do "abatimento intelectual em que jazem", e tambèm livrar a sociedade brasileira do desconhecimento de seu território e de sua gente (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 1897, p. 1).

12-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Artigo de Euclides, de Alagoinhas, 31 de agosto, em que ele descreve a sua viagem até essa cidade, observando o solo, a vegetação, entre outros aspectos da natureza. Ele conclui que Alagoinhas, talvez, seja a melhor cidade do interior da Bahia (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 de setembro de 1897, p. 1).

14-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Queimadas, 2 de setembro: Neste artigo, o correspondente fornece várias informações sobre a situação em Canudos. Ele afirma que as posições do Exército foram mantidas em Canudos e que o batalhão de São Paulo não perdeu nenhum soldado no combate travado rumo a Canudos. A sua opinião é que Canudos não deverá ser vencido pela fome, como oficialmente se pretende, mas é necessário fazer um assalto brusco e rápido, pois além do inimigo sertanejo, há a natureza como inimigo. Ele observa que outubro se trata de um mês de chuvas torrenciais, o que fará rios próximos a Canudos alagarem. Euclides faz comentários sobre a natureza e sobre alguns prisioneiros que ali estão. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 de setembro de 1897, p. 1):

> Canudos cairá pelo assalto. Assalto violento, brusco e rápido, porque vencido o inimigo que póde ser vencido, morto o inimigo que póde ser morto, restar-nos-á, eterna e invencivel, envolvendo-nos inteiramente, num assedio mais perigoso, essa natureza antagonista, barbara e nefasta, em cujo seio actualmente cada jagunço parece realisar o *mytho* extraordinário de Anatheo" (p.1).

As observações que Euclides faz sobre a natureza, que continuará sendo um inimigo das forças do governo, mesmo após a destruição do arraial, foram muito importantes para a época. O autor afirma, nesses trechos, que a natureza antagonista, bárbara e nefasta, será o eterno e invencível "inimigo" dos soldados, já que a època das cheias se aproxima e o Exército ficaria ilhado em Canudos, sem quaisquer recursos à sua sobrevivência, caso não termine a campanha, brevemente, e volte à capital baiana.

Com o fim da campanha, foi expedido, de Monte Santo, um pedido do ministro da guerra para que o Exército saia de Canudos o mais breve possível, por causa das chuvas e das futuras inundações que ocorrerão naquelas terras.

Por fim, é interessante observar nesses trechos as expressões que Euclides utiliza para caracterizar a natureza: "antagonista, bárbara e nefasta". Percebemos, com essas palavras, que Euclides personificou a natureza, considerando-a perversa, já que estava prestes a vingar seus filhos, criados à sua imagem, com chuvas torrenciais. Nesse

sentido, a natureza figura como uma personagem dos sertões, porém, diferentemente dos sertanejos que são destrutíveis, ela é invencível (*O Estado de São Paulo,* São Paulo, 14 de setembro de 1897, p. 1).

21-09-1897

- ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Trata-se de um longo artigo em que Euclides narra o que vê na sua travessia por Tanquinho, Cansanção e Quirimquinquá entre os dias 4 e 5 de setembro. Ele descreve aquele lugar como detestável e maldito por causa da sua vegetação. Já esses dois últimos são descritos como pequenos povoados, em que ele descreve a vegetação, o solo e as pessoas, sem a mesma impressão que teve de "Tanquinho" (*O Estado de São Paulo,* São Paulo, 21 de setembro de 1897, p. 1).

22-09-1897

- ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Monte Santo, 6 de setembro: Neste artigo, o correspondente Euclides descreve Monte Santo com riqueza de detalhes; também narra como foi a sua chegada com a comitiva do ministro da guerra no acampamento que contava com cerca de 1.900 homens. Ele observa que muitos ali que já conhece mudaram de feição depois de se envolverem com as campanhas contra Canudos. Também fornece informações ao contato com os que ali estão. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de setembro de 1897, p. 1):

> Apeei-me immediatamente e achei-me entre antigos companheiros, de ha mutio ausentes. Que differença estraordinaria em todos! [...] Como se muda nestas paragens! [...] Parece que esta natureza selvagem vae em todos imprimindo uma feição diversa [...] A côr muda revestindo-se de tons ásperos de bronze velho [...] Quasi que se vae tornando indispensavel a creação de um verbo para caracterisar o phenomeno. O verbo *ajagunçar-se*, por exemplo.

Nesse artigo, mais uma vez, a natureza aparece com uma força extraordinária transformando, no período de alguns meses, os homens das cidades em homens

sertanejos, ou melhor, em "jagunços", pelo menos na aparência. Segundo Euclides, esse fenômeno natural que imprimiu em seus "amigos" uma cor de "bronze velho" carece de um verbo para caracterizá-lo: o verbo, segundo ele, seria, por exemplo, "ajagunçar-se".

O correspondente continua seu artigo fornecendo informações colhidas com os diversos soldados, oficiais e correspondentes que ali estão. Ele admira que os sertanejos, mesmo com os ataques da artilharia e infantaria, todos os dias, conseguem organizar as linhas de fogo e se revezarem para cuidar das plantações de uma roça dentro do arraial. Em geral, a opinião é que o ataque deve ser rápido, soberano e breve, pois com as chuvas a comunicação será cortada com as cheias no rio Vaza-Barris (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de setembro de 1897, p. 1).

26-09-1897

ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": Monte Santo, 7 de setembro: Neste artigo, Euclides narra os momentos em Monte Santo e o relativo marasmo dali, observando que pelo menos os que estão em Canudos "têm a diversão perigosa dos assaltos". O correspondente apresenta algumas informações acerca desses assaltos dos "jagunços" e o modo como são repelidos pelos soldados, discorrendo, também, a respeito das caçadas pelas caatingas que estes e aqueles fazem. Por fim, apresentamos um último trecho em que ele comenta que há "degolas" no acampamento, em Canudos. Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 de setembro de 1897, p. 1):

> Já temos alguns batalhões, entre os quaes o 25, o 32 e o 27 que copiam de uma maneira admiravel o modo de agir do inimigo. Dispersam-se como elle nas catingas e caçam-no também como ele nos caça [...] rapidos como elle, como elle apparecendo e desapparecendo de um modo phantastico – pondo a astucia deante da astucia, jogando a cilada contra a cilada. Uma aprendizagem perfeita com instructores selvagens [...] Antonio Conselheiro percebeu as desvantagens de uma lucta leal e franca com os nossos soldados – e declarou solemnemente aos barbaros que o combatente degolado não teria as recompensas de uma vida futura. Dahi a celeridade com que fogem os *jagunços* quando ao toque de *degola!* [...] EUCLYDES DA CUNHA.

Nesses trechos, Euclides apresenta o aprendizado que os soldados tiveram nos meses que estiveram nos sertões; eles aprenderam, nessa escola selvagem, a

defenderem-se e a caçarem os "jagunços", assim como estes os caçavam desde a chegada dos soldados em Canudos.

Por fim, ele comenta que há degolas no acampamento de Canudos, porém, não nos pareceu que a menção a esses fatos teve um tom de denúncia. Na verdade, segundo nossa interpretação, essa citação foi bastante natural, como se esse tipo de procedimento fosse normal nesse contexto. Não nos interessa nos aprofundarmos nesse assunto pois, realmente, foram poucas as menções a essa questão nas publicações do jornal. Porém, segundo nosso entendimento, esse tipo de procedimento é criminoso e, de modo algum, pode fazer parte de uma "luta leal e franca".

27-09-1897

- ξ **CANUDOS**

"Diario de uma expedição": (Monte Santo, entre os dias 8 e 11 de setembro). Neste artigo, Euclides continua observando a natureza a sua volta e opinando sobre as operações e a situação em Canudos. Ao se deparar com a geologia de Monte Santo e a sua vegetação, ele observa serem bem semelhantes às que cercam o arraial de Canudos, com algumas variações. Também fornece algumas informações sobre as operações de guerra que já estão desatualizadas, como a derrubada das duas torres da "Igreja Nova". Citamos alguns trechos (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de setembro de 1897, p. 1):

> Quem sobre a longa *via sacra* de três kilometros de comprimento, ladeada de capellas desde a base até ao cimo, de Monte Santo, comprehende bem a tenacidade incoercivel do sertanejo fanatisado. É difficilmente concebivel o esforço despendido para o levantamento dessa maravilha dos sertões [...] A serra tem uma feição altamente pittoresca, aprumada sobre a povoação – escalvada em muitos pontos, revestida noutros de uma vegetação rude e enfesada [...] EUCLYDES DA CUNHA.

As observações do autor sobre a construção das capelas em Monte Santo compreendem que o sertanejo, não apenas os canudenses, são "fanáticos", pois para Euclides è dificilmente concebível o esforço que houve para a construção "dessa maravilha" sertaneja. Ele reconhece a tenacidade e o esforço dos sertanejos, outrora já reconhecidos. Por fim, podemos observar, novamente, uma menção à natureza, que é

descrita como rude e enfezada; essa natureza que nos pareceu, nos seus escritos, uma personagem tão importante quanto o próprio sertanejo.

Percebemos a partir da nossa análise de *O Estado* que houve uma quantidade significativa de informação sobre a Guerra de Canudos, em que, de modo geral, havia um discurso corrente que intenciona influenciar a opinião pública da necessidade de apoiar o governo republicano e, de certo modo, combater junto com ele o movimento de Canudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção ao longo desta dissertação foi, além de analisar a representação da Guerra de Canudos no jornal pesquisado (particularmente no que diz respeito à presença de elementos científicos ou cientificistas nos discursos veiculados), também analisar o jornal a partir da sua estrutura e organização.

Durante o nosso percurso pelas diversas edições analisadas e pela bibliografia, percebemos que havia uma significativa disposição de *O Estado de S. Paulo* em noticiar e publicar artigos a respeito da situação política do País. Independentemente da inclinação partidária existente nesse periódico, localizamos, por exemplo, notícias e artigos que tanto criticavam como apoiavam o governo do presidente da República na época, Prudente de Moraes.

Localizamos, também, um significativo conteúdo científico e referências às ciências ou a instituições científicas no período analisado, como pode ser verificado no extenso quadro que apresentamos no Capítulo 4, com uma síntese desse tipo de conteúdo publicado em *O Estado de S. Paulo*.

Quanto à Guerra de Canudos, notamos que, inicialmente, havia pouca expressão e pouco interesse do periódico na cobertura dos eventos. No entanto, com o desenrolar desse episódio da história brasileira, o interesse e o destaque da campanha contra Canudos ganharam expressividade. Notamos isso por meio de diferentes evidências, como o fato de as notícias referentes à guerra ganharem títulos com nomes próprios, como "Conselheiro", "Bahia" e "Canudos"; e ganharem uma seção exclusiva, intitulada "Canudos", onde foram publicados os telegramas de diferentes correspondentes de periódicos brasileiros e artigos dos correspondentes especiais Euclides da Cunha e Manoel Benício, respectivamente, de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal do Commercio*.

Como pode ser observado ao longo da análise do material, localizada no Capítulo 4, e também no Apêndice A, as publicações a respeito de Canudos foram as mais diversas: havia artigos de opinião, notícias cotidianas sobre o deslocamento de tropas e oficiais, cartas dos correspondentes com detalhes dos combates e da situação da guerra, por meio de entrevistas com soldados e sertanejos prisioneiros.

Direcionamos nossa atenção, principalmente, ao conteúdo político e ao conteúdo científico, com destaque a este öltimo. Assim, apreendemos a "questão republicana" presente nas notícias e artigos, e percebemos que essa questão foi a principal argumentação para a destruição do arraial, mas nos ocupamos também dos usos de argumentos científicos e cientificistas como instrumentos de análise e de explicação da realidade nos sertões baianos.

Essa foi a nossa principal preocupação e motivação para analisar o material apresentado. A leitura crítica e analítica de alguns dos artigos de Euclides da Cunha, publicados sob o título "Diario de uma expedição", indicou numerosas referências às ciências e a conhecimentos científicos de modo explícito e aprofundado. Esse autor, em diversos dos seus artigos, recorreu às ciências naturais, geografia, história, antropologia, entre outros, para analisar e explicar a realidade da terra, do homem e da guerra nos sertões baianos.

De modo geral, podemos classificar o jornal analisado como um grande mosaico, em que diversas vozes apareceram, como as de jornalistas, cientistas, políticos, pesquisadores e, tambèm, a voz do "povo", por meio do homem dos sertões. Não consideramos que essas vozes tenham aparecido em igual proporção e igual destaque, mas foi importante e significativo para a nossa análise ter identificado essas distintas vozes.

Também, nossa intenção ao longo desta dissertação foi apresentar e problematizar o modo como a cultura impressa passou a existir no Brasil, com ênfase para o final do século XIX, levando em consideração as características específicas da sociedade brasileira em seus aspectos político, social e cultural.

Essa mesma imprensa possuiu papel importante e decisivo para a consolidação da opinião pública e da esfera pública no País e atuou, nos espaços de socialização, como incentivadora dos debates e reflexões a respeito de questões políticas, culturais e sociais. Ao estudarmos a gênese da esfera pública e da opinião pública que se formaram no Brasil durante o século XIX, observamos como elas foram perpassadas por lutas sociais e diferentes formas de participação popular.

A imprensa, gerida pela elite letrada, na maior parte de sua atuação nesse contexto apresentou a opinião, as inquietações e os interesses dessa classe que, apoiada pela participação popular ou dela se apropriando, em alguns momentos específicos da história do Brasil, conquistou suas reivindicações.

No decorrer do século XIX, a imprensa representou e conquistou poder. As páginas dos jornais do final do século podem ser consideradas como o veículo de comunicação mais eficiente que os cidadãos utilizavam para se informar, para construir sua opinião e, também, para publicar suas ideias, teorias e opiniões. Cidadãos intelectuais, como os acadêmicos da Bahia, o bacharel Rui Barbosa e o engenheiro Euclides da Cunha, representavam, nesse contexto, a voz da "sabedoria" e do "bom

senso", e suas opiniões e teorias eram consideradas, segundo a nossa interpretação, como vozes de autoridade.

Assim, entendemos que, nesse contexto, essas vozes de autoridade dos ditos cidadãos intelectuais, representaram poder e contribuíram para a formação da opinião da sociedade. Os discursos desses intelectuais podem ser considerados como uma ferramenta de luta e de transformação social. Desse modo, os discursos científicos e cientificistas, também, podem ser considerados como ferramentas de ação social, pois carregam consigo a autoridade e a confiabilidade capaz de convencer o povo.

Nesse momento não estamos julgando se esses discursos foram utilizados em torno de uma causa justa ou injusta, pois sabemos que houve esses dois usos. Nossa intenção é salientar o poder que esses discursos tiveram e com isso observar que para a palavra ter poder há que se considerar, também, o *status* social de quem a emprega.

Em relação à Guerra de Canudos, houve uma participação ativa da imprensa, principalmente a dos centros urbanos, por meio da publicação de diversas matérias a respeito das operações no sertão baiano e sobre a opinião e teorização do movimento pelas pessoas consideradas competentes para isso.

De modo geral, há uma visão negativa, na literatura, a respeito da participação da imprensa no contexto da campanha de Canudos, devido à publicação de artigos e notícias tendenciosas. Com efeito, em nossa análise, percebemos a publicação de diversos boatos e "evidências" que ajudaram a denegrir a imagem dos canudenses. Consideramos que a participação da grande imprensa foi decisiva para influenciar a opinião pública a temer e a combater os conselheiristas – mas também para defendê-los e incorporá-los à Nação, após o término da guerra, quando os jornalistas denunciaram as barbaridades cometidas pelo Exército.

A ciência, no contexto estudado, foi implantada no País em diversos espaços, tais como institutos, faculdades, escolas militares, museus, entre outros. Sua institucionalização foi importante para a divulgação científica, a criação de espaços de socialização de teorias e ideias científicas e cientificistas na sociedade, e para que o governo, de certa forma, pudesse ter controle ou proveito das pesquisas científicas.

No caso das doutrinas de cariz cientificista (como o positivismo e os evolucionismos), não podemos compreendê-las como exclusivas de um grupo, ou enquadrar algum grupo como seguidor ortodoxo de algumas dessas doutrinas. Tampouco, podemos interpretar os cientificistas como meros importadores de teorias europeias que foram aplicadas sem rigor ou crítica à sociedade brasileira, pois ainda que

geradas na Europa, elas foram reinterpretadas e aplicadas à realidade social do Brasil para explicá-la e transformá-la, em processos altamente complexos e eivados de contradições. Como resultado, apesar de as teorias cientificistas segregarem partes da população brasileira, como indígenas, negros e mestiços, não é possível considerar que todos os seus seguidores tivessem simplesmente esse objetivo.

Na verdade, muitos intelectuais e cientistas, como Euclides da Cunha, por exemplo, acreditavam e utilizavam ideias cientificistas com a missão social de defender princípios democráticos e abolicionistas. Havia uma significativa ideia de missão social, em muitos cientificistas do período, que foi importante para que a sociedade brasileira alcançasse algumas conquistas, como a abolição da escravatura, por exemplo. Por outro lado, na trama social do final do século XIX, havia múltiplos interesses e nem todos que lutaram pela abolição se guiaram por princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, pois havia, também, interesses econômicos em jogo.

Por fim, resta salientar que as iniciativas de modernização e ocidentalização da sociedade brasileira foram tomadas desde o regime monárquico, com a missão de melhorar a imagem da Monarquia no Brasil e, também, de melhorar a imagem do País no exterior, ou melhor, criar uma imagem de nação moderna, capitalista e científica. Porém, essas ações não foram suficientes para manter e proteger a Monarquia no Brasil, pois, além de outras questões, ela estava ligada à tradição de uma sociedade ultrapassada que não logrou.

Nesse contexto, os ideais republicanos pregavam que a República viria para renovar e modernizar o País, enfim, o novo sistema político seria responsável por transformar o Brasil em uma Nação. Assim, o regime republicano acelerou, ou procurou acelerar, esse processo de modernização do Brasil por meio de projetos de urbanização, valorização da ciência, vacinação compulsória e massacre de insurgentes que pudessem ameaçar a ordem e o progresso da nação brasileira. Essas ações foram os pilares para sustentar a República no Brasil e para transformar a realidade social; para alguns isso significou inclusão, mas para outros significou exclusão.

Quanto às ações repressivas, há que se destacar, no caso de Canudos, a ilegalidade das campanhas, porque elas não se iniciaram por motivos que se sustentaram, ou seja, por motivos passíveis de correção dos militares, como roubos ou crimes, ou, ainda, para pacificar algum tipo de revolta. Na verdade, os canudenses só se revoltaram depois de terem sido atacados. Nesse caso, a questão religiosa não foi um

motivo que possa ser levado em conta, pois a Constituição da época já garantia liberdade religiosa.

Pensando na questão da organização militar das campanhas, houve muitos erros que demonstraram a incompetência, o desconhecimento do inimigo e a arrogância por parte dos estrategos e comandantes. Mais tarde, Euclides da Cunha explicaria essas questões em *Os sertões*, fazendo diversas críticas ao Exército. Muitos estudiosos que pesquisaram a imprensa da época, os documentos oficiais como telegramas, cartas e relatórios dos oficiais da guerra, também expuseram esses erros.

Inicialmente tidos como heróis que exterminariam bandidos e revoltosos contra a República, os homens do Exército saíram como criminosos que degolavam friamente centenas de sertanejos, entre mulheres, crianças e idosos, o que revoltou a opinião pública. As campanhas destruíram a imagem do Exército, que, como coloca Walnice N. Galvão, saiu "coberto de opróbio": "O prestígio do Exército levou décadas para ser recuperado, sucedendo-se os governos civis" (GALVÃO, 2001, p. 97). Mas, apesar dessa imagem negativa deixada aos militares, as campanhas serviram como exemplo de rigor para futuros insurgentes que pudessem se opor à ordem e à moral estabelecidas pelo governo republicano. A República se fortaleceu com essa demonstração de força e impiedade que, com o passar do tempo, foi se firmando e se legitimando cada vez mais.

Quanto ao papel da imprensa na sociedade como formadora de opinião e como grande empresa, consta que houve grande crescimento nesse fim do século XIX e durante todo o século XX, sendo ela considerada por muitos estudiosos do assunto como um "quarto poder" estabelecido. Podemos perceber como sua participação na campanha contra os canudenses foi decisiva, pois quando os jornalistas difamaram o Conselheiro, colocando-o para a sociedade como um fanático e agitador que pretendia restabelecer a Monarquia, as campanhas granjearam apoio. No entanto, quando essa mesma imprensa se indignou e passou a revelar os crimes cometidos contra o povo de Belo Monte, a mesma sociedade mudou de opinião e passou a defender os pobres sertanejos. Assim, naquela virada do século, podemos encontrar, no Brasil, uma imprensa poderosa e influente, capaz de formar e transformar a opinião da sociedade.

Enfim, localizamos nosso estudo como uma ação social, pois ele visou, no campo da cultura, problematizar e entender como a comunidade de Canudos estava relacionada à sociedade brasileira e como as ações direcionadas a essa cidadela não diziam respeito somente aos seus moradores, mas diziam respeito a toda a sociedade. Os canudenses, nesse contexto, foram excluídos e, praticamente, foi negado a eles o direito

de voz. Suas mazelas e sofrimentos, como a fome, exploração e abandono social, foram evidenciados com o fim da guerra e os diversos estudos que foram realizados em torno de denunciar e problematizar isso, podem ser considerados como uma ação social.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. J de A. “As Ciências na Academia e as Expectativas de Progresso e Modernização: Brasil – 1916-1929”. In: DANTES, M.A.M (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil:* 1800-1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

ALONSO, A. *Ideias em movimento*: a geração 1870 e a crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

_____. “De positivismo e positivistas: Interpretações do Positivismo Brasileiro”. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 42, p. 109-134, 1996.

BAHIA, J. *História, jornal e técnica*: história da imprensa brasileira, volume 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, M. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARTELT, D. D . *Sertão, República e Nação /* tradução de Johannes Krestschmer*;* Abi-Sãmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BOSI, A. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração”. In: PERRONE-MOYSÉS, Leyla. (Org.). *Do positivismo à desconstrução*: ideias francesas na América. São Paulo: Edusp, 2004.

CALASANS, J. “A Guerra de Canudos na poesia popular”. In Benjamin Abdala Junior, Isabel M. M Alexandre (orgs): *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

CARVALHO, J. M . *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A Formação das almas:* o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, C. *Os militares e a república*: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

CHRÉTIEN, C. *A ciência em ação:* mitos e limites / Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994.

COMTE, E. *Discours sur l'Espirit Positif*. Paris, Vrin, 1990.

DANTES, M. A. M. "Universalismo e ciência no Brasil no final do sèculo XIX" IN: LAFUENTE, A.Et. Alli (ed.), *Mundialización de la ciência y cultura nacional: actas del Congreso Internacional Ciencia, Descubrimiento y Mundo Colonial.* Madrid: Doce Calle, 1993, p. 377-389.

DAVIS, M. *Holocaustos coloniais* / tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DOMINGUES, H. M. B; SÁ, M. R. "Controvèrsias Evolucionistas no Brasil do sèculo XIX". In: Heloísa Maria Bertol. *A recepção do Darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 97-123.

FACIOLI, V. "Euclides da Cunha: Consórcio de ciência e arte (Canudos: O sertão em delírio). In: Beth Brait (Org.) *O sertão e os Sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FACÓ, R. *Cangaceiros e Fanáticos. Gêneses e lutas.* Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1980.

FERREIRA, L. M. "Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 271-92, abr.-jun. 2006.

FERREIRA, L. O. "O *ethos* positivista e a institucionalização da ciência no Brasil no início do sèculo XIX". *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais,* v. 4, ano IV, n.3, jul.-ago-set, 2007.

GALVÃO, W. N. *No calor da hora*: A Guerra de Canudos nos jornais, 4ª Expedição. São Paulo: Ática, 1977.

_____. " 'Os sertões' para estrangeiros". In:___ *Gatos de outro saco:* ensaios críticos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. "Cartas de Euclides no ano da Guerra". In Benjamin Abdala Junior, Isabel M. M Alexandre (orgs): *Canudos: palavra de Deus sonho da terra*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

_____ *O império do Belo Monte. Vida e morte de Canudos.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOMES, A. C. "História, ciência e historiadores na Primeira Repöblica". In.: Alda Heizer; Antônio A. Passos (orgs.). *Ciência, civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2010.

GUALTIERI, R. *Evolucionismo e Ciência no Brasil: Museus, pesquisadores e publicações 1870-1915*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

GUIMARÃES, M. L. S. "Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". *Estudos Históricos*, n. 1, p. 5-27, 1988.

HAACK, S. *Defending Science within reason:* between scientism and cynism. Amherst, N. Y. : Prometeus Books, 2003.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública* / Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA, N. T. e HOCHMAN, G. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira repöblica" In: Marco Chor Maio, Ricardo Ventura Santos. *Raça, ciencia e sociedade.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / CCBB, 1996.

LIPPMANN, W. *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARIANI, B. S. C. "Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: De como o discurso jornalístico constroi memória" In: Orlandi, Eni P. (org) *Discurso fundador:* a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2003.

MONIZ, E. *Canudos. A Guerra social.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

_____. Canudos*: A luta pela terra.* São Paulo: Global, 2001.

MONTEIRO, J. M. "As 'raças' indígenas no pensamento brasileiro do impèrio" In: Marco Chor Maio, Ricardo Ventura Santos. *Raça, ciência e sociedade.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / CCBB, 1996.

MOREL, M; BARROS, M. M. *Palavra, imagem e poder*: o surgimento da imprensa no Brasil do sèculo XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOTA, L. T. "A Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e as populações indígenas no Brasil do II Reinado (1839-1889)" *Diálogos,* DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, p. 117-142, 2006.
RIBEIRO, L. M. *Imprensa e espaço público*: a institucionalização do jornalismo no Brasil, 1808-1964. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2004.

PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista*: jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SANTANA, J. C. B. "Mestiços no país dos espelhos e o que eles viram lá". *Sitientibus,* Feira de Santana, n.13, p. 57-68, jul./dez. 1995.

_____. *Ciência e arte:* Euclides da Cunha e as ciências naturais. São Paulo: Hucitec, 2001.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil.* V. 3. Repöblica: da Belle Époque â Era do Rádio/Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Revolta da vacina*: Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2001.

_____. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural da Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEYFERTH, G. "Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização" In: Marco Chor Maio, Ricardo Ventura Santos. *Raça, ciencia e sociedade.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / CCBB, 1996.

SODRÉ, W. N. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VERGARA, M. R. "Ciência e literatura: a Revista Brasileira como espaço de vulgarização científica". *Sociedade e cultura*, v. 7, n. 1, 2004, p. 75-88.

FONTES NA INTERNET

Fotografias da Guerra de Canudos:

http://www.historiailustrada.com.br/2014/06/fotos-da-guerra-de-canudos.html

Acessado em 27/07/2015.

Mapa da região de canudos:

http://www.portfolium.com.br/qAdm/Funcoes/bin/ProcessaImagemGR.asp?FilePathImage=Mapas/Mapa01.gif&LarguraImgGR=700&SharpenImageGR=False&GrayscaleImageGR=False&FlipH_ImageGR=False&FlipV_ImageGR=False&QualityImageGR=51&CropImageGR=False

Acessado em: 26/07/2015

O Conselheiro e a República:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Conselheiro_Revista_Ilustrada.jpg

Acessado em 26/07/2015.

***O Estado de S. Paulo*:**

http://acervo.estadao.com.br/

Acessado entre outubro de 2014 a julho de 2015.

APÊNDICE A

Análise de *O Estado de S. Paulo*[32]

(01 de novembro de 1896 a 08 de outubro de 1897)[33]

01-11-1896

- **"O GOVERNO E OS MONARCHISTAS"** – versa sobre uma reunião, em São Paulo, de diversos monarquistas e a atuação policial para a dissolução dessa reunião (p. 1).

02-11-1896

- **"O GOVERNO E OS MONARCHISTAS"**– são diversos telegramas de felicitações ao presidente do Estado de São Paulo pelo fechamento do *Centro Monarchista.* As cartas são de pessoas públicas de diversos municípios e em geral contém afirmações e expressões, como "agitadores", "perturbadores da ordem pöblica", "perturbação da ordem e do progresso do país" e terminam com um "Viva á Repöblica!" (p. 1).

- **"TELEGRAMMAS"**

SANTOS, 1: Noticia a prisão de 14 pessoas por terem dado vivas à monarquia (p.2).

03-11-1896

- **"O GOVERNO E OS MONARCHISTAs"**– trata-se de mais telegramas de felicitações ao governo por ter fechado o *Centro Monarchista*, onde os "inimigos da Pátria" se encontravam (p. 1).

04-11-1896

- **"O GOVERNO E OS MONARCHISTAS"**– mais telegramas de apoio e felicitações ao governo por ter fechado o *Centro Monarchista*; dão apoio, felicitam e enaltecem o regime republicano. Está presente o discurso de que essa ação foi realizada "contra os perturbadores da ordem e da paz" vigente no país (p. 1).

---

[32] Há trechos de notícias e artigos com comentários; também há alguns trechos sem comentários e há, em alguns casos, somente o título da notícia, com a identificação da página. Todas as informações foram retiradas da fonte pesquisada: *O Estado de S. Paulo*. Conservamos, nas citações, a grafia original da época. As publicassões de nosso interesse são todas as que versavam sobre Canudos e sobre discursos científicos e cientificistas de modo geral. Tambèm, há publicações que discutem sobre política e a "questão republicana".

[33] Iniciamos a pequisa em 1 de novembro, pois a "Guerra de Canudos" data do início de novembro e finalizamos a pesquisa quando foi noticiada a morte de Antonio Conselheiro, fato de que confirmou a vitória completa de Exército.

ξ **"REVISTA DOS ESTADOS ":**

BAHIA – Notícia sobre os diversos assaltos feitos por jagunços em diversos logradouros. O correspondente comenta que a população está alarmada (p. 2).

05-11-1896

ξ **"NOTAS POLITICAS"**– Trata-se de um "artigo de opinião" em que o autor sustenta a posição do regime republicano frente aos monarquistas como necessária e digna de aplausos. Coloca a República como um regime forte e coloca como natural o comportamento repressivo praticado pelo governo contra os monarquistas:

> Em politica, como em tudo mais, a ordem natural das coisas é que haja vencedores e vencidos e que os vencedores procurem manter-se, a todo o custo, na posição que conquistaram (p.1).

ξ **"O HABEAS-CORPUS MONARCHISTA"**– Trata-se de uma grande matéria sobre a petição de habeas-corpus feita pelo *Centro Monachista* e pelo *Circulo dos Estudantes Monarchistas*. Foi deliberado, pela sessão, não tomar conhecimento do pedido. O jornal apresenta o pedido feito pelo advogado e a resposta. Ao final da resposta, temos:

> Concluo, portanto sr. presidente, dando o meu voto no sentido de não se tomar conhecimento da petição, porque sendo ella altamente injuriosa aos poderes da Republica (p.1).

06-11-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

07-11-1896

ξ **"NOTAS POLITICAS"**– Trata-se da reprodução de um artigo sobre a política na França. Há questões sobre nacionalidade, entre outras; após a reprodução desse artigo o articulista expõe sua opinião sobre a questão brasileira e a República, mais uma vez o regime republicano é defendido frente aos monarquistas:

> Estes dias, que o furor vesano do monarchismo impotente e desesperado tristemente caracteriza, hão de passar no futuro como um sombrio parenthesis da nossa historia, do qual, dentro em pouco, todos, gregos e troyanos, já ligados outra vez pelo sentimento nacional, desviaremos os olhos, uns com pejo e outros com profundo arrependimento (p. 1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES"**– Há a primeira notícia sobre a guerra de Canudos que estava iniciando; trata-se de uma notícia curta e sem título, pois encontrava-se dentro de uma seção:

> O governo da Bahia enviou para o Joazeiro 100 praças para manter a ordem publica, ameaçada pelo conhecido clavinoteiro Antonio Conselheiro, que tenciona invadir a cidade de Petrolina (p. 1).

08-11-1896

- Nada de relevante à nossa pesquisa.

09-11-1896

- **"UM POUCO DE SCIENCIA"**

  "Os cyclones"– A matéria traduzida trata-se de uma explicação de como são os ciclones e de como é o funcionamento deles. Os países com os maiores incidentes de ciclones são citados (p.1).

10-11-1896 a 14-11-1896

- Nada de relevante à nossa pesquisa.

15-11-1986

- **"15 DE NOVEMBRO"**– Notícias acercada comemoração da proclamação da República. Basicamente, há informações dessa comemoração com horários e atividades (p.1).

- **"NOTAS E INFORMAÇÄES"–** Esta seção é iniciada com um comentarista abordando a questão da República e os monarquistas que a perseguem. Ele comenta o fato de haver sobressaltos e medos em todo aniversário desse regime, mas que a República seguirá firme:

> Quando terminará este terrivel duello entre o novo regimen e o espirito máu que o odeia e contraria? Ninguem o pôde dizer. Pode affirmar, porém, que, seja qual fôr a duração da lucta, a Republica não cahirá (...) Já agóra, não é isso uma simples questão de partido: é uma altissima exigência do nosso patriotismo, porque só sob o regimen republicano o Brasil pôde ser um pais unido, forte, em que verdadeiramente haja ordem e progresso (p.1).

16-11-1986

- **"QUINZE DE NOVEMBRO"**– Notícia longa de duas colunas que apresenta como foi a comemoração do dia 15 de novembro. É bem descritiva, dando informações acerca de pessoas importantes como políticos e grandes empresários que foram cumprimentar o "sr. Presidente do Estado" e apresenta também detalhes da comemoração. Ficou bem

claro que o jornalista quis passar a impressão de que a festa teve grande participação do povo, ou seja, que foi uma comemoração de caráter bem popular. Algumas frases:

> [...]festejada a gloriosa data da Proclamação da República (...) os festejos de hontem, nesta capital, attingiram um alto grau de impornencia, conservando de principio a fim um caracter eminentemente popular (...) as festas de 15 de Novembro tiveram um caracter francamente popular (p. 1).

ξ **"O 'HABEAS CORPUS' MONARCHISTA"**– Noticia um recurso do *Centro Monarchista* para pedir um*habeas corpus*. Trata-se de uma matéria longa de três colunas em que se dá pormenores da sessão de julgamento e no final o pedido é negado. Cito algumas frases:

> Os suppostos pacientes não são senão criminosos; os monarchistas de S. Paulo vêm ao supremo tribunal da República pedir a liberdade de conspirar contra ella; este pedido de *habeas corpus* não é a reclamação de um direito, é a confissão de um crime (p.1).

17-11-1896

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES"**– Notícias variadas, sem título. Uma delas versa sobre os diversos telegramas que o "Sr. Presidente do Estado" recebeu de outros governadores por conta da comemoração da República. Outra, foi sobre a comemoração da Proclamação da República em outras cidades (p.1).

18-11-1896 a 20-11-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

21-11-1896

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 20: Notícias da primeira expedição contra Canudos. Cito a notícia completa:

> O governo do Estado recebeu um telegramma annunciando quasi completa a pacificação nos sertões. A força procura o celebre Antonio Conselheiro (p.2).

22-11-1896 a 24-11-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

25-11-1896

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 24: Dois telegramas com notícias da primeira expedição derrotada e os preparativos para a segunda expedição contra Canudos. Cito os dois telegramas na íntegra:

> Um telegramma de Queimadas diz que a força de linha, que fôra no encalço do Antonio Conselheiro estacionada em ? (apagado)[34], foi atacada por um numeroso grupo, havendo 9 soldados mortos e 112 dos homens de Conselheiro. Os officiaes deliberaram fazer retirada afim de pedir socorro (p.3).
>
> Seguem amanhã, em trem especial, 100 praças de policia e 70 de linha com um canhão Krupp, sob o commando do major Febrando Brito, em auxílio da força que se bateu com o bando de Conselheiro. O general Solon telegrafou declarando que embarcasse com urgencia toda a força disponível do Estado do Sergipe. Telegramma do Joazeiro para o general Solon communica a derrota completa de Antonio Conselheiro e dos seus bandidos, morrendo 9 praças e ficando feridas 12 (p.3).

26-11-1896

ξ **"TELEGRAMMA"**

MACEIO, 25: Relata que partiram para a Bahia 150 praças e 40 oficiais (p. 2).

27-11-1896

ξ **"TELEGRAMMA"**

BAHIA, 26: "Na lucta travada entre a gente do celebre bandido Antonio Conselheiro e a força de linha morreram..." relata os nomes dos oficiais e diz que morreram cerca de 200 "bandidos"...Tambèm afirma que telegrama informa que "a força do governo saqueou todas as casas..." Trata-se de uma parte do jornal com corte lateral e portanto não foi possível ler com muita clareza a notícia na íntegra (págs. 2 e 3).

30-11-1896

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"** (em grande destaque se comparado aos outros títulos)

> A imprensa da Bahia tem se occupado largamente dum personagem deste nome, que nos sertões daquelle Estado faz o papel de fakir, arrastando após si a população rude (...) Conselheiro é maior de 60 annos, de familia que soffria de affecção mental, propria para produzir os phenomenos que se observam nelle (...) Era victima de demencia intermittente (está falando do pai do Conselheiro) (...) O filho tem herança do pae, está nas mesmas condições

[34] Comentário nosso.

> pathologicas e poderá ser estudado como *specimen* entre doentes mentaes (...) Na sua fé de estar no desempenho de uma *missão* divina é um *fanatico*, com que a autoridade se deve haver com extrema prudencia (...) As palavras que estão acima são resumo de um artigo de uma folha nortista sobre o extranho personagem, que, julgando-se propheta, conseguiu organizar uma verdadeira quadrilha que o accompanha fanaticamente (p. 2).

01-12-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

02-12-1896

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 1: Notícia que versa sobre a chegada de reforços para seguirem a Canudos. Tambèm informa sobre o povo de Canudos que aumentou, o que tem feito "engrossar" bastante as fileiras dos "fanaticos" de Antonio Conselheiro (p.2).

03-12-1896 e 04-12-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

05-12-1896

ξ **"OS INDIOS CHÈRENTES"**– Trata-se de um apelo em favor dos índios dessa tribo. Há diversas menções à necessidade de civilização que esses nativos necessitavam (p. 1).

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Noticia a chegada na capital da Bahia das praças que voltaram de Canudos, tendo combatido no dia 21 de novembro. Informa que eram cerca de 3 mil "fanáticos" armados. Há pormenores dos sertanejos e do combate. Alguns trechos:

> Os fanaticos têm praticado os maiores horrores nos logares em que passam. Um preto velho, que diz abandonar Conselheiro, foi assassinado com toda a familia. (...) O tenente Pires Ferreira, interrogado, narrou o seguinte sobre o combate: Que na occasião do ataque foi impossivel o emprego da tatica militar, em vista da furia desordenada dos atacantes (...) Que, apezar da grande mortandade dos fanaticos, Conselheiro continúa a reunir adeptos e facinoras de todas as paragens, garantindo que no prazo de 15 a 60 dias resuscitarão os fanaticos mortos na acção; Que o Conselheiro batalha contra a instituição republicana garantindo ir ao Rio de Janeiro (...) Há a maior anciedade na Bahia pelas noticias do sertão (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”**

RECIFE, 4: Trata-se de uma mensagem do chefe da segurança pública da Bahia garantindo a autoridades de Recife que “a gente do Conselheiro” não vai atacar (p.2).

06-12-1896

ξ **“OS INDIOS CHÈRENTES”**– Continuam a falar sobre os índios, nesse caso há uma forte crítica aos estudos sobre os índios no Brasil; fala-se de uma grande babel...etc (p. 1).

ξ **“ANTONIO CONSELHEIRO”**– Informa sobre combatentes que chegaram à Bahia e sobre novas ordens de serem enviados mais soldados para os reforços. Comentam sobre o nömero de “fanáticos” que está crescendo.

> Um prisioneiro do combate de Mauá, hoje no nono batalhão de infantaria, affirma que Conselheiro tem cerca de 10.000 pessoas inclusive mulheres e menores (p.2).

ξ **“TELEGRAMMAS”**

RECIFE, 5: Noticia sobre o combate em que morreram cerca de 150 sertanejos e 10 das forças do governo. “Os bandidos fogem na direcção de Canudos, perseguidos pelas forças do governo” (p. 2).

ARACAJU, 5: Versa sobre o envio de reforços à Bahia.

07-12-1896

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

08-12-1896

ξ **“OS INDIOS CHÈRENTES”**– Continuam a falar sobre os índios, descrição da aldeia, dos costumes, entre outras (p. 1).

ξ **“ANTONIO CONSELHEIRO”**– “Dia a dia aumenta de gravidade a situação no sertão da Bahia. As forças de Conselheiro aumentam-se constantemente...”. Há comentários acerca da impossibilidade dos soldados irem a Canudos, devido à necessidade de suprimentos alimentícios e bélicos, reforços, etc. Fornece também informações sobre as forças que estão sendo reunidas e de armamentos destinados aos sertanejos que foram apreendidos pelos soldados etc (p. 1).

09-12-1896

- **"OS INDIOS CHÈRENTES"**– Continuam a falar sobre os índios...continua a arrecadação de fundos para a "Civilização dos índios"... ficam expostos os nomes e valores das pessoas que estão contribuindo (p.1).

- **"A FEBRE AMARELLA"** – Notícia de 2 colunas sobre a febre, sobre epidemias e meios de tratamento...etc (p. 1).

10-12-1896

- **"OS INDIOS CHÈRENTES"**– Continuam a falar sobre os índios, de seus costumes, tradições, educação de filhos, etc. Apresenta-se uma tabela da arrecadação de fundos "Para a civilisação dos Chèrentes", nela constam o nome do doador e os respectivos valores de contribuição juntamente com o valor total (p.1).

11-12-1896 a 15-12-1896

- Nada de relevante à nossa pesquisa.

16-12-1896

- **"OS INDIOS CHÈRENTES"**– Continua a narrativa: "Já temos vistos a perfunctoriamente a vida dos chréntes nas phases mais importantes: em seu nascimento, em sua educação, em suas festas, em seu casamento. Falta-nos descrever o termo da vida e o culto dos mortos(...)" (p.1).

- **"SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA"**– Dá pormenores da "sessão ordinária" realizada por esta sociedade científica.

- **"TELEGRAMMAS"**

  BAHIA, 15: Informa sobre 100 praças que estão se encaminhando para Queimadas para se juntar com outras forças e partirem para Canudos. "O governador declarou que o Estado tem elementos para debellar os sectarios de Antonio Conselheiro" (p.2).

17-12-1896 a 19-12-1896

- Nada de relevante à nossa pesquisa.

20-12-1896

- ξ **"OS INDIOS CHÈRENTES" (**mais notícias).

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

  BAHIA, 19: Informa as forças do governo que estão em Queimadas e sobre a necessidade de mais pessoal. Cito um trecho:

> Seguem amanhã 125 praças de linha, canhões, 7 officiaes e 2 medicos que ficarão alli ás ordens do major Febronio. O deputado Carlos Leitão diz numa carta que pequenos contingentes não poderão bater Antonio Conselheiro e lembra a intervenção do conego Agripino para terminar a lucta (p.2).

21-12-1896

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

22-12-1896

- ξ **"INDIOS CHÈRENTES" (**mais notícias).

- ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– "Antonio Conselheiro continöa as suas façanhas no estado da Bahia"... Dá informações sobre força que seguem para Canudos "localidade em que se acham entrincheirado Conselheiro". Comenta sobre o general Solon ter responsabilidades na demora da resolução do problema (p. 1).

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

  BAHIA, 21: Informa sobre as forças que seguem para Canudos para atacar o Conselheiro (p.2).

23-12-1896

- ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– "Os fanaticos de Conselheiro arrasaram, em Dedê, duas fazendas do coronel Costa Netto, morador da Bahia. Diz um telegramma recebido por este que os fanaticos o procuram para assassina-lo." Continua falando sobre mais forças que seguiram e sobre o fato de as forças do Febronio terem sido dispensadas por Solon.

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

  FORTALEZA, 22: Informa que seguiram para a Bahia 50 praças do Exército.

Obs: dia 26 o jornal não circulou segundo o site.

24-12-1896 a 26-12-1896

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

27-12-1896

- ξ **"OS INDIOS CHÈRENTES"**– Longa notícia sobre os índios e sua cultura. Diz-se o "ultimo appello em pról dos maltractados selvagens", para a petição de doações financeiras para auxílio da civilização indígena (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS"**

  BAHIA, 26: Noticia a volta de Queimadas do chefe de polícia que fora conferenciar com o chefe de operações contra Conselheiro (p.2).

28-12-1896 e 29-12-1896

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

30-12-1896

- ξ "CENTRO MONARCHISTA"– Informa que, tendo conhecimento da abertura do *Centro* às 14hs, o 1º delegado mandou fechá-lo (p.1).

31-12-1896 a 02-12-1896

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

03-01-1897

- ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA"**– Fala de crônica científica, nesta data, retrata sistema de ILUNIMAÇÃO. Matéria extensa, com quase duas colunas (p. 1).

04-01-189 e 05-01-1897

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

06-01-1897

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 5: Noticia que mais um batalhão de polícia foi oferecido na capital (p.2).

07-01-1897 a 10-01-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

11-01-1897

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 5: Notícias sobre a expedição contra Canudos, dando pormenores acerca do número de soldados, oficiais, armas.

> As operações contra Antonio Conselheiro entraram em periodo definitivo (...) São aqui anciosamente esperadas noticias do começo das operações, constando que as forças marcham para próximo de Canudos(p.2).

12-01-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Notícias de Canudos acerca da migração de fiéis para auxiliar o Conselheiro.

> Dos jornaes da Bahia: Da villa do Pombal tem seguido grande numero de homens armados para Canudos, afim de reforçarem os fanaticos de Antonio Conselheiro (...) Confessam todos que vão baterem-se e morrerem pelo seu bom Jesus (...) Todos estes fanaticos em caminho para Canudos, assaltam e roubam fazendas, gado e ameaçam de morte aquelles que se oppõem ás depredações (p.1).

13-01-1897 a 15-01-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

16-01-1897

ξ **"FEBRE AMARELLA"** Trata da questão da epidemia; problema de saúde pública (p.1).

ξ **"SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA"** Notícias sobre essa sociedade e seus membros (p.1).

17-01-1897

- ξ **"<<HABEAS-CORPUS>> MONARCHISTA"**– Versa sobre o ocorrido de 30 de dezembro, pois novamente o *Centro Monarchista* foi fechado (p.1).

18-01-1897

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

19-01-1897

- ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES"**– versa sobre a questão do *Centro Monarchista* e seus pedidos de "*habeas-corpus"*.

> As suas absurdas petições de *habeas corpus* só tem um fim: desmoralisar as instituições republicanas, procurando estabelecer conflictos entre a magistratura do Estado e a magistratura federal (p.1).

20-01-1897

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

21-01-1897

- ξ **"<<HABEAS-CORPUS>> MONARCHISTA"**– Versa sobre a negação do pedido feito pelo centro monarquista (p.1).

22-01-1897

- ξ **" 'HABEAS-CORPUS' "**– Versa sobre a negação do pedido feito pelo *Centro Monarchista*, trata-se de uma carta do chefe de polícia (p.1).

- ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA"**– Duas matérias que aparecem de forma destacada no mesmo local onde se publicam os folhetins e versam sobre medicina e ciências da natureza (p.1):

  I. "A hygiene athletica"

  II. "A dansa e a musica no mundo dos pássaros"

23-01-1897

ξ **"NOTAS POLITICAS"**– Versa sobre a real possibilidade de negação do pedido de *habeas corpus* monarchista. Há uma defesa dessa negação em nome da ordem.

> Cumpre-nos, a nós, jornalistas sem paixões, pôr as coisas nos seus logares. Esta gente, que amanhan vae desfazer-se em descompusturas contra a republica e contra as auctoridades republicanas, não é digna da solidariedade dos patriotas, que ainda não têm preferencias partidarias e que, por emquanto, apenas desejam que a ordem se firme definitivamente (p.1).

A matéria continua falando sobre o desejo desse *Centro* e desse pedido de "habeas-corpus" ser contra a paz social e pode ser entendido como uma conspiração para conseguir a simpatia dos que ainda não se inclinam para nenhum dos regimes políticos.

24-01-1897

ξ **"<<HABEAS-CORPUS>> MONARCHISTA"**– Mais notícias (do Rio, dia 23) sobre a negação do pedido e sobre como ocorreu o "julgamento" (págs. 1 e 2).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 23: Noticia que não há informações sobre o ataque contra Conselheiro.

> Ignora-se o resultado do ataque a Antonio Conselheiro, marcado para o dia 20 do corrente. Em Villa Nova foram apprehendidos barris de polvora e chumbo enviados a Antonio Conselheiro por negociantes tidos por amigos do governo (p.2).

25-01-1897

ξ **"VARIEDADES":**

"A EXPEDIÇÃO DO DR. NANSEN AO PÓLO DO NORTE": Trata dos temas: viagem científica, geográfica, animais...etc (p.1). Obs: na parte que são publicados os folhetins (p.1).

ξ **"AGRICULTURA":**

"NATUREZA E ARTE: FORMAÇÃO E CONSERVAÇÃO DAS FRUCTAS" – Versa sobre botânica, biologia, frutos, colheita, temperatura, etc (p.2).

26-01-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

27-01-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Trata-se de uma notícia ainda não oficial, mas que já se sabe alguns detalhes da luta que ocorreu nesse mês.

> As forças do governo tiveram alguns soldados mortos (...) As baixas dos fanaticos são calculadas em cerca de 100 (...) As forças do governo acamparam, depois destes combates, no logar chamado Camello: onde descançam para recomeçar a lucta, estando, todavia, vigiliantes (p.2).

28-01-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Noticia sobre um telegrama oficial de Queimadas dando pormenores da luta.

> Conselheiro que agóra já nos apparece como um verdadeiro guerrilheiro, e não como o fanatico religioso, conseguiu reunir tanta gente e dispôr de taes elementos, que está se constituindo em verdadeira ameaça á tranquilidade da população do estado da Bahia e mesmo aos creditos da Republica. Ao certo não se sabe os intuitos de toda aquella gente que ás ordens de Antonio Conselheiro ataca as auctoridades do estado e commette toda a sorte de depredações, mas, segundo os telegrammas da Bahia, não lhes é antipathica á idéa da restauração da monarchia (p.1).

Comenta que é preciso de forças nacionais, pois:

> Do contrario veremos em pouco tempo os inimigos da Republica e do nosso paiz, aproveitarem-se daquellas occorencias, para recomeçarem a campanha do descredito das nossas instituições (p.1).

Então, segue-se o telegrama (o trecho acima tratava-se apenas da opinião do redator) contando pormenores da batalha como o número de baixas, os tipos de ataque, etc. Observei que nessa carta oficial os sertanejos são sempre chamados de "conselheiristas" (p.1).

29-01-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Como o jornalista mesmo diz, as novas notícias não trazem novidades. Há alguns pormenores da batalha e da situação.

> Conselheiro mandou cortar diversos córregos proximos de Canudos para impedir que as forças expedicionarias se abastecessem de agua, e, fez envenenar as aguas daquelles que não pôde cortar (p.1).

30-01-1897

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA"**

"**A PESTE BUBONICA":** versa sobre a peste bubônica como uma das mais graves. Fala sobre epidemias em diversos países, sintomas, etc (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

RIO, 29: Noticia que o governo (indícios de que seja o federal) decidiu agir contra Conselheiro de acordo com o governador da Bahia (p.1).

31-01-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Versa sobre a situação no interior da Bahia e menciona as inúmeras famílias que estão se dirigindo a Canudos a fim de auxiliar Conselheiro:

> Redobra de gravidade a situação no interior do estado da Bahia. (...) Pessoas residentes nas localidades proximas de Canudos, dizem que as forças de Conselheiro são compostas de criminosos dos estados vizinhos que fogem para o sertão da Bahia, de fanaticos convencidos da santidade de conselheiro, de sertanejos iludidos pelas idéas communistas pregadas por Conselheiro e de soldados de linha e de policia desertores (...) Os homens de confiança de Conselheiro são: José Vennancio, criminoso de tres mortes; João Abbade e o conhecido faccinora Matheus José, de Vila Nova (...) Entre as forças conselheiristas só circula a moéda-papel que traz a effigie de d. Pedro II, a da Republica é queimada. Cada vez se accentúa mais a tendencia monarchista do movimento (...) Não ha duvida que o movimento do sertão da Bahia, é apenas um pequeno impecilio na marcha da Republica, que de modo algum pode prejudicar a sua estabilidade (p.1).

Informa que em breve haverá novas tropas bem armadas sob o comando do coronel Moreira Cesar, "official cuja energia è uma garantia da expedição" (p. 1).

01-02-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Noticia que as forças federais partirão do Rio via mar até o estado da Bahia. Comenta que o coronel Moreira César comandará todas as tropas e menciona nomes de diversos oficiais que farão parte das forças associadas a ele (p.1).

ξ Notícia sem título, logo após a notícia acima, sobre o artigo publicado pela *Gazeta da Tarde:* "FOLHA MONARCHISTA DO RIO". Citam alguns trechos, entre eles temos:

> Antonio Conselheiro (...) sempre foi o typo perfeito do mandao de aldeias, cercado de prestigio, tendo ao seu dispôr dezenas e dezenas de vassallos, promptos a darem por si a vida ao primeiro signal, dispostos a cada momento

> a satisfazerem os seus caprichos, embora os mais extravagantes, embora ás vezes sanguinários (p.1).

ξ **"AS MACHINAS NA AGRIC ULTURA"**– Versa sobre a facilidade e economia de se utililizá-las (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

BAHIA, 31: Informa que o Febronio de Brito em uma carta faz graves revelações do combate que fora travado (p.2).

02-02-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Publica a carta que o major Febronio de Brito enviou â redação de "*O Paiz"*, jornal da Bahia. O major comenta que envia tal carta para garantir que o povo tenha opinião e possa tomar contas ao Estado:

> Nas espinhosas operações de Canudos a incompetencia e ambição do autoritarismo centralizador têm tido á socapa a palavra de ordem como apanágio delictuoso de desastres (p.1).

O major utilizando-se de metáforas passa a informação do "sacrifício inötil" por conta da "falsa comprehensão das coisas, seus meios e seus fins" e continua:

> Homem de guerra deve ser um automato de ferro alheio á vida e sensação, é o que entendem (p.1).

Dá pormenores de todos os dias que esteve em combate e se horroriza com a "coragem" dos sertanejos:

> Nunca vimos, eu e meus bravos camaradas, tanta ferocidade! Vinham morrer como pantheras, dilacerando entranhas, agarrados ás bocas das peças, não tão mal armados como se dizia (p.1).

O major observa que o governo federal precisa urgentemente agir contra Canudos. Após a carta seguem-se informações do número de soldados e oficiais que seguirão a Canudos. Observo que ao se referir aos que pretendem combater contra Canudos, essa atitude é relacionada ao amor e patriotismo pela República e pelo país (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

RIO, 1: Noticia a conferencia entre o general Argollo, ministro da guerra, e o coronel Moreira Cesar sobre o as operações contra Canudos. Informa pormenores de conferências entre autoridades do Exército a respeito de Canudos. Fornece informações sobre batalhões e próximas viagens à Bahia (p.2).

03-02-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Como o próprio redator diz, não novas notícias. Os soldados na Bahia esperam Moreira Cesar juntamente com as suas forças chegar para darem prosseguimento às operações. Dá informações de que um ex governador da Bahia, José Gonçalves da Silva, apela para o governo federal não confiar no atual governo da Bahia, pois este é responsável pelo estado que as coisas estão (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

RIO, 1: Dá informações de conferências entre autoridades do Exército. Informa que Moreira Cesar comandará 1.200 homens; informa o armamento que será mobilizado para as operações no sertão (p.2).

RIO, 2: Dá diversos pormenores da partida dos batalhões à Bahia (p.2).

RIO, 2: Versa sobre os diversos cumprimentos que o coronel recebeu antes de partir à Bahia; dá mais informações a respeito das forças que seguem ao sertão (p.2).

04-02-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Artigo que trata de diversos temas a respeito de Canudos, desde os "males" que tem feito os conselheiristas atè a luta política entre o governador da Bahia e o major Febronio. Alguns trechos:

> A opinião pública em todo o Brasil, e principalmente na Bahia, continúa presa á personalidade de Antonio Conselheiro, o heróe da cruzada de devestação que infesta o interior daquelle Estado (...) o dr. Luiz Vianna atribúe toda a responsabilidade da derrota das forças expedicionarias ao seu comandante, o major Febrônio de Brito (p.1).

RIO, 3: Versa sobre os batalhões no Rio antes da partida à Bahia:

> Durante a passagem pelas ruas innumeras pessoas atiraram 'confetti' e flores sobre os bravos soldados. Dá mais pormenores do número de soldados e armamentos que vão à Bahia (p.2).

05-02-1897

ξ **"CARTAS DO RIO"** (notícia destaque, é a primeira da primeira página): Trata-se de uma notícia (um pouco extensa) em que há a notícia da partida de Moreira César e os homens sob o seu comando partiram do Rio rumo a Canudos. Há pormenores de nömero de homens, oficiais e armamento. Tambèm há uma boa "propaganda" dessa terceira expedição no sentido de tranquilizar os leitores quanto à vitória certa. Mas, ao mesmo tempo, há ressalvas quanto ao número de homens considerados pelo redator como insuficientes, mas de qualquer forma se confia na forma do coronel:

> O governo e, como o governo, a opinião publica parecem convencidos de que tudo está feito. Não se me affigura que os fanaticos ou o que quer que sejam que acompanham Antonio Conselheiro sejam bastante fortes para que pela

> sua rebeldia venha perigo de vida á Republica (...) Não digo que o dominador da Bahia seja invencível; mas o que é certo é que já foi muito mais derrotável do que é hoje e que disso é culpado quem o deixou reunir adeptos, fazer o seu exercito e armar toda essa gente (...) Antonio Conselhiro está zombando das forças do governo e o governo parece querer que continue essa triste situação (...) A verdade é que o governo enfiou uma missão importante a um official de incontestavel pretigio; mas não lhe deu forças que garantam êxito da expedição (...) A questão é cautela, e já o dictado rezava que cautela nunca fez mal a ninguém. Orlando (p.1).

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA"**

"A PESTE BUBONICA": Continuam falando desse assunto. Há informações sobre epidemias no século XIV, XVII, entre outras... (págs. 1 e 2).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

RIO, 4: Conferência entre o Dr. Arthur Rios e o vice presidente sobre o estado da Bahia e o Conselheiro. Rios acredita que "o bando que acompanha o fanatico agitador do sertão da Bahia não é tão temível assim como se annuncia. A vantagem principal dos conselheiristas è o conhecimento exacto do terreno". Tambèm acredita que o "bando" do Conselheiro está ao serviço da politicagem local" e que o grupo do governador ou "auxilia indirectamente a gente de Conselheiro ou não lhe oppõe resistencia sèria". Ele não acredita que os sertanejos sejam restauradores da monarquia mas as agitações que estão causando "alimentam para as desordens do sertão bahiano, como as de qualquer outro ponto da Republica" (p.2).

06-02-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO":** Noticia que a opinião na Bahia está dividida quanto ao procedimento do major Febronio de Brito. Cita trechos de publicações nos seguintes jornais: *Correio de Noticias* e *Bahia*. Resumidamente "O *Correio de Noticias* defende o governo do Estado e ataca violentamente o major Febronio, e a *Bahia*, defendendo este, refere-se ao governo em termos enèrgicos". Em seguida cita várias publicações de ambos jornais em relação a esse assunto (p.1) obs: noticia longa de mais de uma coluna.

ξ **"INSTITUTO HISTORICO":** de São Paulo. Narra o que se discutiu em uma reunião administrativa quanto a sócios, biblioteca, etc (p. 1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 5: Ordens do governo para a infantaria de Sergipe impedir a passagem de suprimentos para Conselheiro (p. 2).

BAHIA, 5: Trata-se de uma mensagem (longa) do major Febronio quanto aos acontecimentos do dia 18. Ele dá pormenores da batalha. Também se noticia providências de guerra para a chegada do coronel Moreira Cesar (p. 2).

07-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 6: Versa sobre a instalação do clube militar em favor de apoiar o major Febronio que tem sido atacado. Versam sobre esse assunto referindo-se ao *Correio de Noticias* que teve participação nesses ataques. O jornal se defende dizendo que o fez de acordo com fatos e deduções lógicas (p. 2).

BAHIA, 6: Dá pormenores da chegada de Moreira Cesar à Bahia (p. 2).

BAHIA, 6: Sobre o major Febronio que publicará diversos artigos na imprensa afirmando que "em Canudos ha mais fanatismo que política" e que a expedição Moreira Cesar será suficiente para "destruir Canudos". Há mais informações da chegada do Coronel e do breve desembarque das tropas (p. 2).

08-02-1897

ξ **"A CULTURA DO LIMÃO ":** Fala das propriedades medicinais, clima, reprodução, plantação, cultura, colheita, preparação do suco (p.1).

ξ **"AVI CULTURA":**

"ALGUMAS RAÇAS DE GALLINHAS: Com termos técnicos apresentam as diversas raças de galinhas, dando pormenores das qualidades, hábitos, etc (p. 1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 7: Informação de que nova tropa parte do Rio para a Bahia.

BAHIA, 6: Ata lavrada em Monte Santo relativa à retirada das forças de operação contra Canudos. Há pormenores do combate em que as circunstâncias justificam a retirada (falta de munição, alimentação, cansaço, inimigos números, etc) (p.2).

09-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 8: Informa sobre questões administrativas da guerra (p. 2).

BAHIA, 8: Informa que parte das tropas sob o comando de Moreira Cesar segue de trem para Alagoinhas (p. 2).

10-02-1897

BAHIA, 9: Informações acerca da chegada de Moreira Cesar em Queimadas e de outras tropas que estão se deslocando (p. 2).

BAHIA, 9: Mais informações de que as operações já se iniciaram e mais tropas seguem para Queimadas (p. 2).

11-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 10: Notícia do ministro brasileiro em Londres dizendo que as notícias acerca das "depredações" e "saques" feitas pelos conselheiristas "produziu baixas nos titulos" (p.2).

BAHIA, 10: Noticia sobre as tropas de Moreira Cesar que partiram de Queimadas a Monte Santo. Informa que mais tropas estão se deslocando para a Bahia (p.2).

BAHIA, 10: Notícia de que a imprensa baiana tem noticiado que Conselheiro tem recebido reforços de gente, munição e mantimentos do Piauí e Ceará.Também noticia que os conselheiristas saquearam o gado de uma fazenda das proximidades (p.2).

12-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 11: Noticia de que partiu para Alagoinhas, sob o comando do coronel Tamarindo, batalhão da infantaria (p.2).

13-02-1897

ξ **"ARBORICULTURA"**– Trata dessa prática, dos benefícios e técnicas (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 12: Informações do deslocamento de mais tropas para a Bahia e no interior da Bahia. Informa que Moreira Cesar se encontra em Monte Santo esperando a chegada dessas novas forças para dar prosseguimento às operações (p.2).

BAHIA, 12: Mais informações do deslocamento das tropas e a importante informação: "Consta que Antonio Conselheiro dispõe de uma força de dez mil homens" (p.2).

RECIFE, 12: "O Club Militar da Bahia telegraphou para esta capital desmentindo os boatos de possibilidade de deposição do governador dr. Luiz Vianna, pela força federal" (p.2).

14-02-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

15-02-1897

- **"ALBORISAÇÃO DA CAPITAL"**– Trata-se de uma crítica a forma como se está realizando a campanha de arborização da cidade. Fala que cada rua arborizada por esse projeto è uma "experiência" em se transforma a rua em um Horto Florestal...etc (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  BAHIA, 14: Noticia que foi organizado pelo comissário de polícia de Tucano um batalhão patriótico "para defesa do municipio no caso dos fanáticos tentarem invadi-lo" (p.2).

16-02-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  BAHIA, 15: Seguiram para Monte Santo tropas comandas por Moreira Cesar. "Consta que atè o dia 28 do corrente será tomada a povoação de Canudos" (p.2).

17-02-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 16: O tenente-cooronel Percilho da Fonseca chegando à Bahia disse que considera as tropas de Moreira Cesar insuficientes para abater Canudos. "Acrescenta que Conselheiro é ajudado pelos inimigos da Republica e que nas suas forças ha grande numero de desertores do exercito e da armada" (p.2).

  RIO, 16: Telegrama do governador da Bahia dizendo que todas as forças já estão rumo a Monte Santo e que "tudo tem corrido na melhor ordem" (p.2).

  RECIFE, 16: "O *Commercio* noticia que no povoado de Areias o padre Moura está missionando contra a República, dizendo-se que se corresponde com Antonio Conselheiro" (p.2).

18-02-1897

- Nada de relevante à nossa pesquisa.

19-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 18: Telegrama de Morereira César ao ministro da guerra relatando que as tropas chegaram a Monte Santo: "A força está anciosa por se bater com a gente de Conselheiro. Os fanáticos, receiosos, occultaram-se atraz das trincheiras" (p.2).

20-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 19: Versa sobre perseguição de um bando que levava mantimentos a Conselheiro, foram perseguidos, mas conseguiram prosseguir a viagem.

BAHIA, 19: Noticia que as forças de Moreira Cesar já estão em Monte Santo e devem partir para Canudos dentro de cerca de um dia (p.2).

21-02-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 20: conferência entre o chefe de polícia e o Sr. Manoel Victorino sobre as operações em Canudos (p.2).

22-02-1897

ξ **"A BANANEIRA"**– Fala sobre o fruto, suas qualidades, tipos diferentes de bananeira e etc; questão de agronegócio e 'ciência' (p.1).

23-02-897

ξ **"CARTAS DO RIO"**– Trata-se de um "artigo de opinião de Orlando" falando sobre a questão da propaganda monarquista e o desejo e esforço de restauração; apresenta esse fato como algo impossível e mostra total confiança na continuação do regime atual.

> Não creio, já o disse, que as coisas vão até ao ponto de haver perigo para o regimen republicano; mas o certo é que ha um esforço qualquer da parte dos que ficaram agarrados á instituição decahida para a levantarem e para se levantarem com ella (...) (p.1).

No artigo o autor questiona as boas intenções e patriotismo dos monarquistas, considerando-os pouco sinceros, pois com o advento da proclamação da República eles se acovardaram e não deram o sangue para defender a monarquia que eles tanto prezam.

Eles acreditam que por isso não há como acreditar neles, pois não são patriotas o suficiente para morrerem pelos seus ideais (p.1).

24-01-1897

ξ **24 DE FEVEREIRO:** aniversário de 6 anos da promulgação da a lei fundamental do novo regime:

> Era a legislação da Republica proclamada a 15 de novembro de 1889 e, por todo o povo brasileiro, abraçada com enthusiasmo (...) Hoje, seis annos decorridos desse dia de alegria, desse dia em que tantas aspirações se haviam convertido em brilhante realidade, o povo brasileiro, commemorando a promulgação do codigo fundamental da Republica deve sentir-se orgulhoso de ter abolido o imperio. A obra presente é de difficuldades financeiras e annuncia-se de dificuldades politicas. No emtanto está a Republica Federativa com todos os estados prosperos; no emtanto, desta instituição contra a qual, no **sertão** da Bahia e nos escuros conciliabulos da conspiração monarchica, se levantam os que, sem coragem e sem amor ao imperio não o souberam defender, - desta instituição, em cada patriota, encontrareis um soldado (...) A Republica apoiada na nação inteira, que só se sentiu viver, que só se sentiu povo depois que o imperio foi derrubado; a Republica ha de vencer os embaraços que o despeito e a vaidade – o despeito das posições perdidas e a vaidade ferida – lhes levantaram. Ha de vence-los, ha de resistir aos abalos aqui causados pelas agitações disfarçadas... (p.1).

Nesse artigo fala-se da República em si e cita-se a questão do sertão de leve (grifo meu), fala sobre a questão de defende-la com armas, soldados, etc.

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 23: Em telegrama oficial Moreira Cesar anuncia que "só dará combate a Antonio Conselheiro" a partir do dia 27, pois marcham devagar de Monte Santo a Canudos para não cansar as tropas (p.2).

ξ **BAHIA, 23:** Noticia que Conselheiro tem cerca de 8 mil homens e reparou as trincheiras danificadas por batalhas passadas. E estão entrincheirados, os sertanejos, em diversos pontos a espera das forças do governo.

25-02-1897

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Telegrama de Moreira Cesar elogiando o engenheiro da estrada de ferro por onde as tropas passaram, dizendo que nada os faltaram e que os empregados estão muito dispostos a ajudar (p.1).

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO":** Apresentam a notícia do jornal *Minas Geraes*, do dia 22, sobre a questão do bando que fora perseguido pois estavam indo levar mantimentos e etc para a Canudos. Na notícia, em geral referem-se a Conselheiro e às vezes aos sertanejos, como "inimigos da Repöblica". A noticia trata do que já tinha sido noticia antes (p.1).

26-02-1897 e 27-02-1897

- ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

28-02-1897

- ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Informa que um telegrama de Moreira Cesar afirma que dentro de cerca de um dia as forças estarão em combate contra "Conselheiro" (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS":**

  BAHIA, 27: Informa que no último telegrama de Moreira César que data de 24 as últimas preparações para o ataque a Conselheiro já tinham sido feitas. Informa com certeza que Conselheiro tem 2 mil homens armados com armas apreendidas na última expedição (p.2).

01-03-1897

- ξ **"JORNAES DO RIO":**

  ***"Gazeta de Noticias"*:**

  Bahia, 27: Publicação de um telegrama da Bahia sobre um "senhor" que fora a Bahia como espião e conseguiu convencer os "fanáticos" que estava ali a serviço deles. Ele conta que há muitos soldados desertores que ensinam aos "conselheiristas" a manejar as armas; conta que há munições e armas apreendidas das últimas expedições. Conta que Conselheiro garante aos fiéis a ressureição dos seus mortos. Conselheiro sabe das operações e das tropas que estão indo a Canudos combater e os sertanejos em geral estão ansiosos para o combate (p.1).

- ξ **"HORTO-BOTÂNICO":** "(...) todo paiz novo principia sempre a sua organisação scientifica agricola por um horto-botãnico ou campo de experiencias (...)" Cita os ingleses, franceses, holandeses e belgas, enfim os europeus. Apela para a necessidade de se ter um horto em São Paulo para que o processo de arborização seja efetivo e de sucesso. Cita expressões como "paiz adiantado", "progresso scientifico". Enfim, oferece argumentos acerca da necessidade do horto ou campo de experiências, esses argumentos giram em torno da questão da necessidade de crescimento e progresso (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 28: fala-se sobre o Carnaval que segue animado e sobre o sucesso que uma marcara que representava o Conselheiro fez (p.2).

02-03-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 1: O ministro da guerra noticia que os batalhões estão seguindo para Canudos e no caminho estão cortando as comunicações e recursos para o Conselheiro. Eles encontraram muitas dificuldades através do "inhóspito sertão" (p.2).

03-03-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 2: Noticia que há boatos sobre um possível ataque das tropas do Exército aos canudenses. Mas ainda não há notícia oficial (p.2).

04-03-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

05-03-1897

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA":**

Os Boschismanos: sobre a fundação pelos holandeses da Colônia do Cabo, em 1652; fala das duas populações semelhantes e também diferentes encontradas lá; fala do tipo físico e dos costumes. Usam expressões como: "selvagens", "raças"...Trecho interessante: "Mas aqui, como em tantos outros pontos do globo, o europeu, que e diz civilisado e christão, cumpriu a obra terrivel de que parece ter sido encarregado. Numa vasta extensão de terras, substituiu-se as raças ..., esterminando-as" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 4: Noticias de um coronel informando que as tropas de Moreira Cesar estavam a poucas léguas do inimigo e provavelmente o combate iniciaria ainda no dia 4. OS soldados estavam animados, apesar do número dos inimigos ser maior (p.2).

ξ **BAHIA, 4:** Noticias do deslocamento das tropas, mas ainda não se fala do combate. Fala-se do estado de saúde das tropas que está bem e que demorou 2 dias para seguirem viagem por conta de Moreira Cesar: "O coronel Moreira Cesar teve em Monte Santo um ligeiro incommodo o que demorou dois dias a marcha da expedição" (p.2)

06-03-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Gazeta de Noticias":

BAHIA, 4: Informa que com certeza no dia 1 Moreira Cesar estava a cinco léguas de Canudos e que o combate já devia ter sido travado. Comenta-se do Ânimo dos soldados "confiantes na vitória" e esperam notícias (p.1).

ξ **"A FEBRE AMARELLA":**

"PATHOGENIA, TRANSMISSIBILIDADE, TRACTAMENTO NACIONAL": Fala-se da doença, como funciona, como é transmitida e tratamento, etc (Dr. Victor Godinho[35]) (p.1 e 2).

07-03-1897

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Noticia que o barão de Geremoabo iniciará uma publicação de artigos no *Jornal de Noticias*sobre as peripécias do Conselheiro desde 1876. Também acusa o governo pelo desastre das duas expedições contra o "fanatico" (p.1).

08-03-1897

ξ **"PELA REPUBLICA"** (notícia destaque, letras grandes, é a primeira da primeira página) – Trata-se da primeira notícia acerca da derrota da Expedição Moreira Cesar. O tom da notícia é de espanto e de alarde e fala-se todo o tempo em "derrota da Repöblica", "ataque â Repöblica", "Luto da Repöblica" (artigo grande de quase 3 colunas):

> Juncado de cadaveres ficou o campo dos soldados que a Republica enviou para os sertões da Bahia para a sua defesa (...) A lucta, ferida entre republicanos e monarchistas, foi um desastre para a Republica (...) a Republica soffreu, nos sertões da Bahia, um dos maiores desastres por que ella podia passar (...) a Republica não teve vencedores, foi, sim, vencida, - para que negar a verdade que salta aos olhos? – mas vencida por sua propria culpa" Continua explicando porque pensa isso: fala do "fatal otimismo" que foi governadas as operações no sertão e do desconhecimento que se tinha dos conselheiristas, do apoio, do nömero de seguidores, etc. "De ha muito se dizia que os monarchistas do interior, assim como os da Europa remettiam armas para os *fanaticos* de Antonio Conselheiro (...) O resultado da confiante espectativa do governo ahi está: é o desastre da expedição Moreira Cesar, é a morte deste coronel, do coronel Tamarindo e de muitos dos seus commandados. A República está de lucto; perdeu, pela bôa-fé innacreditável dos seus servidores, alguns dos mais valorosos dos seus sustentaculos. O exercito, que é o baluarte inexpugnavel das insttuições republicanas, ensarilha armas em funeral e olha para o poder supremo da Nação. O desastre é tremendo, é uma derrota da Republica (...) Nos sertões da Bahia, sob a capa de um *fanatico religioso*, que não tem base, está enrolado o pavilhão do

[35] Trata-se de um inspetor sanitário, informação verificada na página 2, Telegramas: Dois Córregos, do dia 20 de março de 1897.

> império (...) Não nos illudamos: ataca-se a Republica (...) Para o governo da União, nesta hora de lucto, apella todo o povo brasileiro. Tracta-se de defender a Republica, tracta-se de sustentar pelas armas a Republica ferida em combate. O momento é de perigos e ameaças (...) A lucta é contra a Republica. O governo tem de defender a Republica, tem de suffocar o movimento monarchista ainda que seja precisa a violencia. O presidente da Republica ou acóde ao apello do povo e envia uma expedição tão forte quanto seja preciso para derrotar a gente de Antonio Conselheiro ou terá de abandonar o poder, se prevalecer essa infeliz convicção de que nenhum movimento faz periclitar a Republica. Chame-se ás armas o povo, formem-se batalhões de voluntarios (...) É preciso que a nação inteira saiba que a derrota das forças do coronel Moreira Cesar foi devida a uma surpreza, e que essa surpreza, por sua vez, é derivada da infeliz facilidade com que se acreditou que a agitação do sertão bahiano não tinha importancia alguma (...) Ahí está a lição dos factos a mostrar que se errou gravemente quando se organisou a expedição (...) Em grande parte do Brasil trama-se contra a Republica e o movimento da Bahia é exclusivamente uma manifestação desse trabalho (p.1).

Continua falando que a situação é de extremo cuidado e poderia ser considerada como "estado de sitio" e apela diversas vezes ao presidente para tomar medidas urgentes e graves.

> Essa medida extrema teria o nosso apoio, como o de todos os republicanos, porque é indispensavelpôr a Republica a salvo de quasquer manejos quer francamente revolucionarios, quer disfarçados sob o pretexto do exercício de liberdades constitucionaes. O presidente da Republica, depositario da confiança da nação, pode contar com o povo para a defesa das instituições. Nenhum republicano se recusará a pegar em armas pela Republica, nenhum republicano negará o seu apoio ao chefe do Estado nessa obra que é o seu dever. Mas, qualquer hesitação, qualquer mal entendido escrúpulo póde levantar esse mesmo povo contra o governo (p.1).

ξ **"O COMBATE DE CANUDOS":** Telegramas do correspondente:

"BAHIA, 7": Escreve que no dia 3, Moreira César iniciou a batalha com tiros de canhão:

> (...) fez avançar a força e tomar Canudos, collocando-se com o seu estado-maior num alto, de onde se descortinava o campo de acção, podendo facilmente ser attingido pelas balas (p.1).

Continua o relato dando pormenores da invasão de Canudos:

> (...) dahi começou o fogo com ardor. Os fanaticos dentro das casas e das duas igrejas, opuzzeram tenaz resistencia. Nesse interim uma bala dos fanaticos attingiu Moreira Cesar, lançando-o por terra e vindo a fallecer á noite (p.1).

Narra que a morte do coronel não foi de pronto divulgada e só pela manhã depois de muita batalha esse fato foi anunciado e, assim, as tropas desanimaram completamente e houve muito fugitivos:

> O major Cunha Mattos foi encarregado de deter os fugitivos e atravessou-se de revólver em punho, no caminho, e com o auxilio de alguns officiaes

> procurou conte-los mas, foi levado pela massa dos fugitivos (...) A população desta capital está contristada com esse facto inesperado, e lamenta a morte de tantos servidores da Patria. Aguarda-se a maxima brevidade nas providências do governo federal a quem o governador communicou todo o ocorrido (p.1).

O outro telegrama:

"BAHIA, 7": Notícias oficiais:

> O coronel Moreira Cesar colocou-se valentemente proximo do inimigo que estava escondido por detrás das montanhas que circundam Canudos (p.1).

ξ **"NOTICIAS DO RIO"**– Conferência entre o ministro da guerra e pessoas do Exército; como se sabia que se tratava dos sucessos de Canudos houve grande interesse do público. Então foi publicada uma nota afirmando que ainda não se sabia noticiais oficiais e estavam aguardando e que já estão sendo preparados batalhões de infantaria, artilharia e cavalaria "vindos do Sul e do Norte da Republica". O Club militar e sessão secreta reuniu uma comissão para tratar de assuntos sobre Canudos com o ministro da guerra.

RIO, 7: Vários telegramas: Trata-se da comissão organizada pelo Club Militar ter procurado o ministro da guerra para obter informações sobre Canudos. Mas ele informa que ainda são só boatos o que se diz sobre a morte de Moreira Cesar e sobre a derrota e retirada das forças. Já são organizados forças e batalhões em alguns estados para irem a Canudos. No último telegrama há a informação da morte de Moreira Cesar e de Tamarindo; há pormenores sobre nomes e diz que a tristeza é grande na capital (p.1).

> Hoje a tarde foram empastelladas as typographias dos jornaes *Gazeta da Tarde, Liberdade e Apostolo*. Os escriptorios destes jornaes foram completamente escangalahdos. O povo reunido em frente ás redacções dos jornaes republicanos faz manifestações (p.1).

ξ **"EM SÃO PAULO":**

> As noticias que hontem affixámos á porta do nosso escriptorio causaram uma dolorissima impressão no espírito publico. Destro de alguns minutos tornara-se enorme a agglomeração de pessôas do povo não so em frente á redacção desta folha como em toda extensão da rua 15 de Novembro. A triste noticia (...) espalhou-se rapidamente fazendo vibrar de nobre indignação a alma do povo, que em estrepitosas acclamações á Republica, movido pelo ardor dos seus sentimentos, espontaneamente se dirigiu para o palacio do governo formando uma imponente procissão cívica. O jardim do palacio, num momento, ficou repleto com a grande massa popular. De todas as bocas irrompiam enthusiasticos vivas á Republica, ao governo e á memoria do bravo coronel Moreira Cesar. O dr. Campos Salles, acclamado pelo povo, chegou a uma das janelas do palacio, sendo-lhe então dirigido por dois cidadãos um vehemente e patriótico apello em nome da mocidade brasileira oferecendo o auxilio dos moços republicanos para vingar a morte do coronel Moreira Cesar e defender a Republica contra os ataques dos monarchistas (...) Diversas pessôas do povo proferiram discursos concitando a mocidade a cumprir com o seu dever de defender á Republica (p.1).

O povo ao sair dos jardins do palácio foi seguindo pelas ruas e dando "vivas â repöblica" e "morras â monarquia". Em frente â redação do *Commercio de S. Paulo*, mesmo com ua cavalaria de proteção, invadiram o escritório e o empastelaram, atirando ao moveis na rua, a destruição foi total desde prateleiras até canos de água. A agitação foi até tarde da noite (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": Publica-se um telegrama de oficiais no Rio no qual afirma que o governo está disposto a agir, proteger e salvar a República, abafando qualquer agitação monarquista e para isso conta com o apoio patriótico do povo:

> Nessa obra de patriotismo e dever, será sem duvida auxiliado pela dedicação esclarecida de todos os patriotas (p.2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 7: Noticia que depois do empastelamento dos jornais no Rio fez-se uma grande fogueira com os materiais retirados das redações deles. Informa também que as bandas não tocaram nos jardins e os teatros suspenderam as apresentações e uma aglomeração de pessoas, como em São Paulo, percorreu pontos da cidade dando vivas à República (p.2).

Obs: Nesse contexto a palavra patriotismo e seus derivados são utilizados como sinônimo de República e republicanos. Em diversas dessas notícias acima colocadas fala-se de vingança.

ξ **"ANIMAES DO AMAZONAS":** Fala-se da aquisição de animais empalhados para o Museu do Estado. Fala-se de algumas espécies de peixes, repteis, animais. Etc.

09-03-1897

(Primeira página repleta de notícias a respeito de Canudos)

ξ **"PELA REPUBLICA"**– Artigo do mesmo teor que o artigo anterior do dia 08**.**

ξ **"O COMBATE EM CANUDOS"**– Texto oficial, informa pormenores da batalha**.**

ξ **"CORONEL MOREIRA CESAR"**– Versa-se a respeito da bravura e altivez do coronel. Fornece detalhes de sua vida, suas qualidade, características, enfim, trata-se de sua mini-bibliografia.

ξ **"NOTICIAS DA BAHIA"**– Esta se concentra mais em novos batalhões que estão sendo preparados e enviados a Queimadas (base de operações onde permaneceram muitos soldados e oficiais).

ξ **"NOTICIAS DO RIO"**– Sobre novas aglomerações que se iniciaram pela manhã. Noticia questões administrativas a respeito da guerra, de reuniões e etc.

ξ **"EM SÃO PAULO"**– Aglomerações, encontro público com discursos, reuniões em *Meetings*...como aparece no jornal.

- ξ **“MANIFESTAÇÄES POPULARES”**– Fala-se das manifestações que duraram todo o dia e foram até altas horas da noite.

- ξ **“EM SANTOS”**– Aglomeração, encontro público com discurso em prol da República.

- ξ **“EM CAMPINAS”**– Algo semelhante com Santos, SP e Rio.

- ξ **“VARIAS NOTICIAS”**– Tratando sempre de Canudos; noticias de cunho mais administrativos como encontros entre oficiais, visitas de apoio a chefes de estado, entre outras.

- ξ **“A ULTIMA HORA”**– Noticias variadas: assassinato do coronel Gentil de Castro (Obs.: sua casa também foi invadida por populares para saber o nome dos donos de folhas monarquistas). Fornece inúmeros detalhes acerca dos novos batalhões que estão sendo preparados e que estão partindo para a Bahia e Queimadas.

Obs.: Toda a primeira página foi tomada de notícias sobre Canudos, somente a partir da metade da última coluna aparece outro tipo de notícia.

10-03-1897

- ξ **“PELA REPUBLICA”:**

> O fanatismo da gente de Antonio Conselheiro já não encobre coisa alguma; sob o tenuissimo veu dessa mentira inhabil está a revolução restauradora (...) Vae para Canudos a terceira expedição de forças republicana (...) A terceira expedição representa mais do que as duas primeiras: agóra é a Republica que vae dar batalha a monarchia, é o Brasil que vai luctar contra os que se armarem para lhe dar o descredito, a ruina, talvez a desagregação territorial. A derrota, amanhan, não seria só da expedição, seria da Republica (p.1).

- ξ **“NOTICIAS DA BAHIA”**– Telegramas do correspondente.

- ξ **“NOTICIAS DO RIO”**– Vários telegramas, um deles anunciando a mudança da rua do Ouvidor para rua Moreira César e o Largo do São Francisco para Coronel Tamarindo. Os batalhões já estão sendo organizados para partir à Bahia.

- ξ **“EM S. PAULO”**

> A agitação que nos dias anteriores se tinha notado na cidade desappareceu depois das noticias do Rio sobre as medidas tomadas pelo governo federal para debellar o movimento do sertão da Bahia e reprimir os manejos dos restauradores (p.1).

- ξ **“HOMENAGENS CIVICAS”**

- ξ **“ULTIMAS NOTICIAS”**

- ξ **“OS MUNICIPIOS”:**

CAMPINAS:

> O povo de Campinas, reunido em meeting, profundamente emocionado pelo desastro havido nos sertões bahianos em que uma brilhante parte da divisão militar (...) foi sacrificada ás mãos do fanatismo boçal e reaccionario, vem (...) affirmar a sua solidariedade em todos os terrenos com as instituições republicanas (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"GAZETA DE NOTICIAS" :

> A opinião republicana tem portanto o seu caminho traçado. O seu posto é ao lado do governo legal para, á custa de todos os sacrifícios, aniquillar de vez estas esperanças de restauração, que constituem um verdadeiro crime (p.1).

Obs.: Primeira página praticamente reservada a notícias relacionadas a Canudos.

11-03-1897

(Jornal composto por seis páginas)

ξ **"PELA REPUBLICA"** Artigo do mesmo teor que os artigos dessa seção**.**

ξ **"NOTICIAS DO RIO"**

ξ **"EM S. PAULO"**

ξ **"COMEMORAÇÃO CIVICA"**

ξ **"EM CAMPINAS"**

ξ **"JORNAES DO RIO"**

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"**

(pág. 1)

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA":**

"O NASCER DA VITICULTURA FRANCO-AMERICANA" (p.2).

ξ **"A FEBRE AMARELLA"** (p.2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

SANTOS, 10: Notas de pesar; telegramas de pesar, de apoio (p.2).

ARARAQUARA, 10: Notas de pesar; telegramas de pesar, de apoio (p.2).

RIO, 10: Notas de pesar; telegramas de pesar, de apoio (p.2).

ξ **“AVULSOS”:**

ITAPIRA, 10: Nota de pesar.

12-03-1897

ξ **“PELA REPUBLICA”**

ξ **"NOTICIAS DO RIO”**

Obs: fala-se de terceira expedição a ser organizada (mencionada em notícias anteriores) e também que a terceira expedição já foi derrotada, ou seja, organiza-se a quarta:

> [...] agóra que os inimigos da Republica, acobertados por um pretenso fanatismo, atacam francamente a ordem e a tranquilidade em um dos estados da União, este apello deve ser mais promptamente attendido pelos verdadeiros patriotas (p.1).

Telegrama do governador da Bahia ao Sr. Presidente:

> A terceira expedição a Canudos fracassou com enormes perdas de vidas preciosas (...) Lembrai-vos de que combateis com a população do norte, cuja coragem é conhecida (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”**

ξ **“JORNAES DO RIO”**

ξ **“NOTAS E INFORMAÇÄES”**

13-03-1897

ξ **“PELA REPUBLICA”**

> [...] é preciso que insistamos que o perigo não está só na Bahia, está em toda a Republica, onde quer que existam monarchistas sinceros (...) É indispensavel, portanto, que o governo federal não faça consistir a sua acção exclusivamente em esmagar os conselheiristas em Canudos (p.1).

ξ **“O COMBATE EM CANUDOS”:** Telegramas:

BAHIA, 12: Noticia os acontecimentos do dia 3, dando pormenores da batalha, da organização...etc (p.1).

ξ **“EM S. PAULO”**

ξ **“NOTICIAS DO RIO”**

ξ **“TELEGRAMMAS”**

14-03-1897

- ξ **"PELA REPUBLICA"**
- ξ **"NOTICIAS DO RIO"**
- ξ **"EM S. PAULO"**
- ξ **"A NOSSA VENDÃA"**– O primeiro artigo de Euclides da Cunha para o jornal. Aparece publicado em primeira página na seção especial de publicação dos folhetins.
- ξ **"TELEGRAMMAS"** (p.2).
- ξ **"SEÇÃO LIVRE":**

  "DESCALVADO": "A REP UBLICA E A MONARCHIA " (p.2).

15-03-1897

- ξ **"PELA REPUBLICA":**

> Pois é admimissivel que de tantos pontos diversos partam esses fanaticos armados para a horda do milagroso Conselheiro? Pois é crivel que num paiz civilisado se estabeleça esta romaria? (p.1).

- ξ **"NOTICIAS DO RIO":** Teor administrativo/organização.
- ξ **"OS MUNICÍPIOS":**

  SANTOS: formar batalhões (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS":**

  "RIO, 14" (4 telegramas, p.2).

  "RECIFE, 15": "Hontem â tarde realisou-se um grande *meeting* popular para affirmar a solidariedade do povo pernambucano com o governo federal na defesa das instituições" (p.2).

- ξ **"AVULSOS":**

  "FRANCA, 14" (p.2).

16-03-1897

- ξ **"PELA REPUBLICA":**

> Definiu-se o caracter do movimento: é monarchista. Sabe-se que é forte, e que a todo o momento se avolumma pela adhesão de monarchistas de todos os estados da União Brasileira (p.1).

Nesse artigo há cobranças com relação às providências que o governo deve tomar contra os que ajudam Canudos, ou seja, os restauradores monarquistas. Apela-se para impedir que se "enviem auxílios aos conselheiristas".

ξ **"NOTICIAS DO RIO"**– Um telegrama à *Gazeta de Noticias* a partir de informações prestadas pelo tenente Figueira informa que: "Os bandidos, travada a peleja, hastearam bandeira branca, a que a força da expedição não attendeu" (p.1).

ξ **"TELEGRAMA DE BENJAMIM DE MELLO"**

> Á imprensa do Rio escreveu o sr. Capitão de fragata e engenheiro naval Benjamim de Mello: (...) Quem escreve essas linhas, sr. redactor, desde os tempos da monarchia foi sempre apontado como republicano, doutrina que hoje, mais do que nunca julga a única capaz de manter a integridade nacional, condição da nossa grandeza, força e prosperidade (p.1).

Esse telegrama tem a intenção de desmentir que há soldados anistiados contribuindo com os canudenses.

ξ **"EM S. PAULO"**– Mais notícias como as dos outros dias: médicos e outros profissionais que se dispõem a lutar em Canudos pela República. Organização de comitês e batalhões patrióticos...etc (p.1).

ξ **"OS MUNICÍPIOS"**– Missas, organização, etc.

ξ **"JORNAES DO RIO"**– *Gazeta de Noticias:* notícias da Bahia, de declarações do governador (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

TAUBATÉ , 13: sobre missa pela alma de Moreira Cesar.

CAMPINAS, 15...

RIO, 15...

RIO, 11...

RIO, 15: "Todos os jornaes da Bahia dirigiram telegramma á imprensa fluminense, protestando contra a affirmação, corrente na capital federal, de que a Bahia é o centro dos monarchistas. Esses jornaes garantem que o povo bahiano é solidario como todo o povo brasileiro na defesa da Republica" (p.2).

ξ **BAHIA (dia 12 ou 13):** Pessoal do Exército já está sendo enviado para Queimadas. Informações de cunho administrativo (p.2).

ξ **BAHIA, 15:** Trata-se do telegrama da imprensa da Bahia à imprensa fluminense. No telegrama há um protesto contra as opiniões sobre ser a Bahia um reduto monarquista (p.2).

ξ **"A AGRICULTURA NA FRA NÇA"**

17-03-1897

ξ **“PELA REPUBLICA”**

> O trabalho dos republicanos neste momento tem que consistir em destruir o perigo presente e evitar que, amanhan, novoc perigos surjam e novas agitações venham depauperar a nação (p. 1).

ξ **“NOTICIAS DO RIO”**

ξ **“EM S. PAULO”**

ξ **“A FEBRE AMARELLA”:**

“NO ESTADO DE SÃO PAULO”: “PATHOGENIA, TRANSMISSIBILIDADE, TRACTAMENTO RACIONAL: VIII”– O autor, Dr. Victor Godinho, cita Luíz Pereira Barreto em seu artigo de quase uma coluna e meia (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 16: questões administrativas de moneação de soldado e deslocamento de tropas para seguirem para a Bahia (p.2).

BAHIA, 16: Questões administrativas...O jornal *Bahia* afirma que “ na tenda dos fanaticos de Canudos têm sido recebidos auxilios constinuados dos Estados de Minas, S. Paulo e Rio” (p. 2).

ξ **“SECÇÃO LIVRE”:**

“A EDUCAÇÃO SCIENTIFICA DA MOCIDADE”: “INSTITUTO CATOLICO: III”– Na verdade trata-se do evangelho, do caminho cristão etc. Não há nenhuma menção â ciência ou “educação scientifica”, que sugere o título do artigo do Padre João Emilio (p.2).

18-03-1897

ξ **“PELA REPUBLICA”:**

“NOTICIAS DO RIO”– telegramas sobre questões como nascimento do filho da sobrinha de Moreira César que recebeu o mesmo nome do coronel morto, entre outras...etc (p.1).

Obs: já não está mais em destaque sendo a primeira publicação, ficou na terceira/quarta coluna.

ξ **“A PROPOSITO DA FEBRE AMARELLA”:**

“CONDIÇÄES PHYSICAS DA OBSERVAÇÃO ”(p.2).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 17: deslocamento de tropas, reuniões administrativas de políticos e homens do Exército (p. 2).

19-03-1897

ξ **“PELA REPUBLICA”** (volta a ser primeira publicação)

> Noticias chegadas de varios pontos da Bahia e de outros estados do Nordeste demonstram que a agitação, de que, ha pouco, só viamos os elementos concentrados em Canudos, tem partidas esparsas pelo norte em correrias, dando aqui combate, alli comenttendo depredações, mas, aqui e alli, arrastando sempre a desordem e levando o panico ás populações laboriosas daquellas regiões. Vae-se, infelizmente, confirmando o que nesta folha se tem repetido desde que foi conhecido o desastre em Canudos. Não se limita aos defensores da povoação, que Moreira Cesar queria tomar, a horda dos perturbadores arregimentados sob a bandeira illusoria do fanatismo religoso (...) é preciso que nos convençamos de vez que os conselheiristas, os primitivos fanaticos do cretino e imundo apostolo do sertão bahiano, cercavam o Messias bandido e, cégos, obedeciam á sua voz, davam, por elle, a vida (p.1).

ξ **“DIVERSAS NOTICIAS”**– **D**iversas notícias em relação a um possível movimento em Minas de restauração (p.1).

ξ **“JORNAES DO RIO”:** *Gazeta de Noticias:* tracrição do artigo do Dr. Ferreira de Araujo na *Revista Brasileira*. O artigo versa sobre a questão do movimento restaurador que não pode vencer, o que conseguirá somente será a anarquia (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 18 e BAHIA, 18: Versa sobre um telegrama do governador da Bahia sobre os acontecimentos em Canudos. Na verdade, as muitas informações já são de conhecimento da população, como datas de batalha, decisões quanto ao envio das primeiras tropas, etc. Neste telegrama há algumas informações quanto ao “nascimento” de Canudos:

> Começa historiando a formação de Canudos, mostrando que desde 1874 Antonio Conselheiro era supportado. Diz na mensagem que, quando em maio de 1896 assumiu o governo deste Estado, cuidou deste logo em destruir Canudos, sendo desviado deste intuito pelos conflictos havidos em Lavras, Diamantina e Jequié, que reclamaram quasi toda a força estadoal (p.2).

Fala sobre o primeiro ataque a Canudos. (p.2).

Nesta mesma data aparecem outros telegramas relativos ao deslocamento das tropas, alguns telegramas aparecem pela metade impedindo a leitura na íntegra.

20-03-1897

- ξ **"PELA REPUBLICA"**– Comenta sobre o telegrama do governador da Bahia ao presidente em que aquele se defende de deslealdade e mostra que fez o possível para auxiliar as operações contra Canudos. O redator deste artigo mostra feliz com essa evidência da "sinceridade" do governador, como fiel republicano, isso fortalece a República (p.1).

- ξ **"NOTICIAS DIVERSAS"**– Relativo ao número de praças e oficiais, sobre o deslocamento de batalhões; dá os nomes de oficiais que foram mortos na 3ª Expedição, entre outras notícias (p.1).

- ξ **"OS MUNICÍPIOS"**– Poucas notícias sobre Canudos; fala-se de um a missa oferecida ao "bravo" coronel Moreira Cesar em Santa Izabel (p.1).

- ξ **"JORNAES DO RIO":**

  Gazeta de Noticias: Fala-se sobre a necessária união em torno do governo em prol da causa patriótica. Fala-se sobre a discrição que a imprensa precisa ter ao publicar decisões do governo e opinar acerca da força e das operações contra Canudos, a fim de não dar a entender fraqueza e desunião republicanas (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS" (p.2):**

  "SANTOS, 19": Sobre o deslocamento de tropas do Rio Grande do Sul a Canudos.

  "RIO, 19": Transcrição de telegramas pelo governador da Bahia do major Febrônio e do coronel Moreira Cesar sobre os auxílios prestados.

  "RIO, 19": sobre o deslocamento do general Savaget e tropa à Bahia.

  "BAHIA, 19": sobre deslocamento de tropas e oficiais.

  "PARAHYBA, 19": sobre homenagens fúnebres aos mortos de Canudos.

21-03-1897

- ξ **"PELA REPUBLICA"**– Artigo do mesmo teor dos demais (p.1).

- ξ **"O CABO ROQUE"**– Trata-se do soldado que ficou por último com Moreira Cesar; prestam-lhe homenagens, em dinheiro, no caso de ele não ter filhos o valor será direcionado ao tesouro nacional, etc (p.1).

- ξ **"OS MUNICÍPIOS":**

  SANTOS: Questões administrativas quanto a Canudos, tropas, oficiais, etc. **SOROCABA:** Trata-se da morte por congestão cerebral de um cidadão de muita honra que iria alistar-se a pesar da idade para defender a República, nas operações contra Canudos (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"**– Sobre o deslocamento de oficiais para juntar-se às forças republicanas, rumo à Bahia (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 20: sobre deslocamento de tropas e oficiais, questões administrativas e destaca-se que o estado encontra-se em "completa paz" e "não ha noticia alguma do movimento dos conselheiristas" (p.2).

22-03-1897

ξ **"OS MUNICIPIOS":**

"PARAHYBUNA": Fala de homenagens prestadas aos que morreram pela República em Canudos, da dor causada nos republicanos essas mortes, etc (p.1).

ξ **"OS JORNAES DO RIO":**

"O Paiz": Trata-se de um artigo que observa que a República não corre riscos por conta de Canudos. Que o governo é altamente patriótico e defenderá a instituição; observa que os patriotas devem alistar-se para a defesa dessa causa.

"Republica": publica-se as últimas palavras de um telegrama do governador da Bahia: "A victoria será certa e estrondosa. Mais que uma victoria será uma lição" (p.1).

ξ **"A PROPOSITO DA FEBRE AMARELLA"**– Sobre a transmissão da febre amarela, entre outras questões (p.2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 21: Sobre deslocamento de tropas e oficiais em Queimadas (p.2).

23-03-1897

ξ **"OS MUNICÍPIOS":**

PIRASSUNUNGA: "Causou profundo pezar o malogro das armas republicanas nos sertões da Bahia. O infeliz successo compungiu a todos que viam nessa expedição o castigo seguro das hordas fanáticas (p.1).

ξ **"ACONTECIMENTOS DA BAHIA":**

"A Gazeta de Noticias":

> A força que fôr a Canudos, seja divisão, ou corpo de exercito, não deve operar isoladamente: convém marchar reunida ao combate, afim de desalojar completamente o inimigo de suas posições e esmaga-lo (...) A força, como disse, deve operar toda ella reunida, e depois de esmagar os conselheiristas deverá percorrer em diversas direcções os sertõs a fim de destruir grupos

> hostis que porventura se organisem, evitando deste modo o apparecimento de algum falso Conselheiro (p.1).

Alguns trechos da matéria tratam de várias estratégias de guerra, etc.

ξ **"CABO ROQUE"**– **A**arrecadação de fundos para a família desse "herói" que esteve ao lado de Moreria César até sua morte (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES":** "Foram remettidas pela secretaria da agricultura, ao sr. dr. presidente da Republica, mas de 22 plantas da região do Estado da Bahia, onde devem operar, brevemente, as forças do governo" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 22: Diversas notícias curtas acerca de Canudos: deslocamento de batalhão, nomeação de oficiais, verificação de morte de oficial na expedição Moreira César (p.2).

BAHIA, 22: Trata-se de um manifesto publicado pelos estudantes bahianos em realação ao que se tem dito do estado da Bahia ser um perigo, ser o lugar que os restauradores estão se armando, etc. No entanto, eles não acreditam que devem alistar-se para o combate pois não compartilham a ideia que a instituição republicana está em perigo e acreditam que o Exército pode dominar Canudos sem precisar que os jovens estudantes se alistem. Enfim, estão completamente e de acordo com a destruição de Canudos:

> O fanatismo rebellado em Canudos é uma nodoa, uma vergonha que cumpre, que cumpre extinguir de prompto e por completo (p.2).

24-03-1897

ξ **"MUNICIPIOS":**

SOROCABA: Reunião política popular acerca das providências que esse município tomará acerca da questão da Bahia/Canudos (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"O Paiz"*:** Telegrama do correspondente deste jornal na Bahia: trata-se do depoimento de oficiais que regressaram de Canudos e que afirmam com unanimidade que o número de "jagunços" era muito superior ao nömero de soldados das forças de Moreira Cesar. Também informam que os "fanaticos' estavam muito bem fornecidos quanto a alimentos e se apoderaram de material bélico do Exército. Informa outros pormenores da expedição em combate (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"** (p.2)**:**

RIO, 23 e PORTO ALEGRE, 23 (3 telegramas, mas que versam sobre assuntos semelhantes): Sobre o deslocamento de tropas de diversas partes do Brasil.

25-03-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": Trata-se de uma notícia que não tem que ver com Canudos mas antes de iniciá-la, recorda-se dela: "Ao mesmo passo que o governo continúa a preparar tenaz e pacientemente os elementos com que em breve há de esmagar a horda de fanaticos e sebastianistas acontados em Canudos, continúa a administração publica a impulsionar vivamente a solução das questões pendentes" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

SANTOS, 24: Em relação ao deslocamento de tropas, via mar (p.2).

RIO, 24 (2 telegramas): deslocamento de tropas para a Bahia e nomeação de oficiais (p.2).

BAHIA, 24 (2 telegramas): Sobre a questão do envio de voluntários de outros estados à Bahia, nesse caso boa parcela dos baianos discorda, como è o caso do "Centro Operário" (p.2).

26-03-1897

ξ **"MUNICIPIOS":**

ARARAS: Noticia acerca da sessão fönebre "grandiosa, solemne e de fecundos ensinamentos cívicos" em honra a Moreira Cesar e os outros soldados que morreram em combate (p.1).

SERRA NEGRA: voto de pesar de ilustre juiz aos soldados mortos e Moreira Cesar em Canudos (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Jornal do Commercio"*:** Trata-se de uma notícia que informa que os sucessos da Bahia produziram efeito nos centros financeiros de Londres, como a alta dos títulos brasileiros. O jornal coloca sua confiança no governo federal de que em breve tudo estará acertado: "não se acredita na possibilidade de qualquer tentativa de restauração monarchica, e é geral a crença de que em breve terá desapparecido da Bahia o elemento fanatico, que nos ultimos tempos tem perturbado a ordem" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 25 (4 telegramas): Sobre o deslocamento de tropas rumo a Canudos, e de volta de Queimadas; nomeação de oficiais e fala-se da chegada do Cabo Roque (p.2).

27-03-1897

ξ **"MUNICIPIOS":**

AVARÉ: Telegrama do correspondente neste município relatando sobre a homenagem prestada a Moreira Cesar e os outros soldados mortos em combate na Bahia: "Este povo soube render o culto das suas mais sinceras homenagens aos valentes e leaes correligionários, infelizmente mortos por miseraveis bandidos ao serviço do hybridismo fanático-restaurador"(p.1). Evento com participação popular.

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 26: Deslocamento de tropas; nomeação de oficiais, médicos, etc; pretação de homenagens.

28-03-1897

ξ **"BATALHÃO TIRADENTES":** Trata-se de uma ordem do dia do ajudante-general do Exército em homenagem a esse batalhão que segundo as palavras dessa "ordem" sempre acudiu a República em momentos difíceis. Em geral, trata-se de agradecimentos e louvores aos oficiais e soldados desse batalhão. Cita-se em especial a causa de Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 27 (2 telegramas): deslocamento de batalhão (p.2).

29-03-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama de Aracajú sobre o fato de cerca de 200 homens armados estarem indo em direção a Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 28: Trata-se de deslocamento de tropas e de oficiais; nesse caso específico trata-se de um engenheiro que combateu em Canudos e "assistiu á tomada da artilharia pelos fanaticos e á morte do capitão Salomão, quanto este tentava novamente apoderar-se dos canhões" (p.2).

30-03-1897

ξ **"O COMBATE DE CANUDOS"** (notícia destaque, é a primeira da primeira página) – Trata-se de um telegrama dirigido ao jornal *"Republica"*. Trata-se de um relato cheio de pormenores acerca da batalha do dia 3 de março em que aparece diversas vezes o coronel Moreira Cesar danto ordens aos seus homens. Há muitas palavras como

"bravo", "inolvidável", "jagunços", "vivas â Republica e ao marechal Floriano Peixoto". Em suma trata-se de uma narrativa da invasão de Canudos, dos tiroteiros e fuzilaria (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Uma curta notícia sobre um inquérito em Queimadas para saber as causas do desastre em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 29 (4): Sobre deslocamento de tropas; sobre carta oficial de guerra em o primeiro misnistro-tenente faz "gravíssima acusação" a procedimentos do major Cunha Mattos; sobre conferência entre o ministro da guerra e outros oficiais sobre pormenores do combate relatado pelo tenete Alves Leite; e moção de pesar pelo insucesso em Canudos pela Escola Superior de Guerra (p.2).

BAHIA, 29: Nova carta do major Febrônio acusando o governador da Bahia de ter sido incapaz e relapso ou traidor ("tudo sabia") (p.2).

31-03-1897

ξ **"OS MUNICIPIOS":**

PINDAMONHANGABA: Serão feitas "solemnes exequias" no próximo dia 2 por Moreira Cesar e "seus companheiros mortos em Canudos" (p.1).

ξ **"A EXPEDIÇÃO DE CANUDOS"**– Carta de um militar à redação da *"Gazeta de Noticias"*: Trata-se da opinião de um militar acerca da insuficiência de homens para combater Canudos; ele discorda que os 6.800 homens que operarão em Canudos seja suficiente:

> Estou convencido que essa força é insufficiente para bater as hostes do fanático, que, segundo informações vindas dalli, são numerosas e acham-se providas de armamento regular e abundantes munições de guerra, ocupando além disto bôa posição de defesa, a qual para ser tomada, é provável, terá de ser palmo a palmo disputada (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 30: sobre o deslocamento de tropas e oficiais (p.2).

01-04-1897

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES":** Ofício do secretário do presidente ao secretário da agricultura, pois por intermédio deste foram enviadas amostras de plantas da Bahia, onde operaram e irão operar as forças do governo, como diz a "carta" (p.1).

RIO, 31: noticia que um alferes que lutou em Canudos e ainda está ferido, conferenciou com o general Costallat, "ajudante geral do Exército" (p.1).

RIO, 31: Informa que um "jagunço" que estava em poder do Exèrcito foi enviado â Polícia com quem conferenciou afirmando que estava ali a mando do Conselheiro para conferenciar com o presidente.

> Disse que Moreira Cesar foi enterrado juncto do altar de Nossa Senhora da Conceição na igreja do Rosario de Canudos (p.2).

Esse homem dá informações precisas sobre Conselheiro e o arraial de Canudos. Na notícia, o repórter faz questão de falar sobre sua compleição física: "É branco, gordo, baixo e falla bem" (p.2).

RIO, 31: Basicamente noticia questões administrativas de deslocamento de oficiais e sobre a retirada dos doentes de Queimadas para a capital ou ao hospital (p.2).

PORTO ALEGRE, 31: Noticia que fundos destinados à família de italianos morto em Canudos atingiu um valor em dinheiro significativo (p.2).

02-04-1897

- **"SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA"**– Assuntos relativos a febres em S. Paulo foram conferenciados em reuniões dos membros dessa sociedade (p.1).

- **"JORNAES DO RIO":**

***"Jornal do Commercio"*: Montevideo, 31:**

> Dizem os jornais que o ministro oriental no Rio, transmittiu ao seu governo informações sobre as causas da insurreição na Bahia, bem como sobre as intenções dos fanaticos (p.1).

***"Gazeta de Noticias"*:** Trata-se de uma prévia do interrogatório ao sertanejo de Canudos:

> Neste interrogatorio, o emissario, que é um individuo robusto e apparenta evidentemente ser um sertanejo, revelando no emtanto uma intelligência[36] e desembaraço bem pouco vulgares, entrou em minucias interessantes sobre a situação e condição da gente de Antonio Conselheiro, adiantando-se mesmo em enumerar com certa precisão o numero dos predios existentes em Canudos, além de accrecentar que fôra um dos que com seu serviço braçal concorrera para a edificação da igreja alli existente. Além dessas informações, o *jagunço*, póde-se assim dizer, informou ainda, que vira ser enterrado na face direita do altar de N. S. da Conceição, da egreja de S. Benedicto, um cadaver, que pela descripção que fez, era o do mallogrado coronel Moreira Cesar (p.1).

[36] Já começa a aparecer o preconceito que se tinha em relação aos canudenses e sua inteligência...etc.

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 1: deslocamento de tropas para a Bahia e despedidas oficiais com ilustres pessoas como o presidente Prudente de Morais (p.1).

ξ **"SECÇÃO LIVRE":**

"RIO CLARO": Já é a segunda vez que aparece essa questão de Rio Claro e a questão republicana, ou melhor, a questão do partido republicano (p.2).

03-04-1897

ξ **"OS MUNICIPIOS":**

Santos: Anuncia a celebração de uma missa em homenagem aos que morreram em Canudos (p.1).

ξ **"NOTICIA INTERESSANTE":**

> Um preto, que não pôde ser capturado, furtou hontem de um armarinho do Mercado Grande uma duzia de lenços brancos. O proprietario do armarinho, João Pedro, queixou-se ao dr. 4º delegado"[37] (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama de Queimadas acerca de um boato que na notícia é colocado como falso sobre um confronto entre os batalhões do Exército que resultou em mortes e ferimentos:

> 'Tudo è inteiramente falso (...) garanto-vos que aqui há disciplina, que se faz exercicio duas vezes por dia, alem de tiro ao alvo, e que todos mostram-se satisfeitos. Saudações. – General *Arthur Oscar*'(p.1).

Há, também, outra notícia, citada da *Provincia*, sobre um ex-revoltoso que seguiu para o extremo norte; ele dizia já ter ido à Bahia levar correspondência ao Conselheiro" (p.1).

04-04-1897

ξ **"OS NOSSOS TELEGRAMMAS":**

"A AFRICA COLONIAL ": Trata-se de um artigo que de modo geral critica o modo de dominação dos povos nativos de algumas colônias inglesas e portuguesas considerado pelo redator como inoportuno e ineficiente, pois afastam os "indígenas" e os fazem reagir. Levanta-se os resultados negativos da tentativa de dominação por armas apenas para os europeus, como soldados machucados e a impossibilidade de realizar comércio com essas tribos. Segundo minha interpretação a intenção do redator

[37] Questão racial como aparece...

não é de criticar barbaridades e prejuízos aos nativos e sim aos europeus. Opina-se por uma aproximação amigável para surtir efeitos aos conquistadores:

> Dir-se-ia que, para o indigena, os colonisadores de hoje representam um inimigo. Em vez de se entrar no periodo de civilisação do africano [38], parece que se regressa á conquista pelas armas, meio que não é precisamente o mais efficaz e que só consegue inutilisar os soldados das expedições que, como os que acabam de regressar a Moçambique, têm que recolher na sua maioria aos hospitaes (p.1).

ξ **"MUNICIPIOS":**

"JUNDIAHY": noticia que um rapaz de nome Adelino Duque segue â Bahia "em defeza das instituições republicanas" (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO"**– Telegrama de Aracaju sobre o envio de tropas à Bahia; segundo o telegrama os soldados seguem animados e satisfeitos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 3: Nomeação de oficiais, deslocamento de tropas, armamento e guarnição. Informação relativa ao inquérito aberto acerca das responsabilidades do combate passado em que oficiais como Cunha Mattos, que combateu junto com Moreira Cesar, serão interrogados (p.1).

05-04-1897

ξ **"OS NOSSOS TELEGRAMMAS":**

"AMERICA DO SUL": Trata-se de uma crítica a um discurso latino americano, reforçado pelo diplomata Walker Martinez no Rio de Janeiro, sobre a necessidade de união entre os países da America do Sul contra as "pretenções da Europa". O redator se posiciona contrariamente a isso e enxerga na Europa um potencial econômico que investe nos países americanos; ele considera perigosa a ascensão do Estados Unidos. Em suas palavras:

> O phantasma da Europa, pretendendo absorver a America do Sul, é tão absurdo como a guerra entre os continentes apregoada pelos Estados-Unidos para substituir, como o seu commercio, o das nações européas (...) as ambições da Europa não constituem perigo; ao passo que as pretensões norte-americanas são uma ameaça para todo o resto da America visto que os Estados-Unidos querem representar toda a America e regular pelos interesses proprios os das pequenas nações deste continente (p.1).

Enfim ele acredita que a Europa apenas quer investir seu capital na América do Sul e não tem interesse de "impôr coisa alguma á America do Sul" (p.1).

[38] Nesse trecho releva-se a questão de se considerar certas populações mais ou menos evoluídas. Aqui não se fala do tipo de civilização mais sim do "PERIODO" e isso remete à época, tempo, etc.

ξ **“JORNAES DO RIO”:**

***“Jornal do Commercio”*:** Telegrama do correspondente em Londres acerca de uma notícia publicada nessa cidade acerca do combate em Canudos e de considerarem o fato como de pouca importãncia; eles têm “convicção de que o governo da Republica dispersará e punirá breve os fanaticos” (p.1).

06-04-1897

ξ **“OS NOSSOS TELEGRAMMAS”:**

NA GUINÉ: Articula a respeito dos “actos de rebellião do gentio” na Guinè; o redator vê isso como mais um problema enfrentado pelos portugueses: “Não ha mais do que padrões historicos de uma occupação realisada por processos cuja efficacia a diplomacia tem mostrado ser quasi nulla. O gentio, livre da acção das auctoridades, a que aliás faz reclamações quando as tribus andam em guerra, governa-se e vive como quer”. Fala do comèrcio com as tribos que termina por motivar guerras entre elas por conta de algumas tribos conseguirem produtos como aguardente que outras tribos desejavam. Os produtos comercializados são basicamente: “Carregamentos de polvora e aguardente e de raras e despreziveis bugigangas” (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 5: Trata da nomeação de oficiais para servir em Canudos (p.2).

07-04-1897

ξ **O CONGRESSO:** Noticia a primeira sessão de legislatura de 1897. Nessa sessão o presidente trata de diversos assuntos relativos à nação; o caso de Canudos aparece na verdade atrelado a um dos empecilhos que o país teve na tentativa de um empréstimo externo (p.1).

08-04-1897

ξ **“SAUDE PUBLICA”**– Trata da melhora que houve nos últimos tempos das condições sanitárias no Estado. Comenta sobre a questão da febre amarela que outrora estava em estado epidêmico e que no momento já está controlada, entre outros assuntos, etc. (p.1).

ξ **“SANEAMENTO”**– Trata da ação da polícia sanitária e os benefícios disso (p.1).

ξ **“CENTRO MONARCHISTA”**– Trata do caso do fechamento do *Centro Monarchista* há alguns meses, retoma o fato narrando algumas das ações realizadas na ocasião dele e por fim termina: “Não hesito em affirmar que è este o dever de todo aquelle que se acha investida de uma auctoridade em nome da republica”. Trata-se de uma mensagem de Campos Salles, governador do estado de S. Paulo na ocasião do congresso legislativo (p.2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 7: Sobre nomeação de oficiais e deslocamento de tropas à Bahia (p.2).

09-04-1897

ξ **"OS MUNICÍPIOS":**

S. CARLOS DO PINHAL: Noticia que o delegado municipal de higiene seguiu a Canudos (p.1).

ξ **"FAXINA"**– Tambèm trata de um oficial desta localidade que partirá em breve "para a Bahia onde irá bater-se contra as forças de Antonio Conselheiro" (p.1).

ξ **"CAMPOS NOVOS DE PARANAPANEMA":** Noticia a missa rezada pela "alma dos nossos bravos soldados mortos em Canudos" (p.1).

10-04-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO":** Telegrama de Aracajú publicado na *Republica*: Trata-se do depoimento de um homem, Luiz, preso em Bom Conselho que conhece pormenores de Canudos, inclusive do último combate, mas se diz não pertencer à população de Canudos; conta detalhes pois esteve no arraial recentemente. Ele afirma que Conselheiro tem diversas armas, mas as armas apreendidas em combate foram inutilizadas.

> Informa elle que há mezes chegaram em Canudos dois fidalgos, sendo um velho e outro moço, os quaes gozam de muito conceito perante o Conselheiro (...) Diz elle que na occasião do combate Conselheiro distribue piquetes por todas as estradas, e tem conhecimento, mesmo antes da acção, das manobras do governo (...) Conselheiro tem muito dinheiro e continua a receber mais, assim como pessoal (...) O Conselheiro tem nas suas forças um commandante, um sargento; construiu um quartel; ele prega contra a Republica, *que é obra do Satanaz, sendo monarchia do Bom Jesus.* (p.1)

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 9: informa oficiais que estão partindo à Bahia, entre eles Thompsom Flores (p.2).

11-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 10: Nomeação e deslocamento de oficiais (p.1).

12-04-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"O Paiz"*:** Trecho de um artigo publicado nessa folha, em que nele é analisada a mensagem do governador Campos Salles. Trata-se de um artigo que argumenta em favor do regime republicano como instituição a ser preservada e como símbolo do amor à pátria. Termina assim:

> (...) ordem republicana (...) que é hoje a unica condição de paz e de engrandecimento da sociedade brasileira (p.1).

13-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 12: Nomeação de oficiais e informação acerca de quando será iniciada o novo ataque a Canudos; será em fins de maio; também informa que alguns oficiais e soldados chegaram doentes da Bahia e serão inspecionados pelo conselho superior de saúde (p.2).

ξ **"SECÇÃO LIVRE":**

"PIRAJÚ": Noticia que foram realizadas, no dia 3 do mês corrente, "Exequias pelas victimas de Canudos":

> (...) homenagens tributadas pelos republicanos do Pirajú aos heróes martyres da trahição de Canudos (...) A população de Pirajú soube render o devido culto aos bravos soldados que souberam defender a Patria, morrendo por ella (...) Á esta solemnidade compareceram grande parte da população, os officiaes (p.2).

Na ocasião foi pronunciado um discurso:

> (...) nada mais sou, neste momento, que o porta-voz do sentimento geral, o interprete de um grande número de corações, ou, melhor, dos corações dos republicanos (p.2).

O discurso gira em torno de dois nomes: Moreira César e Tamarindo que morreram em Canudos. Eles são muito elogiados e engrandecidos; é contada em breves palavras suas histórias e por fim termina assim:

> Eternas são suas almas, e immortaes seus nomes ficaram (p.2).

Continua com o discurso em relação à necessidade de lutar e fazer justiça:

> Basta de prantos: as victimas clamam por mais alguma coisa que não as lagrimas; essa coisa – é – justiça. Façamo-la (p.2).

Entra em detalhes sobre a monarquia:

> Depois de longo recolhimento covarde, o velho phantasma ensaia uma exhibição. É necessario abate-lo, de vez: custe o que custar, pereça quem

> perecer. A morte desses bravos veio arrancar a mascara dos inimigos da Republica (...) A lucta está aberta. Luctemos (p.2).

E por fim termina o discurso com esse chamado para a luta.

14-04-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

BAHIA, 12: Telegrama:

> Pessoas chegadas de Queimadas dizem que o simulacro de ataque realisado ha dias alli produziu-lhes a melhor impressão acerca da disciplina das forças alli acampadas (p.1).

Informa pormenores desse exercício, elogiando os soldados e dá algumas informações de como serão organizados alguns dos batalhões para o ataque próximo .

ξ **"REVISTA DOS ESTADOS ":**

BAHIA: Notícias acerca das exequias realizadas "por alma do hèroes de Canudos". Em específico no *Aratuhibe* de 22 de março são narrados milagres do CONSELHEIRO: "Os milagres do *Conselheiro* já vão sendo utilisados com proveito". Há duas narrativas de milagres em que o Conselheiro é tratado como santo e em uma delas um doente é curado por beber água misturada com cinzas de um pedaço de um dos mantos do Conselheiro e na outra uma mãe passa a dar leite por ter se apegado ao santo (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 13: Nomeação de oficiais (p.2).

15-04-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO":** Notícia do jornal de *"O Trabalho"*, jornal da cidade de Penedo em Alagoas sobre os voluntários que vão a Canudos para prestar auxílios, levando-lhe mantimentos em geral, armamento, dinheiro e a sua própria vida também, pois muitos se oferecem para ficar em Canudos para a guerra vindoura:

> Dizem do sertão que o voluntariado às fileiras insurrectas é enorme (...) O enthusiasmo pela causa conselheirista não arrefeceu (...) A crença daquelle povo na santidade e milagres de Antonio Conselheiro é uma coisa etraordinaria. Quem, por exemplo, tivesse a loucura de contestar os factos que estão arraigados na mente daquella gente ou negasse a divindade de Antonio Conselheiro, seria immediatamente confiscado e morto (p.1).

ξ **"O COMBATE EM CANUDOS": C**arta de Manuel Benicio, correspondente do *"Jornal do Commercio"*, em que dá a relação de mortos em combate no dia 3 de março; a carta foi dirigida de Queimadas no dia 5 do mês corrente (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 14: "Consta que uma brigada da expedição commandada pelo general Arthur Oscar já se acha em Monte Santo" (p.2).

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA":**

AINDA A PROPOSITO DA PESTE BUBONICA: A HISTORIA DA DESCOBERTA DO SÉRUM ANTI-PESTOSO: Descobertas acerca disso foram retiradas dos *"Annaes do Instituto Pasteur"* e da de uma comunicação do Dr. Roux na "Academia de Medicina de Pariz" (págs.2 e 3).

16-04-1897

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"**– Sobre o deslocamento de batalhões rumo à Bahia (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 15: Foram considerados extraviados dois oficiais de guerra que tomaram parte no combate em Canudos (p.2).

17-04-1897

O jornal não circulou nesta data.

18-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 17: Informa a reunião que será feita com a comissão de investigação a respeito dos oficiais que tomaram parte no combate em Canudos (p.1).

19-04-1897

ξ **"OS SUCESSOS DA BAHIA"**– Telegrama do Pará que trata das cartas que o general Solon está publicando na *"Provincia do Pará"* sobre os sucessos da Bahia, publicado pelo *Jornal do Commercio*.

> Disse o general que todo o interior da Bahia está dominado pela população fanatisada por Antonio Conselheiro, tendo os inimigos da Republica aproveitado essa cirscumstancia, não com o intuito de proclamarem a monarchia, mas com o de desmoralisarem a republica (...)Acha a expedição de 5.000 homens sufficiente para derrotar Conselheiro e implantar o regimen da ordem e da legalidade no interior da Bahia (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÕES"**– Dá mais detalhes acerca da sessão que será realizada pela comissõa de investigação de alguns oficiais que atuaram em Canudos (p.1).

20-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 19:

> Correu o boato de um desastre soffrido pelas forças que estão em Monte Santo. Sei, porém, que não tem fundamento algum. –Reuniu-se o conselho de investigação do desastre de Canudos. Depois de interrogarem os officiaes que estão nesta capital, os membros do conselho seguirão para a Bahia (p.2).

21-04-1897

ξ **"INSTITUTO HISTÓRICO"**– Noticia que na segunda sessão ordinária do mês foi lido um "officio do Instituto Geographico e Historico da Bahia" em há a "apresentação de pesar pela morte de Moreira Cèsar" (p.2).

22-04-1897

ξ **"ANTONIO CONSELHEIRO"**– Trata-se de uma notícia que já foi publicada no jornal (em 10-04-1897), e se apresenta sem modificações ou alterações, versa sobre o depoimento de Luiz (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Republica"*:** Publicação do "*Diario da Bahia"* que informa que o Conselheiro tem construído barricadas e trincheiras "em todos os pontos estratègicos do seu reducto" e também noticia deslocamento de oficiais na Bahia (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"**–Noticia que a comissão de investigação dos acontecimentos da Bahia está decidida realizar reuniões diárias. Noticia, também, que duas mulheres evadidas de Canudos foram presas e prestaram depoimentos. E, informa, que por telegramas já se sabe que "principiou a mobilisação da divisão do general Savaget, na Bahia" (p.1).

23-04-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Noticia que mais tropas estão sendo aguardadas e a guerra contra os "fanáticos", provavelmente, não ocorrerá dentro de dois meses (p.1).

ξ ***"Republica"***– Informações acerca de telegrama do ministro da guerra questionando procedimentos de um oficial, a partir de denúncias da imprensa. Esse ministro também dirigiu comunicado ao general Solon pedindo informações acerca de uma matéria, acerca de Canudos, publicada com seu nome em um jornal (p.1).

ξ **"OS FACTOS DA BAHIA"**– Carta do correspondente especial do *"Jornal do Commercio"* a este jornal:

QUEIMADAS, 12 de abril: Trata-se de uma entrevista de Manoel Benicio com um homem chamado Manoel Pequeno em que este fez perguntas acerca dos últimos acontecimentos em Canudos, do combate e da morte de Moreira Cesar. Esta carta está organizada em forma de narrativa e há uma riqueza de detalhes; diferentemente das outras publicações nela aparece a visão de um sertanejo que dá voz aos conselheiristas e aos soldados, apresentando a situação da guerra do ponto de vista do sertão:

> – Para que lado é este Bello Monte, indaguei-lhe. – Bello Monte é o nome que o conselheiro e sua gente dão a Canudos (...) Os homens vinham mesmo cansados e com fome. Pediram de comer e o pouco que havia dei-lhes. Sube então que o coronel tinha morrido e o mais (...) Todo o resto da noite chegou gente. Quando raiou o dia tudo se foi e vieram novos (...) – Elles são então homens mais ou menos limpos, de bôa presença? – Qual, meu senhor. Tudo é uma cabroeira desconforme. Daquillo não se aproveita nada. Ha cada pedaço de negrão que vae longe. Cada um que anda mais debaixo do cangaço (cheio de armas) (p. 1 e 2).

O Manoel Pequeno conta que os "jagunços" chegaram em sua venda procurando pelos soldados e a partir dessa parte da narrativa, de certo modo, é dada voz aos conselheiristas:

> – Então ha o que se beba?
>
> – Ha.
>
> – As imundicies (soldados) então não beberam tudo? (...)
>
> – Tu então vendes aos immundicies, me perguntou o tal Gangorra, ainda? (...) virei-me p'ra elles e disse: Homem vendi aos soldados como estou vendendo a v. v. Se eu não quizesse vender elles me tiravam à força, como podem v. v. também fazer. Eles chegaram em porção. São forças do governo.
>
> – Força não, fraqueza, atalhou-me o Gangorra (...)
>
> – O homem está fallando verdadeiro, ouvi eu dizer na roda, não se deve fazer mal a elle. Mas aonde estão estes *fardados*? (...) Os cabras ficaram ainda mais quatro dias em Cumbe (...)
>
> – Quantos eram os que appareceram em Cumbe, seu Manoel Pequeno?
>
> – Trinta e seis.
>
> – E os soldados que passaram lá?
>
> – Hi! Isto passáram ás centenas (...)
>
> – Antes do mais, me explique como é o typo que atirou em Moreira Cesar e como se chama? (...) O feitio delle é de um sujeito assim do tópe de v. s. e menos gordo. É de casta do *Sararas* (aças). Elle contou que estava preso na

> cadeia de Monte Santos e mais três, quando o coronel lá chegou. Foi levado á presença do *corta-pescoço*, como se appellidava ao coronel (p.2).

Nessa etapa da narrativa, o Manoel Pequeno conta a partir das palavras de Pajehú como se deu a morte de Moreira Cesar que negociou com o sujeito citado acima uma visita deste sertanejo a Canudos em troca da sua liberdade, para isso o Moreira César indagou-lhe se ele era conselheirista e ele afirmou que não e o coronel, ingenuamente, acreditou e financiou a viagem dele a Canudos. Ele chegou a Canudos e informou os sertanejos sobre como se organizava as tropas, como eram os tipos de fardas e ficou incumbido de matar o coronel. Assim, os conselheiristas se organizaram e estrategicamente para essa nova batalha. Cito o trecho em que o "homem que matou Moreira Cesar tramita sua morte", possivelmente, com o Conselheiro:

> (...) Depois perguntou-me se eu conhecia o *corta-pescoço*. Respondi que sim. Vae o nosso pae e então me diz: você fica encarregado de arrumar uma carga de bacamarte no amaldiçoado. Não se importe com os outros. Tome conta delle e vare-o de meio a meio. Recommende a todos que apontem sómente nos graudos da tropa que trazem riscos na manga (...) O homem ficou mesmo de peito para nós como uma pomba verdadeira. Tirou uns oculos grandes(binoculo) e segurando-o com as duas mãos, largando a redea no pescoço do cavallo, olhou...olhou...Eu vi tudo por um buraco da cerca. Pajehú também olhava. Ageitei a espingarda e papoquei fogo. O homem torceu-se, deixando cahir os óculos e Pajehú *estralou* fogo no cavallo que virou logo do outro lado (p.2).

24-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 23: Notícias de tropas que seguem à Bahia e de interrogatório que será realizado pelo conselho de investigação de Canudos a oficiais (p.2).

25-04-1897

ξ **"JORNAES DO RIO"**

***"Gazeta de Noticias"*:** "Do seu correspondente na Bahia teve o telegramma seguinte publicado sob a ephigrafe CANUDOS – *De Cumbé á Capital*." Trata-se uma matéria publicada na Bahia, no dia 22, no *"Jornal de Noticias"*. Há diversos pormenores de como Canudos está organizado e, também, relata-se a morte de Moreira César a partir do ponto de vista do "assassino". Tambèm informa-se que Monte Santo está abandonada pelos civis, tendo se tornado uma vila militar. Boa parte desse texto cita a carta de Manoel Benício que acima citamos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":** Nomeação e promoção de oficiaes (p.2).

26-04-1897

ξ **"AGRICULTURA":**

"O ENSINO DE AGRICULTURA":

> Os esforços de uma paiz para desenvolver a sua produção agrícola, redundam em beneficio do povo e prosperidade e felicidade da patria (...) Fazem parte importante dos programmas e ensino agrícola, a chimica, a applicação de toda a sorte de adubos, a analyse destes e de varias substancias vegetaes, o estudo das enfermidades das plantas (..) Oxalá que o nosso governo estadoal e os das camaras municipaes se inspirem nestes exemplos dos Estados-Unidos e procurem estabelecer o ensino agricola entre nós, promovendo ao mesmo tempo o gosto pela agricultura e o desenvolvimento desta. Pelo ensino da agricultura pôde-se conseguir muito mais no sentido de desenvolvel-a do que por meio de emprestimos de dinheiro a juros modicos (p.1).

27-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 26 (3): Nomeação de oficiais e deslocamento de oficiais. Interrogatório com oficial do Exército sobre os insucessos da expedição Moreira Cesar. Disponibilização de transporte aos muitos voluntários que se dispuseram a seguir a Canudos (p.1 e 2).

BAHIA, 26: Deslocamento de tropas do general Savaget (p.2).

28-04-1897

ξ **"OS JORNAES DO RIO"**

***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama: **Bahia, 25:** Disponibilização de voluntariado:

> Para defender seu governo e sustentar as instituições republicanas, o R. São Francisco irá em peso (p.1).

Bahia, 25: Mensagem acerca dos batalhões que deverão seguir à Bahia somente após as ordens do general Arthur Oscar (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS"**

"RIO, 27" (2 telegramas relevantes): (10 h. 20 m.n.) Menciona a chegada do general Savaget em Aracajö, recebida "com as honras devidas ao seu posto", em que "o governador do estado e todas as auctoridades foram recebe-lo". Savaget faz um apelo ao "brio" dos soldados para a defesa da Repöblica. Tambèm há informações que Conselheiro recebeu grande reforço de Itabaianinha e Furada. O outro telegrama se refere à nomeação de oficiais e anúncio de futura homenagem aos que morreram em Canudos (p.2).

30-04-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

"ARACAJÚ, 29": Tomada de providências para o sustento dos batalhões e deslocamento de tropas (p.2).

01-04-1897 e 02-04-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

03-05-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 02: Realização de festa beneficente às viúvas e órfãos dos oficiais mortos em Canudos (p.2).

04-05-1897

ξ **"ESTUDO DE HYGIENE"** (notícia destaque, é publicada onde se publicam os folhetins) – Condições sanitárias da capital federal; trata também de questões da natureza como vegetação e lençóis freáticos (p.1).

ξ **UM POUCO DE SCIENCIA:**

A ILHA DE CRETA : Apresentação de características físicas, climáticas, população, costumes, questão da privilegiada localização que gera cobiça em muitos outros países, entre outras (p.1 e 2).

05-05-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Notícia sobre deslocamento de tropas "contra os fanáticos" e sobre recuperação de oficial ainda debilitado por conta do combate em Canudos (p.1).

06-05-1897

(Composto por seis páginas)

ξ **"SUCCESSOS DA BAHIA":** Trata-se de um artigo que não noticia nenhum novo acontecimento; essa matéria procura sintetizar os acontecimentos no sertão da Bahia e o

temor que eles causaram e ainda causam, também procura levantar argumentos em favor da exterminação do arraial, sendo que o mais relevante deles é a questão da restauração e a necessidade de salvar a República. Isso não soa como novidade, mas a diferença desse texto para os demais publicados no jornal analisado são as alusões a questões de civilização, ligadas ao banditismo e à ignorância dos sertanejos, segundo a opinião do redator do texto, em confronto com a legalidade e civilização dos republicanos. Nesse texto, também, fica clara a noção de superioridade do Exército em relação aos conselheiristas, em que o redator acredita que a derrota da terceira expedição não ocorreu por conta da superioridade numérica e outras qualidades que os sertanejos tinham, como o conhecimento do terreno, a coragem e o heroísmo; ele acredita que as forças do governo não obteviveram vitória exclusivamente pela morte do coronel Moreira César que desestabilizou as tropas.

> (...) o desastre de Canudos tornou-se notavel pela sensação aggravada pela supposição de que os revoltosos do sertão da Bahia não são simplesmente impulsionados pelo fanatismo religioso, mas também instrumentos dos que ainda sonham com a restauração da monarchia (...) A alma nacional, assim ferida, vibra forte, e de toda a parte foram enviadas ao governo innumeras manifestações, affirmando a solidariedade patriotica na defeza da Republica (...) já em collectividades, já isoladamente, os cidadãos se offereciam pressurosamente, para ir combater os revoltosos (...) O exame reflectido dos factos produz a crença de que o insuccesso de Canudos se deu, não porque os revoltosos dispuzessem de elementos capazes de resistir e repellir o ataque, mas porque as forças legaes, quando já se achavam dentro da povoação, que seria tomada e vencida, tiveram a infelicidade de perder o valente chefe (...) O desastre augmentou a força moral dos revoltosos e os reccursos materiaes para a lucta. Não obstante, a causa da legalidade e da civilisação em breve vencerá a ignorancia e o banditismo (...) Dentro em pouco a divisão do exercito ao mando do general Arthur Oscar, destroçará os que alli estão envergonhando a nossa civilisação (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 5: Noticia que boatos acerca da morte de alguns oficiais no interior da Bahia causou a baixa do cambio; o boato è negado, mas informam que "a situação das forças naquelle estado não è bôa" (p.2).

ξ **"OS SUCCESSOS DA BAHIA":** discurso do general Savaget às suas tropas enviado ao *Jornal do Commercio* por seu correspondente em Aracajú. Alguns trechos:

> [...] a tarefa que nos está commettida, de debellar a horda de criminosos fanaticos que infestam aquellas longinquas terras, é operação da natureza daquellas que tanto têm de árduas quanto de patrioticas (...) appello para todos os camaradas da segunda columna, á qual tenho a honra de dirigir nesta cruzada que hora emprehendemos contra os que ameaçam a ordem, a paz e a prosperidade da nossa patria, a não olharem difficuldades (págs.2 e 3).

ξ **"A TUBERCULOSE"**– Publicação da comunicação de um professor alemão sobre novas preparações de "tuberculina" (p.3).

ξ **"CURA DA FEBRE APHTO SA DOS ANIMAES"**– Descoberta de novo método na cura dessa doença (p.3).

ξ **"O ENSINO AGRICOLA N A CALIFORNIA"**– Estudo de questões importantes para o progresso da agricultura dos Estados Unidos (p.3).

ξ **“SECÇÃO LIVRE”:**

ξ **“FEBRE AMARELLA”: “O SERUM CALDAS E A CONFERENCIA EM PALACIO”:** Opinião do redator sobre o assunto da conferência:

> É preciso que se saiba que em sciencia medica não é buscado em principios de observação confirmada, cahe no terreno hypotheses, e ninguem tem o direito de querer impôr um systema novo de tratamento, sem dados solidos de longos estudos e meios seguros no assumpto que investiga, ou pelo menos, com as garantias legaes (p.3).

07-05-1897

ξ **“JORNAES DO RIO”:**

***“Gazeta de Noticias”*:** Telegrama do seu correspondente em Aracajú acerca do telegrama de Simão Dias ao presidente sobre os reforços enviados ao Conselheiro de Itabaianinha e Furada; são utilizadas termos bem expressivos em relação ao fato: “Furada è um covil de assassinos (...) que é o braço forte de Antonio Conselheiro” (p.1).

ξ **“A FEBRE APHTOSA DOS ANIMAES”**– Questões acerca do tratamento, métodos, etc (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 6: Informação acerca do reforço de 300 homens enviados de Furada à Conselheiro (p.2).

RIO, 6: Conferência entre o presidente e os “ministros da guerra e marinha e o da fazenda” acerca da situação financeira e a questão de Canudos (p.2). **Rio, 6:** As forças comandadas pelo general Arthur Oscar encontram-se em Monte Santo e esperam novas ordens para prosseguirem a marcha a Canudos. Foram ouvidos mais dois oficiais pela comissão de investigação da derrota em Canudos (p.2).

08-05-1897

ξ **“O SERO ANTI-AMARILLICO”**– publicado pela *“Gazeta de Noticias”* (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 7: Conferência entre o ministro da fazenda e o Dr. Affonso Penna que teve como assunto geral a economia do país. Houve alusões a Canudos e “boatos alarmantes sobre a expedição de Canudos”. Esses boatos giram em torno de uma derrota das forças que já foram enviadas, mas no jornal é afirmado que são apenas boatos. Também, há informações que entre os comandantes das tropas não há harmonia (p.2).

09-05-1897

- ξ **"SUCCESSOS DA BAHIA"**– Publicação da *Republica* de Fortaleza; trata-se de discurso de Durval Vieira de Aguiar sobre Monte Santo. Há informações acerca do surgimento da vila com detalhes e há, também, informações acerca das características físicas (geografia) do local, culturais e econômicas. EM nenhum momento se faz alusão às campanhas contra Canudos (p.1).

- ξ **"ESTUDOS DE HYGIENE: II"**– Sobre estudos e pesquisas em relação a causas e o estado de saúde do Rio de Janeiro (p.1).

10-05-1897

- ξ **"INSTITUTO AGRONOMICO DE S. PAULO"**– Citação de trechos da publicação da *Revista Insdustrial*, de Minas Gerais, acerca de diversos aspectos da questão agrícola em São Paulo, desde a cultura do café à química agrícola, por exemplo (p.1).

11-05-1897

- ξ **"CRÔNICA DE LETTRAS"**– Sobre a inauguração da estátua de José de Alencar; o discurso de O. Bilac e a Academia Brasileira de Letras. Relativo a Canudos, no fim do seu texto, o redator V. M. relaciona o atraso da inauguração da academia, também, por conta de Canudos: "

> Consta-me que pelos estatutos a abertura dos nossos trabalhos é em maio. Em maio estamos e ouço dizer que se vae adiar indefinidamente a inauguração da Academia por causa de...Canudos. Isto não é sério. Sinto-me muito pouco medalhão ainda, graças a Deus (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 10: nomeação de oficiais (p.2).

12-05-1897

- ξ **"O SERUM CALDAS"** – Medidas do governo para a verificação do resultado das experiências do sérum anti-amarilico produzido pelo Dr. Caldas (p.1).

- ξ **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 11: Nomeação de oficiais (p.2).

13-05-1897

ξ **"13 DE MAIO"**– Trata-se de um artigo que considera essa data importante para os republicanos, já que a abolição da escravatura coroou a proclamação da República e foi uma das primeiras bandeiras levantadas contra os antigos costumes da monarquia. O autor se limita a esses argumentos para exaltar a importância do dia 13 de maio para os brasileiros, em nenhum momento ele considera que a abolição da escravatura foi importante porque deu liberdade aos negros, cidadãos brasileiros.

> Foi no seio agitado e brilahnte da campanha abolicionista que se retemperaram e se apparelharam as forças republicanas (...) A solução do problema do elemento servil estava no nosso programa: attingimos a liberdade politica – logicamente – atravéz da liberdade civil. E quando conquistada esta última, graças á mais bela bella das luctas, a opinião publica, afinal definitivamente organisada entre nós, adquiriu consciência do proprio poder, tounou-se claramente comprehensivel que a victoria alcançada se traduzia apenas num progredir para um objetivo mais amplo (...) A proclamação da Republica era o coroamento indispensavel daquelle movimento civilisador (...) é hoje o anniversario da nossa incorporação definitiva á civilisação moderna" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 12: nomeação de oficiais (p.2).

14-05-1897

ξ **"O SÔRO CALDAS"**– Relata sobre o surgimento do soro contra a febre amarela e os sacrifícios realizados pelo Dr. Caldas para o sucesso desse empreendimento. Ocorre que foi obrigatório submeter esse soro à análise de bacteriólogos em S. Paulo. Enfim, houve interesses no soro no Rio de Janeiro e sem os resultados o soro não poderia ser utilizado. Os bacteriologistas mesmo com os resultados calaram a informação de modo a prejudicar o Dr. Caldas e a utilização do seu soro em outros projetos (p.1).

ξ **"A VACCINA CONTRA A PESTE"**– Experiências contra a peste em Bombaim (p.2).

ξ **"SECÇÃO LIVRE":**

"SERUM CALDAS": Conferência em que o Dr. Caldas expõe seus estudos e descobertas (p.2 e 3).

"FEBRE AMARELLA": "O SERUM CALDAS E A CONFERENCIA EM PALACIO": Trata-se de uma forte crítica ao uso do medicamento desenvolvido Pelo Dr. Caldas em que o redator argumenta que não foram feitas experiências suficientes e comprobatórias da eficácia desse soro. Também há uma crítica séria à imprensa que se envolveu com o assunto, opinando em favor de algo que desconhece, segundo o autor.

> Continúa a imprensa profana a insistir na applicação do serum Caldas em doentes dos hospitaes do governo. Questões difficeis, melindrosas que só podem ser resolvidas no silencio do gabinete de trabalho com observações sérias de profissionais competentes, quer a nossa imprensa com a facilidade

> que são apanhadas as notas de reporter, resolver de prompto. Não tendo auctoridade scientifica, vae buscar a do corpo sanitario da Capital Federal e do Estado do Rio de Janeiro (...) Empreguem-se medicamentos novos, mas de accôrdo com o raciocinio e a experimentação e nunca baseados exclusivamente na hypothese, a qual não se deve aproveitar quando se tracta de sciencia experimental. Dr. Galvão Bueno (p.3).

15-05-1897

- **"O SÔRO CALDAS"**– Carta do Dr. Adolpho Lutz, diretor do laboratório bacteriológico ao jornal, pedindo a publicação de resposta aos ataques sofridos por conta da questão do soro Caldas:"Espero da sua imparcialidade a fineza de publicar a seguinte reposta nos diversos ataques feitos ao instituto bacteriologico pela imprensa desta capital. Os amigos do Dr. Caldas continuam a sua propaganda por meio de artigos anonymos. Não julgo isso um procedimento correcto para tractar de questões scientificas e não entrarei mais em discussões com pessôas, já bastante caracterisadas por este modo de proceder (...) A efficacia do sérum pode só ser decidida por observação demorada e criteriosa por homens que vêm nisso uma questão de sciencia e não de patriotismo. Este último, em nossa opinião, consiste em não ridicularisar a *nossa patria commum* por meio de trabalhos que não têm de sério e apenas são caricaturas de investigações scientificas" (p.1).

- **"JORNAES DO RIO":**

  ***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama:

  BAHIA, 13: "Operações de guerra": título da publicação do capitão Julio Martins no *"Jornal de Noticias"* em que este faz sérias críticas a um oficial da coluna de Savaget (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  BAHIA, 14: Chegada de tropas em Queimadas (p.2).

- **"SECÇÃO LIVRE":**

  "A FEBRE AMARELLA": "O SERUM CALDAS": "– Resposta de membro do instituto bacteriológico em relação às críticas publicadas neste jornal que acusavam o instituto de indisciplina (p.2).

16-05-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 15: Noticia a campanha que "esmolará" nas ruas da capital em favor das famílias das vítimas do desastre em Canudos (p.2).

17-05-1897

- **"SECRETARIA DA AGRICULTURA":** Relatório do Secretário da Agricultura acerca de diversos assuntos relativos ao tema, como o desenvolvimento da agricultura brasileira, medidas a serem tomadas quanto ao transporte, entre outros (p.1).

- **"JORNAES DO RIO":**

  ***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama acerca da partida do general Arthur Oscar a Monte Santo, onde se juntará a grande parte das tropas que ali já está instalada (p.1).

- **"NOTAS E INFORMAÇÕES":** Formação, na Bahia, de conselho de investigação das expedições de Moreira César. Deslocamento de tropas contra os canudenses em Sergipe (p.1).

18-05-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 17: Exoneração do cargo de ministro da guerra o general Argollo, substituído pelo marechal Carlos Machado Bittencourt (p.2).

  BAHIA, 17: chegada de Arthur Oscar em Monte Santo; as operações contra Canudos devem começar em breve (p.2).

19-05-1897

- **"INDUSTRIAS"**– Questões relativas ao crescimento da indústria brasileira:

> O Brasil não chegou ainda á phase da insdustria, porque não baste ter certas industrias em grande adiantamento, rivalisando com as do velho mundo, para ser um paiz industrial. Esse progresso, de que muitas vezes no envaidecemos, é ficticio: representa o resultado de uma serie de circumstancias fortuitas – facilidade de capitães, largueza de credito e proteção de tarifas, entre outras. Não é um progresso solido; quando muito póde constituir riqueza para meia duzia de homens, nunca, porém, para o paiz (p.1).

20-05-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 19: Boatos de que as forças do Exército encontraram com conselheiristas (p.2).

21-05-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 20 (2): Segundo o redator, os boatos parecem não ter sentido e somente dentro de cerca de 10 dias haverá notícias do sertão. Houve recomendação do governo para o início da batalha em breve; esta ainda não iniciou, pois aguardam as tropas de Savaget que marcham do Sergipe em direção ao "reducto do inimigo". Conferência entre diversos ministros e o presidente da república referente a Canudos (p.2).

BAHIA, 20: Boatos de que diversos soldados desertaram em Queimadas (p.2).

22-05-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":** Em relação às operações militares no sertão esta folha informa de que nada ainda ocorreu, ou seja, as operações ainda não iniciaram, mas dentro de quinze dias tudo estará resolvido. O redator mostra confiança no êxito das forças do governo nos próximos dias (p.1).

23-05-1897

ξ **TELEGRAMMAS:**

Rio, 22: no jornal *A Noticia* foi publicado o motivo da deserção e do ataque ao seu superior por parte de mais de cem praças da polícia; o motivo é o fato de terem sido contratadas para servirem na capital e não em Canudos (p.1).

24-05-1897

ξ **"UM POUCO DE SCIENCIA":**

"A CAPACIDADE INTELECTUAL DA MULHER": Interesse por parte dos pesquisadores por esse assunto; é necessário para conhecer a inteligência da mulher é preciso estudar seu cérebro em comparação ao do homem. São citados vários estudos e opiniões de anatomistas e de modo geral esses estudos entendem que o cérebro de um homem é melhor desenvolvido do que o da mulher por conta do seu peso e tamanho; isso ocorreu em qualquer parte em que estudaram isso.

> Outro anatomista verifica uma grande diferença entre o cérebro do homem e o da mulher; nota, porém, que quanto mais é a raça civilisada, mais essa diferença acentúa-se (p.2).

ξ **"A AGRICULTURA BRASILEIRA"**– Discussão acerca de diversos aspectos da agricultura brasileira, entre eles a necessidade de instrução e de conhecimento da agricultura do país (p.2).

25-05-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 24 (3): Deslocamento do oficial Cantuaria rumo à Bahia. Em conferência entre oficiais e membros do governo houve a decisão de esperar o general Cantuaria para tomar decisões quanto ao ataque a Canudos; a previsão do início da batalha é o dia 15 de junho, pois este é a previsão para as tropas de Savaget chegarem ao local combinado (p.2).

26-05-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

27-05-1897

ξ **“NOTAS E INFORMAÇÄES”:** Deslocamento de tropas em Sergipe; boato a respeito de uma possível fuga de Conselheiro do arraial; estimativa de chegarem a Canudos até 17 de junho; deslocamento de tropas na Bahia (p.1).

28-05-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 27: Deslocamento de tropas e estimativa da chegada do general Cantuaria na Bahia (p.2).

29-05-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

30-05-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 29: Pedido de verba para as forças que operam no sertão (p.2).

31-05-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Thomaz Jefferson trata da questão de Canudos e opina que os restauradores auxiliam os canudenses não por solidariedade, mas para perturbar a paz do regime republicano (p.1).

ξ **"O SAL NA AGRICULTUR A"**– Sobre experiências com o sal para auxiliar a atividade agrícola (p.2).

01-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 31: Reunião entre altas patentes do Exército (p.2).

02-06-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

03-06-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Thomaz Jefferson publicou mais uma *nota republicana* e o tema Canudos foi alvo de discussão, em que ele considerou ser um acidente na vida da Repöblica; ele faz uma ligação entre a política restauradora e todas as "greves", "sedições" e "revoltas" que ocorreram no país (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 2 (2): Noticia que os "revoltosos" estão fugindo. No segundo telegrama informa que o presidente da República não recebeu quaisquer notícias, mas o correspondente garante que um ministro recebera as informações acerca da fuga dos "revoltosos" de Canudos (p.2).

04-06-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

05-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 4 (3): Expectativa de os batalhões do general Arthur Oscar se encontrarem em Canudos; aguardam notícias. O segundo telegrama noticia que houve confronto próximo a Canudos com mortes, prisões e apreensão de carga destinada a Canudos; o governo ainda não anunciou oficialmente nenhuma dessas ações, mas o correspondente do jornal afirma que sabe que houveram. Terceiro telegrama diz respeito a uma publicação do *"Diario Official"* de Sergipe sobre o deslocamento dos batalhões rumo a Canudos, sobre a apreensão de cargas que estavam destinadas aos conselheiristas e sobre Canudos estar praticamente sitiada (p.2).

06-06-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

07-06-1897

ξ **"OS PREDECESSORES DO CONSELHEIRO"**– Publicação do jornal *"Republica"* do Ceará que conta a história de dois irmãos que precederam Conselheiro em profetizar ao povo o sebastianismo e diversas profecias.

> O famigerado, que presentemente tem trazido em alvoroço as populações do interior do Estado da Bahia, tem na nossa historia dois predecessores não menos abominaveis, e que, como elle, exploraram, a credulidade dos povos dizendo-se 'prophetas'(...) chegando em principios de maio de 1838 e dizendo que apparecera o rei do reino encantado, o qual promettia a vinda de d. Sebastião, com numeroso exercito, para mudar em branca a côr escura dos naturaes do paiz e tornar a todos felizes, mas que, para se conseguir tal resultado, era preciso degolar grande numero de homens, mulheres e crianças que haviam de resuscitar (p.1).

Continua a história narrando o sacrifício de dezenas de adultos e crianças. Esse texto teve o objetivo de comparar o Conselheiro a dois assassinos que não sabemos ao certo a origem e a veracidade das informações acerca deles e dos seus seguidores. Observamos, também, que essa notícia trata do tema "raça", em que há uma promessa de transformação do país em uma raça branca e isso estaria ligado com a felicidade; isso está ligado a uma necessidade do país possuir a feição europeia branca e dita civilizada.

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 6: Informação de que ainda não há notícias de Canudos (p.2).

ξ **"Horto Botanico ou Jardim de Experiências"**– Artigo sobre a cultura do solo, florestal e agrícola (p.2).

08-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 7: O ministro da guerra disse ainda não ter notícias de Canudos (p.1).

Na mesma data, há outros telegramas que reportam que, oficialmente, se esperam notícias de Canudos a partir do dia 20 do mês corrente, mas o correspondente acredita que essas notícias chegaram até o dia 12, pois há diversos boatos de que Canudos teria sido tomado após forte luta (p.2).

09-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 8: Diversos telegramas informando que são travados discussões e boatos acerca de Canudos, na Rua do Ouvidor, capital federal. Há expectativas, mas ainda não há notícia oficial acerca dos acontecimentos no sertão (p.2).

10-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 9: Vários telegramas em que o ministro da guerra desmente o boato acerca de um ataque a Canudos, mostrando um telegrama do general Arthur Oscar, datado do dia 7 do mês corrente, em que não há essa informação. Também, houve uma declaração oficial do governo afirmando que as forças ainda não chegaram a Canudos e não houve combate contra os canudenses. Há notícias da comissão de investigação acerca do insucesso da terceira expedição e ficou averiguado que os principais responsáveis são os diversos oficiais incumbidos da missão, inclusive Moreira César, e o ministro da guerra de então (p.2).

ξ **RECIFE, 9:** "As noticias duvidosas que têm ocorrido a respeito da occupação de Canudos por forças do governo impressiona muito, desde hontem, o espirito publico. Há verdadeira anciedade na população por noticias exactas" (p.2).

11-06-1897

ξ **"A FEBRE AMARELLA":** Telegrama de Montevideo, do dia 10, em que há a informação que o dr. Sanarelli apresentou ao mundo a descoberta do micróbio causador da febre amarela (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 10. Vários telegramas em que há ataque pelo sr. João de Siqueira ao governador da Bahia, acerca da situação de Canudos; aquele acusa o governador de conivência com os "fanáticos", pois ele deveria saber desde 1893 da verdadeira situação do sertão. Há

informações sobre a inauguração de linhas telegráficas em Monte Santo e Queimadas, o que facilitará a comunicação acerca das operações contra Canudos. Arthur Oscar comunica que nada houve de anormal e o governo espera que a situação em Canudos esteja resolvida até dia 17 de junho (p.2).

12-06-1897

(Composto por seis páginas)

- **"A FEBRE AMARELLA"**– Telegrama de Montevideo, dia 11, sobre as reuniões no instituto do dr. Sanarelli, em que ele discorreu acerca de suas descobertas quanto ao micróbio da febre amarela (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  BAHIA, 11: Informa que nada consta sobre Canudos (p.3).

13-06-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 12: O correspondente informa que foi o plano de campanha enviado pelo telégrafo pelo general Arthur Oscar que, certamente, motivos os boatos acerca da tomada de Canudos (p.2).

  "ARACAJU, 12": Noticia que realmente são falsos os boatos acerca de confronto com canudenses, pois vários soldados que regressaram por motivo de doença informaram que os batalhões da coluna Savaget marcham em paz rumo a Canudos (p.2).

14-06-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 13: "Nada ainda sobre Canudos" (p.2).

15-06-1897

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 14: Vários telegramas em que desmentem novamente os boatos acerca de um ataque a Canudos e, também, noticiam que houve conferência ministerial acerca dos gastos com as operações em Canudos e o governo mostra-se insatisfeito com a demora das operações no sertão (p.2).

  BAHIA, 14: Há boatos de que o governo federal fará regressar, pelo Sergipe, as tropas contra Canudos (p.2).

16-06-1897

- **"A FEBRE AMARELLA E O DR. SANARELLI"** – Trata do sucesso que teve o encontro no instituto do dr. Sanarelli e a importância das suas pesquisas para a resolução de um grave problema sanitário na Amárica Central e do Sul (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 15: A expectativa é que as operações contra Canudos somente terminem no dia 20 (p.2).

17-06-1897

- **"A FEBRE AMARELLA E O DR. SANARELLI"** – Trata da pesquisa laboriosa do dr. Sanarelli e os seus resultados; há informações detalhadas sobre o micróbio causador da febre amarela, aspectos da doença, entre outras informações (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  "O COMBATE DE CANUDOS":

  "RIO, 16 (URGENTE)": Informa que os batalhões de Arthur Oscar iniciaram o ataque ao arraial de Canudos; essa informação foi obtida diretamente de Monte Santo e a expectativa é de que até o dia 21 do mês corrente as operações tenham terminado (p.2).

18-06-1897

- **"NOTAS POLITICAS":**

> Não vigora, nem vigorou jamais, no Brasil, o *militarismo* com todos os seus rigores e odiosos excessos. O que se nota é que as classes armadas da nação têm um grande amor pela Republica e perfeita consciencia da responsabilidade, que lhes coube, na proclamação do novo regimen (p.1).

- **"TELEGRAMMAS":**

  RIO, 17: O ministro da guerra confirma as posições dos soldados, mas o combate ainda não iniciou no sertão(p.2).

19-06-1897

- **" TELEGRAMMAS":**

  RIO, 18: O coronel Menezes não acredita que Monte Santo tenha sido feita como base de operações por Moreira Cesar (p.1).

20-06-1897

ξ **“ TELEGRAMMAS” :**

Rio, 19: Inspeção de batalhões que chegaram na Bahia (p.2).

21-06-1897

ξ **“A FEBRE AMARELLA”:**

“A CONFERENCIA DO PROFESSOR FREIRE”: Conferência na Faculdade de Medicina do Rio que versa a descoberta do professor Sanarelli (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 20: Telegrama do general Arthur Oscar ao governo anunciando que maior parte das tropas partiram de Monte Santo para atacar o arraial de Canudos; informa que as tropas estão nas melhores condições e bem preparadas para alcançarem sucesso (p.2).

22-06-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 21: Preparação de postos de socorro aos feridos em combate, em três localidades: na capital da Bahia, em Queimadas e em Monte Santo. Outro telegrama informando que somente dentro de seis ou sete dias haverá notícias de Canudos (p.1).

23-06-1897

ξ Nada de relevante à nossa pesquisa.

24-06-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 23: “As forças que marcham sobre Canudos resentem-se da falta de viveres (p.2).

25-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 24: Informa que ainda não há notícias sobre o ataque a Canudos (p.2).

26-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 25: Informa que ainda não há notícias de Canudos e anuncia que, segundo "bôa fonte", possivelmente, haverá notícias do dia 27 ao dia 29 (p.1).

27-06-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Gazeta de Noticias"*:** Telegrama do seu correspondente no estado da Bahia noticiando uma publicação do *Jornal de Noticias*. A publicação informa sobre a marcha dos soldados rumo a Canudos e noticia o encontro das forças do governo com os "jagunços" que demoliam e incendiavam casas e cercas; houve luta e os "conselheiristas" fugiram, ficando somente um de prisioneiro. Informa que as forças continuam sua marcha com grande entusiasmo (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 25: Vários telegramas: Em telegrama endereçado à sua esposa, o general Arthur Oscar informa que, durante a marcha das tropas a Canudos, houve um encontro destas com um grupo de "fanaticos"; "alguns conseguiram fugir dando vivas á monarchia e a Antonio Conselheiro" (p.2). Outros telegramas informam que os batalhões estão marchando, tanto aqueles comandados por Arthur Oscar como pelo Savaget. Há desconfiança de que os conselheiristas conseguiram pegar da comissão de melhoramentos do Rio São Francisco boa quantidade de dinamite. O governo promete à imprensa notícias de Canudos no dia 28 (p.2).

28-06-1897

ξ **"O MONISMO E A CONVERSÃO DE HAECKEL":**

> Ernesto Haeckel, o eminente naturalista que a contemporanea sciencia allemã considera como o papa do evolucionismo, levado aos seus extremos limites – e mesmo muito alem, – acaba de lançar profunda agitação nos espiritos philosophicos, com a sua conversão a uma nova crença, descoberta por elle, na qual se proclama a existencia de um laço entre a religião e a sciencia (p.2).

Assim se inicia um longo texto que explica detalhadamente como surgiu o monismo e quais são as suas características e a ligação de Haeckel com essa "religião".

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 27:Vários telegramas em que, basicamente, informam que ainda não há notícias de Canudos, mas que o general Cantuaria afirmou que o combate em Canudos já ocorreu e somente amanhã haverá notícias detalhadas acerca do assunto (p.2).

29-06-1897

ξ **"CANUDOS"**– Recebeu-se dois telegramas da Bahia o jornal *"Gazeta de Noticias"*:

BAHIA, 26: trata-se de um longo telegrama de quase uma coluna do jornal que foi expedido de Monte Santo no dia 22 e publicado no jornal no dia 26. Detalhadamente, há uma narrativa acerca do deslocamento das forças comandadas pelo general Arthur Oscar e o encontro delas com os conselheristas, como já havia sido noticiado, e há comentários acerca do Exército e de Canudos e do Conselheiro que, de certa forma, compunham a propaganda de legitimação do Exército e anti-conselheiristas:

> Deixo á imparcialidade da historia. Contudo tenho a felicidade de annunciar-vos que vamos encetar as nossas operações, que serão coroadas por uma victoria explendida, e da qual todos vós tereis orgulho, porque ella será a consequencia da resignação, da vossa bravura e do vosso patriotismo. O inimigo a quem combatemos, chefiado por Antonio Conselheiro, que não é um fanatico vulgar, é sobretudo um inimigo da Republica. Elle creou uma nova religião contraria á religião de nossos paes, que é a verdadeira religião de Christo. Isto é uma calamidade para os que cremos para os que cremos na religião que nossas mães nos ensinaram na infancia (p.1).

O segundo telegrama:

BAHIA, 27: Também foi outro telegrama longo, espedido de Monte Santo em 15 de junho. Nessa carta informam-se detalhes dos exercícios realizados pelos soldados ao serem preparados para combate. O oficial que o escreveu termina o texto com entusiasmo:

> Meu batalhão está prompto e satisfeito. Estou certo de que o batalhão se portará de modo a honrar a nossa terra (p.1).

Do *Correio de Noticias* há a informação de que as forças do governo romperiam, no dia seguinte, o ataque a Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 28: Informa que ainda não há notícias oficiais acerca do ataque ao arraial de Canudos. A expectativa é de que as noticias cheguem no próximo dia (p.2).

30-06-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 29: Dois telegramas que informam que ainda não há notícias de Canudos, o que preocupa os oficiais que temem que Antonio Conselheiro não tenha mais sido encontrado no arraial (p.2).

01-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

SANTOS, 30: Informa que às 16h30 o *Diario* afixou um telegrama que noticiava a vitória das forças do governo contra Canudos. Houve comemoração com fogos de artifício e vivas à República pela cidade (p.2).

RIO, 30: Vários telegramas em que se noticia a vitória completa do Exército contra Canudos, o que causou comemorações na cidade, mas a notícia não era oficial, ou seja, não se trata de uma comunicação do general Arthur Oscar. Foram enviados pedidos de confirmação da notícia, porém nada foi confirmado ainda (p.2).

02-07-1897

ξ **"PUBLICAÇÃO DE MANOEL BENICIO" (correspondente do *Jornal do Commercio*"**– Publicado na última coluna da primeira página e na primeira coluna da segunda página. Tudo o que foi publicado na primeira página estava cortado; foi possível recuperar apenas o que estava escrito na segunda página. Há pormenores do combate e informação acerca dos mortos e feridos (págs. 1 e 2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

CAMPINAS, 1: Comemoração pela "vitória" das forças do governo (p.2).

RIO, 30: Informação acerca do ferimento do general Savaget (p.2).

RIO, 1: Ainda não há informações oficiais; o ministro da guerra acredita que isso se deve a uma interrupção na linha telegráfica no sertão da Bahia (p.2).

03-07-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"JORNAL DO COMMERCIO"*:** Versa sobre o recebimento de diversas notícias e telegramas acerca da vitória completa em Canudos, mas nenhum desses pronunciamentos são de fato oficiais, ou seja, expedido pelo palácio do governo, a partir de telegrama do general Arthur Oscar (p.1).

***"O Paiz"*:** Também versa sobre telegramas e a confirmação doi *Jornal de Noticias* sobre a tomada do arraial de Canudos, porém faltam detalhes (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 2: Vários telegramas expedidos informando que ainda não há notícias oficiais acerca dos acontecimentos em Canudos, sendo que assim que houver novidades, será comunicado â imprensa:"Nada consta sobre detalhes do combate de Canudos atè o momento. Apenas ha uma vaga noticia de estarem as forças legaes de posse do arraial, por telegramma particular publicado no *"Diario de Noticias"* (p.2).

04-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 2: Após receber telegrama reservado e se reunir com o presidente, o ministro da guerra informou que ainda não há notícias oficiais para comunicar (p.1).

RIO, 3: Telegrama que informa que as forças do governo conseguiram ocupar posições vantajosas, bombardeando Canudos desde o dia 27 (p.1). Outro telegrama que informa que ainda não foi pronunciado nada sobre Canudos, mas que o governo tem notícias e, possivelmente, o ministro da guerra esteja redigindo seu pronunciamento sobre o assunto (p.2).

05-07-1897

ξ **"CANUDOS":** O jornal informa que ainda não recebeu notícias do seu correspondente e, portanto, essa seção trata-se de um resumo das notícias publicados nos "Jornaes do Rio".

"Paiz": **BAHIA, 3:** Oficialmente não há notícias e segundo o jornal:

> Á falta de informações positivas, formigam os boatos, desencontrados, apavorantes alguns e que por isso mesmo não nos merece fé, attento ao conhecimento que temos da organisação das forças em operações (p.1).

Segundo o jornal, a única fonte que se pode dar crédito é o *Jornal de Noticias* que afirma estarem vencidos e "desbaratos" os fanáticos em posição avançada e, assim, encontram-se em frente ao arraial bombardeando-o as forças do governo. Este jornal acrescenta:

> Acuados no seu antro, defendendo as suas posições com todos os recursos do desespero, produziram nas fileiras republicanas baixas em numero superior a 1.000 homens entre mortos e feridos (p.1).

ξ *"Gazeta de Noticias":* **BAHIA, 2:**

> A opinião pública está entre afflicta e apprehensiva por falta de noticias oficiaes sobre a victoria das forças contra Canudos e mostra-se receiosa de que não sejam exactas as noticias conhecidas da vitória completa das forças legaes (p.1).

ξ *"Jornal do Commercio":* Esse jornal não recebeu nenhum telegrama do seu correspondente e se refere, em seus comentários, às publicações da *"Gazeta"* e do *"Paiz"*. Em suma, cita algumas das informações publicadas nessas duas folhas e finaliza com seu comentário:

> A unica dificuldade que póde ter o general Arthur é a de escassez de munições de bocca, porque munições de guerra elle as tem com abundancia, pois nenhum elemento de utilidade ou necessario á campanha lhe foi poupado pelo governo (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 4: Diversos telegramas que informam que ainda não há notícias oficiais sobre Canudos, sendo que o próprio ministro da guerra garantiu a um jornalista isso. Há promessa de que assim que chegarem as notícias oficiais, essas serão pronunciadas à imprensa a fim de tranquilizar o "espírito pöblico" (p.2).

ξ **"REVISTAS DOS ESTADO S":**

BAHIA: Observações do boletim sanitário do mês de março informa que foram sepultados 453 cadáveres. Além dos 15 natimortos, haviam os mortos por moléstias como "tuberculose, impaludismo (febre), varíola, gastroenterite, lesão cardíaca, tètano infantil, bronchite, congestão cerebral, arterio-sclerose, nephrite, febre amarella" (p.2).

06-07-1897

ξ **"NOTAS POLITICAS":**

> Natural a predilecção com que quasi todos os homens publicos do Brasil estudam a historia da França. O Brasil está na America, a França na Europa; o Brasil é nação nova, a França muitas vezes secular; a republica na França é e ha de ser parlamentar e os organisadores da republica no Brasil preferiram o regimen presidencial; mas, ainda assim, o paiz que mais directamente nos governa é a França, pela sua língua (...) pelos seus livros, que sofregamente devoramos, e pelo profundo interesse com que nos deixamos ir, de espirito e de coração, na torrente impetuosa das suas transformações politicas. Não será lógico isto, será talvez perigoso; mas, não se contesta e, ao menos por emquanto, não tem remedio (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"O Paiz"*:** Buenos Aires, 4: Informação acerca do fornecimento de armas aos monarchistas por um comerciante argentino.

> Este negociante tem feito consecutivos despachos de armamentos e munições bellicas e agóra activa as remessas com destino a Santos e a Bahia, para servir a Antonio Conselheiro e seus chefes do Estado de S. Paulo (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 5: Vários telegramas: O primeiro é a notícia, pelo governador da Bahia, que as forças não iniciaram as operações por conta de uma grande enchente no rio Vasa -Barris. Na câmara houve discussões em que o governador da Bahia foi qualificado como "jagunço", porèm ele foi defendido por um compatriota que o qualificou como patriota e desafiou os inimigos dele a comprovarem documentalmente suas injurias. Também há notícias que tanto os canudenses como o Exército tiveram grandes baixas de mortos e feridos. Em Monte Santo chegou um oficial a mando do general Arthur Oscar em busca de mais munição. Esse oficial será questionado sobre os acontecimentos em Canudos e essas informações serão publicados no *"Diario Official"* (p.2).

ξ **"NOTICIAS DA BAHIA":**

RIO, 5: O "*Diario Official"* publicará no próximo dia as informações enviadas pelo coronel Medeiros que está em Monte Santo. Ele informou que:

> [...] as forças do commando do general Arthur Oscar, tem bombardeado Canudos desde a noite do dia 27 do mez passado, encontrando tenaz resistencia por parte dos fanaticos que estão bem armados e municiados, e encontrou bastantes diffculdades a superar pelo que até o dia 30 que de lá sahiu não tinha sido possível dar combate decisivo. Está, entretanto, já reunida aquella columna á do general Savaget (p.2).

07-07-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Gazeta de Noticias": Telegrama do seu correspondente: Bahia, 5: Boatos de que da serra de Itiuba pode se ouvir Canudos ser bombardeado. O jornal *Republicano* informa que os "jagunços" estão incomodando as forças e que "conselheiristas" atacaram a força policial que guardava o comboio, causando-lhe perdas (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 6: Noticia oficial de Arthur Oscar acerca dos ataques e bombardeios e de posição privilegiada que se encontram. Finaliza o telegrama assim:

> A força está muito animada apezar dos grandes sacrificios. Breve teremos victoria.

Outras notícias informam que foi pedido mais tropas para protegerem o acampamento em Monte Santo. Também foi enviada tropa para proteger os viveres que seguiam de

Monte Santo, mas encontraram com "fanaticos" e conseguiram seguir viagem carregando telegramas de Canudos (p.2).

08-07-1897

ξ **"CARTAS DO RIO"**– De autoria de "Orlando" essas cartas são publicadas quase todos os dias e tratam, em geral, da situação política que o país vivia na época. Essa carta, especificamente, aborda um tema que estava em voga e, em geral, giram em torno de uma oposição feita ao presidente da República. O redator procura criticar esse movimento com diversos argumentos em suas cartas e nessa publicação aparece a questão de Canudos como uma arma que a oposição ao presidente está utilizando; no caso essa oposição não é composta pelos monarquistas, mas sim por políticos da câmara que pertencem um grupo distinto do grupo do presidente. A questão, de certo, é bem mais complexa, mas nosso objetivo é focar como Canudos aparece nesse caso.

> Hoje, a ordem do dia, *durante a acta*, foi a questão de Canudos. A ausencia de noticias certas acerca das circumstancias em que se acham as forças legaes, os boatos de derrotas e de fugas, muito de industria propalados para diminuirem o prestigio do governo, não podiam deixar de provocar o fervoroso zelo dos srs. representantes da nação (...) Não ha noticias, nem particulares, nem officiaes; ha apenas boatos cuja origem ninguem é capaz de saber; mas para a opposição desde que os boatos são desegradaveis não só ao governo, mas a todo o paiz, que deseja ver terminado de um modo honroso para o exercito o caso de Canudos, elles são um excellente pretexto para os seus desabafos políticos (...) Os jagunços são hoje uma das grandes difficuldades para o governo da União, e como o grupo do sr. Glycerio não se organisou senão para combater o governo da União, bem idiota seria elle senão aproveitasse o elemento de desordem que lhes estão fornecendo os fanaticos do Vaza-Barris (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

SANTOS, 7: Informa que as notícias sobre Canudostêm impressionado a população (p.2).

ξ **"NOTICIAS DA BAHIA":**

RIO, 7: Diversos telegramas em que um deles informa que *A Noticia* recebeu um telegrama de um importante oficial que afirmou ter sido Canudos tomado e arrasado. Nos outros informam que o governador da Bahia recebei telegrama em que se afirmam que Canudos foi invadido e as forças do Exército já acamparam dentro do arraial e tropas saíram em perseguição dos "jagunços". Há a citação de vários jornais que noticiam basicamente as informações acima colocadas; são eles: *"A Noticia"*, *"Diario Official"* e *"Paiz"* (p.2).

09-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

SANTOS, 8: "Hoje, por motivo da victoria das forças legaes sobre Canudos, as repartições publicas estiveram embandeiradas (p.2).

RIO, 8: Vários telegramas: Publicação da *Republica*: Monte Santo, 8: mensagem do general Barbosa afirmando que foram poucas as perdas no combate e a vitória é certa. Publicação da *Noticia:*

> As forças legaes, com o denodo heroico dos soldados brasileiros, têm-se batido com os fanaticos, que luctam como feras na defesa do seu antro. Tem sido uma lucta de leões (...) A força soffreu fome (p.2).

Outros Telegramas: informam que o governo ainda não recebeu a notícia oficial, pelo general Arthur Oscar, da tomada de Canudos e somente anunciará esse fato quando tiver segurança. Há pormenores da situação e da batalha e, em suma, oficiais confirmam a invasão de Canudos, mas o general Arthur Oscar não se pronunciou confirmando a notícia (p.2).

10-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 9: Vários telegramas em que o correspondente opina, em um deles, que a guerra contra Canudos ainda vai demorar muito, o general Arthur Oscar credita que tudo estará terminado até o dia 23, mas o redator acredita que a batalha se alongará mais. Em um telegrama direcionado diretamente à esposa do General Arthur Oscar, este informa que o bombardeio prossegue e que as tropas estão animadas; pretender assaltar dia 20. Há outros telegramas que tratam de pormenores como a falta de munições às forças, entre outras informações muito semelhantes a essas acima mencionadas (p.2).

11-07-1987

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Republica"*:** A respeito da oposição que se faz ao poder vigente, publicam essa declaração:

> A injuria ao exercito toma assim a forma de uma provocação inqualificavel, que só o despeito ou o odio pódem ditar. O governo sabe bem que a resignação do exercito só se mede pela sua dedicação á Republica; e o sacrificio dos que são aqui immolados ao odio dos sobrinhos, que governam sobre a constituição, não é maior do que aquelles que em Canudos se batem com um heroismo sobrehumano, luctando a um tempo com os jagunços e com a traição, sem outra preoccupação entretanto, uns e outros, senão

> servirem á Republica, posta muito acima que toda a mesquinhez de pequeninos governantes (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Telegramas publicados pelo *"Paiz"*: Vários telegramas do seu correspondente na Bahia dando pormenores dos acontecimentos dos últimos dias:

> A travessia de Canudos a Aracaty fel-a debaixo de renhido fogo dos jagunços, emboscados ao longo da estrada e que atacavam incessantemente pelos flancos (...) Consta que os jagunços já começaram a dispersar-se pela Salgada (...) passou por aquelle lados um grupo numeroso de fanaticos armados (p.1).

Cita um telegrama do Dr. Curio:

> Bombardeamos Canudos, que está quasi arrazado. A victoria é certa e quasi completa. Reina grande enthusiasmo entre as nossas forças. Os jagunços correm refigiando-se nas catingas (p.1).

Continua a narrativa com pormenores do combate:

> A lucta foi encarniçada, de todos os momentos. O inimigo atirava-se furioso, numa aggressão louca (...) Os jagunços neste combate tiveram perdas collossaes (p.1).

Essas informações e muitas outras com pormenores de feridos, prisão de conselheiristas foram relatadas pelo correspondente do *"Paiz"* de acordo com os diversos telegramas de oficiais do Exército e de acordo com as publicações do *"Jornal de Noticias"* (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 10: Diversos telegramas acerca da situação em Canudos: Está confirmado que as forças do governo ainda não atacaram Canudos, por enquanto continuam o bombardeio. Também, informam que muitos oficiais morreram. Além dessas informações há pormenores dos combates (p.2).

RECIFE, 10: Dá informações sobre o bombardeio que prossegue e sobre o ataque previsto para o dia 20. Há entusiasmo. (p.2).

12-07-1897

ξ **"CANUDOS":** Publicações do *"Jornal do Commercio"* e do *"Jornal da Bahia"*. Naquele jornal foi publicadoum telegrama que já havia sido publicado no dia anterior nesta mesma seção do *"Estado de S. Paulo"*. Quanto à publicação do *"Jornal da Bahia"*, esta trata-se do telegrama do Dr. Curio que também já havia sido publicado nesta mesma seção (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 11: Dois telegramas que informam o oferecimento de reforço por parte do ministro da guerra que tem, somente, recebido telegramas a respeito de pequenos tiroteios com "jagunços" na estrada. Tratam, tambèm, do deslocamento de munição e viveres para a Bahia a pedido dos generais Arthur Oscar e Savaget (p.2).

13-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 12: Dois telegramas que informa que o governo não recebeu nenhuma novidade de Canudos e sobre o deslocamento de mantimentos para as forças (p.2).

14-07-1897

ξ **"14 DE JULHO":** Trata da hegemonia intelectual da França no século XVIII como resultado de conquistas filosóficas em épocas anteriores por todos os países, na Europa. Aborda diversos assunto, mas prefiro destacar aqui, resumidamente, a questão da ciência:

> [...] o espírito scientifico, em toda a parte, atravéz dos conflictos inevitaveis entre os descobrimentos da sciencia e as concepções theologicas, erigia a supremacia da razão sobre a fé – expressa mais tarde, systematicamente, por Bacon, na Inglaterra, e Descartes, na França (p.1).

ξ **"EXPEDIÇÃO DE CANUDOS"**– Transcrição da publicação do *"Jornal do Commercio"* que publica um telegrama do seu correspondente na Bahia; este telegrama versa sobre a carta do correspondente em Canudos, o capital Manoel Benicio. Ele dá pormenores da batalha, sempre se referindo aos canudenses como jagunços; apresenta os canudenses como jagunços em todas as suas menções e quanto aos soldados apresenta elogios como "honra" e "glória". Apresenta, tambèm, os nomes de todos os oficiais que foram mortos e feridos.

> O general Arthur Oscar mandou pedir socorro ao general Savaget que já estava em marcha, já tendo bombardeado Canudos. O general Savaget, veio socorrel-o e á vista de todos o general Oscar declarou que a segunda columna, a do general Savaget, tinha salvo a primeira, salvo a honra do exercito e a da Republica (p.1).

15-07-1897

ξ **"EXPEDIÇÃO DE CANUDOS"**– Carta de Manoel Benicio, datada de 4 de julho, ao correspondente do *"Jornal do Commercio"* na Bahia.

> [...] acreditava que bem pouco mais nos custaria a posse de Canudos. Enganei-me, pois, no dia seguinte, ás 9 horas da manhan, começamos de novo a pelejar pelas catingas (...) Os jagunços atiravam de emboscadas (...) Matam convencidos de que pouco o nada lhes póde succeder de mal (...) É horrivel o que temos soffrido nestes quatro dias, e tem sido pertinaz e heroico o procedimento dos nossos soldados (...) Toda a estrada que percorremos até chegar a Canudos ficou alastrada de cadáveres (p.1).

Trata-se de uma longa carta com detalhes do combate, elogios a oficiais específicos que se potaram com valentia, segundo o correspondente Manoel Benicio, entre outros detalhes dos últimos dias (p.1).

ξ Do *"Jornal de Noticias"*, o correspondente do *"Jornal do Commercio",* na Bahia, envia mais notícias: detalhes dos combates, como o caso do ataque ao comboio de viveres pelos sertanejos de Canudos; comenta-se, também, do transporte de feridos, do deslocamento de oficiais, do modo de agir dos "jagunços" na batalha.

> A astucia dos jagunços é tal que, sabendo que os soldados destacados a pegar bodes correm aos logares onde ouvem quizos, elles, internados nas catingas, tocam os sincerros e, quando os soldados se approximam, atiram matando-os (...) Em um dos combates, um troço de jagunços avançou sobre os canhões de tiro rapido e um dos fanaticos vibrou, com uma alavanca, forte pancada sobre um dos canhões. A linha de infanteria, que o defendia, deu uma descarga cerrada, matando 11 jagunços (p.2).

ξ **"TELEGRAMAS":**

RIO, 14: Sobre o caso da febre amarela e os estudos do dr. Freire (p.2).

RIO, 14: Vários telegramas que, em suma, tratam do envio de reforços e nomeação de oficiais (p.2).

16-07-1897

ξ **"UM CONSELHEIRISTA":** A partir de denúncia do delegado de Jambeiro, foi preso um fazendeiro acusado de prender e obrigar pessoas a dar vivas à monarquia e ao Conselheiro. Na ocasião da prisão houve troca de tiros deste fazendeiro, Benedicto Alves, e seus "capangas" contra os policiais incumbidos da missão. Na delegacia, após interrogatório foi constatado por um médico que Benedicto sofria de *delirium tremen* e, por conta disso, foi internado no hospício de "alienados" (p.1).

17-07-1897

ξ **"A NOSSA VENDÊA"** (notícia destaque, é a primeira da primeira coluna da primeira página – longo texto, de quase 3 colunas) – Nesse artigo Euclides da Cunha trata do tema sertão e dos sertanejos que à imagem da natureza, segundo sua opinião, tem uma feição rude e por não temer a morte, termina por agir heroicamente (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Republica"*:** *A Sphinge* é o nome do artigo publicado nesse jornal, em que Canudos é considerado um "holocausto" misterioso, onde os soldados vão e morrem em sacrifício e pesa a agonia de não se saber de fato o que lá se passa. Há uma forte crítica ao governo:

> Peza sobre o coração e o espirito dos que acompanham esta lucta extranha, mais ainda talvez que a dôr de ver que, um a um vão lá tombando os nossos heroicos soldados, com a resignação e o valor de que dão exemplo fecundo, a agonia de não sabermos o que lá se passa, a tortura de não apprehendermos aquelle mysterio (...) O governo precisa de pesar maduramente a responsabilidade que lhe cabe (...) A Republica precisa de decifrar o enigma da Sphinge de Canudos (...) É preciso agir intelligente e energicamente. O

> que se está fazendo é o sacrificio cruento e inutil: o governo não tem feito senão pôr o exercito, em parcellas, entre o bacamarte de Antonio Conselheiro e a indifferença do sr. Luiz Vianna. Se o que quer é aniquilal-o continúe (p.1).

ξ **"PARA A BAHIA":** Da *Gazeta de Noticias* que descreve o embarque do 24º batalhão de infantaria para a Bahia. Há diversas menções à participação do povo que aclamou e honrou muito a partida dos soldados:

> De mistura com o povo, que o acclamava sem cessar, marchou garbosamente, de cabeça erguida, alegre e contente (...) Damos adiante os pormenores da partida desse corpo de valente que vão affrontar a jagunçada audaciosa e fanatisada de Antonio Conselheiro (...) durante todo o trajeto o 24º foi muito victoriado pelo povo. O arsenal de guerra achava-se completamente repleto de povo de todas as classes da sociedade para assistir ao embarque do luzido batalhão (...) Nessa occasião atiraram-se á agua duas das mulheres dos soldados do 24º de infanteria (...) Essas infelizes foram salvas por uma praça de policia e por empregados do arsenal (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

Rio, 16: Vários telegramas: Na Câmara houve ataque ao governador da Bahia por conta da situação de Canudos. Foi considerada comovente a despedida de batalhões que seguiram à Bahia, sob o comando do general Girard. Há pormenores sobre esse assunto (p.2).

18-07-1897

ξ **"CARTAS DO RIO"** (Orlando): Nessas cartas, como sempre, ele trata do estado da política atual e como, já colocamos, há uma crise de cisão do partido político e diversas oposições ao presidente Prudente de Moraes. Há uma menção a Canudos, portanto citarei esse trecho que revela que o vice presidente, o dr. Manoel Victorino, se colocou contra o presidente e, também, acusou o partido da Bahia de financiar Canudos:

> [...] até chegou a insinuar que esse partido, como o *Paiz* e a *Republica* affirmaram, está fomentando ás occultas a revolta dos jagunços de Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":** Vários telegramas: Na Câmara há críticas e questionamentos ao governo quanto às operações em Canudos, em suma, consideram que se deveria duplicar ou triplicar os soldados e declarar em estado de sitio a Bahia. Da *"Noticia"* foram extraídas informações acerca do deslocamento de cargas e tropas para Monte Santo e Canudos. Também há informações de nomeação de oficiais. (p.2).

19-07-1897

ξ **"MUNICIPIOS":**

"NATIVIDADE":

> As primeiras noticias aqui trazidas pelos jornaes, referentes ás operações de Canudos, causáram magnifica impressão aos que presam a bôa sorte da Patria (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Do *Paiz*, publicação dos telegramas do corresponde deste jornal:

BAHIA, 17: São três telegramas que versam sobre o pedido da criação de um hospital de sangue em Monte Santo, pelos estudantes da Faculdade de Medicina; há cerca de 150 estudantes voluntários. Também informa que um soldado ferido que regressou de Canudos dá boas notícias dos combates, em que os "bandidos" de Canudos fogem e os "bravos" soldados estão lutando pela vitória. E no último telegrama há diversas informações acerca de oficiais mortos e feridos e o deslocamento de batalhões rumo a Canudos (p.1).

ξ **"OS CONSELHEIRISTAS":** Em um artigo intitulado *"O monstro de Canudos"*, o *"Paiz"* publica, depois de longas considerações, o documento acerca da apreensão de armas que seguiam a Sete Lagoas; esse episódio fora noticiado há alguns meses, em que se informava que a polícia baiana e mineira perseguiu os cargueiros. Enfim, os documentos apreendidos tratavam-se de instruções para os conselheiristas para o manuseio de artilharia (p.2).

20-07-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"GAZETA DE NOTICIAS": artigo de Thomaz Jefferson, na seção *Coisas politicas*, que apreciou o plano geral da política de Floriano Peixoto e supôs como agiria esse marechal no caso de Canudos. Em suma, o articulista opina que "O marechal não fazia questão de tempo para organisar a revolta". O que buscaria antes de tudo seria saber de onde vão os recursos para Antonio Conselheiro (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 19: Vários telegramas sobre o deslocamento de tropas, de suprimentos e de combates entre as forças do governo e os "jagunços". Tambèm há outros pormenores como acusações de haver pessoas facilitando o envio de armas ao Conselheiro (p.2).

21-07-1897

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": Artigo de opinião acerca das decisões tomadas na terceira expedição e, agora, na quarta expedição. Uso do termo "fanáticos" para se referirem aos canudenses e de adjetivo valorativo para se referirem aos soldados "precisosas vidas" (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Anuncia a missa que foi celebrada por conta da morte do "bravo" coronel Thompson Flores em Canudos; a missa contou com a presença de diversos oficiais (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 20: Telegrama do governador da Bahia ao presidente em agradecimento pelo envio de batalhões, munições e mantimentos para a campanha contra Canudos. O governador trancreveu, também, um telegrama recebido do coronel Campelo que está em Monte Santo; a mensagem garante a vitória com entusiasmo.

> Em frente de Canudos e na vespera da victoria, vos saúdo e felicito pelo valor demonstrado pela grande maioria de praças e pela quasi totalidade dos officiaes (p.2).

RECIFE, 20: Dois telegramas dando alguns detalhes do combate (p.2).

22-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 21: Telegramas de Monte Santo e de Aracaju. Nestes telegramas há informações de que os soldados já adentraram o arraial e há detalhes do combate; expectativa de vitória breve para o Exército. Tambèm informam a prisão de "jagunços" e noticia-se que as informações sobre a tomada de Canudos não são oficiais e aguardam telegramas oficiais que confirmem essas notícias (p.2).

23-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 22: Diversos telegramas (quase três colunas do jornal) confirmando o ataque a Canudos e dando pormenores do combate. Esses telegramas são oficiais e afirmam que o Conselheiro foi ferido em uma das mãos e pediu para que as mulheres possam se entregar e, assim, ele se entregara também. Também, há um telegrama que se refere a boatos de que a tomada de Canudos não foi completamente real e do modo como estão nos telegramas oficiais; acredita-se que os soldados tiveram que recuar. Também, informações do envio urgente de reforços e de mantimentos e munições a Canudos. Os termos usados para se referirem aos canudenses são fanáticos e jagunços.

> As casas estão tomadas, faltando para completo triunpho a tomada da egreja nova, onde o combate é terrível (...) Antonio Conselheiro pede para que as mulheres possam entregar-se, fazendo elle o mesmo depois. O mesmo Antonio Conselheiro está ferido numa das mãos (...) ha telegrammas dizendo que os valentes soldados, depois de terem feito grandes baixas nas fileiras dos jagunços, se retiraram por não poderem conservar posições (p.2).

24-07-1897

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 23: Vários telegramas: Informa sobre o prosseguimento do inquérito em que o ex-conferente da Estrada de Ferro é acusado de enviar grande quantidade de munição a Canudos. Há mais informações sobre a tomada de Canudos e há diversos apelos para que o governo envie com urgência reforços a Canudos. Noticiam que seguem alguns reforços e preparam mais reforços de pessoal e de munição (p.2).

MONTEVIDEO, 23: "A imprensa felicita os residentes brasileiros pelo êxito das armas brasileiras em Canudos; e faz votos para que a Republica não seja mais perturbada" (p.2).

25-07-1897

(Composto por seis páginas)

ξ **"FEBRE AMARELLA":**Noticia a conferência que houve na Faculdade de Medicina, no dia 23 do mês corrente, em que os recentes trabalhos do dr. Sanarelli foram apreciados. Há diversos detalhes e pormenores dessa conferência e dos estudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 24: Há mais detalhes sobre a tomada de Canudos e há informações acerca da fraqueza dos canudenses diante das forças do governo. Trecho do telegrama publicado pela *"Noticia"*:

> Mulheres e homens paisanos, chegados de Canudos, trazem a noticia de que Antonio Conselheiro, que estava na egreja nova, onde ha muitissimos cadaveres, levantou por trez vezes a bandeira de misericordia (...) o inimigo está muito enfraquecido e não hostiliza os nossos soldados fóra de Canudos (p.2).

26-07-1897

ξ **"JOÃO BRANDÃO":** Trata-se de um longo artigo acerca da trajetória de João, um homem que se disse monarquista e a favor do Conselheiro e diz que os conselheiristas são a favor da restauração e recebem ajuda da Europa; ele foi preso, mas está livre e em uma cidade onde não há mandado de prisão contra ele; rejubila-se com a morte de

Moreira Cesar e acredita na derrota da expedição de Arthur Oscar; dizem que este senhor seguiu a Canudos para lutar ao lado do Conselheiro (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 25: Envio de reforços a Canudos (p.2).

27-07-1897

ξ **“TELEGRAMMAS":**

“NOTICIAS DE CANUDOS”:

RIO, 25: Notícias que serão publicadas no *“Diario Official”* acerca de um telegrama do general Arthur Oscar que pede reforços e confirma a tomada de uma parte de Canudos e espera mais pessoal e munições para tomar a outra parte que ainda está muito forte. Um prisioneiro foi interrogado e afirmou que a igreja nova está minada, então o general esperará reforços para prosseguir com todo o cuidado a missão. No momento, as forças do governo conservam a posição e fazem lentos progressos (p.2).

28-07-1897

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 27: Seguirá como reforços para Canudos todos os corpos do Exército do Paraná, no Rio Grande do Sul e nos estados do norte; seguirá, para comandar as operações em Canudos, o ministro da guerra, o marechal Carlos M. Bittencourt (p.2).

29-07-1897

ξ **“CANUDOS” (**notícia destaque, é a primeira da primeira coluna da primeira página**)** – Artigo que desmente “sinistras noticias” acerca de um recuo das forças do Exército, afirmando que os soldados não perderam posição, segundo “bôa fonte”; os reforços que estão sendo preparados e enviados para Canudos não são sinônimos de fraqueza, mas confirmam o empenho em obter vitória. Há uma citação do *Jornal do Commercio* que comenta sobre a situação no sertão, em que a topografia do lugar é indicada como a maior dificuldade encontrada. Há comentários sobre as dificuldades materiais de prosseguir a luta e foi por isso que os reforços foram pedidos (p.1).

ξ **“JORNAES DO RIO”:**

“Gazeta de Noticias”: Trata-se de um artigo semelhante a esse citado acima em que há explicações para o fato da necessidade de mais reforços e acredita-se que a partida do ministro da guerra até Canudos será para contribuir ainda mais para uma vitória rápida (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 28: Diversos telegramas que dão detalhes dos reforços (soldados, médicos, munições, mantimentos) que vão seguir a Bahia; o ministro da guerra partirá para a Bahia no dia 2 de agosto e seguirá para o campo de batalha para comandar as operações (p.2).

30-07-1897

ξ **"CANUDOS"** (notícia destaque, é a primeira da primeira coluna da primeira página) – Trata-se das publicações de jornais do Rio de Janeiro. O *"Jornal do Commercio"* publicou a partida dos estudantes de medicina para atuarem em Canudos nos hospitais de sangue; esta partida foi muito aclamada e aplaudida. *O "Paiz"* informa que a produção de munições para a artilharia em Canudos está acelerada e a *"Repubica"* critica a partida do ministro da guerra para dirigir as operações em Canudos que, segundo o jornal, já está muito bem dirigida pelo general Arthur Oscar. Este jornal critica, também, o envio de batalhões da região sul e de outros estados, pois acredita que não há essa necessidade e enxerga isso como uma manipulação política ("politicagem") do governo atual. Por fim noticiam a partida de Euclides da Cunha como corresponde do *"Estado de S. Paulo"*. Trecho que informa essa parceria:

> Devia ter sido hontem nomeado para o estado-maior de s. exa. o ministro da guerra o engenheiro militar dr. Euclydes da Cunha. O illustre moço, que é um dos nossos mais distinctos collaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão. Por contracto firmado com esta empreza, o dr. Euclydes da Cunha nos enviará correspondencias do theatro das operações e, alem disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de folego sobre Canudos e Antonio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume. O dr. Euclydes da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escriptor brilhante e perfeitamente versado nos assumptos que vae desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a historia nacional (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"O paiz": Comenta que as últimas decisões em relação ás operações em Canudos está causando preocupações na sociedade:

> [...] há nisto um mysterio que é preciso desvendar e que é indispensavel dar as explicações que 'a nação reclama, com o direito sagrado da mãe que pede noticia dos filhos que por ella se sacrificam' (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS" (aproximadamente 4 colunas do jornal):**

RIO, 29: Há diversas notícias de reuniões entre ministros e o presidente acerca das operações em Canudos. Há pormenores a respeito da partida dos batalhões a Canudos; informam que os soldados do Pará estão muito animados para a batalha em Canudos. Há mais detalhes acerca do número de feridos e mortos e de petições acerca de esclarecimentos sobre a situação no sertão da Bahia (p.2).

BUENOS AYRES, 29:

> *La Prensa* comentando os ultimos telegrammas que tem recebido do Rio, noticiando a resolução do governo sobre mandar mais tropas para Canudos, diz que isso demostra que a situação dos sertões da Bahia é mais grave do que geralmente se supunha (p.2).

MONTEVIDEO, 29:

> Tem causado geral sensação as noticias de Canudos. Nos centros brasileiros, e na imprensa, commenta-se a nova phase tomada pela lucta contra os fanaticos. É geral o desejo de que se dê brevemente o triumpho da causa republicana (p.2).

31-07-1897

ξ **"CARTAS DO RIO" (Orlando)** – Aqui o articulista critica as atitudes da oposição política ao governo vigente. Ele trata, especificamente, do convite do sr. Glycerio ao ministro da guerra para comparecer a uma sessão da câmara para esclarecer e discutir a questão de Canudos. Orlando entende a atitude da oposição como uma tentativa de perturbar a ordem e não considera negligente a gestão do atual governo que procurou, segundo ele, "restabelecer a ordem" com os maiores esforços.

> [...] a gravidade da situação de Canudos é tal que constitúe hoje um grande embaraço não só para o governo, como para toda a republica. Esse embaraço não foi gerado em erros do actual governo; pelo contrario, o actual governo em empregado os maiores esforços para o debellar e para restabelecer a ordem em todo o territorio brasileiro (...) o caso de Canudos está sendo explorado pela opposição, do mesmo modo que ella explora uma trica eleitoral (...) O que s. exa. quer e o que querem todos os jagunços que o acompanham é perturbarem o regular funccionamento das instituições (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Publicação do *"Paiz"*: Bahia, 29: Vários telegramas que transcrevem tópicos da carta de "dedicado servidor da Republica" que o "*Jornal de Noticias"* publicou. Esta carta contèm vários detalhes e impressões "desse servidor" que a escreveu no campo da luta, segundo o jornal:

> Os jagunços estão enfraquecidos. Seus fogos vão cessando e apenas á noite tornam-se um pouquinho fortes. A artilheria tem feito sérios estragos. O numero de feridos e mortos é grande. Os jagunços são de uma coragem espantosa. Logo depois da nossa vinda, passaram 16 dias soffrendo os horrores da fome, porque os gêneros alimenticios foram pronptamente extinctos (...) Canudos é uma grande cidade e não um arraial como eu também suppunha (p.1).

Após a transcrição da carta, cita algumas informações acerca da organização da partida de batalhões rumo à Bahia (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"O paiz": Publicação do artigo político "Amor á treva", em que o articulista comenta a posição do governo em relação à oposição, no caso de Canudos. O articulista defende o

presidente, entendendo suas atitudes como uma maneira de proteger seu plano contra Canudos (p.1).

"Republica": Artigo que critica o presidente por conta das muitas vidas dos soldados que estão sendo ceifadas no sertão. O autor desse artigo considera Canudos como uma esfinge; essa esfinge, segundo ele, "devora o exercito republicano implacavelmente" (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 30: Vários telegramas dando detalhes da partida do ministro da guerra para a Bahia que será dentro de 4 dias; há também pormenores acerca da partida de batalhões, de reforço médico e do preparo e da organização de munição para ser enviada a Canudos. Na câmara há discussões acerca do caso de Canudos, em que a oposição ao presidente requer declarações dele a respeito das operações no sertão da Bahia e seus aliados defendem suas atitudes. Há mais notícias de Canudos, do general Arthur Oscar, que continua, segundo suas palavras, ocupando Canudos e fazendo os inimigos recuarem (p.2).

RECIFE: Telegrama do general Arthur Oscar informando que as forças do governo avançam e os "jagunços" recuam e que ambos estão perdendo muita gente (p.2).

01-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Noticia a partida do 1º batalhão que representará São Paulo; há informações detalhadas dessa partida, dos oficiais nomeados e dos soldados (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"REPUBLICA"*:** Continua a sua crítica ao governo vigente por enviar o ministro da guerra a Canudos e mais reforços; o articulista acredita que o batalhão que já encontrava na Bahia e que está a caminho é o suficiente para a vitória não havendo necessidade de outros batalhões e reforços (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Noticia a partida do "talentoso" Euclides da Cunha ao Rio para seguir viagem a Canudos junto ao ministro da guerra (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":** Vários telegramas com pormenores da partida de reforços, munições e oficiais para o sertão da Bahia; também há a notícia do retorno do general Savaget à capital da Bahia (p.2).

02-08-1897

ξ **"CANUDOS"** (Texto longo de aproximadamente 3 colunas) – Há detalhes da partida do 1º batalhão em São Paulo; narra-se todo o cortejo, os discursos e a ordem, entusiasmo e disciplina do batalhão. A presença do povo que está "triste" e "acabrunhado" è grande para se despedir e louvar o batalhão. Há no texto diversas expressões valorativas do batalhão e do Exército como "honra", "glória", "garboso",

entre outras. Também a missão desse batalhão e do Exército em relação à guerra contra Canudos é lembrada:

> Vós ides combater pela paz, pela Republica, pela Patria. Ides auxiliar a grande causa que está sendo defendida com intrepidez, tenacidade e disciplina pelo glorioso exercito nacional (p.1).

Após informações acerca da partida do 1º batalhão, noticiam mais detalhes da situação em Canudos, em que cerca de 2/3 do arraial está ocupado pelo Exército (p.1).

ξ **"AS BAIXAS EM CANUDOS":** No jornal *"Provincia"*, de Pernambuco, de 21 de julho, há a notícia detalhada acerca dos oficiais mortos e feridos em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMAS":**

SANTOS, 1: Noticia a partida do 1º batalhão, em São Paulo, com detalhes (p.2).

RIO, 1: Vários telegramas com detalhes acerca dos reforços médicos e de soldados enviados a Canudos (p.2).

03-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Noticias do *Paiz*, do dia anterior: há detalhes do dia-a-dia em Canudos, em que muitos feridos são curados e outros muito soldados e oficiais são feridos e mortos; também há outras informações acerca das estratégias dos conselheiristas na batalha. Os termos usados para se referirem aos canudenses são: jagunços, fanáticos e conselheiristas (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": O articulista levanta várias críticas e questionamentos acerca do acontecimentos em Canudos na seção "Notas politicas". Esses questionamentos giram em torno de como a população de Canudos cresceu despois de iniciadas as campanhas e como conseguiram tantas armas e munições modernas? Por que o governador da Bahia está indiferente e por que o governo se calou? A intervenção foi solicitada nos termos da Constituição? (p.1). Trata-se do primeiro texto que apareceu neste jornal analisado com esse tipo de questionamento; importante destacar a importância dessa crítica às atitudes do governo, pois trata-se de um ponto de vista diferente do que se encontra nos jornais (p.1).

ξ **"CONGRESSO LEGISLATIVO":** Há uma justificativa para o envio do 1º batalhão, representando São Paulo, ao sertão; foram os próprios soldados que manifestaram desejo de ir combater pela pátria, segundo as palavras do 1º secretário (p.1).

ξ **"REVISTA DOS ESTADOS" :**

BAHIA: Noticia providências para o recebimento dos feridos em combate contra os "jagunços" (p.2).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 2: Diversos telegramas que dá detalhes da situação em Canudos que está praticamente tomado, segundo essas informações. Somente a igreja nova, onde se encontra o Conselheiro, está no comando dos sertanejos. Noticiam a falta de alimentos e remédios e a necessidade de reforços imediatos; esses reforços requeridos estão a caminho de Canudos pelas estradas. Informam, também, que o ministro da guerra quando chegar a Canudos e iniciar o comando da guerra, permitirá que os correspondentes dos jornais sigam até Canudos; isso o general Arthur Oscar não permitiu até o momento (p.2).

04-08-1897

(Composto por seis páginas)

ξ **"CANUDOS" (artigo grande, de quase cinco colunas):** Carta do correspondente especial do *"Jornal do Commercio"* em Canudos, datado de 4 de julho, em que ele dá detalhes de combates em Canudos e mostra a grandeza do Exército em combate que a cada vitória dá vivas entusiásticos à República e, também, mostra a astucia dos sertanejos. Antes de narrar os fatos da guerra, o esse correspondente faz algumas considerações sobre a perseverança e inteligência do homem civilizado que domina a natureza ao seu favor.

> O homem primitivo temia a força dos elementos da natureza e, em vem de reagir contra elles, enfurnava-se nas cavernas, deixando na frase popular, *a natureza obrar*. A chuva, o fogo e o vento eram para elle phenomenos, que, não podendo explicar nem aproveitar como os homens modernos, acceitava-os na conta de factos, contra os quaes toda noção era inutil. Assim já não o comprehende o homem civilisado. Em parte dominou os elementos e delles se serve como machinas a seu bel prazer e em seu proveito, que o da humanidade. Contra a propria desventura e má sina elle lucta hoje, dominando-o tambem no fimda lide pela pericia, perseverança e alento, natividade e intelligencia, factores imprescindiveis a quem aspire qualquer profissão na sociedade. Bem que a natureza tenha predisposto as coisas de sorte a haver felizes e infelizes, todavia é acreditavel que mais feliz será quem lucta contra a sorte do que quem cruze os braços. Também não é raro vêr-se quem appareça de chofre sem outro esforço além do...ter sorte. Este, todavia, posto á prova não resiste, porque é fructo da fatalidade e nunca do merecimento moral do individuo (p.1).

Dito isso, o correspondente exemplifica com a história do "bravo coronel Serra Martins" que lutou diversas vezes pela pátria e está lutando em Canudos com perseverança e pode ser considerado "benemerito da patria". O correspondente conta detalhes do combate em Cocorobó em que Serra Martins atuou com "honra e bravura"; aquele diz que nunca presenciou "espectaculo mais grandiosamente solemne e terrivel" em sua vida. Continua a narrativa dando todos os pormenores dos combates com os "conselheiristas" que o correspondente sempre chama de "jagunços", "bandidos" e "fanáticos". Trecho sobre como o conhecimento do terreno e a rapidez dos sertanejos os ajudam:

> Não raras vezes os jagunços nos atacam pela retaguarda em posição que já haviamos tomado. Sem hyperbole, ha um que de fantastico nestes bandidos e fanaticos. Conhecedores de todos estes recursos, veredas e furnas, quando

> algum por escarneo surge no alto de um penhasco ou morro descampado e é logo alvejado por dezenas de tiros nossos, logo desapparece para surgir mais além como uma apparição sobrenatural de duende montez (p.1).

Dando continuidade à narrativa, o correspondente faz duras críticas às táticas de guerra da primeira coluna, a coluna do general Arthur Oscar, que precisou do socorro da segunda coluna, comandada por Savaget, e impediu esta de tomar Canudos no dia 28 de junho. Junto àcarta citada acima há mais duas notícias: um telegrama deste mesmo correspondente em que noticia a situação de Canudos atual e os nomes dos oficias mortos e feridos, além do número de soldados mortos que supera a dois mil. A segunda notícia é do *"Paiz"* que, em entrevista com o coronel Serra Martins, recebe informações acerca de Canudos. Este oficial está seguro da vitória, mas acredita que é necessário o envio de reforços para garantir a tomada de Canudos por completo (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"A Republica": Discute alguns procedimentos políticos do governo atual e entre eles está o alistamento militar forçado que è um modo de "ter victimas a entregar ao minotauro de Canudos (p.1).

ξ **"SEM TÍTULO"**– Informa sobre o recebimento de várias fotografias sobre o embarque do 1º batalhão a Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

"RIO, 3"; "MACEIO, 3"; "CURYTIBA, 3": Vários telegramas dando pormenores acerca da partida do ministro da guerra para a Bahia; informando as munições e reforços de soldados e oficiais com destino a Canudos. A *Noticia* informou que uma nova turma de estudantes de medicina partiu para Canudos e o *Jornal do Commercio* publicará amanhã "nova e interessante carta do seu correspondente especial Manoel Benicio" dando pormenores sobre a situação em Canudos e detalhes de combates. Ele afirma que as armas que os "jagunços" estão utilizando são armas apreendidas das outras expedições e desta expedição também, pois todos os sertanejos mortos ou capturados estão com armamento com "marca do arsenal de guerra". Há outras informações e detalhes acerca da situação em Canudos que, de certo modo, já apareceram em outras publicações (p.2).

05-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Publicação do *"Paiz"*, a partir de telegrama do seu correspondente na Bahia; essa carta contém informações acerca da partida dos estudantes a Canudos que contou com aclamada participação popular de despedida. Também há outras informações acerca de feridos e mortos e reforços que estão sendo enviados a Canudos (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": artigo da *"Republica"* que se posiciona, contrariamente, às críticas do governo às atitudes do general Arthur Oscar que, segundo esse jornal, se sacrificou pela instituição (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 4: Mais notícias acerca da partida do ministro da guerra a Canudos; sobre o número de mortos e feridos do Exército que passa de 2.500. Também há mais informações acerca do deslocamento de tropas que levam feridos e de reforços para Canudos (p.2).

06-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Notícias extraídas do ***"Paiz"***, do dia anterior. Essas notícias são, em geral, sobre a questão dos doentes e feridos que estão chegando nos hospitais e enfermarias; foram informados nomes de oficiais mortos e os lugares em que foram sepultados; há outras informações a respeito das providências tomadas para o atendimento dos doentes; informam, também, sobre a chegada do trem que trouxe os feridos em Canudos e a comovente recepção de familiares amigos aos seus entes queridos e a decepção e dor daqueles que não os encontraram (p.1).

***"Jornal do Commercio"*:** Essa folha publica um posicionamento quanto às declarações críticas do seu correspondente especial, Manoel Benicio, a respeito das táticas de guerra do general Arthur Oscar. O jornal declara que o correspondente é insuspeito e está desempenhando com distinção a sua função, segundo carta do general comandante da expedição, no entanto, contesta as declarações do correspondente que criticou Arthur Oscar. O jornal afirma que não se coloca na qualidade de julgar as táticas de guerra do general em questão (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

"RIO, 5"; "VICTORIA, 5"; "PARÄ, 5": Vários telegramas acerca do deslocamento de tropas rumo a Bahia e a Canudos; há detalhes de nomes de oficiais e da partida dos batalhões (p.2).

07-08-1897

(Composto por seis páginas)

ξ **"CANUDOS" (matèria extensa, com quase cinco colunas):** Telegramas dos correspondestes do *"Jornal do Commercio"* e do *"Paiz"*. O correspondente do *"Jornal do Commercio"*, Manoel Benicio, enviou uma longa carta, datada de 28 de julho, acerca dos últimos combates, em Canudos. Há diversas críticas quanto à disciplina do Exército que o jornalista entende ser por causa do mal comando dos oficiais; há outras revelações acerca da morte de mulheres e crianças e uma frase em que noticia uma sessão degola. Trata-se de uma longa carta que descreve e narra minuciosamente as condições dos soldados e oficiais em combate, o ataque dos sertanejos e a batalha que se deu nas trincheiras na entrada de Canudos:

> Os feridos rolavam de encosta a baixo e iam morrer no fundo do vallado, desgraçadamente abrigo derradeiro dos bravos victimados e esconderijo vergonhoso dos covardes (...) Não é a covardia que domina, é o susto, o medo, o verdadeiro medo que se tem do desconhecido, do sobrenatural, o panico que não é covardia mas atordoamento e allucinação abocanhadora de todas as faculdades e sentidos do homem (...) Deu-se um novo toque de carga e degolla. Na primeira investida Telles perdeu o seu segundo ajudante de ordens, o cadete Cunha Lima que caiu ferido e o cavallo morto (...) Dezenas de casas foram invadidas – mortos os seus moradores, mulheres e crianças, quase todos (...) Não é covarde o nosso Exército, não: Não lhe falta impavidez e bravura na hora do combate; falta-lhe sim, disciplina, ordem e bom comando (p.1).

Do correspondente do ***"Paiz"***, na Bahia, temos dois telegramas, em que um deles é a transcrição de um trecho de uma carta, enviada por uma "pessôa conceituada" com informações acerca da situação em Canudos, onde as forças do governo dominam, mas para vencerem de fato precisarão de reforços com urgência. Também há, em outro telegrama, informações acerca do deslocamento de oficiais, do envio de reforços médicos, entre outras informações (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Republica"*:** Artigo que critica, mais uma vez, a partida do ministro da guerra à Canudos; essa folha acredita ser desnecessário a presença do ministro da guerra e considera essa decisão desacertada (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 6: Carta do correspondente, em Monte Santo, da *"Noticia"*, que narra detalhes de Canudos, a partir das narrativas dos soldados e oficiais que chegam em Monte Santo. Esse correspondente desmente "os boatos" de que há censura e vistoria às cartas e telegramas vindos de Canudos:

> Todas as cartas e correspondencias particulares são transmittidas livres de exame, como posso attestar com as correspondencias que regularmente envio a esta redacção. Os telegrammas, porém, como medida muito acertada de precaução contra os boateiros, que aqui fervilham, são visados pelo major Martiniano, por ordem do commando geral, e não consta até á presente data que tenha sido recusada a expedição de qualquer noticia (...) Aqui, como na capital federal, os boatos são innumeros. Cada homem, soldados ou paisano, que regressa de Canudos, conta a sua historia, bôa ou má, feia ou bonita, conforme a sua indole (p.2).

Da *"Gazeta de Noticias"*, há as seguintes notícias: o número de desertores chega a 800; a correspondência do correspondente, Manoel Benicio, está documentada por testemunhas; necessidade de reforços; o jornal não entende por qual motivo a oposição insiste na "desnecessidade da ida a Canudos do sr. ministro da guerra, quando as noticias dalli continuam a ser contradictorias e ninguém sabe o que alli se passa" (p.2).

RIO, 6: Vários telegramas com pormenores da batalha e dos combates em Canudos; há a citação de alguns detalhes da carta do correspondente Manoel Benicio a ser publicada no *"Jornal do Commercio"*, com detalhes e episódios da situação em Canudos. Há outras informações acerca do combate, dos feridos e mortos, da vitória cada vez mais próxima das forças do governo (p.3).

08-07-1897

ξ **"CARTAS DO RIO"(Orlando):**

> Hão de ter notado a furia com que a opposição se atirou ao caso de Canudos. Ha mais de quinze dias que não temos outro assumpto, que não se fére outra tecla, que não se ouve outra nota. Canudos! Canudos! Canudos! (...) Hontem, o bravo e infeliz Moreira Cesar partia numa acclamação de enthusiasmo delirante. Hoje, os batalhões passam do sul e insinúa-se-lhes que Canuods é uma traição do governo para exterminal-os.

Esse è um trecho de "Orlando" a respeito da crítica exacerbada a oposição ao governo federal, em que esta culpa-o da demora em o Exército exterminar Canudos. Na opinião do articulista o governo não é culpado, pois não negou toda a ajuda que foi pedida; ele acredita que o general que comanda a expedição, Arthur Oscar, é o único culpado (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Telegramas do correspondente especial, Euclydes da Cunha, que noticia sua chegada na Bahia, suas reuniões com oficiais, como Savaget e Carlos Telles, que lhe garantiu a vitória sobre Canudos em pouco tempo. O correspondente observou que "nesta cidade ha muito menos curiosidade sobre os negocios de Canudos do que ahi e no Rio de Janeiro" (p.1). Carta do correspondente, Manoel Benicio, do *Jornal do Commercio*, que narra episódios passados e novos acerca dos acontecimentos e combater em Canudos; também descreve, detalhadamente, o arraial, com suas praças e casas:

> Assim descobertos, os jagunços saltaram a cerca e procuraram fugir. Foram lanceados e mortos 24 delles. Dois foram lançados por um mesmo tiro de laço, jogado por um castelhano que os degollou em seguida (...) Dez metros adiante foi ferido o outro ajudante do coronel Telles, o cadete Cunha Lima, que gritou: 'Coronel, estou morto, mas viva a Republica!' (p.1).

O correspondente transcreve documentos oficiais que teve acesso, assinado pelo general de brigada, João da Silva Barbosa, em que consta nomens de mortos e feridos e procedimentos de guerra, além de elogios à bravura dos soldados (p.1). É publicada uma longa lista com a relação de mortos e feridos até do dia 15 de julho (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Gazeta de Noticias": Entrevista do correspondente desse jornal com o governador da Bahia, Luiz Vianna, que faz declarações sobre os conselheirista. Transcrição completa:

> 'A ignorãncia delles è tal, que não posso acreditar que se preocupem com uma questão de formula de governo. Não duvido que se digam monarchistas como meio de fazer opposição e se opporem ás auctoridades locaes. Se recebem, como dizem, auxilio de monarchistas, do que ainda não estou convencido, é devido á necessidade que têm de recursos, e estes aceitariam de quem quer que fôsse. Canudos actualmente está sendo uma exploração contra o governo da União e do Estado, e muitos que se dizem bons republicanos, conheço eu desejariam ardentemente que os fanaticos levassem a melhor (...) Eu que tive a coragem de assumir a responsabilidade de tamanha difficuldade, mandando expedições para chamal-os á obediencia da autoridade, sou tido como protector de Antonio Conselheiro e inimigo da Republica; os que deixaram-n'o em paz por muito tempo, consentindo que sua horda crescesse, *estes* são considerados os amigos das instituições e adversarios de Antonio Conselheiro!! (p.1).

"Republica": Crítica ao governo vigente pelos desastres em Canudos; o articulista acusa o governo atual (do Estado da Bahia) de culpar os comandantes das expedições por erros que o governo cometeu como o nömero de "fanáticos" ser muito superior ao que se tinha previsto:

> Quando se rememoram os antecedentes dessa campanha, vê-se claramente que todo o esforço do governo da Bahia e dos seus sequazes, desde a primeira hora, tem sido attribuir os successivos desastres do exercito á incapacidade dos commandantes das expedições, negando continua, forte e persistentemente que elles procedam do numero e da superioridade de qualquer natureza dos fanáticos (...) O governo deve ter as partes officiaes dos differentes combates: publique-as, como sempre se fez nesta terra e como se faz em todas as partes do mundo civilisado (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 7: Informações tiradas da *"Noticia"* que publicou telegramas enviados pelo general Arthur Oscar à sua esposa. O general conta alguns detalhes do ataque a Canudos nos öltimos dias e afirma "que está morta a idèa de restauração monarchica no nosso paiz", pois em breve o Exército findará a sua missão com vitória (p.2). Há outras notícias e pormenores do que se passa na Bahia com a chegada do 1º batalhão; arrecadam dinheiro para as famílias "dos officiaes mortos em defesa da Republica, pelos fanaticos e bandidos de Canudos" (p.2). Também, foi dada a notícia da chegada do ministro da guerra que foi aclamada por oficiais e grande massa popular. Além, dessas notícias, há informações da apresentação de oficiais e o deslocamento de batalhões e tropas que seguirão para Canudos. Também há boatos que chegaram correspondências oficiais que não foram noticiadas à imprensa; esses boatos foram desmentidos pelo oficial Cantuaria que afirma que todas as correspondências oficiais estão sendo publicadas no *Diario Official* (p.2).

09-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Telegramas do correspondente especial deste jornal na Bahia: Euclides conta alguns detalhes da chegada do ministro da guerra na Bahia e as primeiras providências tomadas por ele que dizem respeito ao envio de viveres e às correspondências que circularão entre Queimadas, Monte Santo e Canudos. Descreve a situação dos feridos que chegaram de Canudos, elogiando a "resignação verdadeiramente heroica" deles. Ele adverte que è precipitado fazer quaisquer apreciações a respeito de erros cometidos pelo major Arthur Oscar, pois as opiniões são muito divergentes. O correspondente diz que todos que chegam de Canudos contam episódios interessantes. Termina um dos telegramas assim: "A victoria, porèm, è infallivel e proxima. Viva a Republica!" (p.1).

ξ Também, há a correspondência do correspondente, Manoel Benicio, do *"Jornal do Commercio"* que dá mais detalhes e narra episódios antigos e novos que vivenciou nos combates da tomada de Canudos. Ele faz críticas, novamente, ao general Arthur Oscar a quem se deve a demora da tomada de Canudos, segundo esse correspondente. Ele, também, observa que a situação dos hospitais de sangue é caótica e há muita desordem. Diz que cerca de 6 a 8 pessoas são mortas por balas perdidas, mesmo estando fora de combate, entre essas pessoas estão mulheres prisioneiras e soldados. Ele dá outros detalhes do que ocorre em Canudos todos os dias, com batalhas, número de mortos,

procedimentos de guerra, entre outros (p.1). O correspondente da *"Gazeta de Noticias"*, também, envia notícias acerca das comemorações e reuniões na capital, por conta da chegada do ministro da guerra (p.1).

ξ **"SAUDE PUBLICA":** Notícia acerca da diminuição da mortandade no interior paulista por conta de epidemias; há comentários que associam as cidades com saneamento básico desenvolvido e a ausência dessas doenças (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 8: Vários telegramas acerca da situação em Canudos e dos reforços de pessoal, de víveres e médicos enviados ao sertão. Entre as principais notícias, destacamos as notícias que serão publicadas no *"Jornal do Commercio"*, por meio de uma carta do correspondente especial Manoel Benicio que narra acontecimentos em Canudos e há "uma interessante apreciação do mesmo sobre a vida e costumes dos jagunços nos sertões" (p.2). A outra publicação, do *"Jornal do Commercio"*, versará sobre a artilheria enviada a Canudos. As outras notícias publicadas nos vários telegramas apresentam a situação sanitária de Canudos e os procedimentos tomados para a melhoria da situação dos feridos e doentes (p.2).

10-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Notas do correspondente do *"Jornal do Commercio"* que, nesta carta, elogia a bravura e compaixão de diversos oficiais, apresenta a questão da fome e dos mantimentos como um grave problema e, também, descreve os sertanejos e suas táticas de guerra e observa que todo o momento há combate, balas perdidas e nunca podem descansar ou comer em paz.

> Ninguém ainda conseguiu pintar e colorir bem, os costumes, a bravura, as artimanhas e modo de guerrear destes bandidos acoitados em Canudos. Em face do systema de lucta por eles adoptado, a arte de guerra dos povos policiados é uma convenção nulla e até fatal. Elles tém toda probabilidade de ferir 100 homens antes que um delles seja attingido por projectis dos atacantes. Munidos e conhecedores actualmente do alcance das armas modernas, visam de longe o acampamento ou grupo de soldados embolados, perdendo raras vezes o alvo. Demais, escopeteiam com pericia de caçador traquejado, dormindo na pontaria o olhoesquerdo, emquanto o direito, como os das aves de rapina, alcança ao longe. Criados nestes sertões estereis, a talo de macambira, miolo de corôa de frade, a batata de umbu, fructas de catinga, mel, e nos tempos de secca a beber agua de tabocas, taquaras, bambús e gravatáz, tornam-se montezes como os maracajás, ageis, lépidos e velozes como tejús (...) Pelo nascer do sol, que é a sua bussola, mettem-se por dentro das catingas e carrasqueiros com o intuito de dormir a doze léguas e mais adiante. E o sol, ao se pôr, os vê chegar ao objectivo. Têm o faro dos tatús, a vista das acuãs e o ouvido sempre alerta, semelhante aos dos habitantes primitivos dos sertões florestaes. Ameaçados de todos os perigos, já não os temem e encaram a morte com a frio absoluto da indiferença. Vivendo em tal meio adaptam-se a passar sem comer dias inteiros e por isto todos têm a seccura corporal das mumias e a sensibilidade de semi-amadornada em uma dormencia de pelle de anta. Os typos de jagunços, em geral negros e mestiços-falos, são, devido á existência de privações e constantes riscos por que passam, como que mumificados, dando a lembrar a figura esqualida de um feiticeiro selvagem. Conhecem pelo rastro se foi uma vacca ou um boi

> que veio beber na curva do rio; distinguem as pégadas dos parentes e amigos de outros, dias depois, se o tempo não apaga-las do solo (p.1).

O correspondente dá um exemplo disso e conclui:

> Eis ahi como um homem rude, ignorante, pelo traquejo da existencia quasi selvagem que leva nestes sertões, tira de um facto futil e insignificante, que passaria despercebido a qualquer outro, uma successão de deducções fieis, transportando o facto a uma realidade logica que o civilisado nunca alcançaria. E não se limita sómente ao nosso sexo este apuro admiravel das faculdades dos sertanejos. As mulheres possuem tambem esta mesma intuição quasi divinatoria que a necessidade do meio a que se adaptaram desenvolve dia a dia com maior nitidez e clareza (...) o jagunço, a modo de arco-iris conservando a mesma distancia primitiva, para o pirquete, vai recuando e fuzilando-o. A força volta, elle avança invisível com a persistencia tenaz de um besouro a bater em vidraça (p.1).

Além, dessa carta, há outra notícia sobre a partida do 1º batalhão da capital da Bahia para Queimadas (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": Na seção *Notas politicas* há uma discussão em torno das cartas de Manoel Benicio, do *Jornal do Commercio*, que critica as atitudes do general Arthur Oscar; o articulista da *Republica* entende ser culpa do governo federal e do estado da Bahia que por inépcia ou traição negligenciou pessoal, munição e viveres aos batalhões (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

ξ **RIO, 9:** Vários telegramas que noticiam o deslocamento de batalhões rumo a Canudos; por telegramas de oficiais há mais notícias a respeito da situação em Canudos, em que há comentários detalhados de combates e do modo de guerrear astucioso que os sertanejos se valem. Também há referência à carta de Maonel Benicio que será publica no *"Jornal do Commercio"* com mais críticas ao general Arthur Oscar (p.2).

ξ **"CANUDOS":**

BAHIA, 9: São 3 telegramas não referenciados, mas que acredito serem de autoria do correspondente especial, Euclydes da Cunha, que se referem a partida do 1º batalhão a Queimadas, com entusiástica despedida popular; também informa que o ministro da guerra tomou providências para a comunicação e o envio de viveres para Canudos; por fim o correspondente se refere a uma publicação do *Jornal de Noticias* em que o coronel Carlos Telles dá sua opinião acerca dos "fanáticos" e de Canudos. Este coronel acredita que a missão Moreira Cesar teria vencido, caso se comandante não tivesse sido morto, pois os "jagunços" tornaram-se fortes e bem armados por conta da apreensão de material bélico da expedição malograda. Além disso, há notícias das enfermarias e da situação dos doentes que, ao que parece, estão sendo bem tratados (p.2).

11-08-1897

ξ **"CANUDOS" (composto por cinco colunas):** Telegramas do correspondente especial (**BAHIA, 9** / Euclydes da Cunha):

> Os officiaes feridos nos ultimos combates relatam erros de tactica de ordem tão grave que só devem ser expostos, depois de investigações ulteriores e sérias (p.1).

Há outras informações acerca das providências que o minitro da guerra tomou e sobre o deslocamento de batalhões e feridos (p.1). **BAHIA, 10:** Descreve, brevemente, a situação dos soldados enfermos e feridos que estão nos hospitais; o correspondente observa que os doentes se julgam felizes pelo sacrifício que fizeram pela República. Ele, também, observa a recepção popular aos feridos que chegam à capital é com ardor (p.1).

ξ Várias cartas datadas de 9 a 16 de julho (há indícios de serem de Manoel Benicio, apesar de não mencionado): Há diversas informações acerca do que se passou nesses dias, como falta de medicamentos, balas perdidas que ferem e matam pessoas nos acampamentos; o jornalista faz críticas ao que se passa em Canudos, no que diz respeito às táticas de guerra e de comando, ao transporte ineficaz e à falta de uma base de operações às deserções dos soldados diariamente por conta da fome e da situação difícil que se encontram:

> Na historia das expedições de guerra de todos os tempos não ha antecedente que possa justificar o que hoje se passa aqui a 1.000 metros de Canudos, e a 28 leguas distantes de uma estrada de ferro que liga todo este sertão bahiano, cheio de agricultura e fazendas de criação, a uma das cidades mais ricas e abastadas da Republica Brasileira. Não ha exemplo na historia bellica, de um descazo de tamanha grandeza, nem de tamanha miseria e desanimo em tropas disciplinadas (p.1).

Ele continua criticando a coluna comandada por Arthur Oscar por não ter base de operações em lugar algum, o que prejudicou o andamento das operações e fez a 1ª coluna pedir socorro à 2ª coluna. Ele narra, novamente, o que se passou no combate em que Arthur Oscar pediu socorro a Savaget. O correspondente afirma que, em entrevista, Arthur Oscar comunicou que o governo não deixou faltar nada às operações e Savaget, também utilizou bons recursos fornecidos pelo governo. Então, a culpa pela situação precária não se deve ao governo, e sim à falta de planejamento e organização do comandante principal, Arthur Oscar:

> A quem se deve, pois, a perda de tantos officiaes e praças, inutilmente? Por que estamos, ha quinze dias, nas portas de Canudos, sem poder avançar? Qual o causador da fome que assola no acampamento e das diserções em massa? Será desta vez ainda arrasado Canudos se Antonio Conselheiro quizer resistir? A expedição veio com o fim de atacar e está se defendendo. Quem ataca hoje é o inimigo que nos sitiou e cortou as vias de communicação para os pontos de comercio e recursos (p.1).

Menciona sobre a censura que sofreu e que está ocorrendo com cartas e telegramas:

> O chefe da expedição prohibiu que o portador levasse qualquer recado, carta e telegramma que não fosse visado por elle. Quando se lhe apresentou um molho de telegrammas de oficiaes para visar, s. exa. disse: – Se tem algum do tal correspondente do *Jornal do Commercio*, inutil é apresental-o. Não quero

> vêl-o, pois não viso-o. S. exa. está aborrecido por ter eu mandado a descripção da nossa situação, que tanto se tem procurado descobrir. Felizmente que o coronel Medeiros já fez ver ao governo como estamos, o que temos padecido e nos espera, e o que sucedeu, vindo comprovar o que mandei dizer (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Gazeta de Noticias": Sobre as atitudes da oposição contra o presidente observa o seguinte:

> É preciso que o presidente chegue ao ultimo instante do seu periodo constitucional, e para isso a opposição, que não lhe faz guerra pessoal, usa no congresso, na imprensa, nos documentos politicos em que se dirige á Nação, descrevel-o como um pusillanime, tomado de pavor, como um inepto, incapaz de governar, como um traidor, que faz causa commum com os que já se revoltaram contra as instituições, e até com os fanaticos de Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 10: Alguns telegramas informando sobre a chegada de enfermos vindos de Canudos e o deslocamento de batalhões rumo a Canudos (p.2).

12-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Telegrama do correspondente especial (Euclydes da Cunha): **BAHIA, 11:** Fornece diversas informações acerca da partida de reforços para Queimadas e depois para Canudos; menciona informações sobre as munições que são levadas, entre outras informações (p.1).

ξ Do correspondente do *"Paiz"*: Informa a situação dos enfermos e das visitas do general Savaget às enfermarias; observa que estão sendo providenciados medicamentos e leitos para que os soldados que chegam de Canudos tenham bom atendimento. Informa que o general Barbosa afirma que não é preciso de mais esforços, pois Canudos está quase deserto e já ocorreu grande mortandade entre os "jagunços", no entanto o general Arthur Oscar espera o brigada Girard para atacar (p.1).

ξ Da *"Gazeta de Noticias"* foram extraídas mais notícias acerca do deslocamento de oficiais e detalhes dos combates em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 11; BAHIA, 11: Vários telegramas que informam que mais batalhões seguem para a Bahia e noticia o estado sanitário das enfermarias; o "*Diario da Bahia"* publicou que o general Barbosa afirmou que não é preciso de reforços para atacar Canudos e gostaria de fazê-lo imediatamente, porém o general Arthur Oscar espera reforços; as forças que estão em Canudos padecem de fome (p.2).

13-08-1897

- ξ **"CANUDOS":** Telegramas do correspondente especial (Euclydes da Cunha): **BAHIA, 12:** Comunica o deslocamento do batalhão vindo do Pará e de oficiais; observa que o general Savaget em passeio pela cidade foi saudado por grande multidão e informa que o ministro da guerra partirá para o sertão, em breve, acompanhado de tropas e dos batalhões que chegarão na Bahia (p.1). Em outro telegrama informa que houve novos combate em Canudos e a duas igrejas estão, completamente, inutilizadas; noticia que segue para Canudos mais um batalhão (p.1).

- ξ Do correspondente do "*Jornal do Commercio"*: Ele descreve as casas em Canudos e afirma que não passam de 2.000 e continua na sua missão de descrever o arraila e sua gente; o correspondente diz que há ali muitas mulheres corajosas e outras que se entregaram com medo; há muito homens armados, mas estima que muitos deles não estão armados. Afirma que houve muito fugitivos e acredita que há somente 1.000 homens no arraial que possam combater. Ele menciona outras informações e detalhes acerca do que viu e tem visto no sertão; também passa um lista com os nomes dos soldados mortos. Manoel Benício observa que os soldados e seus oficiais, treinados para a arte da guerra, conseguem estimar o número de inimigos que estão enfrentando de acordo com o combate, entre outras estratégias; nessa observação percebemos a comparação entre os soldados e os sertanejos, sendo aqueles homens treinados que detêm o conhecimento bélico e os canudenses são vistos como selvagens que usam apenas o instinto e o conhecimento do lugar:

> Militares, homens disciplinados que têm ordem, leis, um codigo especial para a guerra, que estudam a arte de defesa e de ataque, a estratégia, podem calcular o numero de inimigos pelo numero de baixas que soffrem num combate na hora da lucta sem levarem em conta a posição, o medo, as condições do ataque e a situação, os recursos do inimigo, jagunço, alheio a toda arte de guerra, só obedecendo ao instincto selvagem, com a superioridade do logar? (p.1).

- ξ Do correspondente do *"Paiz"*: afirma que, segundo um negociante, seguiram de Itapicurú para Canudos cerca de 5.000 homens; observa que só nesse município todos são conselheiristas e há um sacerdote ali que prega em favor dos "fanáticos" (p.1). Há, tambèm, informações de uma carta ao "*Diario da Bahia"* que observa que o estado das enfermarias, em Monte Santo, é precário:

> Os psedos hospitaes, acrescenta a carta, oferecem condições de completo desenvolvimento para os agentes mórbidos. Reina alli a mais absolta falta de hygiene, morrendo-se menos talvez de bala do que de falta de tractamento (p.1).

- ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Paiz": Esse jornal, em um artigo intitulado *Nosso militarismo*, articula sua opinião em torno do argumento de que não existe militarismo no Brasil; julgando que a oposição ataca a Republica de militarista. Alguns trechos que se relacionam, diretamente, a Canudos:

> Nunca existiu o militarismo no Brasil, e não seria a Republica quem havia de creal-o. Os militares, se têm tomado parte na conquista das nossas mais gloriosas liberdades, na realisação dos nossos mais avançados idéaes democráticos; nunca exerceram senão esta missão historica, devolvendo

> immediatamnete aos civis os postos e vantagens que lhes haviam sido confiados nos dias de lucta e de perigo (...) qual é o militarismo cujas ameaças despertaram os zelos e os temores da guarda pretoriana? É o desses leaes e bons brasileiros que, chamados a partir para o reducto insondavel e monstruoso levantado pelo fanatismo e pelo monarchismo, despedem-se serenos do lar, da patria e até da vida, deixando naquellas medonhas paragens, sem terem sequer o piedoso agasalho de uma sepultura ou a ultima lagrima de um epitaphio, o vigor das grandes dedicações á causa do dever e da honra, e os santos afectos da familia e da Republica (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"**– Telegrama que afirma que o Exército continua mantendo suas posições em Canudos (p.1).

ξ **"NOVO CONSELHEIRO"**– Publicação da *Republica*, de Pernambuco, do seguinte artigo intitulado de *Fanatismo*: Trata-se da carta de um "respeitável cidadão", segundo o jornal, que denunciou ter um foco de fanatismo em um município do sertão; há detalhes sobre o caso (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 12: Vários telegramas com notícias de festival para arrecadação de verba para as famílias dos soldados mortos em Canudos, de reuniões do ministro da guerra e da artilharia que segue para Canudos (p.2).

14-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Telegramas dos correspondentes da *"Gazeta de Noticias"* em Monte Santo e na Bahia:

MONTE SANTO, 12: Apresenta informações sobre tropas que seguem para Canudos e aguardam novas tropas e o Ministro da guerra; seguem também muitos mantimentos. Um oficial informou que os "jagunços estão muito enfraquecidos devido ao ataque diário, mas as forças do governo sustentam suas posições ainda com grandes sacrifícios (p.1).

BAHIA, 12: Para o ataque final a Canudos, o general Arthur Oscar está esperando reforços que estão, ainda, a caminho. Há comentários acerca da situação em Canudos:

> O malvado Antonio Conselheiro nem ao menos fez retirar do seu reducto as mulheres e crianças, de modo que têm meninas de um anno com ferimentos nas mãos; uma destas victimas acha-se me poder do general Oscar, que a tomou para fazer os curativos (p.1).

ξ Telegramas do correspondente do *"Paiz"*, na Bahia: Ele dá diversas informações acerca dos mantimentos que seguem a Canudos; do pedido do general Oscar por viveres; da situação nas enfermarias; do deslocamento de tropas e oficiais (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 13: Está sendo julgado o projeto do Sr. Francisco Glycerio que visa conceder pensão às mulheres, filhas solteiras, filhos menores e mães dos oficiais e praças que morreram em Canudos (p.1). Outros telegramas acerca do deslocamento de oficiais no sertão (p.2).

15-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Do correspondente especial na Bahia (Euclydes):

BAHIA, 14: Informa que as últimas providências estão sendo tomadas pelo ministro da guerra e que em breve ele partirá par ao sertão; dá outras informações cotidianas como o deslocamento de pessoal, entre outras (p.1).

ξ Carta do Sr. Ubaldo Soares da Silva ao *"Jornal do Commercio"*, em que ele, de certo modo, defende o Conselheiro, desmentindo várias falsas notícias acerca do arraial de Canudos e do seu chefe:

> Conheci esse infeliz homem, em 1877, em Chorrochó, termo de capim grosso, onde tive de admirar a sua perseverança na construcção da egreja daquelle arraial, em cujas obras gastou cinco longos anos (...) Aquelle povo que o acompanha, sr. redactor, não tem crenças politicas nem sabe distinguir republica de monarchia; apenas diz que combate os republicanos porque estes são *maçons* e perseguidores da religião de Jesus Christo (...) Andrajoso e repellente, errava esse infeliz de villa em villa, de arraial em arraial, de fazenda em fazenda, pedindo esmola pelo amor de Deus para construir egrejas e cemiterios. Eis ahi a narração fiel do que foi Antonio Conselheiro. Causou-me, portanto, enorme estranheza quando tive conhecimento das suas façanhas, de que estava arvorada em chefe de uma horda de facinoras, destoando completamente da sua vida de outr'ora (...) Não acredito que nenhum dos politicos da Bahia tenha fornecido elementos a Antonio Conselheiro; o armamento moderno de que elle dispõe, – cuja procedencia tanto tem escandalisado aos partidarios extremados desta capital – é facil de asseverar-se onde elle o encontrou: todos conhecem o exito de tres expedições que alli têm combatido. Quanto á grande mortandade que tem havido, só causa admiração a quem não conhece os nossos sertões; 10 homens emboscados e municiados pódem perfeitamente dizimar um batalhão (...) Terminando, sr. redactor, devo declarar que a maioria dos bahianos sertanejos não é conselheirista; só não faz propaganda contra o fanatico para nãose expôr ás represalias da jagunçada desenfreada; exactamente como aqui na Capital Federal, centro da civilisação brasileira, onde ninguem póde desassombradamente manifestar as suas opiniões politicas, sem incorrer no desagrado brutal dos terroristas (p.1).

ξ Do correspondente do *"Paiz"*: Ele dá diversas informações cotidianas, como o deslocamento de batalhões e a breve chegada dos reforços em Canudos. Segundo o jornal, um "homem sèrio", vindo de Canudos, afirmou que diariamente o Exército tem em média uma baixa de seis homens, entre mortos e feridos, pois os "jagunços" atiram todos os dias contra as forças do governo (p.1).

ξ Em entrevista com o general Serra Martins, o correspondente do *"Paiz",* na Bahia, obteve as seguintes informações: O coronel disse que não pode afirmar o número de "jagunços", já que nunca os viu em campo aberto, mas afirma que as balas deles

vinham de todas as direções. Ele tem esperança da vitória breve da lei e da Republica (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 14: Vários telegramas que dão detalhes da partida e do deslocamento de tropas e oficiais. Notícia de uma entrevista que será publicada no *Jornal do Commercio*, no dia seguinte, em que o general Carlos Telles afirma, ao correspondente desse jornal na Bahia, que todas as informações dadas pelo correspondente especial em Canudos, Manoel Benicio, são verdadeiras (p.2).

16-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Do correspondente especial Euclydes: passa informações cotidianas acerca dos feridos que chegam na capital, dos batalhões que seguem para a Bahia e para Canudos; e, versa sobre a forte expectativa e confiança no término da luta contra Canudos em breve:

> Chegam ainda feridos que são carinhosamente acolhidos. Dentro de dez dias estará fechado o cerco de Canudos. Os jagunços render-se-ão, sem mais perdas de vidas nas forças legaes (...) A victoria é infallivel e próxima (p.1).

ξ Do correspondente do *"Jornal do Commercio"*, na Bahia, foi publicada uma carta contendo uma entrevista com o coronel Carlos Telles que confirma as informações do correspondente do *"Jornal"* acerca da situação atual de Canudos e das declarações acerca dos últimos combates. Os soldados que voltam do campo de batalha confirmam essas informações, dizendo que em Canudos reina a fome, mesmo coma chegada de comboios com alimentos; os soldados e oficiais estão maltrapilhos e buscam alimentos nas matas e muitos não voltam ao acampamento, porque são vítimas das emboscadas dos sertanejos. Eles culpam o general Arthur Oscar por não terem ainda conseguido tomar Canudos por completo e afirmam que no combate do dia 18 boa parte do arraial foi ocupado pela superioridade numérica e bravura do Exército e não por conta de estratégia e tática bélica. Em geral, os soldados e oficiais acreditam que não havia nem 1500 homens armados em Canudos e se houvesse esse número, nenhum soldado sairia vivo dali (p.1).

ξ Do correspondente do *"Paiz"*, são dadas mais informações acerca da chegada dos acadêmicos em Canudos que foi saldada com esperança e entusiasmo pelos feridos. Há mais informações acerca do deslocamento de oficiais, tropas e comboios de alimentos e medicamento a Canudos (p.1).

ξ Do correspondente da *"Gazeta de Noticias"* há informações acerca do deslocamento de oficiais, feridos e batalhões. Ele noticia que as aulas da Faculdade de Medicina foram suspensas para ajuda humanitária aos doentes e feridos que chegam na capital (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** Telegrama de Porto Alegre, informando que se prepara, ao que parece, uma imitação do arraial de Canudos, em que se aglomeraram em um sitio bandidos e fanáticos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 15: Vários telegramas acerca de notícias do sertão: estado sanitário, oficiais doentes e mortos e batalhões que se deslocam (p.2).

ξ **"UM CONSELHEIRISTA?"**– Publicada na *"Gazeta de Petropolis"* uma entrevista com um homem chamado Francisco Leal; ele se encontra da delegacia de São José do Rio Preto. Ele dá várias informações sobre Canudos e afirma ter combatido, com os conselheiristas, contra a expedição Moreira Cesar e que são monarquistas e restauradores os sertanejos sob o comando de Antonio Conselheiro; dá os nomes dos principais chefes militares de Canudos: Pajeú, Macambira e João Abade (p.2).

17-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Do correspondente especial na Bahia, Euclydes:

BAHIA, 16: Dois telegramas que relatam, basicamente, o cotidiano da capital baiana: o estado das enfermarias; a chegada dos batalhões e a preparação que recebem para partir para o sertão. O ministro da guerra está no comando dessas operações da capital e seguirá brevemente para Monte Santo (p.1).

ξ Do correspondente do *"Paiz"*, na Bahia: Informações cotidianas acerca de mortos e feridos e das providências sanitárias. Há notícias de que existe grande mortandade por conta da varíola em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 16: Notícia do deslocamento de oficiais e de uma possível evasão dos "fanáticos" que estão se entrincheirando em sítios distantes, cerca de 3 léguas, de Canudos (p.2). Bahia, 16: Noticia da partida de oficiais ao Rio e do capitão Manoel Benicio que estava em Canudos como correspondente do *"Jornal do Commercio"* (p.2).

18-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Trata-se de um longo artigo de aproximadamente duas colunas do jornal. Nele o correspondente comenta sobre a situação capital baiana com a chegada de batalhões para partir para o sertão e com a chegada dos feridos vindos de Canudos. Ele enaltece bastante esses dois grupos que estão pelas ruas da capital da Bahia. Comenta sobre o que os soldados e oficiais e o correspondente Monoel Benicio já tinha comentado anteriormente: sobre os erros da guerra; sobre a falha da primeira coluna que avançou sobre Canudos e deixou para trás munição e alimentos que foram tomados pelos "jagunços". Essa falha deixou as tropas em desvantagem a certa altura do combate e foi necessário a ajuda da terceira coluna que teve que voltar para salvar a primeira coluna. Dá informações acerca das estradas que já estão seguras, sem perigo de assaltos dos sertanejos de Canudos, e termina assim:

> Está prestes a findar a dolorosissima campanha. Bahia, 10 – 07 – 97. Euclydes da Cunha (p.1)[39].

Telegramma:

BAHIA, 17: do correspondente especial, Euclydes. Dá notícias das providências que estão sendo tomadas na capital pelo ministro da guerra e pelos oficiais; noticia a chegada do batalhão do Pará e da calorosa recepção popular que houve; noticia a chegada de feridos, vindo de Canudos, e de boatos e opiniões divergentes e desencontradas, em que uns acreditam no tèrmino da luta e na rendição dos "jagunços" em poucos dias, já outros acreditam que a resistência é grande e estão formando outra fortaleza em sítios além de Canudos (p.1).

ξ Do "*Paiz"* temos informações de diversos oficiais que chegaram de Canudos e afirmam que a resistência ainda é grande, cerca de 3.000 sertanejos, e não podem ser atacados pela posição superior que se encontram; há outras informações acerca da partida e chegada de oficiais feridos e da recepção popular calorosa ao batalhão vindo do Pará (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 17: Alguns telegramas que noticiam o deslocamento de batalhões e a situação em Canudos que parece ser estável, onde os soldados estão conseguindo manter as posições conquistadas e esperam reforços para dar o ataque final a Canudos (p.2).

19-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Telegramas do correspondente especial na Bahia, Euclydes: **BAHIA, 18:** Desmente boatos acerca de um possível ataque aos reforços que seguem para Canudos; ele passa informação acerca do deslocamento de batalhões e da chegada de feridos (p.1).

ξ Publicação do *"Paiz"*: Passa informações acerca da recuperação de oficiais e feridos em geral; do estabelecimento de mais enfermarias; do deslocamento de oficiais; envio de comboios, estado dos feridos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 18: Do correspondente do jornal *"A Noticia"*, temos o telegrama: **QUEIMADAS, 17:** Foi preso na entrada de Monte Santo, um soldado que na verdade era um jagunço (p.2).

[39] Primeira vez que percebi a expressão "bárbaros" para se referir aos sertanejos.

20-08-1897

ξ **"O PROFESSOR SOUZA MARTINS"**– Discorre acerca da morte e da vida desse professor português muito consagrado; um homem de ciência. Fornece alguns detalhes da sua vida científica e contribuições (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Carta do correspondente Manoel Benicio, de 7 de julho, publicada no dia anterior no *"Jornal do Commercio"*: o correspondente afirma em sua carta que todas as críticas e informações acerca dos combates e da situação em Canudos podem ser comprovadas por meio de documentos e pede para que os ofendidos se defendam com documentos também. Escreve uma longa correspondência com os detalhes desses combates e da situação em Canudos; informações já publicadas anteriormente. Ele faz um elogio ao artigo *"A nossa vedêa"*, escrito por Euclides da Cunha, observando que foi escrito com critério e iluminação. Manoel Benicio detalha sua estadia e visitas que recebe, menciona também que faz todos os dias, a fim de contar e recontar minuciosamente tudo que se passou em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 19: Discorre acerca de uma carta enviada da Bahia por "pessôa muito a par do movimento politico daquelle estado". A carta contêm informações a respeito de fatos e detalhes do surgimento da "conflagração dos sertões da Bahia", ainda não publicados na imprensa. Foram extraídas algumas informações e narradas nesse telegrama:

> Da carta, que talvez appareça amanhan num importante orgam, pude colher os seguintes curiosos dados sobre a questão que originou o primeiro embate das forças estadoaes com a força do Conselheiro e as subsequentes expedições: Antonio Conselheiro comprára no Joazeiro ao commissario de policia, madeiras na importancia de um conto e duzentos mil réis, destinadas á construção da egreja nova. Da compra possuia recibo, mas nunca conseguiu receber madeiras. Depois de muitas reclamações mandou dizer para Joazeiro que iria áquella localidade para buscar ou madeiras ou importancia. Immediatamente o commissario de policia, que bem podia conhecer a fama do Conselheiro, alarmou-se e combinando com o juiz de direito, escreveu ao dr. Luiz Vianna, presidente do Estado, dizendo que os jagunços ameaçavam atacar Joazeiro. O presidente do Estado respondeu que não podia empenhar as forças por um simples boato ou indicação vaga. Que quando houvesse indicio certo avisasse, que elle tomaria providencias. Effectivamente, dias depois, um novo telegramma annunciava ao presidente que os jagunços estavam a dois dias de marcha do Joazeiro, pedindo providencias. Foi então organisada uma força, a primeira enviada contra os jagunços, uns cento e tantos homens commandados pelo tenente Pires Ferreira. Esta força, como é sabido, foi destroçada em Uauá. Eis a origem de tudo: uma questão de um conto e duzentos mil rèis" (p.2). Há outros telegramas com notícias cotidianas acerca da chegada de feridos e deslocamento de pessoal (p.2).

21-08-1897

ξ **"CANUDOS":** Telegramas do correspondente especial, Euclydes:

BAHIA, 19 (2 telegramas): Informa que mais um batalhão chegou na capital e são aguardados mais batalhões. Ele informa que foi elevado a cerca de quatorze mil o número das forças em operações no sertão baiano.

Outro telegrama:

BAHIA, 20: Afirma que o batalhão Girard foi atacado por "jagunços", o que deixou um morto e alguns feridos; os "jagunços" foram, facilmente, repelidos (p.1).

ξ Do *"Jornal do Commercio"*: Informa que um grupo de "jagunços", comandados pelo "fanático" Antonio Fogueteiro, invadiu a povoação de Mirandella que se defendeu do ataque matando Antonio Fogueteiro; esse grupo procurava assaltar a povoação para levar ajuda a Canudos; a povoação e cidades vizinhas estão em estado de alerta (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 20: Vários telegramas que dá informações acerca de feridos e deslocamento de pessoal.

> Numa rapida conversa com pessôa que fallou com um official chegado hoje (...) pude colher as seguintes notas: Calcula os jagunços armados em nunca em mais de 1.500 (...) Os filhos dos jagunços aprisionados demonstraram conhecer perfeitamente as armas, designando, pelos nomes, as differentes peças dos fusis (...) Uma mulher prisioneira já velha disse: 'Porque não se vão embóra e nos estão amolando tanto tempo?'(...) Narrou o official o seguinte episodio que prova o fanatismo dos jagnços: 'Rebentando uma granada perto de uma casa de Canudos, viram os nossos immediatamente um delles assomar á porta olhando calmamente. Segunda granada fez explosão a poucos metros de distancia. Os nossos officiaes viram o jagunço voltar-se acenando para o interior da casa, donde saíram logo a mulher e crianças que ficaram á porta olhando para o lado do jagunço. Accrescentou que ainda o jagunço è fusilado dá vivas ao Bom Jesus e ao imperador' (p.2).

22-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO":

> [...] Vêm, successivamente, promanando de todos os pontos da nossa terra, convergindo todos para seio da antiga metropole, reunindo-se precisamente no sólo onde pela primeira vez apparecemos na historia – o paulista emprehendedor e altivo, o rio-grandense impetuoso e bravo e o filho do norte robusto e resistente. E a antiga capital abre-lhes o seio, agasalha-os no recinto sagrado de seus baluartes, despertando, transfigurada da quiétude anterior, como que envolvendo no mesmo afago carinhoso e ardente, a numerosa próle ha seculo erradia, esparsa. Indoles diversas, homens nascidos em climas distinctos por muitos gráos de latitude, contrastando nos habitos e tendencias ethinicas, variando nas apparencias; frontes de todas as cores – do mestiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco – chegam aqui e se unificam sob o influxo de uma aspiração unica. Parece um reflexo prodigioso da nossa historia. Depois de longamente afastados, todos os elementos da nossa nacionalidade volvem bruscamente ao pondo de onde irradiaram, tendendo irresistivelmente para um entrelaçamento belissimo (...) Não se tracta de defender o solo da patria do inimigo extrangeiro; a lucta tem uma significação mais alta e terá resultados mais duradouros. Observo-a de perto, sinto de perto a commoção extraordinaria que abala, aqui, todos os nossos patricios; e interpretando com segurança essa uniformidade extraordinaria de vistas que identifica na mesma causa elementos tão heterogêneos – creio que

> a organisação superior da nossa nacionalidade, em virtude da energia civilisadora accrescima, repelle, pela primeira vez, espontaneamente, velhos vicios organicos e hereditarios tolerados pela politica expectante do imperio. Porque, realmente, este incidente de Canudos é apenas symptomatico; erramos se o considerarmos resumido numa aldeia perdida nos sertões. Antonio Conselheiro, especie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de synthetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de reducção do nosso povo. Vem de longe – repellido aqui, convencendo mais adiante, num rude peregrinar por estradas asperrimas – e não mente quando diz que é um ressucitado porque é um notavel exemplo de retroactividade atavica e no seu mysticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos os erros e superstições dos que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado. Acredita que não morre porque presente, por uma intuição instinctiva, que em seu corpo fragillimo de evengelisador exhausto dos sertões, se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representantes em todos os pontos da nossa terra (...) Dahi a significação superior de uma lucta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte. Porque – consideremos o facto sob o seu aspecto real – o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: – é a nossa apathia enervante, a nossa indifferença morbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinivel difundidas em superstições extranhas, a nossa comprehenção estreita da patria, mal esboçada na inconsistencia de uma população espalhada em paiz vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatarios tendo como capital a cidade de taipa dos *jagunços...* (...) Alem disto recebemos uma lição proveitosa e inolvidável. Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado de insciencia deploravel em que vivemos acerca das regiões do interior de todo desconhecidas muitas e, de outro, o abatimento intellectual em que jazem os que as habitam. Sobretudo este ultimo é um inimigo permanente (...) Bahia, 15-8-97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ Telegramas do correspondente, Euclides:

Bahia, 20: Dois telegramas em que um trata do ataque dos "jagunços" â povoação de Mirandella; já noticiado anteriormente. O outro telegrama versa sobre o ataque ao batalhão Girard como algo insignificante; dá outras informações acerca da partida ao sertão do batalhão vindo do Pará e da partida para Canudos do batalhão paulista (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": Faz um comentário acerca da carta do general Arthur Oscar, já publicada na imprensa. Esse comentário é em favor do general e questiona a origem das armas e da munição que os canudenses estão fazendo uso contínuo há mais de dois meses (p.1).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES"–** Leitura na câmara federal de telegrama do general Arthur Oscar se defendendo das acusações e críticas feitas a sua pessoa, amplamente noticiadas neste jornal. Ele afirmou que somente se defendeu dos inimigos que são muito fortes e usam armas aperfeiçoadas (p.1).

ξ Manifesto do Club Millitar em apoio ao general Arthur Oscar por conta das acusações e críticas, ditas como infundadas, â pessoa "ilustre" do general; neste manifesto a imprensa em geral è citada e, em particular, o "*Jornal do Commercio"*:

> O Club Millitar, tendo acompanhado com a maior attenção e interesse as noticias sobre as operações das forças expedicionarias de Canudos, ao mando do general Arthur Oscar, publicadas pelos differentes orgams da imprensa diaria desta capital, e sentido que as do *Jornal do Commercio*, sobre serem incoherentes e contradictorias, revelam grande somma de má vontade contra o illustre commandante em chefe das mesmas forças, com o intuito unico de ferir sua brilhante reputação militar' (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 21: Vários telegramas com notícias do deslocamento de tropas, deslocamento e nomeação de oficiais, visita do ministro da guerra às enfermarias e algumas de suas providências e reuniões. Há, também, um posicionamento do *Jornal do Commercio* acerca do manifesto do Club Militar, o jornal defendeu o capitão Manoel Benício e está seguro do seu republicanismo e honestidade, assim, há oficiais vindos de Canudos que podem desmentir ou afirmar o que ele publicou e eles o farão isso (p.2).

23-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Longo artigo em que Euclides da Cunha descreve a cidade da Bahia do ponto de vista do navio em que está. Ele escreve um artigo poético e com bastante sentimento, observando os momentos de saudades e de tristeza que, às vezes, abate a tripulação, mas pela causa republicana ali estão e se animam por salvar a pátria:

> É a admiração perenne e intensa pela nossa natureza olympica e fulgurante, prefigurando na extranha magestade a grandeza da nossa nacionalidade futura (...) Em breve pisaremos o solo onde a Republica vae dar com segurança o ultimo embate aos que a perturbam (...) A Republica é immortal! Bordo do Espirito Santo, 7 de agosto de 1897. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS DE EUCLYDES":**

BAHIA, 21: Dois telegramas que tratam do desembarque do batalhão vindo do Amazonas e de uma carta do coronel Carlos Telles ao "*Diario da Bahia"*, em que este oficial afirma que há número reduzido de casas em Canudos, cerca de 2 mil, e não 4 mil como comentam; afirma, também, que a terceira expedição teria vencido se não fosse a morte do comandante geral da expedição, o coronel Moreira César; ele não acredita que os "fanáticos" tenham intuitos monárquicos (p.1).

BAHIA, 22: Dois telegramas que apresentam o relato dos estudantes de medicina, vindos de Monte Santo, que reclamaram do péssimo atendimento que tiveram ali; eles afirmaram que o chefe sanitário lhes disse que havia poucos feridos em Canudos e muitos enfermeiros. No segundo telegrama há informações dadas por Carlos Telles, em sua carta, a respeito de Canudos. Ele acredita que há pouco mais de mil casas e que os sertanejos não possuem intenção restauradora. Também, afirma que a expedição

Moreira Cesar poderia ter vencido, caso o seu comandante não tivesse sido morto, e que os "jagunços" conseguiram suas armas das expedições anteriores. No final, ele declara que não pretende alarmar o espírito público com mentiras e diz somente o que sabe e viu (p.1).

ξ Da "*Gazeta de Noticias"* temos notícias acerca do deslocamento de tropas e feridos (p.1).

ξ No "*Paiz"* foram publicados telegramas de Queimadas e Monte Santo acerca do ataque dos "jagunços" no dia 10 e 11, em que foram repelidos; acerca da partida de estudantes de medicina por conta do comportamento do chefe sanitário; há outras informações sobre o deslocamento de tropas e oficiais e sobre o estado sanitário em Canudos, que está bom, e sobre a posição do Exército em Canudos que continua em ataque (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"Republica": No artigo intitulado "O que è Canudos", o articulista trata de uma carta que contêm informações acerca de uma incitação aos "jagunços" a lutarem pela restauração monárquica; no artigo, este jornal, mais uma vez afirma que os sertanejos foram ajudados com armas e munições vinda da própria capital da Bahia (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 22: Dois telegramas que tratam do retorno dos estudantes de medicina de Monte Santo; já abordado aqui e, também, trata da carta do general Carlos Telles e das afirmações dele que já foram comentadas em outras publicações desse dia (p.2).

24-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Nesse artigo, Euclides, pinta como num quadro o estado dos doentes que chegam na capital. Ele vai retratando, com sentimento, e causando sentimentos no leitor de compaixão, tristeza e agradecimento pelo sacrifício à pátria que foi feito pelos soldados mortos e feridos em combate nos sertões:

> [...] começam a sair – golpeados, mutilados, baleados – arrastando-se vagarosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes victimas obscuras do dever. O fremito de uma emoção extraordinaria vibra longamente em todos os peitos, quasi todas as frontes empalidecem e é sob um silencio profundo que a multidão se scinde, espontaneamente, abrindo alas á passagem do heroismo infeliz (...) Alguns trazem á cabeça um pauperrimo trophéo – o chapéu de couro dos jagunços (...) Que maior abnegação se póde exigir desses que, apezar de tudo isto, ainda a esta hora lá estão firmes, inabalaveis, hombro a hombro quasi com o adversário traiçoeiro, sob as tendas de combate erguidas dentro daquella povoação maldicta? Bahia, 12-7-97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS DE EUCLYDES":**

BAHIA, 23: Dois telegramas que tratam da chegada dos feridos e preparação de novos hospitais para recebe-los e do deslocamento das tropas para Canudos; há mais

informações acerca do estado sanitário em Canudos, que está bom, segundo informações de oficiais (p.1).

ξ Do *"Paiz"* temos notícias sobre as operações da Guerra de Canudos bem semelhantes às citadas acima: chegada de batalhões; desgosto dos estudantes de medicina que voltaram à capital da Bahia e fazem acusações da má recepção que tiveram em Monte Santo; há bombardeio em Canudos diariamente; há detalhes sobre os feridos, entre outras informações (p.1).

ξ **"O CONSELHEIRO DE LAGES"**– Há informações sobre um bando formado nessa cidade, no sul do país, que se assemelha ao bando de Canudos, pois estão aglomerando-se em um sítio e lá cantam "ladainhas" diariamente e há um pregador chamado S. Miguelito; marcham para este local forças federais (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 23: Vários telegramas com notícias de deslocamento de oficiais, correspondências entre o general Arthur Oscar e o vice-presidente da república e sobre o mal-entendido acerca da morte de um oficial que está vivo em Canudos (p.2).

25-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Euclides discorre acerca do soldado herói, mais especificamente dos oficiais Carlos Telles e Savaget; o correspondente exalta o heroísmo, a humildade, entre outras características desses oficiais e dos soldados, em geral:

> Eu conhecia de ha muito, irradiando da historia, definida em paginas notaveis, essa modestia característica dos valentes e dos fortes. Vi-a de perto, agóra, ao visitar o general Savaget e o coronel Carlos Telles (...) Comprehende-se a majestade do triunpho dos heróes que chegam, longamente esperados, entrando nas cidades ornamentadas, sob arcos triumphaes artisticamente constituidos, emergindo aureolados do seio de um povo que veiu á praça publica com o proposito, a intenção pre-estabelecida de saldal-os ardentemente. Bahia, 13-8-97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ Do *"Paiz"* temos notícias cotidianas das operações em Canudos: deslocamento de tropas e oficiais; necessidade de reforços e a expectativa de que muitas vidas serão, ainda, sacrificadas para a vitória contra Canudos, entre outras informações (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

***"Republica"*:** Na coluna *Notas politicas* é tratada a carta do general Arthur Oscar em defesa dele mesmo. A partir dos argumentos dessa carta, o articulista defende a ideia do jornal de que os "jagunços" são monarquistas e querem a restauração; ele afirma, também, que recebem armas como auxílio (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 24: Vários telegramas que noticiam a promoção do coronel Carlos Telles a general; o boato de um ataque à brigada Girard, próximo a Canudos; a publicação de um telegrama de Florianópolis, do dia 23, pela *"Noticia"*, contendo informações acerca do ataque ao bando que se formara em Lages; a formação desse grupo já foi noticiada anteriormente; houve intenso fogo, por horas, contra os "fanáticos" dessa região que dizem ser monarquistas e restauradores, assim como os sertanejos de Canudos; há boatos que são seguidores do Conselheiro. Ignoram as baixas dos "jagunços" e, em breve, haverá novos ataques contra esse bando (p.2).

26-08-1897

(Composto por oito páginas)

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Há, nesse artigo, uma série de dúvidas acerca do que realmente ocorre em Canudos, sobre o porquê os sertanejos permanecem no arraial, se é possível estarem aguardando reforços; há dúvidas se o número deles, realmente, é reduzido, pois alguns soldados e oficiais, vindo de Canudos, afiram que sim e outros que não. Euclides observa que o arraial é um mistério:

> Por que razão os *jagunços*, desmoralisados, em numero reduzido, tendo ainda franca a fuga para o sertão indefinido e impervio onde não ha descobril-os, no seio, no seio de uma natureza que é a sua melhor arma de guerra – esperam que lhes fechem a unica estrada para a salvação, aguardam que se complete o sitio do qual resultarão a rendição e todas as suas funestas consequencias? (...) Do mesmo modo que as nossas tropas anceiam por novos reforços que chegam, não esperaram elles, acaso, dos sertões desconhecidos que se desdobram ao norte e noroeste de Canudos, fortes contingentes que ponham a nossa gente entre dois fogos? (...) Bahia, 16-8-97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **"UM EPISODIO DE LUCTA":** Euclides narra o famoso episódio em que um grupo de jovens sertanejos se lançam sobre um canhão, chamado por eles de "matadeira", e tenta destruí-lo com as próprias mãos. Neste artigo, há, também, uma descrição detalhista do ambiente:

> [...]Atravessaram o Vaza-Barris secco e fraccionado em cacimbas, investiram contra a primeira encosta á margem direita, embrenharam-se, num deslisar macio e silencioso de cobras, pelas catingas proximas (...)Os fanaticos audazes aprumam-se á borda da clareira e arrojam-se impavidos sobre a peça odiada (...) Bahia, 18-7-97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **"TELEGRAMMA DO CORRESPONDENTE EUCLYDES":**

BAHIA, 25: Um cálculo numérico rigoroso informa que há no máximo dez mil homens em operações em Canudos (p.1).

ξ O *"Paiz"* publica diversas informações acerca de um "manifesto" feito pelos acadêmicos a respeito do que lhes ocorreu em Monte Santo, como já noticiado

amplamente na imprensa; há informações sobre o deslocamento de soldados, oficiais e estudantes de medicina a Canudos e, também, sobre um ataque às forças em Canudos, com uma baixa de cerca de 100 conselheiristas; há um receio de que os sertanejos estejam tocaiados na serra do Cambaio para atacar as tropas que seguem a Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 25: Vários telegramas que publicam um telegrama do ministro da guerra ao presidente do Brasil, anunciando que, segundo o general Arthur Oscar, a brigada Girard chegou a Canudos e que o estado das tropas está melhorando com a chegada de comboios de viveres; há outras informações sobre a morte de um alferes da brigada Girard, sobre feridos em combate e sobre o deslocamento de tropas (p.3).

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES":** O general Solon, que estava na Bahia ao iniciar a campanha contra Canudos, em entrevista a um redator da *Provincia do Pará* declarou que suas previsões acerca da campanha de Canudos foram confirmadas, julgando ser impossivel que haja um movimento armado contra o presidente da Republica, embora ele não esteja bem protegido, segundo esse general, pela política que o apoia (p.3).

ξ **"SECÇÃO LIVRE":**

"CREDITO AGRICOLA: XV": A respeito da situação no estado de S. Paulo (p.4).

"DEFENDENDO-ME...": Trata-se de uma carta, publicada na *"Gazeta de Noticias"*, do dia anterior, em que o general Arthur Oscar procura se defender de algumas declarações feitas pelo correspondente do *"Paiz"* a respeito da sua atuação nas operações em Canudos. Basicamente, esse general declara que não está mais em Canudos, devido a problemas com a sua saúde, e não por vontade própria. Também, declara que não pretendia atacar Canudos sem a ordem do comandante em chefe, general Arthur Oscar, como insinuou o correspondente em questão. Além dessas declarações, o general Arthur Oscar termina a sua carta afirmando que não pensa que o movimento de Canudos esteja conspirando contra a Republica, ele acredita serem apenas "jagunços". Observe o trecho:

> [...] o que não póde, é me obrigar a dizer que em Canudos existem 400 ou 500 milhões de inimigos da Republica, quer para isso empregue as blandicias, quer os desaforos. A meu vêr, alli só ha jagunços e nada mais. Bata n'outra porta. Sei que amanhan o *Paiz* me chamará de monarchista. Contra essa accusação protestam os campos de batalha, onde tenho arriscado a vida para garantia das instituições republicanas (p.4).

27-08-1897

ξ **"CARTAS DO RIO":** Essas cartas tratam do estado atual político do país; elas se posicionam contra a oposição e mais, precisamente, contra os jornais *"Republica"* e *"Paiz".* Ao final do artigo, há as seguintes declarações:

> O cambio, como sabem, deixou de descer, renasce na Europa a confiança no Brasil, espera-se que se realisem brevemente grandes operações, que possam servir de ponto de apoio para a nossa regeneração econômica e financeira e,

> para cumulo de felicidades, o *Paiz* e a *Republica* já a esta hora devem estar fartos de saber quanto é perigosa a tal politica de intriga com o *elemento estranho* que aquellas duas folhas, em desespero de causa, andavam diariamente explorando, com enorme escândalo (...) Em vão nos dois jornaes se escreveram artigos coruscantes e se inventaram no mesmo dia correspondências de Canudos. Falhou toda esta combinação, que toda a gente percebeu. Sem combinação, sem preparo de especie alguma, fallaram o coronel Carlos Telles por um jornal da Bahia e o general Savaget pelas columnas da secção livre da *Gazeta de Noticias* de hoje, e a voz sincera destes dois bravos abafou num instante a grita damnada dos despeitados. O primeiro acto da comedia glycerista produziu tédio. É quasi certo que, com medo á pateada, não se represente o segundo. 25-8-97. Orlando (p.1).

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Entrevista, de Euclides, com um "jagunço" adolescente, levado pelo coronel Carlos Telles, à Bahia. Na entrevista, o rapaz faz diversas declarações acerca da organização do arraial e dos costumes e práticas, ali, comuns; ele descreve, com detalhes, diversos homens do arraial, entre eles o Conselheiro e seus parceiros, Pajeú e Macambira. Além disso, há perguntas sobre a fé dos sertanejos e o porquê seguem o Conselheiro. Ao final, Euclides declara que acredita nas informações dadas pelo adolescente, pois acredita ser ingênua a "alma" dos "rudes filhos do sertão" daquela idade:

> Chama-se Agostinho – 14 annos, côr exactissima do bronze; fragillimo e agil; olhos pardos, sem brilho; cabeça chata e fronte deprimida (...) Responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas (...) O braço direito do rude evangelista – já o sabíamos – é João Abbade, mameluco quasi negro – impetuoso, bravo e forte (...) É o executor supremo das ordens do chefe. Castiga a palmatoadas na praça em frente ás egrejas, aos que roubam ou vergasta as mulheres que procedem mal (...) *Pajehú*, hoje morto, caboclo alto e reforçado, figura desempenada de athleta (...) *Pedrão*, mestiço de porte gigantesco; atrevido e forte (...) *Macambira*, velho rebarbativo e feio; intelligentissimo e ardiloso (...) é o espírito infernal da guerra sempre fertil no imaginar emboscadas subitas inesperadas (...) Quanto a Antonio Conselheiro, ao envez da sordidez imaginada dá o exemplo de notavel asseio nas vestes e no corpo. Ao envez de um rosto esqualido aggravado no aspecto repugnante de uma cabelleira mal tractada onde fervilham vermes – emolduram-lhe a face magra e macerada, longa barba branca, longos cabellos caidos sobre os hombros, corredios e cuidados (...) O seu dominio é de facto absoluto; não penetra em Canudos um só viajante sem que elle o saiba ou permitta. As ordens dadas, cumpridas religiosamente. Algumas são crudelissimas e patenteiam a feição barbara do maníaco constructor de cemiterios e egrejas.

Após essas informações o correspondente Euclides expõe perguntas diretas e as respostas a elas:

> – De onde provém todo o armamento dos *jagunços*? A resposta foi prompta. Antes da primeira expedição consistia em espingardas communs, bacamartes e béstas, destindas, estas ultimas, em cujo maneio são incomparaveis, não perdendo uma setta, á caçada *mocós* velozes e esquivos. Seis ou sete espingardas mais pesadas mais pesadas, de bala – carabinas Comblain, talvez. Depois do encontro de Uauá e das expedições que o succederam é que appareceram novas armas, em grande numero, no arraial (...) Terminamos o

> longo interrogatorio inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que elle fazia milagres. E ao replicar um dos circumstantes que aquelle declarava que o *jagunço* morto em combate ressuscitaria – negou ainda. – Mas o que promette afinal elle aos que morrem? A resposta foi absolutamente inesperada. – Salvar a alma (...) Bahia – 19 – 7 – 97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

- ξ Dois telegramas publicados na *"Gazeta de Noticias"*, do dia anterior: O primeiro informa que dois frades que se disponibilizaram a ir a Queimadas, juntamente com o *comite* e outros enfermeiros, com o intuito de cuidar dos feridos para que cheguem à capital baiana em situação menos grave. Levam muito medicamentos, aparelhos cirúrgicos e alimentos. O segundo telegrama é de Canudos, do dia 13, e relata a chegada de comboios de alimentos e munições, além do reforço de pessoal; dá outras informações relativas a combates travados com os "jagunços" e sobre o caso dos acadêmicos ressentidos com o tratamento que tiveram em Monte Santo (p.1).

- ξ Publicações do *"Paiz"*, do dia anterior: Informa que a situação em Canudos é precária, pois há poucos alimentos nos comboios que chegam de dez em dez dias. Algumas pessoas que conseguem alguns gêneros, como rapadura e cigarros, os vendem a preços exorbitantes. Informa que a imprensa continua censurando o governo que não está fornecendo roupas aos feridos; há perspectiva que algumas roupas sigam para Queimadas. Comunica, tambèm, que cerca de 200 "jagunços" assaltaram a província de Itabaianinha (p.1).

- ξ Do *"Diario de Noticias"* foram extraídas as seguintes informações: publicam o telegrama de Canudos, acima citado, sobre a chegada de comboios e sobre a ataque dos jagunços. O oficial que escreve diz que "os jagunços andam mais ao par do movimento de forças que os proprios soldados". Há outras informações relativas ao número de feridos e as providências quanto aos cuidados médicos em Canudos (p.1).

- ξ O *"Diario da Bahia"* publicou informações diversas acerca de relatos sobre a situação das estradas até Canudos; dizem que há jagunços que perseguem as tropas e comboios. Há outras informações acerca de diversos detalhes das operações como a situação dos feridos, o deslocamento de tropas e oficiais, entre outros (p.1).

- ξ **"JORNAES DO RIO":**

  ***"Paiz"*:** Publica uma resposta à carta do general Savaget. Parte da resposta está muito deteriorada, por isso não podemos informar o seu conteúdo, mas nas poucas linhas que tivemos acesso, conseguimos perceber que esta folha está ressentida com a atitude do general em questão (p.1).

- ξ **" SECÇÃO LIVRE":**

  "CREDITO AGRÍCOLA": Trata de assuntos políticos relacionados a esse tema (p.2).

28-08-1897

- ξ **"CANUDOS":** Telegrama de Euclides anunciando que partirá dentro de dois dias para Canudos; informa que mais 200 feridos chegarão de Queimadas.

A *"Noticia"*, do dia anterior, publicou um telegrama do Recife, do dia 25, em que o general Barbosa comunica a existência de um hospital de sangue dos "jagunços" com cerca de 1000 homens, em Cana Brava, "próximo" a Canudos (p.1).

Telegrama do correspondente, na Bahia, do *"Paiz"*: Apresenta uma carta escrita, da Favella, por um acadêmico dando informações acerca dos combates com os "jagunços" e sobre a dispersão dos bois quando há ataques dos inimigos; ele acredita que seria melhor que enviassem carne de charque (p.1).

ξ **"LAMARCK, CUVIER E DARWIN"**

OS NEO-LAMARCKISTAS (*PROF. LUIS BUCHNER*)" :

> O destino dos grandes homens, que se anticipam á sua época e ao gráu de desenvolvimento intellectual dos seus contemporaneos é não serem comprehendidos pelos homens do seu tempo e descerem ao tumulo sem vêr o triunpho das suas idéas. Muito tempo se passa antes da posteridade prestar a homenagem legitima que lhes recusou a vida (...) O darwinismo, admirado e a principio levado até as nuvens, caiu por sua vez no desagrado do tempo e da critica (p.1).

O texto trata, basicamente, de Lamarck, citando os outros autores, sempre, associados aos trabalhos deste autor (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 27: Do correspondente da *Noticia* chegaram informações acerca do estabelecimento de uma enfermaria em Cansansão e da partida de comboios de víveres a Canudos (p.2).

29-08-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Euclides passeando pela cidade de Salvador observa as características da cidade e a organização de tropas e batalhões para partirem para Canudos:

> Calculo com approximação razoavel em dez mil homens no mínimo, a tropa que irá combater a rebeldia no sertão. E deante dessa multidão armada, assombara-me mais do que os perigos naturaes da guerra, a somma incalculável de esforços para alimental-a atravez de regiões quasi impraticaveis pelos desnivellamentos bruscos das estradas que se aprumam nas serras e se estreitam em desfiladeiros extensos (...) E que aquella natureza selvagem, mas interessante, aquelle recanto barbaro da nossa terra, sob a attracção persistente de seu aspecto ainda desconhecido, torne ligeiras e rapidas estas horas de saudade que não posso definir. Bahia – 20 – 8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS DO CORRESPONDENTE EUCLYDES”:**

BAHIA, 28: Trata do deslocamento de batalhões e da partida do ministro da guerra para o interior dentro de um dia. Otimista, ele entende que as coisas estão indo bem e que em breve haverá vitória. Cito um trecho: “Aguardamos proxima victoria e termo da lucta mais barbara da nossa historia” (p.1).

ξ Publicações de telegramas da Bahia, no *“Paiz”*: Dá detalhes acerca dos provimentos direcionados a Canudos; informa que no acampamento, ainda, os soldados e oficiais passam fome, mas a situação das mortes melhorou, pois foram construídas trincheiras. De modo geral, há vários comentários na defesa e na apreciação do general Arthur Oscar. Ao se referir a ele, utiliza expressões como “bravo” e “destemido”, alèm de apresentar decisões e ações do general de modo elogioso. Na carta, há mais detalhes da situação em Monte Santo e em Canudos, assim como há detalhes do deslocamento de tropas e de oficiais de Canudos à capital e da capital a Canudos (p.1).

ξ Da *“Gazeta de Noticias”*: informa sobre o öltimo combate entre “os jagunços e os soldados”; apresenta detalhes sobre prisões de jagunços e deslocamento de tropas e oficiais (p.1).

ξ **“OS MUNICÍPIOS”:**

TAUBATÉ : Anuncia a missa que seria celebrada pela alma de um tenente por ter combatido em Canudos contra as “hostes” do Conselheiro (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 28: Informações acerca do deslocamento de tropas e de oficiais (p.2).

BAHIA, 28: (do correspondente especial): Desmente boatos de que houve muitas deserções no batalhão paulista; afirma que este batalhão já está em Canudos e que “quatro ou seis desertores não podem macular a heroica força” (p.2).

30-08-1897

ξ **“RELATORIO”:**

“APRESENTADO AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA PELO MINISTRO DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS DR. JOAQUIM MURTINHO”– Há informações e discussão acerca da questão agrícola, industrial e econômica do país:

> Organizaram-se emprezas de todas as especies, e a esperança de que immediatamente o Brasil se tornaria um grande paiz industrial parecia tranforma-se em realidade. Em breve tempo, porém, a illusão dissipou-se, deixando ver bem claro que os capitaes não se haviam multiplicado, que o credito havia caido desastradamente e que os recursos distribuidos a cada uma das emprezas eram absolutamente insufficientes para seu desenvolvimento (...) Ora, a indústria não constitue um fim a que se deve procurar attingir á custa de todos os sacrificios, mas simplesmente um meio de tornar mais facil, mais confortavel e mais feliz a vida humana (p.1).

ξ **“CANUDOS”:**

BAHIA, 29: Telegrama do correspondente especial informando sobre a partida do ministro da guerra no dia posterior (p.1).

ξ Do “*Paiz”*: Telegramas e carta da Bahia: Apresenta diversas informações e detalhes acerca do deslocamento de tropas, feridos e oficiais para Canudos e de Canudos. Há outros detalhes da situação em Canudos e Monte Santo com a construção de enfermarias e da varíola que está tomando proporção, com cerca de vinte infectados (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

BAHIA, 29: Há informações acerca da fome e da falta de viveres que há em Canudos. Informam que dos 300 bois que seguiram a Canudos, se perderam no caminho 250 (p.2).

ξ **“REVISTA DOS ESTADOS”:**

AMAZONAS:

> No dia 1 do corrente realizou-se um grande *meeting* popular, afim de apoiarem as resoluções que o governo tem tomado, no intento de exterminar os fanaticos de Canudos (p.2).

ξ **“SECÇÃO LIVRE”:**

“CREDITO AGRICOLA” (p.2).

31-08-1897

ξ **“RELATORIO”:**

“APRESENTADO AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA PELO MINISTRO DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS DR. JOAQUIM MURTINHO”– Há informações e discussão acerca da questão agrícola, industrial e econômica do país; trata mais especificamente da questão da imigração e alguns prejuízos à União, por conta da não assimilação do elemento estrangeiro; ele defende a imigração espontânea no lugar de uma imigração precipitada e exagerada:

> Debaixo do ponto de vista politico, esse sistema derramava em nosso territorio grandes massas de homens que, em virtude da fraqueza do nosso poder assimilador, permaneciam por muito tempo como corpos extranhos no nosso organismo social. Por essa fórma, em vez de receberem o cunho da nossa nacionalidade, introduzindo nella alguns aperfeiçoamentos, iam a pouco e pouco dominando pela sua massa a nossa evolução social e atirando para segundo plano os attributos que possuiamos como nação. A grandeza e a felicidade de um povo não estão simplesmente na sua grandeza numerica, nem nas suas riquezas materiaes. Os attributos moraes da raça, a indole pacifica, o amor ás instituições politicas livres, a tolerancia religiosa e outras qualidades deste genero são para mim muito mais importantes (...)

> precisamos de elemento extrageiro, para povoar o nosso paiz, para fecundar as nossas riquezas naturaes, melhorando as condições de nossa vida material, mesmo para ceder-nos algumas qualidades moraes que na possuiamos em quantidade sufficiente; mas devemos ter sempre em mente que o nosso poder assimilador é fraco e que, se nosso esforço pelo progresso material não fôr reflectido e moderado, a nossa nacionalidade soffrerá golpes profundos e irreparaveis. Em alguns pontos do Brasil esse phenomeno já começa a revelar-se de um modo inquietador e basta o apparecimento, entre nós, embóra confuso ainda, do socialismo, essa volta da sociedade á escravidão primitiva, para nos fazer ver o perigo que póde trazer-nos um desenvolvimento precipitado e imprudente (p.1).

ξ **"CANUDOS"**:

BAHIA, 30: Telegrama do correspondente especial na Bahia, Euclides: ele informa acerca do deslocamento de comboios de viveres e de batalhões e oficiais nos sertões (p.1).

Em o *"Paiz"* temos notícias acerca de oficiais e da partida do ministro da guerra, retiradas do jornal *"A Bahia"* (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 30: Dois telegramas com informações acerca do deslocamento de tropas e comboios a Canudos; sobre a prisão de sertanejos; sobre doentes com varíola, feridos e há informações diversas a respeito de oficiais (p.2).

BAHIA, 30 e ALAGOINHAS, 30: Do correspondente especial Euclides da Cunha acerca da partida no ministro da guerra com outros oficiais e pessoal para o interior e sua chegada em Alagoinhas. Segundo o correspondente, a partida dele foi muito aclamada (p.2).

ξ **"SECÇÃO LIVRE":**

"INDUSTRIA NACIONAL": "IMPOSTO DE ANIAGEM" (p.2).

01-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Apresenta trechos de uma carta publicada em um jornal local, há pouco mais de três anos. Neste documento em poder do correspondente especial Euclides da Cunha há referências aos sertanejos que estão em Canudos e há declarações que há treinamento de batalhão de cerca de 200 homens que vigiam os arredores de Canudos. Trechos do artigo de Euclides com partes dessa carta:

> O artigo é longo; a redacção refere-se a uma carta recebida de um negociante filho de Monte Santo. Transcrevo os trechos principaes: 'Pessôas vindas dos Canudos, hoje *imperio do Bello Monte*, garantiram a este nosso amigo que têm chegado grupos de assassinos e malfeitores do Mundo Novo a fim de fazerem parte do 'exercito garantidor das instituições imperiais'. As coisas

> não vão bôas, e nós não escaparemos em caso de ataque. Já o Conselheiro, afóra a canalha fanatisada e assassina tem um batalhão de duzentos e tantos homens os quaes fazem exercicio de fogo todos os dias e vigiam os arredores (...) É forçoso reconhecer, seja como fôr, que o governo pagará bem caro esta sua inacção e que todo o sertão ficará sob o mais desolador e pungente definhamento". O correspondente cita mais trechos e ao final prefere não comentá-los, mas observa que "ha tres annos que da penna inexperta de um sertanejo intelligente surgia a primeira pagina desta campanha crudelíssima. Bahia – 21 8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

QUEIMADAS, 31: Telegrama de Euclides informando a chegada do ministro da guerra em Queimadas e a sua breve partida a Monte Santo; informa sobre a partida dos batalhões do Pará e do Amazonas a Canudos (p.1).

Do "*Paiz"* há informações relativas ao deslocamento de comboios de mantimentos e de artilharia que segue a Canudos; há diversas informações sobre oficiais; sobre feridos e sobre a varíola que tem se intensificado (p.1).

ξ **"RELATORIO":**

APRESENTADO AO SR. PRESIDENTE...Continuação (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 31: Informações acerca da relação dos mortos e feridos no último combate com os "jagunços" em Canudos; expectativa do tèrmino da campanha em breve (p.2).

02-09-1897

ξ **"RELATORIO: APRESENTADO AO SR. PRESIDENTE...C**onclusão (p.1).

ξ **"CANUDOS":**

QUEIMADAS, 1: Informa que o ministro da guerra ficará cerca de dois dias em Queimadas e seguirá a Monte Santo; informa que algumas pessoas estão com varíola, mas estão, convenientemente, isoladas (p.1).

ξ Do *"Paiz"* temos: Há uma menção a sertanejos e sertanejas presos em Monte Santo e sobre a apreensão de pólvora q chumbo, em Recife, noticiada pelo *Jornal do Recife* (p.1).

03-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Euclides cita alguns trechos de um livro, escrito há quinze anos, por um oficial de polícia chamado Durval Vieira de Aguiar, em há menções ao Conselheiro; este livro surgiu de uma pesquisa feita por esse oficial, acima

citado, das ocorrências policias no estado da Bahia. A seguir, alguns trechos que foram citados por Euclides em seu artigo:

> 'Este sujeito è mais um fanatico do que um anachoreta e a sua occupação consiste em prégar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer predicas banaes (...) O povo costuma affluir em *massa* aos actos religiosos do *Conselheiro*, a cujo aceno cégamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal' Á medida que nos avantajamos no passado apparecem de um modo altamente expressivo as diversas phases da existencia desse homem extraordinário – phases diversas, mas crescente e sempre numa successão harmonica, logicas nas suas mais bizarras manifestações, como periodos successivos da evolução espantosa de um monstro (...) Antonio Conselheiro não é um nullo, é ainda menos, tem um valor negativo que augmenta segundo o valor absoluto da sua insania formidavel. Chamei-lhe por isto, em artigo anterior, – grande homem pelo avesso (...) Dominando ha tanto tempo, irresistivelmente, as massas que cégamente lhe obedecem, a sua influencia extranha avolumou-se, cresceu sempre numa continuidade perfeita e veio bater de encontro á civilisação (...) Bahia – 23 – 8 – 97. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

QUEIMADAS, 2: Telegrama de Euclides a respeito do deslocamento de batalhões e acerca de providências oficiais em relação às operações (p.1).

ξ Do "*Paiz"*, temos as seguintes notícias: A partir de vários telegramas há informações diversas acerca de oficiais, feridos, deslocamentos de tropas, entre outras (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 2: Notícia acerca do envio à Bahia de ambulância, medicamentos e ferramentas cirúrgicas (p.2).

QUEIMADAS, 2: Do correspondente especial, Euclides, que noticia o deslocamento de batalhões, o ataque que sofreu o batalhão paulista próximo a Canudos; a rendição de diversos "jagunços" e a partida do ministro da guerra a Monte Santo (p.2).

04-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

QUEIMADAS, 3: O correspondente Euclides informa que a partida do ministro da guerra foi adiada em um dia e que onde estão chegam muitos prisioneiros e feridos (p.1).

Do *"Paiz"* temos as seguintes notícias: Em telegrama de Canudos, de 19 de agosto, há diversas informações acerca do que ocorre em Canudos, em geral é a fome que mais apavora, segundo a carta; há diversas informações acerca dos cadáveres insepultos, da falta de roupas, entre outras (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 3: Há diversas notícias acerca de providências tomadas para a melhoria das operações em Canudos; sobre o deslocamento de pessoal e há informações acerca de feridos e mortos, entre outras (p. 4).

05-09-1897

ξ **"NOTAS E INFORMAÇÄES" :** Noticia a chegada em São Paulo de oficial ferido em um dos combates em Canudos (p.1).

06-09-1897

ξ **"INDUSTRIAS"**– Trata da questão da indústria nacional e da questão política e econômica do país (p.1).

ξ **"CANUDOS":** Publicada, pelo *"Paiz"*, uma longa e minuciosa declaração do general Barbosa acerca do combate de 18 de julho e há, também outras informações acerca das operações em Canudos e da situação em geral (p.1).

No *"Diario de Noticias"* foram publicadas diversas notícias enviadas pelo correspondente desse jornal em Monte Santo em relação a vários ataques, no mês passado, aos soldados em Canudos; no dia 31 de agosto as forças do governo avançaram mais posições, mas os "jagunços" ainda estão em poder da "Igreja Nova"; há mais informações diversas acerca das operações em Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 5: Informa que os soldados estão cerca de vinte metros da "Igreja Nova"; cerca de 20 dias esperam que o ministro da guerra, juntamente com mais pessoal e artilharia que se encontram em Monte Santo, estejam em Canudos (p.1).

07-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 6: Euclides, noticia a sua chegada em Monte Santo juntamente com a comitiva do ministro da guerra; informa que brevemente partirão, de Monte Santo batalhões e artilharia a Canudos (p.1).

O *"Paiz"* dá diversas notícias acerca da situação das operações quanto aos feridos e mortos, há uma relação de nomes; também há informações acerca do estado de enfermarias (p.1).

QUEIMADAS, 6: Noticia a chegada do ministro da guerra em Monte Santo e sobre o deslocamento de comboios e tropas a Canudos (p.2).

08-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

No "*Paiz"* foram publicados alguns telegramas do correspondente desse jornal, na Bahia. Há vários detalhes das operações quanto ao estado de saúde, enfermarias, soldados feridos e mortos no arraial. Referindo-se ao *Jornal de Noticias*, informa sobre o arrecadamento de donativos que tem crescido e outros detalhes acerca de prisioneiros, das operações, dos casos de varíola em Queimadas que têm crescido e surgiram boatos acerca de uma invasão da "Igreja Nova", em Canudos, o que acarretou com a morte de oficiais e diversos soldados. Há uma menção à imprensa e sua influência nas operações nos sertões, cito um trecho: "As praças vão descendo agóra limpas, como a imprensa exigiu em nome da dignidade dos bravos soldados da Republica" (p.1).

ξ **"INDUSTRIA PASTORIL"**: trata-se de um artigo de Buenos Aires sobre "campos artificiais", sobre a agricultura e tecnologia (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 7: Dois telegramas que tratam da questão de Canudos: o primeiro versa sobre o possível ataque â "Igreja Nova", onde morreram vários das forças do governo; tratam-se de boatos que, segundo o correspondente, podem não ter fundamento. O outro trata de uma grande celebração no Rio de Janeiro com a presença de políticos importantes como o presidente da Republica para a arrecadação de fundos para os órfãos e viúvas dos soldados e oficiais mortos em Canudos (p.2).

09-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Trata-se de um artigo, de 1 de setembro em Queimandas, acerca deste arraial, uma das bases de operações do Exército, onde Euclides ficou por poucos dias até sua partida a Monte Santo. Ele faz diversas observações acerca do solo, da vegetação, do clima e do povo deste arraial e do sertão, de modo geral:

> É pequeno e atrazado, vivendo em funcção da estação da estrada de ferro, este arraial obscur – ultimo elo que nos liga hoje, ás terras civilisadas (...) Na rapida travessia que acabo de fazer avaliei bem as difficuldades da lucta em tal meio (...) É uma flora agressiva (...) Agressiva para os que a desconhecem – ella é providencial para o sertanejo (...) Sob uma attracção irresistivel famílias inteiras mudaram-se para Canudos que cresceu bruscamente em poucos mezes (....) O facto é assombroso mas accordam, expondo-o, todos os informantes. Não é de espantar a ninguém a resistencia espantosa desdobrada. Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistencia prodiglosa e uma organisação potente que impressiona. Não o vi ainda exhausto pela lucta, conheço-o já porém, agora, em plena exuberancia da vida. Difficilmente se encontra um specimen egual de robustez soberana e energia indomita (...) Considerando-o penso que a nossa victoria, amanhan, não deve ter exclusivamente, um caracter

> destruidor. Depois da nossa victoria, inevitavel e proxima, resta-nos o dever de incorporar á civilisação estes rudes patricios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade. EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

MONTE SANTO, 8: Do correspondente especial, Euclides, foi enviado este telegrama para informar as providências do ministro da guerra em Monte Santo que dizem respeito às operações e à artilhariaque seguem a Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

MONTE SANTO, 8: Noticia a chegada aclamada do ministro da guerra em Monte Santo (págs. 1 e 2).

QUEIMADAS, 8: Noticia o envio de comboios a Canudos e alguns detalhes das operações (p.2).

10-09-19897

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 9: Do correspondente Euclides, foi recebido este telegramainformando as providências do ministro da guerra em Monte Santo em relação às operações contra Canudos (p.1).

A "*Republica"* recebeu telegrama do general Arthur Oscar, de 8 de setembro, que procura argumentar em favor da sua opinião de que as armas que os canudenses usam são fruto de auxílio monarquista e o Conselheiro, também, é monarquista e contra a Republica; informa que, apesar de negarem esse fato, os "jagunços" possuem balas explosivas. Cito um trecho: "Onde estes miseraveis e sordidos jagunços foram buscar somas avultadas para compra de tanto material bellico de primeira ordem?" (p.1).

No "*Paiz"* foram publicados dois telegramas da Bahia, 8 e de Maceió, 8. No primeiro há informações acerca da chegada de oficiais e no segundo há um relato de um coronel, entrevistado pelo *Gutenberg*, que fornece diversas informações e opiniões suas a respeito das operações em Canudos. Ele acredita que os canudenses são auxiliados por inimgos da Republica e, em geral, acredita que ainda há muito o que fazer lá (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

BAHIA, 9: Informa que há muitos boatos alarmantes acerca do crescimento da varíola em Monte Santo (p.2).

11-09-1897

- ξ Do *"Paiz"*: Foram publicados telegramas com notícias relativas ao deslocamento de comboio e com uma afirmativa do jornal *Bahia* em relação aos boatos sobre um possível ataque â "Igreja Nova" com perdas das forças republicanas (p.1).

- ξ A "*Gazeta de Noticias"* publicou duas ordens do dia, escritas pelo general Arthur Oscar, relativas aos combates de 27 e 28 de julho. Nesses documentos ele dá detalhes dos combates e do seu comando (p.1).

12-09-1897

- ξ **"CANUDOS":**

  "DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Artigo de Euclides, de Alagoinhas, 31 de agosto, em que ele descreve sua viagem até esta cidade, observando o solo, a vegetação, entre outros aspectos da natureza. Conclui que, talvez, Alagoinhas seja a melhor cidade do interior da Bahia (p.1).

  No *"Paiz"* foram publicados dois telegramas sobre as operações nos sertões. O primeiro se refere ao 1º batalhão, de São Paulo, que batalhou com os sertanejos nas estradas rumo a Canudos; vários soldados morreram na ocasião. Há outras notícias sobre diversos detalhes das operações e da situação nos sertões: há mais casos de varíola; há detalhes sobre o deslocamento das tropas; há uma menção sobre a publicação das ordens do dia enviadas pelo general Arthur Oscar (p.1).

  A *"Gazeta de Noticias"* publicou telegrama de Monte Santo noticiando as providências do ministro da guerra quanto às operações em Canudos (p.1).

13-09-1897

- ξ **"CANUDOS":**

  MONTE SANTO, 12: Telegrama do Euclides da Cunha informando que as tropas, em Canudos, derrubaram as torres da "Igreja Nova" (p.1).

  O *"Paiz"* publicou telegramas do seu correspondente acerca do deslocamento de oficiais e soldados, sobre o procedimento de se vigiar as margens do Rio S. Francisco, pois pelas águas desse rio estavam passando barcas, vindas de Pernambuco, com artigos destinados a Canudos, também, há outras informações do cotidiano das operações. (p.1).

  Do *"Correio de Noticias"* foram publicadas informações detalhadas acerca da artilharia que segue para Canudos (p.1).

ξ **“PELAS REVISTAS”:**

“APPLICAÇÃO DOS ELECTRO-IMANS Á OPHTALMOLOGIA; UMA NOVA POLVORA SEM FUMO; O PROJECTIL NECESSARIO; A ELECTRICIDADE E O FERRO” (p.1).

14-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

“DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO”:

QUEIMADAS, 2 de setembro: Neste artigo, o correspondente fornece várias informações sobre a situação em Canudos. Afirma que as posições foram mantidas em Canudos e que o batalhão de São Paulo não perdeu nenhum soldado no combate que teve, rumo a Canudos. Sua opinião é que Canudos não deverá ser vencido pela fome, como oficialmente se pretende, é necessário fazer um assalto brusco e rápido, pois além do inimigo sertanejo há a natureza como inimigo; ele observa que outubro é um mês de chuvas torrenciais e rios próximo a Canudos alagarão. Faz comentários sobre a natureza e sobre alguns prisioneiros que ali estão:

> Canudos cairá pelo assalto (...) violento, brusco e rápido, porque vencido o inimigo que póde ser vencido, morto o inimigo que póde ser morto, restar-nos-á, eterna e invencivel, envolvendo-nos inteiramente, num assedio mais perigoso, essa natureza antagonista, barbara e nefasta, em cujo seio actualmente cada jagunço parece realisar o *mytho* extraordinário de Anatheo (p.1).

O *“Paiz”* publicou dois telegramas do seu correspondente com notícias do jornal *Republicano* e “*Diario da Bahia”*. No primeiro há algumas informações acerca do número relativo da população ao redor de Canudos. No segundo jornal há diversas informações com detalhes da situação em Canudos e dos últimos combates; há também uma lista com os nomes dos últimos feridos e mortos (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 13: Noticia a morte de um oficial no último combate em Canudos (p.1).

QUEIMADAS, 13: Informa a prisão de soldados desertores; os casos de varíola em Canudos e sobre a alimentação que ainda não é suficiente (p.2).

BAHIA, 13: Noticia a morte de um acadêmico, em Monte Santo, por conta de um “typho-malarico” e informa a promoção de oficiais, segundo um pedido do general Arthur Oscar (p.2).

15-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

RIO, 14: Telegrama dirigido a Campos Salles, presidente do estado de São Paulo, pela tomada da trincheira na serra do cambaio pelas forças do governo, incluindo o batalhão de São Paulo (p.1).

O *"Paiz"* publicou telegramas dos seus correspondentes em Monte Santo e na Bahia. Nesses telegramas há diversas informações e detalhes dos últimos combates que têm deixado os sertanejos "desmoralizados". Espera-se o fim da luta em breve (p.1).

16-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

O "*Paiz"* publicou telegrama do seu correspondente: **Maceió, 14,** em que ele se refere a uma publicação do *Gutemberg* com informações relativas ao arraial de Monte Santo em que se suspeita que haja "jagunços" ali instalados como comerciantes, entre outras informações (p.1).

BAHIA, 14: Há informações acerca de uma reunião e do manifesto dos acadêmicos por causa dos vexames que muitos deles têm sofrido, pela parte de médicos militares, na região de operações (p.1).

A *"Gazeta de Noticias"* publicou a chegada de oficiais enfermos na Bahia, a partir de telegrama data do dia 14 (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 15: Dois telegramas em que o primeiro se refere a oficiais que deverão partir a Canudos e o segundo se refere a uma carta destinada ao arraial de Canudos, em que a missão em Canudos è uma missão do "Bom Jesus" e de Deus. Também, nessa carta, há uma referência ao D. Pedro II como santo (p.2).

17-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

No *"Paiz"* do dia anterior, foram publicados extensos telegramas a respeito da campanha de Canudos em que há diversas informações, muitas já noticiadas, e opiniões acerca das operações. O jornalista Lellis Piedade acredita que mais feroz que o "jagunço" è a peste e a fome que tem assolado o Exército em Canudos e acredita que é preciso um ataque final urgente em muita gente morrerá, mas vencerão os mil ou dois mil homens que ainda estão pelejando no arraial. Há diversas outras informações e notícias sobre o deslocamento de tropas, oficiais e comboios; em geral a expectativa é de que o a luta terminará em breve com a vitória do Exército (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 16: No Senado, um orador acusou tanto o general quanto o governo pela demora da campanha contra Canudos (p.2).

18-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

No *“Paiz”* foram publicados diversos telegramas com informações acerca das operações como a deserção em massa de soldados e oficiais, por conta da fome, comoas providências tomadas quando aos feridos e doentes, como a varíola que está crescendo em Monte Santo, entre outras informações. O jornalista Lellis Piedade acredita que o nömero de “jagunços” è bem menor do que se imagina, mas a luta contra os conselheiristas não deve acabar em Canudos, pois muito fizeram trincheiras em outros sítios (p.1).

Na *“Gazeta de Noticias”* foi publicada uma carta de um coronel que voltou de Canudos; ele acredita, de acordo com cartas que leu em Monte Santo, que os “fanáticos” recebem auxílio de inimigos da Republica que envia a Canudos armas e outros provimentos (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:** Na Câmara, um orador defende a ideia de que Canudos é um foco de Restauração e entende como louvável que a missão tenha sido entregue ao general Arthur Oscar (p.1).

19-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

O “*Paiz”* publicou mais telegramas com diversas informações e detalhes acerca do cotidiano da guerra e das operações como a chegada de feridos, a fome que ainda assola Canudos, a varíola que tem feitos vítimas em Monte Santo, os combates com os conselheiristas, a expectativa de que em Canudos haja uns setenta homens pelos prisioneiros sertanejos, entre outras informações. Observe o trecho de um dos telegramas que, se referindo a uma carta do jornalista Lellis Piedade, dirigida de Cansanção, narra a execução de um “jagunço”:

> Uma prova do estoicismo dos fanaticos: entre os jagunços presos ultimamente foi encontrado um perverso assassino, crioulo, moço ainda. Interrogado demoradamente, invariavelmente respondia ‘não sei’. Julgado, teve sentença de morte. Conduzido ao logar do sacrificio e perguntado como queria morrer: ‘de tiro’, respondeu. ‘Pois ha de ser de facão!’, responderam. O desgraçado com o maior sangue frio e arrogancia resoluta levantou a cabeça e apresentou o pescoço (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 18: Em reunião na Câmara foi discutida a questão de Canudos e observado que o governo, ao permitir que o comando das operações contra Canudos continue sob a responsabilidade do general Arthur Oscar, mostra que o governo confia nele. Há outras informações acerca de oficiais e soldados dispensados das operações (p.1).

20-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

No *"Paiz"* foram publicados telegramas do correspondente desse jornal, na Bahia, com informações a respeito do correr das operações: chegaram mais munições para as armas e granadas. O general Arthur Oscar e os batalhões conseguiram derrubar as torres da "Igreja Nova" e pelas suas expectativas não será mais necessário o canhão que está sendo enviado a Canudos pelo ministro da guerra. É esperado que Canudos seja completamente tomada em poucos dias (p.1).

21-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": Trata-se de um longo artigo em que Euclides narra o que vê e encontra na sua travessia por Tanquinho, Cansanção e Quirimquinquá entre os dias 4 e 5 de setembro. Ele descreve aquele lugar como detestável e maldito por conta da sua vegetação. Já estes dois últimos são descritos como pequenos povoados, em que ele descreve a vegetação, o solo, as pessoas, entre outros detalhes (p.1).

No *"Paiz"* foram publicados telegramas, do seu correspondente, noticiando a morte de mais um acadêmico por conta da varíola; há outras informações acerca das operações que têm fechado o cerco em Canudos, onde cerca de vinte pessoas são tiradas de combate por dia, além das perdas que os sertanejos têm, todos os dias, por conta da artilharia. Por fim há uma lista extensa com as baixas que o Exército teve nos últimos combates (p.1).

22-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO": MONTE SANTO, 6 de setembro: Nesse artigo o correspondente Euclides descreve Monte Santo com riqueza de detalhes; também narra como foi a sua chegada com a comitiva do ministro da guerra no acampamento que contava com cerca de 1900 homens. Ele observa que muitos ali que já conhece mudaram de feição depois de se envolverem com as campanhas contra Canudos. Também fornece informações ao contato com os que ali estão:

> Apeei-me immediatamente e achei-me entre antigos companheiros, de ha mutio ausentes. Que differença estraordinaria em todos! (...) Como se muda nestas paragens! (...) Parece que esta natureza selvagem vae em todos imprimindo uma feição diversa (...) A côr muda revest indo-se de tons ásperos de bronze velho (...) Quasi que se vae tornando indispensavel a creação dde um verbo para caracterisar o phenomeno. O verbo *ajagunçar-se*, por exemplo (p.1).

O correspondente continua seu artigo fornecendo informações colhidas com os diversos soldados, oficiais e correspondentes que ali estão. Ele admira que os sertanejos, mesmo com os ataques da artilharia e infantaria, todos os dias, conseguem organizar as linhas de fogo e se revezarem para cuidarem das plantações de uma roça dentro do arraial. Em geral, a opinião é que o ataque deve ser rápido e soberano e breve, pois com as chuvas a comunicação será cortada com as cheias no rio Vaza -Barris (p.1).

O *"Paiz"* publicou alguns telegramas do seu correspondente com notícias variadas sobre feridos e doentes, sobre a expectativa de fecharem o cerco contra os sertanejos até 30 de setembro, sobre a chegada dos batalhões do Pará e do Amazonas em Canudos, sobre as baixas do Exército, em que é apresentada uma extensa lista de nomes (p.1).

No *"Jornal do Commercio"* foi publicada correspondência do seu correspondente em Queimadas com informações do cotidiano das operações (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

MONTE SANTO, 21: Informa o falecimento por "typho malarico" de um capitão do Exército (p.2).

23-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

No *"Paiz",* do dia anterior, foram publicados telegramas do seu correspondente acerca do deslocamento de oficiais, do estado de saúde e heroísmo de alguns deles (p.1).

A *"Gazeta de Noticias"* publicou telegrama do seu correspondente especial que noticiou sua breve chegada em Canudos; ele informa que de léguas ouve-se o troar da artilharia (p.1).

24-09-1897

ξ **"CANUDOS":** Foram enviados dois telegramas, de 22 e 23 de setembro, estando Euclides já em Canudos, informando que ele chegou bem e que em breve a luta terá fim, apesar a resistência tenaz dos sertanejos que investem audaciosamente, segundo o correspondente, contra as linhas de fogo do Exército. Ele observa que há mais de duas mil casas em Canudos e que há muito grupos fogem todos os dias pelas estradas, sem que se possa impedir essas fugas. (p.1).

No *"Paiz"* foram publicados dois telegramas em que um deles continha a ordem do dia, escrita pelo general Arthur Oscar, em que o jornal publicou na íntegra. No outro há diversas informações e opiniões acerca dos acontecimentos e expectativas em Canudos e acerca das operações de modo geral (p.1).

25-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 24: Telegrama enviado por Euclides direto de Canudos (o telegrama foi levado até Monte Santo e de lá foi transmitido pela estação telegráfica): o correspondente observa que há mais de duas mil casas e, de acordo com suas observações notamos que o Exército está em posse de uma parte bem pequena do arraial. Ele informa que escreverá de Monte Santo para onde regressará por conta da saúde:

> Apresenta o aspecto exacto de uma grande cidade, dividida em cinco bairros, de um dos quaes, o menor, temos em nosso poder a quinta parte (p.1).

O *"Paiz"* publicou dois telegramas do seu correspondente na Bahia, datado de 23, em que versa sobre uma correspondência do dia 17, de Monte Santo, informando os cuidados do ministro da guerra com as operações; também, noticia que a varíola tem grassado com intensidade. O outro telegrama contém diversas informações acerca de enfermarias, feridos, operações de guerra, entre outras (p.1).

26-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO":

MONTE SANTO, 7 de setembro: Nesse artigo Euclides narra os momentos em Monte Santo e o relativo marasmo que se encontra ali e observa que pelo menos os que estão em Canudos "têm a diversão perigosa dos assaltos" (p.1). O correspondente apresenta algumas informações sobre os assaltos dos "jagunços" e o modo como são repelidos pelos soldados e, também, sobre a caçada pelas catingas que estes e aqueles fazem:

> Já temos alguns batalhões, entre os quaes o 25, o 32 e o 27 que copiam de uma maneira admiravel o modo de agir do inimigo. Dispersam-se como elle nas catingas e caçam-no também como ele nos caça (...) rapidos como elle, como elle apparecendo e desapparecendo de um modo phantastico – pondo a astucia deante da astucia, jogando a cilada contra a cilada. Uma aprendizagem perfeita com instructores selvagens (...) Antonio Conselheiro percebeu as desvantagens de uma lucta leal e franca com os nossos soldados – e declarou solemnemente aos barbaros que o combatente degolado não teria as recompensas de uma vida futura. Dahi a celeridade com que fogem os *jaginços* quando ao toque de *degola!* (...) EUCLYDES DA CUNHA (p.1).

ξ **"CANUDOS SITIADO"**– Informa a chegada de Euclides, em Monte Santo, no dia 25 de setembro e apresenta suas informações sobre Canudos estar completamente citiada

pelo Exército. No primeiro telegrama ele informa que o combate em Canudos está intenso e o cerco está se fechando. Informa que foram queimados em um único dia umas cinquenta casas. No segundo telegrama ele informa que o sítio de Canudos está completo e dá viva à República (p.1).

No *"Paiz"* foram publicados telegramas datado do dia 24, do seu correspondente na Bahia, que informa que o estado sanitário é bom, que o ministro da guerra até esta data não se dirigiu a Canudos e observa que a atividade bélica aumentou nos últimos dias, com assaltos, geralmente, pela madrugada; também, informa que os comboios seguem a Canudos com regularidade e dá outros detalhes da situação das operações nos sertões (p.1).

A "*Gazeta de Noticias"* recebeu do seu correspondente um telegrama que informa a tomada de estradas que levam a Canudos, numa intenção de sitiar Canudos por completo (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 25: O general Cantuaria recebeu telegrama do ministro da guerra, de Monte Santo, do dia 25, informando que o sitio de Canudoscompletado (p.2).

27-09-1897

ξ **"CANUDOS":**

"DIARIO DE UMA EXPEDIÇÃO":

MONTE SANTO, entre os dias 8 e 11 de setembro: Neste artigo Euclides continua a observar a natureza a sua volta e a fazer observações e dar a sua opinião acerca das operações e da situação em Canudos. Ao observar a geologia de Monte Santo e a sua vegetação ele observa que elas são bem semelhantes às que cercam o arraial, com algumas variações. Também fornece algumas informações acerca das operações de guerra que já estão desatualizadas, como a derrubada das duas torres da "Igreja Nova":

> Quem sobre a longa *via sacra* de três kilometros de comprimento, ladeada de capellas desde a base até ao cimo, de Monte Santo, comprehende bem a tenacidade incoercivel do sertanejo fanatisado. É difficilmente concebivel o esforço despendido para o levantamento dessa maravilha dos sertões (...) A serra tem uma feição altamente pittoresca, aprumada sobre a povoação – escalvada em muitos pontos, revestida noutros de uma vegetação rude e enfesada (...) EUCLYDES DA CUNHA (p. 1).

O *"Paiz"* publicou dois telegramas de Canudos (via Monte Santo) informando que Canudos está completamente sitiada e os "jagunços" precisaram recuar, pois as estradas estão sob o domínio dos militares. Também, iniciaram as operações de ocupação em alguns pontos (p.1).

ξ **"PELAS REVISTAS":**

"APLICAÇÃO DO ENXOFRE NA CIRURGIA; AS CONDIÇÕES ACTUAES DA CALIFORNIA" (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 26: Noticia o pedido de esmolas aos vitimados pela Guerra de Canudos (p.1).

28-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

No *“Paiz”* foram publicados dois telegramas relativos às operações nos sertões com algumas informações já noticiadas como o sitio completo de Canudos; há outras informações acerca das providências quanto a roupas e outras necessidades que tem a campanha (p.1).

ξ **“AGRICULTURA”:**

A PODA DAS ARVORES F RUCTIFERAS” (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 27: Informação acerca da tomada de Canudos pelas forças do general Arthur Oscar (p.1).

29-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

O *“Paiz”*, de ontem, publicou telegramas acerca das operações em Canudos, onde o combate está cada vez mais renhido e os sertanejos não podem mais escapar; há outras informações relativas a feridos, enfermarias, entre outras (p.1).

ξ **“TELEGRAMMAS”:**

RIO, 28: Telegrama acerca das operações em Canudos, onde o cerco foi fechado contra os sertanejos (p.1).

30-09-1897

ξ **“CANUDOS”:**

MONTE SANTO, 29: Telegrama do correspondente especial, Euclides, que informa que o sítio de Canudos está completo e boa parte do arraial já foi tomada; expectativa de que Canudos cairá por completo em três dias (p.1).

No *“Paiz”* foram publicados telegramas com informações acerca dos últimos combates e a tomada das estradas de Canudos. Os prisioneiros, como afirma o correspondente desse jornal, dizem que o Conselheiro liberou a fuga do arraial, dizendo que já estão cercados; muitos sertanejos procuram fugir pelas catingas durante a noite (p.1).

01-10-1897

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 29: Telegrama de Euclides ao presidente do Estado de São Paulo informando que em poucas horas o arraial estará em posse total das forças republicanas, pois os "fanaticos estão todos concentrados no sanctuario da egreja nova" (p.1).

MONTE SANTO, 30: Informa em dois telegramas que os "jagunços" estão acoutados na "Igreja Nova" e que há forte fuzilaria toda a noite, porèm os sertanejos "resistem com heroismo digno de melhor causa" (p.1). Entre dois dias a luta terá fim, segundo as expectativas do correspondente (p.1).

A *"Gazeta de Noticias"* informa, por telegrama do seu correspondente, que os sertanejos estão cercados e há incêndio e fuzilaria intensa; dá detalhes acerca da prisão de muitos sertanejos e da gradual tomada do arraial. A vitória já é tida como certa (p.1).

O *"Paiz"* publica detalhes das operações nos sertões, com o deslocamento de oficiais e a chegada de feridos; apresenta informações acerca dos procedimentos para acolhida desses doentes e informa a situação de Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 30: Noticia a chegada de oficias e de prisioneiros vidmos de Canudos; noticia que dentro de vinte e quatro horas Canudos terá sido completamente tomado; o ministro da guerra deverá regressar de Monte Santo antes mesmo de a guerra ter findado por completo (p.1).

02-10-1897

ξ **"CANUDOS":**

A *"Gazeta de Noticias"* publicou um telegrama do seu correspondente especial: Canudos, 28: Apresenta detalhes da gradual tomada de Canudos com muitos incêndios e fuzilaria e a animação e o entusiasmo geral das forças do governo (p.1).

Do *"Paiz"* temos há a publicação de dois telegramas, datado de 28 e 30: Informa a situação em Canudos, onde os canudenses estão quase vencidos; há prisões diariamente e mortes, muitos tentam fugir, mas não se entregam. Dizem os sertanejos " 'Morremos, mas não nos entregamos' " (p.1). Informa tambèm que o correspondente da *"Noticia"* chegou no dia 28 de setembro (p.1).

03-10-1897

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 2: Informa que os "fanáticos" estão concentrados em Santa Maria, mas não irão resistir por muito tempo, afirma o correspondente especial, Euclides (p.1).

No *"Paiz"* foram publicados dois telegramas, do dia 1, com informações do cotidiano da guerra como o deslocamento de oficiais, feridos e prisioneiros e a espera de uns 500 feridos nos próximos dias (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

MONTEVIDEO, 2: "As ultimas noticias, referindo as victorias das tropas brasileiras em Canudos, têm causado grande enthusiasmo. Ha enorme anciedade em conhecer o resultado definitivo da lucta" (p.1).

04-10-1897

ξ **"O FEMINISMO"**– Ao abordar esse tema, o articulista Isidoro C. Gomes, considera-o um produto das sociedades e civilizações modernas, como a França, a Inglaterra, Os Estados Unidos da América. Ele entende que a mulher passou a reivindicar seu lugar de igualdade, ao lado do homem, por conta dos estudos e da aproximação com a ciência. Trata-se de um longo artigo em que Isidoro acredita que há tarefas próprias à natureza feminina, como as tarefas do lar, e a conquista de um espaço ao lado do homem, na ciência, nas artes, na política e no trabalho, causará uma anarquia na sociedade, onde os papéis femininos e masculinos serão confundidos; isso irá efeminará o homem o que culminará, enfim, numa

> [...] esterilisação completa dos sexos e, portanto, o anniquillamento da especie humana pela impossibilidade da reproducção (p.1).

ξ **"CANUDOS":**

MONTE SANTO, 3: Euclides informa, em dois telegramas, que o arraial já está, praticamente, destruído e transforou-se num "espetáculo desolador", onde circulam os batalhões e oficiais. Os inimigos procuram proteger-se e resistem, mas a guerra já está terminando. Termina assim: "A victoria è infallivel. A Republica è immortal!" (p.1).

No *"Paiz"* foram publicados telegramas que informam os últimos procedimentos de guerra e os últimos detalhes do término próximo da luta em Canudos (p.1).

ξ **"INDUSTRIA PECUARIA" (p1.).**

05-10-1897

ξ **"CANUDOS":** No *"Paiz"* foram publicados telegramas com detalhes do cotidiano das operações no sertão, como o deslocamento de oficiais, feridos e o estado das enfermarias (p.1).

ξ **"JORNAES DO RIO":**

"A Republica": Nas notas políticas faz um grande elogio aos soldados republicanos, a respeito da Campanha de Canudos (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 4: Um telegrama, datado de 1 do corrente mês, dirigido ao presidente da Republica pelo ministro da guerra, afirmou que Canudos estava completamente tomado e Antonio Conselheiro estaria preso ou morto (p.2).

ξ **"AGRICULTURA":**

"EFEITOS DA CAPINAÇÃO" (p.2).

06-10-1897

ξ **"CANUDOS":**

O *"Jornal do Commercio"* publicou um telegrama do ministro da guerra ao presidente da Republica com mais detalhes acerca dos últimos acontecimentos nos sertões em que muitas mulheres, crianças e alguns homens se entregaram, confessando que passam muita fome e sede, mas muitos ainda resistem procurando fugir e revidar os ataques. A expectativa é de notícias com o fim da guerra em breve (p.1).

O *"Paiz"*, publicou telegrama do dia 4, informando detalhes das operações e sobre o boato de que Antonio Conselheiro não estaria mais em Canudos; ele teria fugido para Varzea da Ema (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 5: Correram boatos de que Antonio Conselheiro teria sido preso, mas ainda não há notícias oficiais. O presidente enviou ao ministro da guerra um pedido de informações verdadeiras sobre o atual estado das coisas em Canudos (p.1).

ξ **"CANUDOS (URGENTE)":**

RIO, 5: O ministro da guerra enviou telegrama informando que o general Arthur Oscar escreveu, nos dias 2 e 3, que Canudos estava praticamente tomado e que houveram poucas baixas entre os soldados e oficiais. Ele pede para dar providências para a retirada total das forças que estão em Canudos, assim que terminar toda a guerra, por conta da estação chuvosa e das doenças (p.2).

07-10-1897

ξ **"CANUDOS":** Em mais em duas colunas do jornal foram publicados os telegramas oficias de Canudos, comunicando o término da luta e a completa vitória das forças do governo sobre os jagunços. Primeiramente, foi publicado um artigo breve (não está

comunicada a autoria) discorrendo sobre o fim da luta em Canudos e das incertezas no Brasil, foi anunciada uma nova era, de paz e riqueza no país. Em seguida foram publicados na íntegra os telegramas oficiais da tomada completa de Canudos. Os telegramas oficiais informam que o arraial foi tomado, mas ainda não se sabe o paradeiro do Conselheiro; acreditam que ele está morto ou entrincheirado, com outros sertanejos, na Varzea da Ema.As comemorações foram anunciadas e o dia foi decretado feriado. Também há alguns telegramas, retardados, no *"Paiz",* apresentando pormenores dos últimos combates:

> A tomada do arraial de Canudos põe termo á espectativa receiosa em que toda a nação tem vivido, desde o dia em que, para vingar o desastre tremendo da expedição Moreira Cesar, o governo e o povo confiaram á bravura do exercito a defesa da Republica ameaçada pela agitação do sertão bahiano (...) O exercito (...) soube, á custa de sacrificios, que mal avaliamos, restituir ao Brasil a tranquilidade, de que tanto precisa para a solução das difficuldades que dia a dia vinham augmentando (...) Com a victoria do exercito em Canudos, encerra-se esse periodo de incertezas e de angustia em que temos vivido e abre-se, clara, serena e cheia de esperanças a éra de paz e de trabalho, que tornará real a riqueza do Brasil (p.1).

ξ **"TELEGRAMMAS":**

RIO, 6: Alguns telegramas informam que a notícia da tomada de Canudos prognosticou a alta da taxa cambial e que houve comemorações diversas e homenagens aos bravos do Exército (p.1).

08-10-1897

ξ **"CANUDOS"** (Três primeiras colunas do jornal): Noticia, em São Paulo, as comemorações diversas que houve por conta da vitória em Canudos. Houve amplas manifestações populares que saudaram o presidente do Estado e ouviram discursos de políticos. Foram publicados diversos telegramas, do dia 7, oficiais e não oficiais, dos correspondentes dos jornais do Rio, com a notícia da morte do Conselheiro, alguns afirmam que ele estava morto há quinze dias e outros afirmam que havia oito dias. Nos telegramas oficiais a notícia é de que sua morte é de quinze dias passados. O general Arthur Oscar confirmou que o cadáver exumado pertence ao Conselheiro e fotografou-o. Há mais detalhes acerca do término da guerra e há telegramas retardados dando detalhes da tomada de Canudos. Um dos telegramas, do ministro da guerra ao presidente da Republica:

> Parabens a v. exa. e á Republica. Recebi agóra um officio do general Arthur Oscar participando que hontem foi reconhecida a identidade da pessôa do Conselheiro no cadaver encontrado no sanctuario, o qual demonstra ter o conselheiro fallecido ha 15 dias. De tudo se lavrará um termo em Canudos, sendo o cadaver photographado (p.1).

FIM.

ANEXO A

O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DE J. FILINTO & COMP.

ANNO XXII

REDACÇÃO
58—Rua Quinze de Novembro—58

GERENTE—José Filinto da Silva

S. PAULO—Domingo, 1 de novembro de 1896

TIRAGEM 10.000 EXEMPLARES

As assignaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de junho ou dezembro

ASSIGNATURAS
Anno........ 24$—Extrangeiro.... 50$

Numero do dia 100 rs.

N. 6.562

Os meus domingos

Domingo triste este, embora a natureza nos esteja risonhamente a dizer que não pela bocca perfumada das flôres que se abrem nos jardins e nos campos nos beijos quentes e fecundos do sol da primavera.

Este domingo, para o chronista, desperta um contraste absoluto com a resplendente pompa das ocisas, porque fecha uma semana de boatos sinistros e é a vespera do dia dos mortos.

Quem deixa de soffrer as terriveis consequencias dos boatos, que fazem baixar o cambio e encarecem o pão do pobre?

Quem ahi existe tão feliz que não tenha os seus mortos no cemiterio?

Domingo triste...

E' preciso saber que não ha cemiterios só para gente, porque não é só a gente que morre.

Um monarchista, que apezar de todos os rancores politicos é meu amigo, disse-me ainda agôra, quando eu perguntei se havia alguem que amanhan se pudesse considerar isento do doloroso tributo das lagrymas da saudade:

—Ha. O mundo não é tão máu como imaginas. A vida é bôa, é excellente. Eu, por exemplo, não tenho que fazer amanhan no Campo Santo, porque ainda não me morreu ninguem.

—Ninguem? Nem um amigo, um amigo verdadeiro e leal, uma affeição sincera, que te tivesse entrado na alma e que, ao extinguir-se, tivesse levado comsigo um pouco do teu coração?

—Nem isso. Todos os meus amigos estão vivos e gozam perfeita saúde: de noite, vão ao *Polytheama* ou ao *S. José*, e de dia distrâem-se ás portas da *Paulicéa*, quando não ha corridas de sensação no Velodromo, como hoje. Bargossi e Osmond. Jogo no Bargossi e jogarei sempre nelle, porque não creio em desforras. O Bargossi é...

—Não crês?...

—Em desforras. São cantigas que não me illudem. Quem venceu uma vez é porque é mais forte, e quem é mais forte vence sempre.

Fiz um movimento, que o meu amigo não comprehendeu.

—Acreditas na desforra do Osmond? E's ainda desse tempo, tôlo? Pois, então, aposta commigo: com mil réis, cincoenta, dez, cinco, se quizeres...

—Não, eu nunca fui ao Velodromo e nem entendo bem o que dizes com tanto enthusiasmo e tanta convicção. Se affirmar que nunca vi o Osmond e não tenho pena, não minto. Não posso, por conseguinte, apostar por elle. Aposto, porém, pela Republica, queres?

O meu amigo empallideceu e cambaleou, levando as duas mãos ao lado esquerdo do peito, como se alguma coisa ali lhe doesse muito, muito...

Fui cruel, então.

—Aposto pela Republica e apostarei sempre por ella. Não creio na desforra dos frucos. Quem venceu uma vez é porque é mais forte, e quem é mais forte vence sempre. Contestas? E's ainda desse tempo, tôlo?...

Mas, não pude continuar. O meu amigo estendeu-me as mãos, em attitude de quem supplicava um fim de tortura, e deixou-me.

Os do *Centro*, mal lhes disseram que a policia estava no corredor, fugiram espavoridos pelos telhados dos visinhos. O meu amigo, honra lhe seja, retirou-se dignamente. Ia melancolico, mas não e de vagar. Não era o Terror, que não sabe disfarçar-se nas columnas e secções livres dos jornaes. Era a resignação que caminhava...

—Para onde?

—Para o cemiterio, meus amigos, para o cemiterio. Todos lá têm que ir, amanhan, verter a sua lagrima de saudade, porque as illusões, estas filhas queridas da nossa imaginação, tambem morrem.

Domingo triste este.

A.

NOSSOS TELEGRAMMAS

A crise chilena

Depois da posse do presidente Federico Errazuriz a crise chilena, acalmada pelas medidas tomadas no primeiro semestre do corrente anno pelo presidente Jorge Montt e pelo parlamento chileno, adquiriu toda a primitiva importancia.

As difficuldades financeiras do Chile são recentes. A propria revolução contra Balmaceda deixára um *deficit* que, para o exercicio immediato, começara a ser contrabalançado por saldos pequenos mas que pareciam poder ser mantidos nos exercicios futuros.

A revolução tinha ficado, todavia, a depreciação do meio circulante e de tal modo esse facto influia sobre a vida financeira do paiz que a 1º de julho do anno passado Jorge Montt sanccionava a lei que fixou a taxa cambial ao par no valor de 10 pesos por uma libra esterlina.

Figurou-se a todos resolvido em parte o problema; mas a desvalorisação da moéda nacional que gradualmente se operára, só podia ser desfeita pela abundancia do ouro, e, este, em virtude de um natural desequilibrio da balança commercial resultante ainda da revolução que fizéra a agricultura estacionar, cada vez mais fortemente corria para o extrangeiro.

A reducção do valor da moéda chilena tinha sido unicamente uma medida de momento, um expediente para sustar a baixa do cambio.

Não podia, porém, de fórma alguma ser a solução do problema economico e financeiro do Chile.

Os emprestimos absorvidos em armamentos, em compras de vasos de guerra, em fortificações, mal davam margem para os serviços da divida no começo do actual exercicio. Desde logo se tornou preciso appellar novamente para os banqueiros da Europa e crear mais encargos permanentes para não faltar nos compromissos que se iam vencer.

O *deficit*, por isso mesmo, foi aggravado.

A divida que em julho de 1894 subia apenas a dezoito milhões esterlinos e cujo serviço annual era relativamente insignificante eleva-se hoje quasi ao dobro e, pela depreciação da moéda, tem um serviço que passa do quadruplo do de então.

O thesouro chileno pela lei de conversão de 1892 tinha este anno a necessidade de resgatar papel-moéda em quantidade consideravel.

A 1º de janeiro deste anno, cerca de quarenta e sete milhões de pesos em papel-moéda deviam ser recolhidos ao thesouro á razão de 24 dinheiros esterlinos por peso.

Em julho devia-se fazer a reducção dos juros para equilibrar o orçamento e em janeiro proximo a circulação fiduciaria estaria apenas circumscripta á que o thesouro pudesse garantir, segundo a praxe financeira, pelo terço em ouro.

Este era o plano; mas o certo é que a reserva metallica que o governo devia obter por um emprestimo não existe. Em primeiro logar, para isso contribuiu a baixa do cambio que paralysou os negocios e impediu o resgate de janeiro e em seguida foi aggravando dia a dia a situação de modo que em julho o equilibrio calculado não se dava, mas, contrariamente a essas esperanças, o *deficit* era maior do que jámais.

Os emprestimos contractados pelo governo tinham de estar sujeitos a esta situação precaria. Em vez dos typos altos dos anteriores emprestimos, o governo chileno viu-se forçado a aceitar dinheiro a fortes premios e com juros superiores ao que outr'ora emittira.

Comprehende-se que uma crise como essa não podia levar senão a um *deficit* importante. E' o que nos diz o telegramma de Santiago hontem recebido, que fixa em nunca menos de seis milhões de pesos o *deficit* no actual exercicio.

Os Municipios

Santos

Um anonymo caridoso fez ante-hontem o donativo de 100$000 em dinheiro ao Asylo de Orphams daquella cidade.

—No salão da Praça do Commercio realisa-se dentro em breves dias uma exposição de quadros, promovida pelo professor de pintura sr. Henrique Trouck.

—Suffragando a alma do commendador José Azurem Costa, rezou-se ante-hontem uma missa na capella da Sociedade de Beneficencia daquella cidade.

—No hospital da Sociedade de Beneficencia Portugueza existiam ante-hontem 28 enfermos.

Campinas

A companhia de operetas portugueza, dirigida pelo actor Affonso Taveira, tenciona ir áquella cidade em cujo theatro dará uma série de recitas.

—Ao delegado de policia daquella cidade apresentou-se ante-hontem o pardo Manoel Pedro da Silva, com um ferimento no braço direito, produzido por faca.

Interrogado, Silva declarou que fôra ferido num conflicto havido em Ytú, pedindo portanto um logar na enfermaria da Santa Casa de Misericordia, com o fim de receber alli o verdadeiro tractamento.

O ferido teve ordem de ficar na casa da guarda, até receber-se de Ytú resposta a um telegramma que para alli foi enviado pelo delegado de policia, pedindo informações a tal respeito.

—O sr. Antão de Paula Souza fez o donativo da quantia de 200$000 á Santa Casa de Misericordia daquella cidade.

—Ao grupo escolar que dentro em pouco se deve inaugurar naquella cidade vae ser offerecido um rico estandarte por meio de uma subscripção publica.

Araraquara

Entrou em exercicio do cargo de juiz de direito daquella comarca o dr. Fontes da Silva.

—Voltou a exercer o cargo de juiz de paz daquella comarca o sr. Silva Leite.

—O presidente da companhia da estrada de ferro de Araraquara apresentou ao governo os estudos da secção da linha que vae do kilometro n. 25 com o fim de serem approvados.

S. Carlos do Pinhal

Começou a publicar-se naquella localidade uma nova folha intitulada a *Opinião* de que são redactores os srs. dr. Augusto de Castilho e Americo Penna.

Saudamos o novo collega, desejando-lhe longa e desafogada existencia.

—A *Opinião* diz ter ante-hontem ouvido que em Araraquara apparecera um caso de febre amarella.

A mesma folha, mais tarde, recebia de pessôa competente um formal desmentido acerca de semelhante boato.

—A exma. sra. d. Maria Gomes Marcondes offereceu á capella de S. Sebastião uma rica imagem do santo do mesmo nome.

Espirito Santo do Pinhal

Hoje devem reunir-se em assembléa geral, numa das salas da camara daquella cidade, os accionistas da companhia Luz Electrica e Telephonica Pinhalense.

O fim dessa reunião é tractar-se da eleição da directoria e conselho fiscal da companhia, cujos trabalhos estão já ha mezes iniciados.

—Está alli o dr. José de Almeida Vergueiro, deputado estadoal.

—A *Cidade do Pinhal* advoga a idéa de se fundar alli um club de lavradores, onde se discuta o aperfeiçoamento do preparo do café.

Itapetininga

No bairro do Capão Alto, daquelle municipio, deviam ter-se realisado hontem grandes corridas de cavallos.

TELEGRAMMAS

Serviço especial do "O Estado de S. Paulo"

JUNDIAHY, 31 (recebido ás 5 horas e vinte minutos da noite).

Entraram hoje durante o dia nesta estação 22.713 saccas com café.

(*Do nosso correspondente*).

SANTOS, 31 (recebido ás 9 horas da noite).

O mercado de café abriu com procura em base de 13$500, mas, devido á frouxidão do cambio os negocios realisados foram em base de 13$000.

O mercado manteve-se firme.

As vendas hoje foram em numero de 35.000 saccas.

Entraram 29.140.
Desde 1° 661.805.
Média 21.445.
Vendas desde 1° 627.000.
Sahidas, idem, 710.328.
Existencia 497.113.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido ás 3 horas e 45 minutos da tarde).

O paquete *Maranhão* desencalhou ás 11 horas da noite sem auxilio.

Os porões estão estanques. Trata de receber carga para seguir viagem para o norte.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido ás 7 horas da noite).

O cambio abriu á taxa de 8 dinheiros por mil réis.

—O sr. presidente da Republica continúa a passar sem novidade, tendo recebido grande numero de felicitações pelo bom exito da sua operação.

—O ministro italiano sr. De Martino esteve hoje em conferencia com o sr. ministro do exterior, general Dyonisio Cerqueira.

—O ministro oriental assignou hoje o protocollo sobre a systematisação do pagamento da divida uruguaya.

A divida monta a cerca de 5 milhões de pesos em ouro e será amortisada em prestações annuaes, de cem mil pesos

[...]

45 minutos da noite).

O 1° delegado auxiliar dr. Moura Carijó seguiu com quarenta praças do 23° batalhão para Entre-Rios, em consequencia de estar imminente um conflicto entre a policia e empregados da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Hontem, á tarde, naquella estação, uma locomotiva matou um individuo.

A policia invadiu o trem prendendo o machinista que dizem foi espaldeirado.

Depois a policia invadiu a estação prendendo e esbordoando um foguista.

Em vista disto, o pessoal da Estrada de Ferro Central abandonou o serviço e o agente communicou as occorrencias ao director da estrada, que seguiu em companhia do dr. Moura Carijó.

Noticias recebidas de Entre-Rios dizem que a ordem está restabelecida e que o pessoal da estrada voltou ao trabalho.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido ás 12 horas da noite).

Foi preso hoje, na rua da Prainha, Antonio de Souza Lauro Junior, indigitado assassino de Francisco do Nascimento, morto a pauladas na festa da Penha.

—Causou bôa impressão o fechamento do Centro Monarchista dahi.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido á meia noite e 35 minutos).

Os senadores João Cruz e Pires Ferreira receberam telegramma de Therezina noticiando que nas eleições municipaes se deram graves conflictos em Amarante, havendo alguns mortos e feridos.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido á uma hora e meia da madrugada).

Ao contrario do que se dizia, o *Diario Official* publicará amanhan um boletim do dr. Pedro Affonso, declarando que o dr. Prudente de Moraes passou o

[...]

Fóra e estabelecimentos congeneres nos estados;

e em primeira discussão, o projecto prohibindo ás corporações civis o uso de bonets com emblemas e galões doirados eguaes aos do exercito, armada e guarda nacional.

(*Do nosso correspondente*).

RIO, 31 (recebido ás 10 horas da noite.)

CAMARA:

Na discussão das emendas do senado ao orçamento da fazenda, ultimamente rejeitadas na camara, oraram os srs. Paula Guimarães e João Neiva.

A votação foi interrompida por falta de numero, sendo approvadas as emendas relativas ás compras de lanchas para as alfandegas, e a que augmenta a gratificação dos empregados da alfandega do Pará.

Passou-se á votação das emendas ao orçamento da viação, sendo approvadas as seguintes:

a que deduz 60 contos da verba *encargos* para a agencia de colonisação;

concedendo cem contos para custeio e installação de agencias do correio [...];

consignando 317 contos para prolongamento da estrada de Sobral até Serrote;

consignando verba ao observatorio astronomico;

autorisando o governo a rever o regulamento da Estrada de Ferro Central do Brasil;

autorisando o governo a approvar as [...] da estrada de ferro de Victoria a Pessanha;

prorogando o prazo á estrada de ferro Central da Bahia, e a de Caxias a Araguaya;

autorisando o governo a adquirir a [...] melhoramentos do Brasil por encontro de contas com o banco da Republica.

Foi approvada a redacção do orçamento do interior.

E' encerrada a discussão da indicação do deputado Erico Coelho, no projecto sobre o divorcio.

Na discussão do projecto que manda organisar o ensino nas escolas militares, orou o sr. Carlos Jorge.

Na hora do expediente o sr. João [Ne]iva pediu demissão do cargo de membro da commissão de redacção.

(*Do nosso correspondente*).

[...]

esperar prompto restabelecimento.—Barão de Pedro Affonso, Barata Ribeiro.

(*Do nosso correspondente*).

BAHIA, 31 (recebido ás 12 horas e 10 minutos da noite).

O sr. dr. Manoel Victorino Pereira parte no dia 2 para o Rio.

—O juiz seccional pronunciou Virgilio Rosa, F. Araujo, Pergentino Porto, Philippe Duarte, empregados da alfandega, Fortunato Jambeiro, despachante e Manoel Joaquim de Carvalho, negociante.

(*Do nosso correspondente*).

JUIZ DE FORA, 31 (recebido ás 12 horas e 20 minutos).

O emprestimo de novecentos contos, lançado pela camara municipal, ao typo de 95, foi coberto por subscripção publica.

(*Do nosso correspondente*).

PARIZ, 31 (recebido á meia noite e meia hora).

Falla-se em crise ministerial, indigitando-se o sr. Freycinet para organisar o novo gabinete.

(*Do nosso correspondente*).

MADRID, 31.

Dois vapores japonezes desembarcaram tres mil insurrectos nas Philippinas.

O sr. Canovas del Castillo garantiu que o emprestimo de mil milhões de pesetas será lançado em dezembro proximo.

(*Do nosso correspondente*).

BUENOS AYRES, 31 (recebido á uma hora da madrugada).

O sr. Quiroga, governador da provincia de Buenos-Ayres, ha tempo suspenso, prendeu o governador Maza, nomeado pela assembléa legislativa, bem como os ministros e o chefe de policia.

O combate entre as forças dos dois governadores foi renhido.

Houve diversas mortes, entre os quaes o dr. Julio Darset, e 47 feridos.

(*Do nosso correspondente*).

Agencia Havas

MADRID, 31 (recebido á meia hora da madrugada).

Um terrivel cyclone devastou a cidade de Sevilha e grande parte da provincia do mesmo nome.

[...]

BUENOS-AYRES, 31.

Aggrava-se sériamente a situação na provincia de San Luis.

Já se deram importantes desordens tornando-se difficil reprimil-as.

O governador interino está preso.

A agitação é extraordinaria, temendo-se a cada momento a revolução.

O governo central, á vista da gravidade da situação, vae intervir, afim de restabelecer a ordem.

BUENOS-AYRES, 31.

Confirma-se a noticia que o arcebispo de Buenos-Ayres, sr. dr. Castellano, irá por estes dias ao Chile.

BUENOS-AYRES, 31.

Grande temporal que cahiu ante-hontem nesta capital visitou tambem as provincias onde egualmente causou não poucos estragos.

BUENOS-AYRES, 31.

As liquidações da bolsa no fim do mez fizeram-se hoje regularmente.

Ha inteira tranquillidade.

SANTIAGO, 31.

Chegou a esta capital o governador do territorio de Magalhães, que vem responder perante o governo ás accusações graves que lhe foram feitas.

Hontem, ás 8 horas da noite, a praça que se achava de ronda na rua José Bonifacio, vendo que da chaminé do predio n. 33 daquella rua, sahia grande quantidade de fumaça, deu o signal de alarma para a estação central do corpo de bombeiros, cujo pessoal compareceu immediatamente, verificando-se que nada havia.

Estiveram presentes o dr. 5° delegado de policia e muitos officiaes da força publica.

Publicações

Recebemos:

Do sr. Eugenio Hollender, a polka *Ercilia* e a valsa *Dolorosa*.

—A appellação civel n. 1.177, em que são appellantes os srs. Ovidi & Comp., e appellados os srs. Ribeiro Conceição & Comp., acompanhada das razões do advogado dos appellados dr. Bernardo de Campos.

—*A Paulicéa*, jornal illustrado desta capital, n. 35.

—*A Bicycleta*, n. 47.

Fallecimentos

Falleceu ante-hontem, nesta capital, o respeitavel cavalheiro [...] Adolpho Julio de Aguiar [...], honrado chefe de

[...]

familia e abastado lavrador no interior do estado.

O finado fôra acommettido de uma syncope cardiaca na occasião em que tomava banho na Sereia Paulista.

Sentindo o passamento do sr. Melchert enviamos á sua exma. familia a expressão das nossas vivas condolencias.

—Falleceram mais:

Em Santos, o sr. Lindolpho Prado, que ha annos desempenhava o cargo de secretario da capitania do porto.

—No Rio, o commendador Frederico Narbal Pamplona, natural do Estado do Ceará.

Artes e artistas

EXPOSIÇÃO DE QUADROS

No salão da Associação Commercial está aberta uma exposição de quadros, alguns de verdadeiro merecimento.

Ha alli quadros de H. Caran, Antonio Parreiras, Casanova, Frederico Pereda, Fernandes (da Academia de Bellas Artes) Belmiro de Almeida, Pedro Alexandrino, Facchinetti e muitos outros.

Esses quadros foram alli expostos por um amador que, tendo de retirar-se para a Europa, não pode fazer-se acompanhar da sua collecção de telas, que são em numero de trinta e tantas.

E' uma excellente occasião para se poder adquirir um quadro em condições vantajosas.

CARNET DO "ESTADO"

Realisou-se hontem na Penha de França o consorcio do sr. Guilherme Lencioni com d. Malfisa Lencioni.

Palcos e Circos

S. José

Hontem, entre applausos geraes, foi representado neste theatro o «vaudeville» *Tres mulheres para um marido*.

Telmo cantou a deliciosa cançoneta *A rir... a rir...* que deixou todo o publico a rir... a rir...

E, a proposito de Telmo, é hoje á uma hora da tarde, o beneficio do sympathico e intelligente artista, que no pouco tempo que se acha em S. Paulo já é devidamente apreciado.

O programma da *matinée* de hoje é tão attrahente que por certo o S. José terá uma enchente.

A' noite repete-se o *Hotel do Livre Cambio*, a peça que mais tem agradado ao publico paulista, entre todas as que

[...]

VELOCE-CLUB

Este club realisa hoje no Velodromo da rua da Consolação mais uma esplendida corrida que, como as anteriores, ha de ser muito concorrida.

Além de um magnifico programma de 7 pareos, com bom numero de inscripções, terá logar um *match*, distancia 1.[...] voltas, entre os corredores seniors de 1ª Otto e Iris, *match* este organisado pelos corredores Swift do Indo de Otto e Osmond por Iris.

Admiradores dos dois valentes adversarios que amanhan vão medir suas forças fizeram grandes apostas.

Reapparece, estando inscripto em 2 pareos, o distincto corredor Odarp, que, comquanto não esteja ainda em completo *treno*, é de esperar que faça figura brilhante.

Menelick, que esteve temporariamente suspenso, tambem toma parte no 2° pareo.

Eis os nossos palpites:

1° pareo:	1° dr. Semnas.	2° Tantalo.
2° pareo:	1° Menelick.	2° Syrus.
3° pareo:	1° Rochet.	2° Odarp.
4° pareo:	1° Cabrion.	2° Antopus.
5° pareo:	1° Otto.	2° Rochet.
6° pareo:	1° Cabrion.	2° Syrus.
7° pareo:	1° Odarp.	2° Rochet.

Desafio: Iris.

E' este o conselho de julgamento do Veloce-Club, para as corridas do corrente mez:

Presidente: Dr. Ignacio Arruda.

Juizes de chegada: Victor Steidel e Orestes P. de Souza.

Juizes de sahida: José Steidel e José Fleury.

Juizes de raia: João de Sá Rocha e José Couto de Magalhães.

Chronometrista: João Oliveira Barros.

Casa das poules: director, Armando V. Machado.

Juiz fiscal: João de Sá Rocha.

—O programma para a corrida de hoje vae ser alterado, pois o corredor *Bargouri* não poderá tomar nelle parte, por ter de retirar-se por alguns dias para a Capital Federal.

O desafio entre este corredor e Osmond realisar-se-á no proximo domingo.

FRONTÃO PAULISTA

Jogam-se hoje na *cancha* da rua Onze de Junho, magnificas quinielas simples e duplas e um partido a 30 pontos [...]

[...]

Folhetim 25

JEAN DE LA BRÈTE

TIO E O SR. VIGARIO

Traducção especial PARA O "ESTADO DE S. PAULO"

XIV

Como chorei por [...] disso! Nunca, porém, posso garantil-o, senti verdadeiramente ciumes de Jyno. Qual! eu era

[...]

Entretanto estas judiciosas ponderações não me consolavam.

A' noite, na cama, desatava a chorar

[...]

desespero. Não [...] casamento sem [...] Se o sr. de Pa[vol] [...]

[...]

lha de medição do engenheiro encarregado de fiscalisar o serviço, devendo a avaliação das obras ser encerrada até o dia 5 de cada mez.

Vigorarão para esse pagamento nos preços constantes da tabella proposta pelo contractante, que com o orçamento fará parte integrante do contracto.

Qualquer excesso ou diminuição das quantidades estabelecidas no orçamento será levado em conta applicando-se os preços da referida tabella.

13

Para os serviços que occorrerem não previstos no orçamento e que possam ser ordenados pelo engenheiro-chefe, os concorrentes apresentarão os preços pelos quaes se propõe a executal-os considerados maximos os adoptados pela repartição e que figuram em relação separada, appenas ao orçamento.

14

Neste caso está tambem o aluguel da carroça por dia para o transporte não previsto do material.

Para isto farão preço, ficando obrigados a sempre satisfazer as requisições feitas pelo engenheiro durante todo o periodo da construcção.

15

De cada pagamento será retida a importancia de 10 % como caução para garantir a execução do contracto e a conservação das obras.

16

Por occasião do recebimento definitivo das obras as quantias retidas, assim como a caução previa de 10:000$000 serão restituidas.

17

Os proponentes deverão indicar:

Os preços de unidade, considerados maximos os do orçamento;

A data do começo e conclusão das obras, contada da assignatura do contracto.

Os preços serão indicados por extenso e em algarismos e as propostas não conterão rasuras nem emendas.

18

Os concorrentes declararão em suas propostas que se compromettem a seguir pontualmente as instrucções que lhes forem dadas por escripto, durante a construcção, pelo engenheiro encarregado de fiscalisar as obras e que se sujeitam ás condições geraes e especificações que baixaram com o decreto n. 150 de 30 de janeiro de 1893 na parte applicavel e que não forem contrarias ás estipulações acima feitas.

19

Pela presente concorrencia o governo não se compromette a acceitar a proposta mais baixa ou qualquer das propostas.

Secretaria dos Negocios da Agricultura.—S. Paulo, 8 de outubro de 1896. —*Eugenio Lefevre*, director-geral.

LEILÕES

ESPLENDIDO LEILAO

DE

Optimos moveis estofados, a velludo grênat, ditos de vinhatico, oleo, canella, mobilias austriacas para gabinete e para salão de jantar, esplendida guarnição de canella ciré, para dormitorio, lindos moveis japonezes com lavores em alto relevo, esplendido piano de grande formato dos reputados fabricantes Rud. Ibach & Shons, com lindissimas vozes, bellos quadros, bonitos espelhos de crystal e outros ornatos de apurado gosto artistico, serviços de finas porcellanas, crystaes e fayences, vasilhas e outros utensilios de cozinha e duas magnificas BICYCLETAS «Clément».

QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO

A'S 11 e 1½ HORAS

A' rua do dr. Cesario Motta, 2

ESQUINA DA RUA MARQUEZ DE YTU'

VILLA-BUARQUE

O LEILOEIRO

A. Q. CHAVES LEAL

(Com escriptorio á rua de S. Bento, 25 B)

Honrado com a confiança do distincto cavalheiro o illm. sr. JOAQUIM THEODORO DE ARAUJO, que muda de residencia, venderá tudo o que contém em sua ex-habitação, constando de:

Sala de visitas

Elegante mobilia de canella filetada e estofada a velludo grênat, contendo 10 peças, *chic guéridon*, bonitos porta-bibelots de estylo japonez, com delicados lavores em alto relevo, esplendido piano de grande formato dos celebres e acreditados fabricantes **Rud. Ibach & Shons**, tendo bellissimas vozes, bom tamborete para o mesmo, bella cantoneira, imitação de bambú, chic mesinha á phantasia com artisticas pinturas a oleo, bonitos quadros a oleo, pintura sobre setim, vistoso espelho de crystal *biseauté*, tendo 5 faces em rica moldura guarnecida de pelluda azul, dito em moldura dourada, varios bibelots, lindos jarrões de terra-cotta, ricas cortinas e reposteiros de reps de lan e seda, tapetes, persianas, vasos e cuspideiras de porcellana, com garras.

Gabinete

Chic mobilia austriaca (Fischel) com assentos e encostos de palhinha tendo 11 peças, bôa secretaria, cadeiras á phantasia, com assentos e espaldares de couro, varios mappas geographicos e diversos objectos de escriptorio.

1.º dormitorio

Esplendida guarnição, toda de canella ciré contendo:

Confortavel leito com enxergão de mólas, cupula e cortinado, 2 elegantes bancas de luz, excellente toilette com armarios e gavetões, duplo marmore e espelho de crystal, optimo guarda-roupas, todo de desarmar, **chic psyché**, ornado de espelho de crystal biseauté e marmore de côr, magnifico guarda-casacas, com porta guarnecida de espelho de crystal.

Optima caminha balaustrada para creança, bôa guarnição de porcellana para toilette, jarros e baldes para agua, bonita lamparina á phantasia, de porcellana, ornada de fino espelhinho de crystal **biseauté**, bonito quadro-sacco de **N. Senhora de Lourdes**, despertadores, binoculos para theatro, cabides austriacos e tapetes para o pé de cama.

Outros dormitorios

Excellentes leitos para casados e para solteiros, de raiz de vinhatico, colchões de crina vegetal, cupulas com cortinados de **guipure**, bôa commoda de raiz de oleo, tendo 5 gavetas, optimos guarda-casacas, de vinhatico, tendo portas com espelho de crystal, excellentes guarda-vestidos, de desarmar, bons lavatorios inglezes, com gavetas, ditos commoda, com duplo marmore e espelho, creados-mudos á Luiz XV, apparelhos de porcellana para lavatorios, tapetes para pé de cama, avelludados, cabides e vasos para a noite.

Sala de jantar

Solida mesa elastica de raiz de vinhatico, com 5 taboas, optimo guarda-prates com bonito frontão, excellente **étagère** com marmore e frontão, bom guarda-comida, com téla de zinco, magnifica mobilia austriaca com assentos de fina palhinha, bonitos quadros sobre assumptos historicos, bellos espelhos de crystal com originaes molduras guarnecidas de **boulte**, exacto regulador suisso para parede, apparelhos de porcellana e de crystal, serviços para chá e para café, galheteiros, licoreiros, lampeões belgas com globos, frascos de vinho Chianti, talheres de fino metal branco e ditos inglezes.

Corredor

Duas magnificas bicycletas «Clement» para corridas e um bonito carrinho de vime com 4 rodas, para creança.

Copa e cozinha

Latas para mantimentos, vasilhame e bateria para cozinhar.

Será tudo vendido em publico leilão ao melhor lance obtido

QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO

A'S 11 E MEIA HORAS

A' rua Dr. Cesario Motta, 2

Esquina da rua Marquez de Ytú

VILLA BUARQUE

Pelo agente

A. Q. Chaves Leal

IMPORTANTISSIMO

LEILAO

Solido e vantajoso emprego

— DE —

CAPITAL

Magnificos terrenos, com frente para a Praça da Republica e esquina para as ruas do Marquez de Itù, e Araujo.

Na salubre e aristocratica

VILLA BUARQUE

O LEILOEIRO

Moreira Campos

(Escriptorio e agencia á rua Marechal Deodoro, 8)

Legalmente auctorisado pelo proprietario, fará venda

Livre e desembaraçada de onus e sem a minima reserva de preço

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde

EM FRENTE AOS MESMOS

39 m. e 60 cms. de esplendidos terrenos com frente para a **Praça da Republica** e esquina para as ruas do Marquez de Itú e Araujo e servidos pela linha de bondes da Villa Buarque, que passam em frente aos referidos terrenos, devididos do seguinte modo:

Quatro lótes

Tendo o primeiro lóte 9 m. e 60 cms. de frente por 30 e 10 de fundo, medido a testada no fundo 7 m. e 60 cms.

O 2º lóte, 10 m. de frente, por 30 m. e 20 cms. de fundo, medido a testada 8 metros.

O 3º lóte, egual ao segundo.

O 4º lóte, 10 m. de frente por 30 m. e 75 cms. de fundo, medido a testada, no fundo, 10 m. Este lóte, faz esquina com as ruas Marquez de Ytú e Araujo.

Occasião unica para seguro e vantajoso emprego de capital.

Venda livre e desembaraçada de onus e sem a minima reserva de preço.

Terça-feira, 3 de novembro

A's 3 horas da tarde

Para melhores informações, no escriptorio do annunciante á rua Marechal Deodoro, 8 A.

Moreira Campos

LEILOEIRO

Grande e magnifico

LEILÃO

DE

Optimos moveis austriacos, ditos de vinhatico, canella e oleo, esplendida guarnição de canella ciré para sala de jantar, excellente piano meio-armario de Henri Herz, bonitos quadros e espelhos, cortinas e reposteiros, tapetes avelludados, pelles, porcellanas, crystaes, talheres, vasilhame e bateria de cozinha.

Terça-feira 3 de novembro

AO LARGO MUNICIPAL, 31

SOBRADO

A's 11 e 1½ horas

O leiloeiro

A. Q. Chaves Leal

Escriptorio

A' rua S. Bento, 25 B

Auctorisado

pela exma. sra. d. Manoela Queruche, que retira-se de mudança para o Estado do Rio Grande do Sul, venderá em franco leilão tudo o que existe em sua residencia

A saber:

Na sala de visitas

Magnifica e reforçada mobilia austriaca THONET dupla, tendo assentos e espaldares de palhinha, com filetes dourados, bonita mesinha de centro, excellente piano meio armario do afamado auctor HENRI HERZ, lindos quadros, bellos espelhos de crystal facetado, vistosas cortinas e reposteiros, chics tapetes avelludados e pelles de côr, bom lampeão-vaso de porcellana, bibelots de gosto, vasos, jarras e cuspideiras de porcellana.

Em seis dormitorios

Excellentes leitos com colchões para casal e para solteiros, bons creados-mudos á Luiz XV, mesinhas redondas com pés torneados e gavetas, optimos toilettes-commoda e de logão, apparelhos de porcellana para os mesmos, baldes e jarros para agua, espelhinhos, quadros e outros enfeites, bons guarda-roupas de desmarmar, esplendidos guarda-casacas de raiz de oleo, tendo portas com espelho de crystal biseauté, cabides, cortinas de janellas, tapetinhos para pé de cama, cuspideiras, castiçaes, etc.

Na sala de jantar

Esplendida guarnição de canella ciré, contendo as 10 peças seguintes:

Solida mesa elastica com 5 taboas, optimo guarda-prata com vidros lavrados, columnas e frontão com delicado lavor em obra de talha, excellente étagère com pedra-marmore de Carrara, bom guarda comida com téla de côr e seis elegantes fortes cadeiras.

Mesas de intervallo, sophá austriaco com palhinha, cadeiras diversas, bôa cantoneira armario, bom regulador de parede, quadros, garrafas de vermouth, vinho Bordeaux, cognac e varios outros liquidos, porcellanas, crystaes, talheres, bandejas, salvas, roupas brancas para mesa, moringues, talha com filtro e varios objectos proprios para varanda.

Na cozinha

Mesas, estantes, marmitas de agathe, fogareiros para kerosene, bacias de ferro batido, vasilhame e bateria para cozinhar.

Tudo para ser vendido em franco e publico leilão, ao melhor lance obtido.

Terça-feira 3 de novembro

A's 11 e 1½ horas

AO LARGO MUNICIPAL, 31

Sobrado

Pelo agente de leilões

A. Q. Chaves Leal

LEILÃO

DE

Solidos moveis

No grande hotel Lyrico

soberba mobilia medalhão esculpturada com 13 peças, lindos quadros, tapetes, jarros, bibelots, um rico espelho com moldura dourada, cortinas, galerias.

Novo commodos

todos mobiliados, camas á Luiz XV, creado-mudo, guarda vestido, toilette com pedra-marmore, serviço para o mesmo, 1 rico guarda casacas com espelho de crystal, etc.

Salão de jantar

Uma solida mesa elastica com pés torneados, 5 taboas, magnifico **buffet** com pedra-marmore, guarda-louças, cadeiras avulsas, mesas diversas, cantoneiras, louças, crystaes, metaes, copos, calices e muitos outros artigos que seria difficil descriminar e que estarão patentes ao leilão.

G. CIURLO

AUCTORISADO

pelo illustre cidadão **Lazaro Henrstein**

Venderá

Quarta-feira, 4 de novembro

A's 11 e 1½ horas

Rua Marechal Deodoro, 38 A

Todos os confortaveis moveis de qualidade que guarnecem o referido hotel, o que tudo será vendido para real liquidação.

Quarta-feira, 4 de novembro

A' rua Mareshal Deodoro, 38 A

Hotel Lyrico

A's 11 e 1½ horas

PELO LEILOEIRO

G. Ciurlo

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Renda certa e segura

Leilão de Predio

O LEILOEIRO

Moreira Campos

ESCRIPTORIO E AGENCIA

Rua Marechal Deodoro, 8 A

Com a competente auctorisação, que lhe foi conferida pela exma. sra. d. LUIZA GRECO, que se retira para a Europa, fará leilão:

Terça-feira, 3 de novembro

A's 3 horas da tarde

na rua Glycerio, 39

De um predio composto de magnifica casa, com portão e duas janellas de frente; obra assobradada; cinco commodos assoalhados, forrados e empapellados; agua e gaz; construcção solida e moderna. Mede de frente 7 m.,50 por 30 de fundos.

Magnifico emprego de capital com renda certa e segura.

Venda livre de onus.

Terça-feira, 3 de novembro

A's 5 horas da tarde

Rua Glycerio, 39

PELO LEILOEIRO

Moreira Campos

CONDIÇÕES

Signal de 20 por cento e escriptura no dia seguinte.

MAGNIFICO

LEILAO

DE

MOVEIS

DE

uma bem montada casa de familia

O LEILOEIRO

Severiano Leal

Escriptorio á rua da Quitanda, 15 A

Devidamente auctorisado pelo **illm. sr. Leon Tadieu**, que se retira com sua familia para Europa, venderá em leilão

QUARTA-FEIRA, 4 de novembro, QUARTA-FEIRA

A's 11 e 1½ horas

55, Alameda Barão da Limeira, 55

Todos os moveis que guarnecem sua bem montada residencia, para o que **veja-se os annuncios detalhados que sahirão terça-feira, neste jornal.**

Vendas a todo o preço e ao correr do martello

QUARTA-FEIRA, QUARTA-FEIRA

A's 11 e 1½ horas

55, Alameda Barão da Limeira, 55

PELO LEILOEIRO

Severiano Leal

LEILÃO

DE

Moveis de casa de familia, mobilia austriaca, tapetes de sala e cortinas, jarros, quadros, camas, creado-mudo, guarda-vestidos, toilette, diversas alcovas todas mobiliadas, mesa para jantar, cadeiras avulsas, guarda-louças, étagère com pedra-marmore, louças, copos, calices e muitos outros artigos e miudezas que estarão patentes no leilão, trem de cozinha, etc.

GUILHERME CIURLO

AUCTORISADO

por um distincto cidadão que com sua exma. familia retira-se deste Estado.

VENDERA'

Terça-feira, 3 de novembro

A' RUA PIRATININGA, 32

(Braz)

A's 11 e 1½ horas

Todos os moveis que guarnecem a casa acima, o que tudo será vendido sem a menor reserva para real liquidação.

Terça-feira, 3 de novembro

A's 11 e 1½ horas

A' rua Piratininga, 32

PELO LEILOEIRO

GUILHERME CIURLO

DECLARACOES

S. Paulo Railway Company

FORNECIMENTO DE 1.000.000 (UM MILHÃO) DE TIJOLOS

Esta Companhia recebe propostas até o dia 17 de novembro p. f. para o fornecimento de um milhão de tijolos com as dimensões de 0,20 m. de comprimento, 0,14 m. de largura e 0,7 m. de altura, devendo o material ser de primeira qualidade e os tijolos muito bem queimados.

A entrega será feita em qualquer das estações desta estrada de ferro, no logar indicado por um dos engenheiros da Companhia.

Os pagamentos serão feitos por cada 25:000 tijolos que tenham sido entregues e acceitos pela Companhia e dentro de um mez depois da entrega.

Os proponentes deverão declarar o prazo para o fornecimento e fazer acompanhar a sua proposta de quatro amostras dos tijolos que se propuzerem fornecer.

Cada proponente depositará nos cofres da Companhia, por intermedio do respectivo caixa, na occasião da entrega de suas propostas, a quantia de um conto de réis, a titulo de caução, quantia essa que será restituida aos proponentes logo depois de feita a escolha de uma das propostas; sendo retida a caução do proponente escolhido até o completo fornecimento proposto.

As condições do contracto a que o fornecedor se obrigará e mais explicações, podem ser vistas no escriptorio technico á rua Duque de Caxias n. 35.

As propostas serão dirigidas a esta superintendencia em carta fechada, devendo notar-se que a Companhia não se obriga a acceitar a proposta mais baixa, nem qualquer outra.

Superintendencia, S. Paulo, 15 de outubro de 1896.—*William Speers*, superintendente.

Companhia Lacerda em liquidação

8º RATEIO

A commissão liquidante desta companhia, para prefazer o pagamento de *noventa* por cento aos credores, os convida a virem receber o rateio de cinco por cento sobre os respectivos creditos, no banco do Commercio e Industria de S. Paulo, pavimento superior, do dia 9 do corrente em diante, das 11 horas da manhan ás 2 da tarde.

S. Paulo, 1º de novembro de 1896.—Pela commissão, *Antonio de Campos Toledo*.

AVISOS COMMERCIAES

A' PRAÇA

Hasenclever & Comp., participam a esta praça que, retirando-se amigavelmente de sua casa commercial o sr. C. Schlosser jnr, cessa o mesmo de assignar a firma, por procuração, desde hoje.

S. Paulo, 31 de outubro de 1896.

—Confirmo a declaração supra. — *C. Schlosser jnr.*

Limeira

A' PRAÇA

Farani, Magaldi & Comp., por seus socios abaixo assignados, declaram a esta praça e a todas as mais com as quaes mantiveram relações commerciaes que, por commum accôrdo e amigavelmente, resolveram nesta data dar por findo o seu contracto social, entrando por isso nossa firma em liquidação.

Limeira, 31 de outubro de 1896.—*Francisco Farani, Cesar Farani, Francisco Magaldi.*

Declaração

Pedro Molina, socio componente da firma Molina & Irmão, estabelecidos á rua de S. João, 37, declara que por motivo de haver outra pessôa de egual nome, passará d'ora em diante a assignar-se Pedro Carlos de Molina.

S. Paulo, 31 de outubro de 1896.—*Pedro Carlos de Molina.*

A' PRAÇA

Salomão Levy declara que vendeu o seu negocio de bilhares e bebidas denominado **Restaurante Polytheama** estabelecido á rua de S. João, 23, esquina da rua Formosa, nesta capital, aos srs. Silvio Fioravanti e Ricardo Guarcelli, livre e desembaraçado de qualquer onus; apezar de julgar nada dever, pede a qualquer pessôa que julgue-se seu credor apresentar sua reclamação até o dia 9 de novembro proximo futuro.

S. Paulo, 31 de outubro de 1896.—*Salomão Levy.—Silvio Fioravanti*, a rogo de Ricardo Guarcelli por não saber escrever, *Pedro Basisi.*

A' PRAÇA

JOSÉ FELICIANO LEBRE DE CASTILHO, como solidario e CONDE DE SÃO JOAQUIM, como commanditario, communicam á praça que, em data de 1.º do corrente, organisaram uma sociedade sob a razão social de LEBRE DE CASTILHO & COMP. para o commercio de FERRAGENS, TINTAS, ARMARINHO e accessorios para AGUA e LUZ, com armazem á rua Direita, 24, onde esperam receber as ordens de seus amigos e freguezes.

S. Paulo, 30 de outubro de 1896.

A's praças do Rio, Santos, São Paulo e Piracicaba

Os abaixo assignados, socios componentes da firma Manoel Pedreira & Comp., desta praça, declaram que nesta data dissolveram amigavelmente a sociedade que mantinham sob a firma supra, retirando-se, pago e satisfeito de seu capital e lucros, o socio João Baptista Pedreira, ficando todo o activo e passivo da extincta firma a cargo do socio Manoel da Costa Pedreira, que, sob a antiga firma, continúa com o mesmo ramo de negocio—*Ferragens e Tintas.*

Piracicaba, 24—10—96. — *Manoel da Costa Pedreira, João Baptista Pedreira.*

A' PRAÇA

Manoel da Costa Pedreira, proprietario da *Loja de Ferragens e Tintas*, denominada—A VICTORIA—declara que nesta data admittiu como seu socio solidario o seu sobrinho José Vicente de Almeida Pedreira.

Piracicaba, 24 de outubro de 1896.—*Manoel da Costa Pedreira.*

A' PRAÇA

Os abaixo assignados membros da firma social, Luiz Manna & Comp., estabelecidos com negocio de seccos e molhados por atacado, á rua Lourenço Gnecco, 14 a 20, communicam a esta praça e as demais com as quaes tem tido relações e bem assim a seus amigos e freguezes do interior, que nesta data deixaram de fazer parte da mencionada firma os socios João Rovito e Carlo D'Ellia, retirando-se pagos e satisfeitos de seus lucros até a presente data, ficando a cargo do socio Luiz Manna todo o activo e passivo da mencionada firma e continuando com o mesmo ramo de negocio o socio Luiz Manna.

Os socios João Rovito e Carlo D'Ellia retiram-se completamente exonerados de toda a responsabilidade conforme o distracto social firmado nesta data no segundo tabellião.

S. Paulo, 31 de outubro de 1896.—*Giovanni Rovito.—Carlo D'Ellia.—Luiz Manna.*

A's praças de São Paulo e Santos

Nós abaixo assignados declaramos que vendemos aos srs. Antonio Contente e Manoel Pires, nosso negocio de seccos e molhados sito no Alto da Serra, livre e desembaraçado de qualquer onus e quem se julgar credor, queira apresentar suas contas no prazo de 5 dias, desta data em diante, que serão satisfeitas.

Alto da Serra, 31 de outubro de 1896. —*Gaudencio & Irmão.*

Concordamos.—*Antonio Contente, Manoel Pires.*

A' PRAÇA

Deixou de ser nosso viajante o sr. Theodoro Meuffels, por isso, fica sem effeito a procuração que o mesmo sr. tem para tractar dos nossos negocios no interior deste Estado.

Santos, 26 de outubro de 1896.—*A. Filgueiras & Comp.*

ANNUNCIOS

Luiz Keller

Victoria Keller e Luiz Keller agradecem de coração a todas pessôas que se dignaram acompanhar os restos mortaes de seu sempre chorado pae **Luiz Keller**, e de novo lhes rogam o caridoso obsequio de assistirem á missa de 7º dia que por sua alma mandam rezar terça-feira, 3 de novembro, ás 7 horas da manhan, e por este acto de religião e caridade desde já se confessam summamente gratos.

AFINADOR. — Hippolyto Vannier, pianista, concerta e afina. Especialidade em concertos de mechanismos de pianos; recados na rua José Bonifacio, 11, e rua Marechal Deodoro, 27. Residencia, rua de S. João, 148.

APOSENTADORIAS.—José Virgilio, com escriptorio administrativo e commercial á rua José Bonifacio, 9, tracta de aposentadorias de professores e demais funccionarios publicos, estaduaes ou federaes.

ALCOOL PURISSIMO duplamente rectificado, de 42 gráos, em pipas de ferro de 500 litros. Preço muito conveniente e para facilitar os pequenos consumidores, vende-se tambem em quintos e decimos. Grande e unico deposito á rua de Santa Thereza, 20 C.

CANINHA de superior qualidade em pipas, quintos e decimos; grande deposito á rua Santa Thereza, 20 C, onde é vendida a preço tão conveniente que não teme concorrencia. Quem experimenta ganha.

ESPIRITO DE VINHO de 40 e 36 gráos, em pipas, quintos e decimos, vende-se á rua Santa Thereza, 20 C.

ESPIRITO DE VINHO garantido a 8$ a duzia de garrafas; vende-se á rua Libero Badaró, 93 e remette-se a domicilio em qualquer ponto da cidade.

ESSENCIAS de todas as qualidades á preços muito convidativos para liquidar este artigo; bôa occasião para fazer sortimento de superior qualidade de essencias. Vende-se á rua Santa Thereza, 20 C.

JARDINEIRO— chegado de Portugal com 25 annos de pratica de tudo que diz a sua arte nalguns Marques Loureiro e no Palacio de Crystal, offerece-se para casa particular ou cuidar dos jardins da exma. Camara em S. Paulo ou Santos; para ser procurado João Felicio, rua 25 de Março, 73, S. Paulo. Tem só mulher que tambem sabe trabalhos domesticos.

MOTOR A GAZ — Vende-se um completamente novo, de 8 cavallos, 2 cylindros, systema Otto. Para ver e tractar na fundição Francisco Amaro—rua Corrêa de Andrade, 14 e 16—Braz.

NA rua Vinte e Cinco de Março, 127, vende-se um lavatorio com pedra marmore, duas mesas e duas cadeiras para barbeiro.

Tracta-se na mesma casa com Miguel Estefano.

O ALFINETE COR DE ROSA— Magnifico romance de Fortuné de Boisgobey, traducção especial para *O Estado de S. Paulo.*

Tres volumes nitidamente impressos 6$000.

Pelo correio, registrado, 7$000.

A venda no escriptorio desta folha.

SABÃO Russo —Uma fricção geral deste magnifico preparado, antes de entrar na banheira, conforta como por encanto, pois obtem-se deste modo um banho perfumado que tonifica todo o organismo.

SABÃO RUSSO—Em um banho torna-o perfumado e refrigerante, tonificando o systema muscular.

SABÃO RUSSO—As suas beneficas propriedades, attestadas por medicos serios, são innumeras.

SABÃO RUSSO—Na arte veterinaria é de muito proveito cura rapidamente as contusões nas cruzes dos cavallos e outros animaes.

SABÃO RUSSO para lavar a cabeça e tirar caspa é excellente.

SABÃO RUSSO, para queimaduras de 1.º e 2.º gráos, aconselha o celebre dr. Heinzelmann e outros distinctos medicos.

VENDEM-SE duas casas proprias para pequenas familias, á rua Antonio Prado, 28 e 30. Para tractar com o proprietario, á rua Sete de Abril, 122.

VINHO ITALIANO genuino de qualidade escolhida e garantido a 10$ a duzia de garrafas; vende-se á rua Libero Badaró, 93 e remette-se a domicilio em qualquer ponto da cidade.

ESTOMAGO

Todas as affecções do estomago cessam com o uso do «Elixir bi-digestivo de Pepsina e Diastase» de Assis Ribeiro.

E' superior ao «Vinho de Chassaing» e ao «Elixir Tisy».

Poderoso nas convalescencias das molestias prolongadas e agudas.

Time is money!

PALACETES

Rua Vergueiro—120:000$, AVENIDA PAULISTA. 90:000$000.

Casas

Cesario Motta 10:000$, Veridiana 18 e 20:000$; Ribeiro da Silva, 25:000$; Esperança, 30:000$, travessa do Quartel, 35:000$; rua da Conceição, 7 por 200.000$; Brigadeiro Tobias, 50:000$, Liberdade, 50:000$000.

Vêr e tractar: escriptorio Sá, rua de S. Bento, 43.

Protectora dos animaes

Pelo fiscal desta instituição foi-nos apresentado o seguinte:

DIA 7

Largo General Ozorio.—Intimei a diversos carroceiros alli estacionados a substituirem algumas peças dos arreios dos seus animaes por estarem de encontro ao art. 3º, letra D., da lei n. 183.

DIA 8

Largo do Arouche.—Observação feita ao conductor da carroça de lixo n. 3.337 em relação ao art. 22, § 2º, da lei n. 120 (utilisar-se do varal do vehiculo como assento).

Rua São Caetano.—Identica observação.

Estação da Luz.—Identica observação.

Mercado velho.—Mesma observação.

Mercado caipira.—Providenciei afim de serem providas de agua e alimento algumas aves que alli se achavam (art. 7º, parte 1ª, da lei n. 183).

MASSAGES MAÇADURA

JACOB

MASSEUR

RUA FLORENCIO DE ABREU, 105

ARMAZEM COM CHAVE

Aluga-se um perto das estações Sorocabana e Ingleza. Carta a C. A. neste escriptorio.

Molestias da pelle

Syphilis e vias urinarias

Dr. Vieira de Mello

Especialista, com pratica em hospitaes da Europa

Rua José Bonifacio, 37

Festa na villa de Santo Amaro

No domingo, 1º de novembro, realisar-se-á nesta pittoresca villa uma festa em beneficio da Santa Casa de Misericordia deste logar, constando de leilão de prendas offerecidas por distinctas senhoras e cavalheiros, e á noite, no Club 13 de Maio, um concerto musical organisado por eximios amadores da capital.

Santo Amaro, 28 de outubro de 1896.

MEDICO-VETERINARIO

O dr. Guilherme Mooney-Juffern, da universidade de Bruxellas (Belgica). Especialista para cavallos de corrida. Attende a chamados das 7 ás 8 horas da manhan na pharmacia dos Irmãos Oliverio, travessa do Braz, 14 das 8 ás 9 horas da manhan na pharmacia H. Miesel, rua Marechal Deodoro, 3. — Residencia: rua das Palmeiras, quartão n. 13. — Caixa do correio, 17. S. Paulo

PHENOL WERNECK

Efficacia incontestavel

O mais poderoso **desinfectante** hoje conhecido e **desodorante**.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias desta Capital e do interior.

Encontra-se a venda na Drogaria

BARUEL & COMP.,

S. Paulo

Dinheiro

Dá-se qualquer quantia sob hypotheca de casas nesta capital, juros modicos e condições suavissimas.

Desconta-se ordens a 30 e 60 dias, acceitas por casas commissarias de Santos e letras de terra.

Informa-se com o sr. F. Albernaz—rua da Caixa d'Agua, 8, das 10 ás 3.

LABORATORIO SAMPAIO

Phenol Sodico — Premiado na propria França.

Elixir digestivo de Pacová — O mais seguro restaurador, tonico-appetente e anti-acido.

Oleo Positivista — Balsamico operações, chagas, assaduras golpes e queimaduras.

DOENCAS DO ESTOMAGO

DIGESTÕES DIFFICEIS

Cura Rapida

ELIXIR GREZ

Grande fabrica

DE

Louça nacional

EM

AGUA BRANCA

Em frente a estação da

Linha Ingleza

Proprietario

Manoel José Alves Aréas

O proprietario desta antiga e bem montada fabrica de louça, uma das primeiras do Estado de S. Paulo, participa aos seus numerosos amigos e freguezes do interior e desta capital, que continúa a ter sempre em deposito um variado, enorme e escolhido sortimento de objectos pertencentes a este ramo de industria, como sejam:

Pedros Quintos com torneiras e filtros vidrados e não vidrados, os mais aperfeiçoados possiveis; talhas modernas com torneiras e filtros, moringues, quartinhas, copos de diversos modelos e gostos —eguaes aos fabricados na Europa, ao gosto do freguez; vasos para plantas e para livrar das formigas; vasos e pinhas vidrados—gosto chinez—para enfeite de casas e portões de jardim. Immenso sortimento de canos, curvas, latrinas, etc.

Finalmente, um esplendido sortimento de vasos de gosto japonez para ornamentação de salas e outros muitos objectos que torna-se impossivel enumeral-os.

Recebe e despacha com a maxima promptidão toda e qualquer encommenda, tanto para esta capital como para o interior, dispondo para esse fim de pessoal habilitadissimo e auxiliares de primeira ordem.

Executa-se qualquer trabalho sob medida ou desenho.

Preços os mais reduzidos possiveis, com competencia, emfim.

S. Paulo, 26 de outubro de 1896.

Emulsão de oleo de figado de bacalhau

COM

Hypophosphitos de Calcio e Sodio

POR

ABREU SOBRINHO

Remedio por excellencia para curar todas as molestias pulmonares, da garganta, tosse, constipações, debilidade, etc. De gosto agradavel e tão bem preparada como a melhor que nos vem do estrangeiro e preço muito menor.

DEPOSITOS:

Pharmacia Abreu Sobrinho & C.

72—Largo da Lapa—72

RIO DE JANEIRO

BARUEL & COMP.

Rua Direita n. 1 e largo da Sé n. 2

SÃO PAULO

Cura

DAS

MOLESTIAS

Pelas applicações da agua, segundo os preceitos do genial

Padre Kneipp

A' rua

Florencio de Abreu

N. 25

Instituto Kneipp

CREANÇA DESAPPARECIDA

Desappareceu um menino da rua Dr. Dutra Rodrigues, 1, tem 3 annos e veste camisola de flanella branca e vermelha, descalço e sem nada na cabeça. Pede-se a quem o encontrar o obsequio de o entregar a seus paes na referida rua pelo que se confessam muito gratos.

ANIMAES DE CORRIDAS

Acham-se a disposição dos *srs. sportsmans*, por preços razoaveis, os seguintes animaes, de superiores filiações:

POLDROS

1.º Orfam, alasão, 2 annos, 3/4 de sangue, filho de Mimer e Cavatina, irmão de Nababo.

2.º Bateria, [illegible]

3.º Brinque[illegible] sangue, filho [illegible] esta é irmã do [illegible]

4.º Bordeaux, alasão, 2 annos, puro sangue, filho de Marasquin e Chambertin, irmão do valente Anizette.

5.º Regina, alasan, 2 annos, puro sangue, filha de Le Notre e Vivi, irman de Casulo, Itararé, Zag e Vivandeira.

6.º Rivarôlo, alasão, 2 annos, puro sangue, filho de Le Notre e Feiticeira, tambem irmão de Casulo, etc.

7.º Cardeal, alasão, 1 anno, puro sangue, filho de Marasquin e Videca.

8.º Comlaste, alasão, 1 anno, 3/4, filho de Marasquin e Revanche.

9.º Carmen, alasão, 1 anno, 7/8, filho de Marasquin e Fedora.

10. Anizette, alasão, 3 annos, puro sangue, já com cinco victorias.

CAVALLOS

1.º Casulo, vencedor de grandes premios.

2.º Leon d'Or, filho de Peterham.

Podem ser vistos das 7 ás 9 horas no «Haras Marcial.»

A MELHOR AGUA APERIENTE NATURAL DO MUNDO.

Hunyadi János

Remedio efficacissimo contra os effeitos perniciosos da falta de resguardo na dieta

PREVENÇÃO: *Só é genuino que não levar no rotulo a assignatura da casa* "Andréas Saxlehner"

FARINHA DE TRIGO

The Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries, Lim. (Moinhos e graneis do Rio de Janeiro).

Vendem-se qualidades superiores a preços rasoaveis.

PARA TRATAR COM

E. Johnston & Comp.

42 — RUA QUINZE DE NOVEMBRO — 42

S. PAULO

LICOR DE ALCATRAO

—DE—

ESTACIO

Approvado pelo instituto sanitario federal

Recommenda-se muito este excellente producto nas **Catarrhos da bexiga e dos pulmões, na asthma, Bronchite** nas **molestias da pelle e do Estomago.**

AGENTES SRS.

BARUEL & COMP.

FALTA de APPETITE, OBSTRUCÇÃO, ENXAQUECA

VERTIGENS, CONGESTÕES

MOLESTIAS infectuosas

curadas ou prevenidas

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE do Dr. FRANCK

APPROVADOS PELA INSPECTORIA GERAL DE HYGIENE do RIO de JANEIRO

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE do Dr. FRANCK

PURGANTES e ANTISEPTICOS

Exigir o rotulo junto EM 4 CÔRES e o SELLO da União dos Fabricantes.

Em PARIZ, Pharmacia LEROY, e em todas as PHARMACIAS.

O ALFINETE COR DE ROSA

MAGNIFICO ROMANCE DE FORTUNÉ DE BOISGOBEY

Traducção especial para "O Estado de S. Paulo"

Tres volumes nitidamente impressos 6$000

Pelo correio, registrado 7$000

A' VENDA NO ESCRIPTORIO DESTA FOLHA

Companhia Mogyana de Estradas de Ferro

Inauguração do trecho de Uberabinha a Araguary, da linha do Catalão, e mudança de nomes de estações.

Faço publico que no dia 15 de novembro proximo futuro, serão entregues ao trafego, no trecho de Uberabinha a Araguary, da linha do Catalão, as estações de Sobradinho e Araguary, vigorando o seguinte horario:

Horario para os trens mixtos e de cargas entre

Uberabinha e Araguary

Estações	TREM 13 Mixto	TREM 15 Cargas	Estações	TREM 14 Mixto	TREM 16 Cargas
	T.	T.		M.	M.
Uberabinha.........	3.00	1.00	Araguary.........	8.10	5.10
Sobradinho.........	3.53 3.58	1.51 1.56	Sobradinho.........	9.23 9.28	6.31 6.39
Araguary.........	5.12	3.20	Uberabinha.........	10.13	7.30

Trem 13 corre nas segundas, quartas e sextas-feiras.
Trem 14 corre nas terças, quintas-feiras e sabbados.
Os trens 15 e 16 correm sómente quando avisados.

Da mesma data em diante a estação de **Caracól**, da linha do Catalão, passará a denominar-se **Mangabeira**, e a de **Matto Dentro**, na linha do Tronco, terá o nome **Carlos Gomes.**

O inspector geral,

José Pereira Rebouças.

HIPPODROMO DE S. CARLOS

18ª corrida

Projecto de inscripção para as corridas do dia 15 de novembro de 1896.

1º Pareo — **Combinação** — Distancia 1.300 metros.—Animaes extrangeiros de 2 annos, nacionaes de 3 e de qualquer edade que tenham corrido e sem victoria em 1.300 metros e não tenham ganho premio superior a 300$000: Premios 300$ ao 1º e 30$000 ao 2º.

2º Pareo — **Velocidade** — Distancia 1.300 metros.—Animaes de qualquer paiz: Premios 400$ ao 1º e 40$000 ao 2º.

3º Pareo — **12 de Janeiro** — Distancia 1.500 metros — Animaes nacionaes e extrangeiros não inscriptos no pareo Jockey Club: Premios 500$ ao 1º e 50$000 ao 2º.

4º Pareo — **Grande Premio Jockey Club.** — Distancia 2.400 metros.—Animaes de qualquer paiz que tenham corrido neste Hippodromo: Premios 2.000$ ao 1º 200$ ao 2º e 100$000 ao 3º.

5º Pareo — **Salvador Rosa** — Distancia 800 metros.—Animaes nascidos em S. Carlos que não tenham ganho este pareo e pelludos: Premios 100$ ao 1º e 10$000 ao 2º.

6º Pareo — **Animação** — Distancia 900 metro.—Animaes nacionaes de 3 annos e meio sangue: Premios 150$ ao 1º e 15$000 ao 2º.

As inscripções encerrar-se-ão no dia 7 de novembro, ao meio dia, em casa do dr. Serafim Vieira.

S. Carlos, 20 de outubro de 1896.

O SECRETARIO,

Dr. J. A. Gomide.

Luz electrica sem electricidade

PRODUZIDA POR MEIO DAS

MACHINAS DE GAZ UNIVERSAL

DE

NARDELLI STAHLBERG & BARROS

S. PAULO

Em virtude do ultimo aperfeiçoamento feito, póde-se dizer que as machinas de Gaz Universal são uma maravilha, quer seja pela elegancia e segurança quer pela economia; é o quanto se póde dizer de bom.

A sua luz é mais clara que a do gaz commum, e com o bico incandescente AUER a luz é melhor do que a luz electrica; cada bico deste tem a força de 45 velas e cada hora consome 40 réis mais ou menos, com as seguintes vantagens sobre a luz electrica—não offende a vista e não offerece perigo algum. As muitas installações ultimamente feitas em fazendas, chácaras, engenhos, collegios e theatres, approvam o seu bom funccionamento, visto todos estarem satisfeitos.

Por meio deste engenhoso apparelho qualquer pessôa e em qualquer logar poderá gosar da luz do gaz como bico incandescente. Até hoje não appareceu ainda luz melhor e tão economica.

Com matriz com fabrica, escriptorio e exposição todos os dias, das 7 horas da tarde até 9 horas da noite, á **rua Dr. Falcão, 8,** Casa filial á **rua Gonçalves Dias, 76,** Rio de Janeiro; **rua Barão de Jaguára, 38 A,** Campinas, e

Rua Direita, 55 B
S. PAULO.

XAROPE

DE

Mandacarú e Shelikuhio

segundo a formula do

Dr. Cesario Motta

e por elle applicado efficazmente nas tosses, ainda as mais rebeldes, bronchites, defluxo, rouquidão, etc., etc.

Deposito: **Companhia de Drogas do Estado de S. Paulo**—7, rua Direita, 7.

S. Paulo

EU ERA ASSIM

..... Um menino
Bello, gentil e rosado!
Tão galante e pequenino!
Tão querido e tão beijado
Mas, uma tosse medonha
Tres estragos fez em mim
Que, digo com voz tristonha:

Cheguei a ficar assim!

Cansei toda a medicina...
Estive a desesperar...
E sempre a tosse maldita
A não me querer deixar!
Mas ao Honorio do Prado
Felizmente recorri
Para usar do preparado

ALCATRAO E JATAHY

Curado completamente
N'uma alegria sem fim,
Digo agora a toda a gente,

Consegui ficar assim!

—) « DEPOSITO » (—

59 Andradas 59

Probok-Frisoni

Bitter-Cordial

SEM RIVAL

Aperitivo
Digestivo
Febrifugo

Vende-se em todos os negocios de seccos e molhados

Fazenda á venda

Vende-se uma a 3|4 de legua da villa de Rio das Pedras, linha Ytuana, contendo pouco mais de cem alqueires de terra roxa de 1ª qualidade, com cerca de 80 mil pés de café, sendo 14 mil velhos, em bom estado, 56 mil de 7 a 3 annos, muito bons, e o resto novo. Colheita futura de 4 a 5 mil arrobas. Bem colonisada e tratada. Casas de morada, de colonos, de machina, de empregado etc. etc. construidas de tijolos com alicerce de pedra. Animaes de trabalho e de criar, carroças, etc. tudo por 275 contos, sendo metade a vista e metade a prazo longo e juro barato com garantia da mesma. Para mais informações com Domingos Prates, em Rio das Pedras.

Pharmaceutico B. Delgado

Este distincto profissional, lente de physica e chimica no Lyceu de Artes e Officios, de Campos, subscreveu a seguinte apreciação:—Pelos factos que tenho conhecimento e ainda pelo que ouço dos senhores medicos e do povo desta cidade, estou plenamente convencido de que o vosso *Essencia Passos* é um heroico especifico da syphilis e do rheumatismo.—Pharmaceutico, *B. Delgado Motta*, firma reconhecida.

Agentes no Brazil: Adolpho Veiga & Meirelles, drogaistas, R. Pedro, 57, Rio de Janeiro.

A margem do Douro

Do *Primeiro de Janeiro*, diario importante do Porto, edição de 23 de março do corrente anno, extrahimos o seguinte:

«Cidadão J. Passos.—Rio de Janeiro Brazil.—Santo Thyrso, 1896.—Desculpai-me que me dirija a vós sem ter a dita de conhecer-vos.

Venho fallar-vos do vosso abençoado producto *Essencia Passos*. A elle devo a vida, a alegria, emfim, a elle devo tudo.

Uma molestia de pelle, em tudo igual á morphéa, foi meu pesadelo, minha vergonha durante muitos annos; recolhido ultimamente, não mais sahia á rua (a lepra separa os homens); foi nessas condições que vosso preparado encontrou-me; foi dessa prostração physica e moral que elle me ergueu; vivo hoje em sociedade e ninguem mais descobre em mim as maculas do outr'ora.

Publico esta em bem da humanidade e para dar-vos testemunho publico e solemne da minha gratidão.

Vosso etc.—*Antonio José da Silva Gomes*, firma reconhecida pelo tabellião Alexandre Matheus da Maia.)

Os agentes
Adolpho, Veiga & Meirelles

U exm. sr. general João Maciel da Costa

IMPORTANTE

Attesto que soffrendo horrivelmente do rheumatismo a ponto de não poder caminhar, fiquei restabelecido com o que fiz da — Essencia Passos — e por ter assim captado a minha gratidão auctor de tão bom preparado, passo o presente.

O general JOÃO MACIEL DA COSTA
Rio de Janeiro, 2 de março de 1896.

Reconheço a firma supra. Rio, 3 março de 1896.—O tabellião, *Belmiro Corrêa de Moraes* (antigo tabellião Bustamante).

Agentes
Adolpho, Veiga & Meirelles

A la Corbeille Fleurie

ED. PINAUD

PARIZ-37, Bd de Strasbourg-PARIZ

ESSENCIA QUADRUPLA

Violeta Rainha

PERFUME DELICADO e PERSISTENTE

THEATRO S. JOSÉ

Empreza Luiz Milone & Comp.

Companhia de opera-comica portugueza—direcção de A. TAVEIRA

Maestro ensaiador e director da orchestra—CYRIACO DE CARDOSO

HOJE — Domingo, 1 de novembro — **HOJE**

A's 8 e meia da noite

O maior successo theatral dos dois mundos!

Irrevogavelmente ultima representação

do celebre vaudeville em 3 actos, representado consecutivamente 500 vezes em Pariz,

O HOTEL DO LIVRE CAMBIO

A' 1 E MEIA DA TARDE

Matinée **Matinée**

BENEFICIO DO ACTOR TELMO

Ultima e irrevogavel representação do vaudeville de grande successo, em 4 actos

OS 28 DIAS DE CLARINHA

Intermedio

Pelo actor **Santos** a cançoneta
OS MILAGRES DE NOSSA SENHORA

Pelo actor **Setta** a cançoneta
O PÃO FRESCO

Pelo actor TELMO a cançoneta

A rir... A rir...

PREÇOS DO COSTUME

Terça-feira, 3 de novembro, primeira representação da opereta em 3 actos, original de G. Lobato e D. João da Camara, musica de C. Cardoso

BIBI & COMP.

Quarta-feira, 4 de novembro, beneficio do actor A. TAVEIRA, com a primeira representação do drama em 5 actos e 6 quadros de A. Dumas (Pae)

KEAN

FRONTAO PAULISTA

Hoje, domingo, 1 de novembro de 1896

VARIADO ESPECTACULO

Sensacional partido a 30 pontos, entre

Elicegui e Antonino

CONTRA

Altamira e Tolosa

DISPUTADAS

Quinielas simples e duplas

Distribuição de premios e diplomas aos vencedores de maior numero de quinielas e partidos, durante o mez de outubro proximo passado.

BANDA DE MUSICA

Preços e horas do costume

Depois de amanhan, dia de Finados, não ha espectaculo.

N. B. Os srs. socios do CLUB DA PELA terão ingresso gratuito mediante a exhibição do recibo do corrente mez.

A directoria se reserva o direito de vedar a entrada a quem entender.

THEATRO POLYTHEAMA

Empreza Fernandes Pinto & Comp.

Grande Companhia Italiana de Operas, Operas-comicas, Operetas e Magicas

DA CIDADE DE ROMA

R. TOMBA

Ultimo espectaculo da companhia!

HOJE — Domingo, 1 de novembro — HOJE

Pela primeira vez a opereta em 3 actos e 4 quadros, do maestro Carlos Millöcker

O GUITARREIRO

PRINCIPE TOPAZIO

Irrevogavelmente adeus da companhia a S. Paulo!

Maestro concertador e director de orchestra sr. F. CONIGLIO.

No intervallo do 1º acto a distincta cantora **Italia Calvé,** cantará a romanza do maestro Pinzuti

O LIVRO SANTO

com acompanhamento de piano, violino e violincello pelos srs. maestros **Lambiase, Nicolino Milano e Guido Rocchi.**

AVISO—A empreza e o sr. R. Tomba agradecem a imprensa e ao publico paulista a frequencia e a attenção que dispensaram á sua companhia.

Preços e horas do costume

Os bilhetes acham-se á venda, na bilheteria do theatro. As encommendas só respeitadas até 1 hora da tarde. O espectaculo é intransferivel ainda que chova. Depois dos espectaculos haverá bondes para todas as linhas.

Viajante

Viajante de importante casa de Santos encarrega-se de cobranças e liquidações no interior; faz vendas mediante commissão. Dá referencias de 1ª ordem. Quem precisar, dirija cartas a V. B. Caixa do correio, 410.

Gallos de Briga

Na Capital Federal, á rua do Haddock Lobo, 113, continuam-se a vender gallos de briga de fina raça da India, o que póde haver de melhor e de valente.—Informações com *Miguel Braga*.

AJUDANTE DE GUARDA-LIVROS

Offerece-se um recentemente chegado do Rio, dando fiança de sua conducta, com bastante conhecimento de escripturação mercantil e outras materias. Informação á rua Brasser, 58.

RICHARD GARRETT & SONS

LEISTON WORKS

LEISTON, SUFFOLK (Inglaterra)

FABRICANTES DE MACHINAS A VAPOR PORTATEIS E FIXAS

Para informações etc. com os Representantes

E. JOHNSTON & C.º

42 - Rua Quinze de Novembro - 42.

TUBOS DE BARRO INGLEZ

Cimento Portland superior

SEMPRE TEM EM DEPOSITO

Zerrenner Bülow & Comp.

AGUAS VIRTUOSAS (MINAS)

ESTRADA DE FERRO MUZAMBINHO

HOTEL DOS ESTADOS

Este grande estabelecimento, novo e caprichosamente montado, tem excellentes commodos e muito espaçosos, tanto para familias como para solteiros.

Está collocado em uma das melhores ruas desta localidade, toda calçada e com passeio até a fonte da qual é muito proximo, assim como a mais proximo da estação da estrada de ferro. O proprietario esmera-se em dar bom tratamento, com muito asseio e promptidão. Tem banheiros frios e quentes.

Consta o hotel de duas grandes casas em frente uma da outra. Tem muito bom pessoal para o prompto serviço do hotel, sob a energica fiscalisação do proprietario

Joaquim Leonel de Azevedo

ACABARAM-SE

AS

POMADAS!

os unguentos e os sabonetes medicinaes depois do apparecimento da

LUGOLINA

DO

DR. EDUARDO FRANÇA

A Lugolina, que é uma loção glyco-boro-iodada, approvada pela Inspectoria geral de hygiene, é um medicamento liquido, sem gordura, sem máo cheiro não suja as roupas e nem o corpo e tem sido applicada ha **6 annos** por distincto clinico e doentes, com esplendidos successos, em todas as molestias da pelle, feridas, ulceras, frieiras, comichões assaduras das coxas, brotoejas suor fétido dos pés e do sovaco, manchas da pelle, signaes de bexiga, espinhas, caspa queda dos cabellos, queimaduras, mordeduras de insectos venenosos, empigens etc; emfim em todas as molestias externas em que se torna necessario o emprego como bom *anti-septico e seccativo*.

Em injecção a **Lugolina** cura quasi que gonorrhéa em pouco tempo, desde que sigam-se á risca os conselhos e novo processo de injecção, que vêm no folheto.

Cuidado com as imitações!

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias.

Depositarios:—Araujo Freitas & C. Rua dos Ourives, 114.—Rio de Janeiro **Baruel & Comp.**—Largo da Sé 2 Rua Direita 1.—S. Paulo.

CÃES DE FILA

Compra-se um casal desta raça, sendo novos e bons; para informações, dirija-se ao Hotel de França, desde se trata.

PASTILHAS

ANTI-NEVRALGICAS

Preparadas por V. WERNECK

Especifico seguro e prompto contra **enxaquecas** e **nevralgias.**

Encontra-se a venda na Drogaria

BARUEL & COMP.,
S. Paulo

Desde 1896

OS EXCELLENTES PRODUCTOS DA

Perfumaria Oriza

ORIZA-OIL
ESS-ORIZA
ORIZA-POWDER

Apresentam-se aos consumidores sob um aspecto novo. Esta modificação se fez para permittir aos amadores e apreciadores da PERFUMARIA ORIZA de reconhecer os productos GENUINOS

Outros annuncios n'este diario dão o fac simile das novas caixinhas e frascos.

L. LEGRAND

11, place de la Madeleine

PARIS

Sobre pedido mandar-se-ha o Catalogo Illustrado

Para ter a verdadeira Agua de

VICHY

(FRANÇA)

Exigir o nome da Fonte sobre o Letreiro e sobre a Capsula.

CÉLESTINS.—Gota, Areia, Diabetes.
GRANDE-GRILLE.—Figado.
HOPITAL.—Estomago.

Ter o cuidado de designar a Fonte.

Depositos em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

SAINT-RAPHAËL

Vinho fortificante, digestivo, tonico, reconstituinte, de sabor excellente, mais efficaz para pessoas debilitadas do que os ferruginosos quinas. Conservado pelo methodo Pasteur.

Receitado nas Molestias do estomago, Chlorose, Anemia, Convalescencias; este Vinho é recommendado ás pessoas já idosas, ás jovens mulheres e ás crianças.

EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

COMPAGNIE du VIN de SAINT-RAPHAËL, à Valence (Drôme, F...

AVISOS MARITIMOS

LA LIGURE-BRASILIANA

NAVIGAZIONE ITALIANA

O VAPOR

MINAS

Commandante Tiscornia

Sahirá de Santos em 7 de novembro e do Rio de Janeiro em 9 do mesmo, directamente para

GENOVA e NAPOLES

levando passageiros para Marselha e Barcelona, com transbordo em Genova.

PREÇOS DAS PASSAGENS

Para Genova e Napoles . . . . 60$000
» Marselha e Barcellona. . . . . . . 75$000

Para passagens e mais informações com os agentes em São Paulo

Briccola & Fenili, *rua Quinze de Novembro, 30.*

Em Santos com

A. Fiorita & Comp., *praça da Republica, 29,*

LA VELOCE

NAVIGAZIONE ITALIANA

O paquete

LAS PALMAS

Commandante Motta

Sahirá de Santos, no dia 10 de novembro para

Genova e Napoles

Com escalas pelo Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Passagens de 3ª classe para Genova e Napoles, **frs. 60.**

Recebem-se passageiros para Marselha e Barcelona, com baldeação em Genova, **frs. 70.**

Na agencia vendem-se bilhetes directos e cumulativos para todas as principaes cidades da Europa, como Torino, Firenze Venezia, Milão, Roma, Pariz, Londres Berlim, Vienna, etc.

Para fretes, passagens e outras informações, tracta-se com os srs.

SCHMIDT & TROST

S. PAULO--Rua do Commercio, 17
SANTOS--Rua Santo Antonio, 52

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

Societá-Riunite Florio & Rubattino

O magnifico e rapidissimo vapor

REGINA MARGHERITA

Completamente reformado—18 milhas por hora

Commandante Serrati

Sahirá de Santos em 5 de novembro e do Rio de Janeiro em 6 do mesmo directamente para

GENOVA E NAPOLES

Viagem em 12 dias

Este paquete possue esplendidas accommodações para passageiros [de 1ª distincta, 1ª, 2ª e 3ª classes.

O magnifico vapor

VICENZO FLORIO

(Completamente reformado)

Sahirá de **Santos** no dia 15 de novembro para

Montevidéo e Buenos-Ayres

O grande e esplendido vapor

MANILLA

Sahirá de **Santos** no dia 15 de novembro e do **Rio de Janeiro** no dia 16 do mesmo, para

GENOVA E NAPOLES

O magnifico e rapido vapor

PERSEO

Sahirá de **Santos** no dia 19 de novembro e do **Rio de Janeiro** no dia 20, directamente para

GENOVA E NAPOLES

O rapido e esplendido vapor

ORIONE

Sahirá de **Santos** no dia 5 de dezembro e do **Rio de Janeiro** do mesmo para

GENOVA E NAPOLES

Todos os vapores da companhia, com destino para Genova e Napoles, recebem passageiros para **Marselha, Barcelona, Alexandria, Porto Said, etc.** com transbordo em **Genova.**

Os preços das passagens para **Napoles** em 1ª classe distincta, 1ª, 2ª e 3ª classes, não **têm augmento** sobre os preços estabelecidos para Genova.

Todos os paquetes desta companhia são illuminados a luz electrica.

Bilhetes de chamada—Todas as agencias desta companhia vendem bilhetes de chamada de quesquer portos da Italia, de Alexandria, de Porto Said, de Suez, de Aden, de Bombay, de Singapore, de Hong-Kong, etc., etc.

Para passagens e mais informações com os agentes em S. Paulo

JOÃO BRICCOLA & COMP. — *Rua Quinze de Novembro, 30*

Em Santos com

A. FIORITA & COMP. — *Praça da Reoublica, 29*

LA LIGURE-BRASILIANA

NAVIGAZIONE ITALIANA

O VAPOR

ASSIDUITÁ

Sahirá de Santos, em 17 de novembro, para

Montevidéo e Buenos-Ayres

Para passagens e mais informações, com os agentes em São Paulo

Briccola & Fenili, *rua Quinze de Novembro, 30,*

Em Santos com

A. Fiorita & Comp, *praça da Republica, 29.*

MALA REAL INGLEZA

Sahidas para a Europa

«Nile» 4 de novembro
«Thames» 18 de »

Sahidas para o Rio da Prata

«Thames» 2 de novembro
«Clyde» 17 de »

O paquete

NILE

sahirá do Rio para Southampton, com escalas pela Bahia, Pernambuco, Lisbôa, Vigo e Cherbourg, no dia 4 de novembro, ao meio-dia.

Para passagens e mais informações com os agentes, Companhia Lupton, rua do S. Bento, 41, em S. PAULO.

Hamburgo — Sudamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft

S. PAULO AGENTUR

PARA

Rio, Bahia, Lisboa e Hamburgo

O vapor

OLINDA

Capitão I. Bruhn

Sahirá de Santos no dia 5 de novembro de 1896.

Toca no Rio, Bahia, Lisboa e Hamburgo.

Todos os vapores desta companhia são illuminados á luz electrica

Todos estes paquetes levam passageiros para as ilhas dos Açores, Madeira, etc

Para passagens e mais informações com os agentes

E. JOHNSTON & COMP.

Rua Quinze de Novembro n. 42

SÃO PAULO

LA VELOCE

Navigazione Italiana

O PAQUETE

MONTEVIDÉO

Commandante Burlando

Sahirá de Santos, no dia 8 de novembro para

GENOVA E NAPOLES

Tocando no Rio de Janeiro.

Passagens de 3ª classe para **Genova e Napoles frs. 60.**

Recebem-se passageiros para **Marselha e Barcelona** com baldeação em **Genova frs. 70.**

Na agencia vendem-se bilhetes directos e cummulativos para todas as principaes cidades da Europa como **Torino, Firenze, Venezia, Milão, Roma, Pariz, Londres, Berlim, Vienna,** etc.

Para fretes, passagens e outras informações, tracta-se com os srs.

SCHMIDT & TROST

S. PAULO—rua do Commercio, 17
SANTOS—rua Santo Antonio 52.

NAVIGAZIONE ITALIANA

O VAPOR

RE UMBERTO

Sahirá de Santos em 14 de novembro, para

MONTEVIDÉO E BUENOS-AYRES

Para passagens e mais informações com os agentes em S. Paulo

BRICCOLA & FENILI

Rua Quinze de Novembro, 30

Em Santos com

A. FIORITA & COMP.

Praça da Republica, 29

PARTE COMMERCIAL

S. Paulo, 1º de novembro de 1896.

MERCADO DE VALORES

Cambio

O mercado abriu bem sustentado.

Os bancos sacaram a 8. A esta taxa houve procura regular, principalmente porque hontem fechou-se a mala do «Nile», e terminaram as liquidações do fim de mez e os vencimentos do 3 dias.

O dia commercial correu bem; nas liquidações faltaram alguns especuladores no cumprimento de seus contractos cambiaes.

O mercado em Santos, á tarde, mostrou-se frouxo, talvez devido á procura acima citada, fechando com sacadores de papel particular a 8 ou papel bancario cotado a 7 15|16.

O movimento daquella praça, pela manhan, era grande, sendo o papel particular cotado a 8 1|16 e o bancario a 8.

O mercado fechou indeciso com sacadores a 7 15|16.

E' de esperar que com as liquidações e a sahida da mala, o cambio firme um pouco, visto que no Rio a taxa de 8 foi sustentada o dia inteiro.

Calcula-se em mais de 1.000 as letras vencidas hontem, e não consta que houvesse falta nos pagamentos por parte dos acceitantes.

TABELLAS BANCARIAS

Banco de S. Paulo

Não affixou tabella.

Commercio e Industria

	90 dias	á vista
Londres	7 15|16	7 19|16
Paris	1.201	1.219
Hamburgo	1.484	1.409
Italia	—	1.155
Portugal	—	548

British Bank

	90 dias	á vista
Londres	8	7 3|4
Paris	1.193	1.331
Hamburgo	1.483	1.519
Italia	—	1.189
New-York	—	6.491

London Bank

Não foi affixada, mas vigorou a tabella seguinte:

	90 dias	á vista
Londres	7 15|16	7 3|4
Paris	1.200	1.220
Hamburgo	1.483	1.517
Italia	—	1.191
Portugal	536	549
Agencias	7 15|16	7 3|4
New York	—	6.425
Buenos Ayres	7 15|15	7 3|4
Montevidéo	7 15|16	7 3|4

João Briccola e C.

	90 dias	á vista
Londres	8	7 13|16
Paris	1.191	1.2.9
Hamburgo	1.471	1.602
Italia	—	1.155
Lisboa e Porto	—	550
Hespanha	—	1.087
Beyrouth	—	7 3|4
Montevidéo	—	6.540
BuenosAyres	—	6.115

Brasilianische Bank

Não affixou tabella.

BOLSA

Boletim diario fornecido pela Camara Syndical dos Corretores

Inspector do mez, Asdrubal do Nascimento

Vendas realisadas

188 acç. da Comp. Mogyana int. a 190$.
84 ditas idem a 190$.
50 lettras hypoth. do Banco União do S. Paulo a 60$.

Offertas

	Vendedores	Compradores
Soberanos	—	—
Bancos		
Commercio e Industria	—	250$000
S. Paulo	—	118$000
Credito Real hyp.	155$000	—
Idem, idem, 20 °|°	80$000	—
Credito Real c| com	110$000	—
União S. Paulo 1ª série	90$000	14$000
» » 2ª idem	25$000	—
Lavradores	—	120$000
Constructor	100$000	80$000
Republica	—	—
Com. do Rio de Jan.	—	—
Santos In.	—	—
Mercantil de Santos	—	100$000
União de S. Carlos int.	220$000	210$000
Idem, idem, c| 40 °|°	100$000	90$000
União do Ribeirão Preto	210$000	—
Melhoramentos do Jahú int.	—	—
Industria Amparense	—	—
Banco de Piracicaba	—	—
S. Carlos	200$000	—
Banco de Araraquara	—	—

Apolices

Geraes de 5 °|°	—	870$000
Geraes de 4 °|°	—	1:200$000
Estado	—	900$000
Idem emprestimo de 1868, ouro	—	2:200$000
Letras hypothecarias		
Credito Real	68$000	65$000
União	65$000	58$000
Intendencia	80$000	—
» (coutela)	—	—
Intendencia de Taubaté	—	—
Debentures		
Companhia Melhoramentos	—	—
» Viação	—	60$000
Agua de Taubaté	—	—
Sorocabana	—	50$000
Bragantina	—	—
Comp. Ferro-Carril Santo Amaro	—	100$000
Acções de companhias		
Companhia Paulista	270$000	265$000
» Paulista c|30 0|0	164$000	90$000
» Mogyana	195$000	185$000
» » com 40 °|°	80$000	60$000
» Mechanica e Imp.ª do S. Paulo	120$000	—
» Fabrica Paul. 1.ª s	225$000	200$000
» de Drogas do Est. de S. Paulo	60$000	—
» Lupton	90$000	70$000
» Mac Hardy	—	—
» Antarctica	—	—
» Viação Paulista	—	—
» Ferro Carril	—	—
» Agua e Luz	—	65$000
» Telephonica	—	40$000
» Merc. e Industrial	40$000	80$000

» Materiaes para construcções	—	—
» Argos Paulista	—	6$000
» Industrial	—	—
» Gaz de S. Paulo	—	255$000
» Stupakoff	35$000	24$000
» Gaz Campinas	—	200$000
» Bragantina	—	—
» Progredior	—	20$000
» Upton Importadora	—	5$000
» União Commercial	—	—
» Commercial, Paul.	—	200$000
Balnearia S. Amaro	40$000	—
Italo-Paulista	—	20$000
Frontão Paulista	—	—
Paraná Industrial	—	5$0000
Tapeçaria e Move Santa Maria	—	85$000
Ferro-Carril S. Amaro	—	$500
Luz Electrica de S. Carlos do Pinhal	80$000	—
Sorocabana ao portador	—	—
Engenho Central de Lorena	—	—

Mercado Municipal

Preços nos Mercados de S. João e Mercado Grande

Aguardente Paraty g.		1$500
» d'O g.	1$000	1$500
Avelans	1$200	1$500
Banha Alves k.	1$250	1$400
» «Matarazzo»	1$200	1$500
» «Rio Grande»		1$200
Batatas nacion. es alqueire	10$000	11$000
Carne secca do Rio Grande	1$000	1$200
» verde (açougues)	1$000	
Cangica, litro		$500
Cebolas, cento	5$000	6$000
Fubá commum, litro	$130	$200
Fubá mimoso		[illegible]
Feijão, alqueiro	9$000	10$000
Farinha mandioca alqueiro	9$000	10$200
Frangos		1$800
Gallinhas	2$500	3$000
Marrecos e patos	2$000	2$500
Leitões, um		10$000
Lombo, kilo		2$080
Linguiça	3$000	3$300
Manteiga nacional	3$200	3$500
» franceza, kilo	4$800	5$000
Maizena	1$000	1$100
Nozes		1$000
Ovos, duzia		1$100
Perú um	14$000	18$000
Pimenta, litro	$700	$800
Queijos	2$000	2$500
Toucinho, kilo	1$200	1$800
Vinagre francez g.		2$250
» nacional		$400
Cará, alqueire		6$200
Batatas doces, alqueire		8$000
Milho		6$000
Farinha de milho		8$000
Porvilho		17$000
Patos, um		2$000
Palmitos, duzia	4$000	4$500
Fumo, arroba	20$500	25$000

Mercado do Rio

As communicações recebidas e affixadas hontem na praça foram:

Cambio:
10 hs. 20.
Bancario 8.
Particular 8 1|32 e 8 1|16.
3 hs. 30.
Bancario 8 e 8 1|32.
Particular 8 1|16.
Fecha sustentado.
Offertas:
Acções do Banco da Republica a 128$500 e 122$500.
Ditas idem idem 2ª emissão a 58$ e 52$500.
Soberanos a 30$200.
Apolices de 4 °|° 1.230$.

Café

Entradas	10.707
Embarques	16.255
Vendas	18.000

Mercado de Santos

As communicações recebidas pelo telephone da praça foram:

Cambio: (11 hs. 45.)
Bancario 8 1|16.
Particular 8 3|32.
Mercado estavel.
2 hs. 30.
Bancario 8.
Particular 8 1|16.
Mercado frouxo.

Café

Communicações telegraphicas de Santos
11 hs. 45.—O mercado de café abriu com boa procura.
Havre, dezembro 63,75, março 64.
2 hs. 1|2.—Mercado calmo.

Porto de Santos

Vapores esperados

New-York, «Grecian Prince»	1
Londres, «Bellucia»	2
Hamburgo, «Olinda»	3
New-York, «Croatia»	2
Marselha, «Provence»	4
Hamburgo, «Santos»	4
Genova, «R. Margherita»	5
Genova, «Montevidéo»	6
Genova, «Minas»	6
Genova, «Las Palmas»	10
Hamburgo, «Patagonia»	11
Genova, «Rei Umberto»	13
Genova, «Manilla»	15
Genova, «Vicenzo Florio»	15
Londres, «Port Darwin»	17
Liverpool, «Nasmyth»	17
Hamburgo, «Porto-Alegre»	17
Liverpool, «Cuvier»	26
Hamburgo, «Tucuman»	25

Vapores a sahir

Havre, «Colonia»	1
New-York, «Euclide»	2
Hamburgo, «Olinda»	4
Buenos-Ayres, «Provence»	4
Genova, «R. Margerita»	5
Genova, «Minas»	7
Genova, «Montevidéo»	8
Genova, «Las Palmas»	11
Hamburgo, «Santos»	12

Porto do Rio

Vapores esperados

Southampton e esc., «Thames»	1
Santos, «Corrientes»	1
Portos do Norte, «Olinda»	1
Hamburgo e esc., «Olinda»	1
New-York e esc., «Bellucia»	1
Rio da Prata, «Nile»	3
Liverpool e esc., «Araucania»	3
Havre e esc., «Corrientes»	4
Montevidéo e esc., «Porto Alegre»	5
Bordéos e esc., «Portugal»	5
New York e esc., «Nasmith»	6
Santos, «Catania»	6
Hamburgo e esc., «Patagonia»	6
Rio da Prata, «Cordillère»	9
Rio da Prata, «Liguria»	10
Havre e esc., «Cordoba»	10
New-York e esc., «Hevelius»	11
Rio da Prata, «Béarn»	12
Hamburgo e esc., «Porto Alegre»	13

Vapores a sahir

Bremen e esc., «Habsburg»	1
Rio da Prata, «Provence»	1
Victoria e esc., «Piuma»	1
S. Fidelis e esc., «Pinto»	1
Portos do sul até Montevidéo, «Santos»	1
Iguape e esc., «S. Paulo»	2
Rio da Prata, «Thames»	2
Hamburgo e esc., «Corrientes»	3
Portos do norte, «Alagôas»	3
Portos do Pacifico, «Araucania»	3
Southampton e esc., «Nile»	4
Pernambuco e esc., «Itapoan»	4
Rio da Prata, «Portugal»	5
Genova e Napoles, «Reg Margherita»	6
Victoria e esc., «Penedo»	7
New-York, «Catania»	8
Genova e Napoles, «Montevidéo»	9
Bordéos e esc., «Cordillère»	10
Genova e Napoles, «Minas»	10
Trieste e Fiume, «Bathory»	10
Liverpool e escalas, «Liguria»	11
Genova e Napoles, «Las Palmas»	12
Genova e Napoles, «Béarn»	13
Rio da Prata, «Vicenzo Florio»	14
Rio da Prata, «Assiduitá»	15
Bremen e escalas, «Holmburg»	15
Genova e Napoles, «Colombo»	15